

The Bard

Revista

Poesia, arte e música

MATÉRIA DE CAPA

Ano 6 - Nº 37 - Edição Maio e Junho 2026

DO SILÊNCIO ÀS PÁGINAS IMPRESSAS:

"O papel da Tipografia na democratização da informação no Brasil"

www.revistathebard.com

ISSN 2764-9768

DISTRIBUIÇÃO GRATUITA.



REVISTA THE BARD

Revista *The Bard*

Poesia, arte e música



2764-9768



REVISTA ELETRÔNICA



REVISTA EM 3D



REVISTA EM PDF INTERATIVO

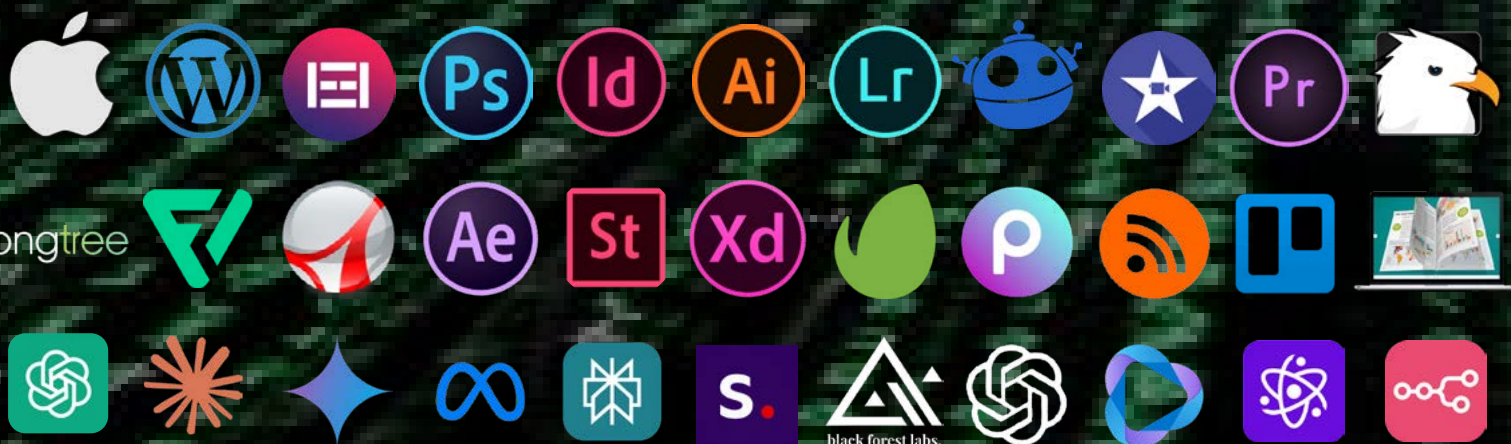
Fundada e idealizada por J.B. Wolf - Poeta, Escritor, Músico e Monarquista, a REVISTA THE BARD® faz parte da iniciativa THE WOLF BARD®, que é um projeto Multiliterário, multiartístico e multicultural. Tendo a sua primeira edição publicada em Setembro de 2020 com edições mensais até Dezembro do mesmo ano, passando a ser publicada bimestralmente a partir de Janeiro de 2021.

Inteiramente acessível, oportuniza com a sua publicação, as criações plurais, valorizando as artes, reconhecendo a capacidade humana em expor suas ideias, criações e produções em diferentes linguagens artísticas.

A REVISTA THE BARD® está presente em cento e vinte e nove Países e em cinco Continentes: África, Ásia, Europa, Oceania e América, abordando um conteúdo com amplo referencial cultural, estético e artístico em cada uma de suas edições. Possui quarenta e três colunas, com temas livres escritos por escritores, poetas, contistas, músicos, jornalistas, professores, pesquisadores entre outros, cada um expressando a sua arte, contribuindo para a construção e ampliação de conhecimentos dos seus leitores nos diferentes contextos sociais, usufruindo da oportunidade de exercitarem o direito de suas expressões artísticas.

A Revista tem um Site de avançada tecnologia AI e Feed RSS em PDF com acessibilidade para pessoas com deficiências visual e auditiva. Conta com três modalidades de acesso: Revista 3D, Revista eletrônica e PDF interativo com botões (links) direcionados para os sites, blogs, fanpages, perfis de seus participantes.

EQUIPAMENTOS, TECNOLOGIAS E PROGRAMAS





WOLF BARD

POESIAS FRASES & PENSAMENTOS

PROJETO



REVISTA



AGÊNCIA



TIKTOK



CANAL YOUTUBE



POETA J.B WOLF



SELO



JORNAL THE BARD NEWS



Edição da Revista

ED. MAI/JUN 26



Ano 2026

ED. MAI/JUN 26



ED. MAR/ABR 26



ED. JAN/FEV 26



Ano 2025

ED. NOV/DEZ 25



ED. SET/OUT 25



ED. JUL/AGO 25



ED. MAI/JUN 25



ED. MAR/ABR 25



ED. JAN/FEV 25



Ano 2024

ED. NOV/DEZ 24



ED. SET/OUT 24



ED. JUL/AGO 24



ED. MAI/JUN 24



ED. MAR/ABR 24



ED. JAN/FEV 24



Ano 2023

ED. NOV/DEZ 23



ED. JUL/AGO 23



ED. MAI/JUN 23



ED. MAR/ABR 23



ED. JAN/FEV 23



Ano 2022

ED. NOV/DEZ 22



ED. SET/OUT 22



ED. JUL/AGO 22



ED. MAI/JUN 22



ED. MAR/ABR 22



ED. JAN/FEV 22



Ano 2021

ED. NOV/DEZ 21



ED. SET/OUT 21



ED. JUL/AGO 21



ED. MAI/JUN 21



ED. MAR/ABR 21



ED. JAN/FEV 21



Ano 2020

ED. DEZ/20



ED. NOV/20



ED. OUT/20



ED. SET/20



Caros leitores, é com muita alegria que damos as boas-vindas à 37ª edição da Revista The Bard. Um espaço dedicado à celebração da literatura, arte e poesia. Nossa missão é iluminar mentes, despertar emoções e inspirar a criatividade por meio das páginas desta revista.

Dedicamos um espaço aos nossos apoiadores da Revista que adquiriram o Certificado de participação nº 1 - Ouro.

O tema desta edição trás na Matéria de Capa: DO SILÊNCIO ÀS PÁGINAS IMPRESSAS: "O papel da tipografia na democratização da informação no Brasil", por Jeane Tertuliano.

E na seção de Poesia, convidamos vocês a se perderem nas palavras, mergulhando em versos que tocam a alma, despertam reflexões e exploram a profundidade do sentir humano, com os mais variados Poetas e Poetisas do Brasil e da Angola.

Além das nossas colunas já existentes nas edições anteriores, temos também "Frases e Pensamentos", "Artigos", "Minicontos", "Contos", "Coluna Ensaios" e "Crônicas". Entrevistas com artistas do mundo todo e muita diversidade de arte e literatura para você, leitor, apreciar e compartilhar histórias boas.

Apresentamos o Selo litero-cultural The Wolf Bard com intuito de expandir e contribuir com o mundo das artes, dando visibilidade e destaque nacional e internacional desenvolvido para editoras e escritores. É uma contribuição gratuita, voluntária e recíproca em benefício de visibilidade e divulgação da obra que for selecionada para ter o selo The Wolf Bard.

E para finalizar, fizemos um cantinho especial e exclusivo para artistas literários e artesãos comercializarem suas obras, chamado de "Vitrine The Bard", prestigiando assim nossos artistas, escritores e poetas participantes; Entre neste mundo da 5ª Arte e aprecie cada poema, texto, conto, imagem, artigo e história contada por diversos artistas, escritores e poetas.

Lu Ferreira



Símbolos & Funções da REVISTA THE BARD



Links internos: Clique para ser direcionado (a) à página desejada.



Voltar ao sumário e a Coluna: Clique para ser direcionado (a)



Tradução: Clique para ser direcionado (a) Para a página traduzida ou Para voltar à página de origem.



Link ativo : Clique para ser direcionado(a) à plataformas e sites.



Link ativo O Pensador : Clique para ser direcionado(a) ao site referido.



Não recomendado para menores de 18 anos, conteúdo erótico.



Link ativo site : Clique para ser direcionado(a) ao site referido.



Link ativo Blog : Clique para ser direcionado(a) ao blog referido.



Link ativo Facebook : Clique para ser direcionado(a) ao facebook referido.



Link ativo Instagram : Clique para ser direcionado(a) ao Instagram referido.



Link ativo Youtube : Clique para ser direcionado(a) ao Youtube referido.



Link ativo Twitter : Clique para ser direcionado(a) ao Twitter referido.



Link ativo Tumblr : Clique para ser direcionado(a) ao Tumblr referido.



Link ativo Pinterest : Clique para ser direcionado(a) ao Pinterest referido.



Link ativo para o SITE da Revista The Bard : Clique para ser direcionado(a) aos Posts no site da revista.



Colunista da Revista The Bard

SAIBA COMO PARTICIPAR

EDITAL
IMPRESSO E/OU DIGITAL

JULHO & AGOSTO 2026
Quando Falar Já Não É Dizer:
"o esvaziamento da palavra no século da hiperconexão"

The Bard
Revista
Poesia, arte e música

MATÉRIA DE CAPA
QUANDO FALAR JÁ NÃO É DIZER
Resumo de uma obra de ficção
de [nome do autor]

Ano 18 - Nº 18 - Edição Julho e Agosto 2026
R\$ 10,00 - PÁG. 120 - 128 x 210 mm - 100% de reciclagem

ACESSE O EDITAL DA REVISTA THE BARD
PARA PARTICIPAR DA 38ª EDIÇÃO
JULHO & AGOSTO DE 2026

PERÍODO DE 01 DE ABRIL À 31 DE MAIO.

Leia o EDITAL e preencha o FORMULÁRIO DE PARTICIPAÇÃO*
*Obrigatório o material enviado será analisado e avaliado para ser publicado.

A DISTRIBUIÇÃO É GRATUITA.

Acesse o **EDITAL** da
Revista Internacional
THE BARD
38ª Edição **JUL/AGO 2026**



LANÇAMENTO

MAIO & JUNHO DE 2026

DO SILÊNCIO ÀS PÁGINAS IMPRESSAS:

"O papel da Tipografia na democratização da informação no Brasil"



37ª
EDIÇÃO

SIGA-NOS

SITE

FACEBOOK

INSTAGRAM

YOUTUBE

TWITTER





EDITAL

JULHO & AGOSTO DE 2026

QUANDO FALAR JÁ NÃO É DIZER:
"o esvaziamento da palavra no século
de hiperconexão"

38^a
EDIÇÃO



ACESSE O EDITAL DA REVISTA THE BARD
PARA PARTICIPAR DA EDIÇÃO
JULHO & AGOSTO DE 2026

PERÍODO DE **01** DE ABRIL À **31** DE MAIO.



Leia o EDITAL e preencha o FORMULÁRIO DE PARTICIPAÇÃO*

*Todo o material enviado será analisado e avaliado para ser publicado.



A DISTRIBUIÇÃO É GRATUITA.



Certificado Impresso

Da Revista Internacional The Bard

DO SILÊNCIO ÀS PÁGINAS IMPRESSAS: "O papel da Tipografia na democratização da informação no Brasil"

Prezado(a) Participante,

É com imensa alegria e sincera gratidão que recebemos seu apoio à arte e à literatura adquirindo o **CERTIFICADO** da 37ª edição Maio e Junho 2026, sua contribuição para a nossa causa.

Esperamos continuar a inspirar e ser inspirados por você em futuras edições da revista.

Segue abaixo a lista de **APOIADORES THE BARD** seguidos de foto, nome e sobrenome, minibiografia, link da rede social, certificado e logo da coluna participada.

Com os melhores cumprimentos e agradecimentos.

J.B WOLF

Idealizador, Fundador e Editor Chefe da Revista Internacional The Bard



Certificado Impresso

Da Revista Internacional The Bard

37ª edição



APOIADOR(A) THE BARD



Certificado Impresso Da 37ª Edição Da Revista Internacional The Bard



Pietro Costa

Pietro Costa. 30.06.1981, Brasília/DF, Brasil. Pós-grad. na ESMPU e Ruhr de Bochum/Alemanha. Assessor Juríd. - MPU. Escritor. Poeta. Homenageado de Honra - 94ª Feira do Livro de Lisboa/2024. Dr. h. c. mult. Autor de 10 livros. Venceu o Prêmio Literário Clarice Lispector ZL Books 2024, categoria "Melhor Livro de Poesia", com o livro "SolRidente". Coautor de mais de 300 coletâneas.

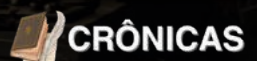
INSTAGRAM



Neri Luiz Cappellari

Neri Luiz Cappellari é natural de Santa Rosa, Rio Grande do Sul (RS). É graduado em Arquitetura pela Unisinos, RS. Lançou seu primeiro livro de poesias "Fragmentos" em 2012. É membro efetivo da Academia de Escritores do Litoral Norte (AELN); membro correspondente da Academia Internacional de Artes, Letras e Ciências (ALPAS 21); membro correspondente do Instituto Cultural Português.

INSTAGRAM



Renata Munhoz

Renata Munhoz. Doutora em Filologia pela USP, com pós-doutorado em Linguística. Atua nos ensinamentos básico e superior, além de cursos preparatórios e português para estrangeiros. Experiência internacional como trainer pelo British Council. Possui certificações e vivências internacionais, como a de Trainer pelo programa Core Skills do British Council. Cria e ministra palestras e treinamentos originais em empresas de diversos segmentos. Autora de textos acadêmicos, científicos e literários.

INSTAGRAM





Certificado Impresso Da 37ª Edição Da Revista Internacional The Bard

Stella Gaspar

Stella Gaspar, nascida em João Pessoa – Paraíba. Pedagoga, professora adjunta na Universidade Federal da Paraíba, no Curso de Licenciatura Plena em Pedagogia, Mestre e Doutora em Educação, além de realizar um PhD na mesma área, cursado na Facultad de Magisteri de València - Espanha. Escritora, poetisa, contista. Autora do livro "Um amor em poesias como uma Flor de Lótus", ao mesmo tempo coautora e autora livros técnicos e didáticos na área das Ciências Humanas. Colunista no Blog da Editora Valleti Books, além escritora. Colunista e pesquisadora da Revista Internacional The Bard. Colunista do "Jornal Internacional The Bard News". Pesquisadora registrada no Diretório dos Grupos de Pesquisa (DGP) no Brasil, com afiliação ao CNPQ – Conselho Nacional de Desenvolvimento Científico e Tecnológico. Sua obra se expande como coautora em mais de 30 antologias. Atua também como prefaciadora e pós-prefaciadora.



INSTAGRAM



Rute Ella Dominici

Rute Ella Dominici, escritora, ensaísta, poeta e pensadora, dr.h.c. em Literatura Francesa, fez da palavra um ofício de resistência e autopoiese. Já compôs poemas gastronômicos em cardápios, letras para melodias clássicas e sacras, além de colunas culturais em jornais e academias. Sua trajetória passa por antologias no Brasil, Portugal e Genebra, e foi voz de liderança feminina em eventos literários. Recebeu o Prêmio Selo Off Flip em Conto (2025). Autora de Mar Germinal e Lava Incontida, transforma a literatura em convite ao autoconhecimento e à alma em perspectiva, conquistando leitores que buscam uma voz autêntica e inspiradora.



INSTAGRAM



Mia Koda

Mia Koda, psicanalista, poetisa, espiritualista, escritora e criadora de conteúdo digital. Autora de seis obras, sendo "Rios Internos – Deixe sua essência fluir" sua publicação mais recente. Defensora da causa animal, destina parte dos direitos autorais para abrigos que resgatam animais abandonados. Membro da FEBACLA – Federação Brasileira dos Acadêmicos das Ciências, Letras e Artes – e vice-presidente da APL – Academia Penapolense de Letras. Redatora digital e colunista da Revista Internacional The Bard.



INSTAGRAM

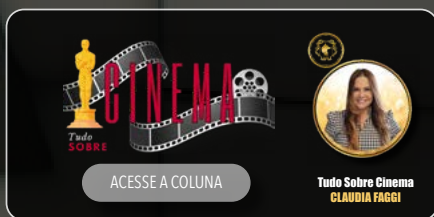


Colunas & Colunistas

ACESSE AS COLUNAS CLICANDO NO CARD DE CADA COLUNISTA



MATERIA CAPA
ACESSE A COLUNA
Materia de Capa
JEANNE TERTULIANO



TUDO SOBRE CINEMA
ACESSE A COLUNA
Tudo Sobre Cinema
CLAUDIA FAGGI



Autopoesse & Narrativas
ACESSE A COLUNA
Autopoesse & Narrativas
STELLA GASPAR



FRASES E PENSAMENTOS
ACESSE A COLUNA
Frasas e Pensamentos
COLUNA DA REVISTA



CRÔNICAS
ACESSE A COLUNA
Crônicas
COLUNA DA REVISTA



História das Artes
ACESSE A COLUNA
História das Artes
BETÂNIA PEREIRA



Vida de Autor
ACESSE A COLUNA
Vida de Autor
LILIAN STOCO



MITOLOGIAS CRÔNICAS
ACESSE A COLUNA
Mitologias & Crônicas
LADYLENE APARECIDA



Poetas & Poetisas
ACESSE A COLUNA
Poetas & Poetisas
EDNA LESSA



Dialética
ACESSE A COLUNA
Dialética
CLAYTON ZUCARRATO



LITERATURA DE CORDÃO
ACESSE A COLUNA
Literatura de Cordão
BETH BAITAR



Grandes Autores
ACESSE A COLUNA
Grandes Autores
REDAÇÃO THE BARD



Nossa LITERATURA - VIRTUDES POÉTICAS
ACESSE A COLUNA
Nossa Literatura - Virtudes Poéticas
MARCIA NEVES




A Língua em movimento
ACESSE A COLUNA
A Língua em movimento
ALINE ABREU SANTANA



MINI Contos
ACESSE A COLUNA
MiniContos
COLUNA DA REVISTA



TONS DO Cotidiano
ACESSE A COLUNA
Tons do Cotidiano
ADRIANA MOURA



Raízes do Brasil
ACESSE A COLUNA
Raízes do Brasil
RENATA MUNHOZ



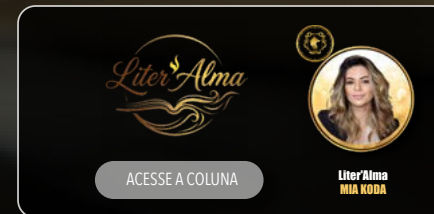
Contos
ACESSE A COLUNA
Contos
COLUNA DA REVISTA



INCLUSÃO & ACESSIBILIDADE em Foco
ACESSE A COLUNA
Inclusão & Acessibilidade em Foco
SANDRA SANTIAGO



AS CORES DA SOCIEDADE
ACESSE A COLUNA
As Cores da Sociedade
ELNE LUBITZ



LiterAlma
ACESSE A COLUNA
LiterAlma
MIA KODA

Colunas & Colunistas

ACESSE AS COLUNAS CLICANDO NO CARD DE CADA COLUNISTA



Florescendo em Pensamentos
CRISTINA GOMES

ACESSE A COLUNA



Coluna Ensaio
COLUNA DA REVISTA

ACESSE A COLUNA



Mãe África
CULTURA & ARTE
FÁTIMA MONIZ

ACESSE A COLUNA



COLUNA Vai um livro aí?
Resenhas
ARELY SOARES

ACESSE A COLUNA



RESILIENTE
Nem te conto
FABIANA FRANCISCO

ACESSE A COLUNA



DESNUDA em Palavras
TÔNIA LAVÍNIA

ACESSE A COLUNA




Contadores de Histórias
FAGNER LIMA

ACESSE A COLUNA



Alma em Perspectiva
RUTE ELIA DOMINICI

ACESSE A COLUNA



Desvendando a Fantasia
RENATO MOTA

ACESSE A COLUNA



Momento Resenha
NATÁLIA CARMO

ACESSE A COLUNA




Recanto das Culturas Tradicionais
HAZARETH ARRÁIS

ACESSE A COLUNA



O Mundo da Fantasia
KAROL ARTIOLI

ACESSE A COLUNA




NeuroMusic
DRIKA GOMES

ACESSE A COLUNA



Prosa
COLUNA DA REVISTA

ACESSE A COLUNA



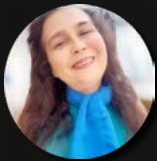
Espaço VITRINE THE BARD
COLUNA DA REVISTA

ACESSE A COLUNA



Marketing & Divulgação

SIGA A REDE SOCIAL DE NOSSOS COLABORADORES



BETÂNIA PEREIRA
Professora e Historiadora
Diretora de Marketing

ACESSE



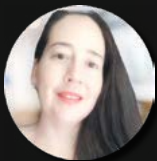
RILNETE MELO
Poetisa e Cordelista
Divulgadora

ACESSE



MARIA LÚCIA HADDAD
Poetisa
Divulgadora

ACESSE



REJANE LIMA
Produtora de Eventos
Divulgadora

ACESSE



NICE VELOSO
Escritora
Divulgadora

ACESSE



Luciana Fernandes Fujioka
Poetisa
Divulgadora

ACESSE



SEU NOME
Venha fazer partedo Time de
Marketing e Divulgação

ACESSE



SEU NOME
Venha fazer partedo Time de
Marketing e Divulgação

ACESSE



SEU NOME
Venha fazer partedo Time de
Marketing e Divulgação

ACESSE



SEU NOME
Venha fazer partedo Time de
Marketing e Divulgação

ACESSE



SEU NOME
Venha fazer partedo Time de
Marketing e Divulgação

ACESSE



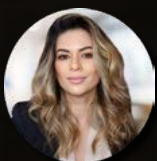
SEU NOME
Venha fazer partedo Time de
Marketing e Divulgação

ACESSE



Redatores Digitais

SIGA A REDE SOCIAL DE NOSSOS COLABORADORES



MIA KODA
Redatora Digital

ACESSE



RENATA MUNHOZ
Redatora Digital

ACESSE



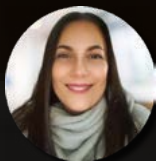
SANDRA SANTIAGO
Redatora Intérprete de Libras

ACESSE



Revisão e Avaliação Textual

SIGA A REDE SOCIAL DE NOSSOS COLABORADORES



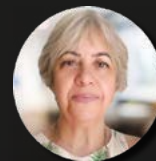
STELLA GASPAR
Escritora e Professora
Coordenadora

ACESSE



MÁRCIA NEVES
Escritora e Educadora
Revisora

ACESSE



CRISTINA GOMES
Professora e Poetisa
Revisora

ACESSE



SEU NOME
Venha fazer parte do Time de
Marketing e Divulgação

ACESSE



SEU NOME
Venha fazer parte do Time de
Marketing e Divulgação

ACESSE



SEU NOME
Venha fazer parte do Time de
Marketing e Divulgação

ACESSE



Colaboração e Pesquisa

SIGA A REDE SOCIAL DE NOSSOS COLABORADORES



ADRIANA MAGALHÃES
Neuropsicopedagoga e Poetisa
Pesquisadora

ACESSE



EDNA LESSA
Escritora e Professora
Pesquisadora

ACESSE



ARELY SOARES
Escritora e Poetisa
Pesquisadora

ACESSE



TÔNIA LAVÍNIA
Escritora
Pesquisadora

ACESSE



SEU NOME
Venha fazer parte do Time de
Marketing e Divulgação

ACESSE



SEU NOME
Venha fazer parte do Time de
Marketing e Divulgação

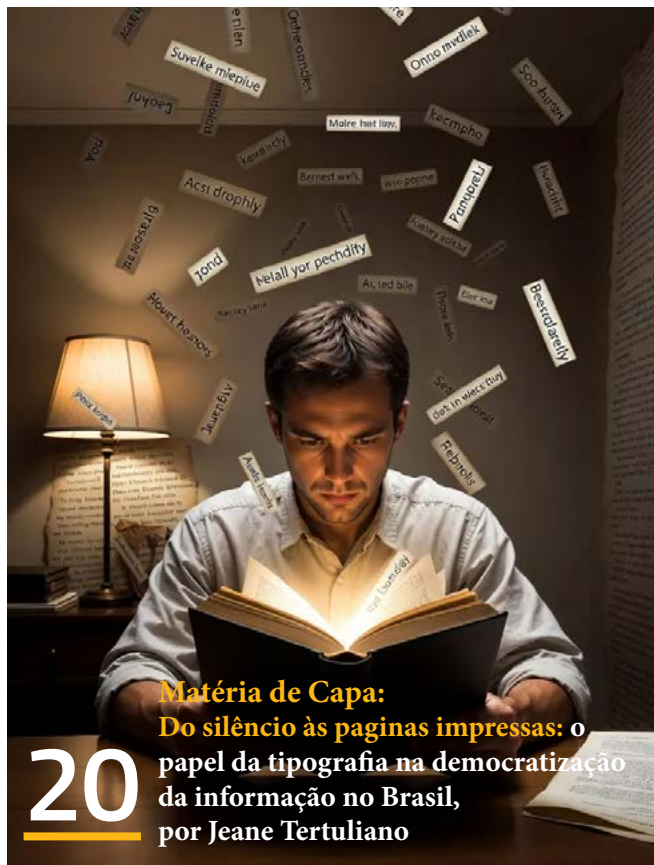
ACESSE

QUER FAZER PARTE DAS EQUIPES?

RECEBA BENEFÍCIOS PUBLICITÁRIOS E DIVULGAÇÃO E DESENVOLVA DENTRO DA REVISTA



Sumário



20

Materia de Capa:
Do silêncio às paginas impressas: o papel da tipografia na democratização da informação no Brasil,
por Jeane Tertuliano



64

Mitologias e Crônicas

Mitologia Mongol, por
Ladylene Aparecida

80

Poetas e Poetisas

por Edna Lessa

90

Coluna Dialética

Tipografia, Livro e Leitura:
a construção do pensamento crítico no Brasil,
por Clayton Zocarato



100

Literatura de Cordel

por Beth Baltar

106

Grandes Autores

por J.B Wolf

112

Nossa Literatura

A voz do silêncio da palavra -
a trajetória de Inês Bari,
por Márcia Neves

Edição Mai/Jun 2026

28

Tudo Sobre Cinema

Por Claudia Faggi

36

Autoipoiese & Narrativas

A alma impressa: quando as palavras ganham corpo no papel,
por Stella Gaspar

54

História das Artes

O primeiro tipo: uma viagem pela história da tipografia e da imprensa,
por Betânia Pereira

60

Vida de Autor

Entre pressa e a profundidade: por que a novela literária conquista leitores e escritores,
por Lilian Stocco



122

A Língua em Movimento

Em memória, em palavra, em mim,
por Aline Abreu Santana



132

Tons do Cotidano

por Adriana Salles



138

Raízes do Brasil

A preguiça no Brasil colonial,
por Renata Munhoz



150 **Inclusão e Acessibilidade em Foco**
por Sandra Santiago



154 **As Cores da Sociedade**
por Elke Lubitz



160

Liter'Alma
por Mia Koda



178 **Mãe África** 
por Fátima Moniz

182 **Vai um livro aí?**
por Arely Soares

186 **ResilienteMente**
por Fabiana Francisco



200 **Contadores de Histórias**
Por Fagner Lima

170 **Florescendo em Pensamento**
por Cris Gomes

190 **Desnuda em Palavras - Erótico**
por Tônia Lavínia



204

Alma em Perspectiva
Por Rute Ella Dominici

210 **Desvendando a Fantasia**
por Renato Mota

218 **Momento Resenha**
por Natália Carmo

222 **Recanto das Culturas Tradicionais**
por Nazareth Arrais



230 **O Mundo da Fantasia**
Por Karol Artioli

236 **NeuroMusic**
por Drika Gomes





MATÉRIA

de CAPA

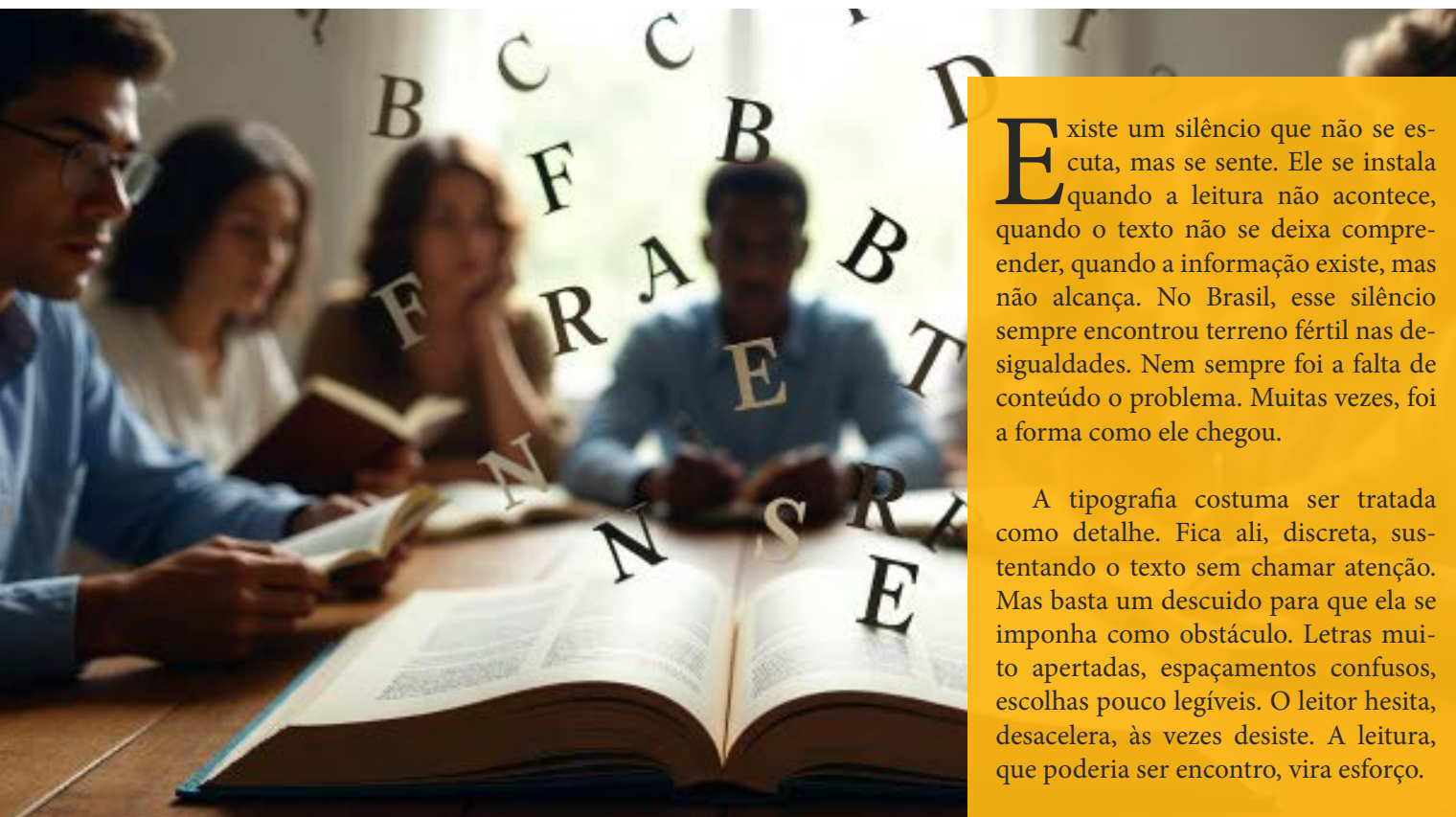
03



Jeane Tertuliano



Jeane Tertuliano é escritora, professora, revisora e palestrante, com atuação nas áreas de educação, literatura e cultura em Campo Alegre. É vice-presidenta do Conselho Municipal dos Direitos da Mulher, conselheira de Políticas Culturais, integrante da Academia Independente de Letras e da União Brasileira de Escritores, além de colunista da revista *The Bard*. Em 2024, representou o setor de Livro, Leitura e Literatura na 4ª Conferência Nacional de Cultura, em Brasília. Recebeu o 1º lugar em Crônica no Prêmio Destaques Literários Focus Brasil — New York (2022) e o Título de Notório Saber em Literatura pela FEBACLA (2023). Graduada em Letras, Artes e Filosofia, com especializações em Literatura, Cultura e Ensino da Arte, é autora de mais de 20 livros e organizadora de projetos antológicos. Autista, com TDAH e baixa visão, traz para sua escrita uma perspectiva sensível, marcada pelo compromisso social e pela valorização da literatura como instrumento de transformação.



Existe um silêncio que não se escuta, mas se sente. Ele se instala quando a leitura não acontece, quando o texto não se deixa compreender, quando a informação existe, mas não alcança. No Brasil, esse silêncio sempre encontrou terreno fértil nas desigualdades. Nem sempre foi a falta de conteúdo o problema. Muitas vezes, foi a forma como ele chegou.

A tipografia costuma ser tratada como detalhe. Fica ali, discreta, sustentando o texto sem chamar atenção. Mas basta um descuido para que ela se imponha como obstáculo. Letras muito apertadas, espaçamentos confusos, escolhas pouco legíveis. O leitor hesita, desacelera, às vezes desiste. A leitura, que poderia ser encontro, vira esforço.

Do silêncio às páginas impressas: o papel da tipografia na democratização da informação no Brasil



IMAGEM GERADA POR IA "usando GROK.AI, sob a direção de J.B Wolf, Criada em 20/04/2026"

Não se trata de estética apenas. Há uma dimensão ética nessa discussão. Tornar a informação acessível exige mais do que disponibilizá-la. É preciso considerar quem lê, em que condições, com quais repertórios. Em um país onde muitos ainda constroem sua relação com a leitura na escola pública, cada elemento do material importa. A tipografia, nesse cenário, pode acolher ou afastar.

A história da circulação da palavra no Brasil não

é neutra. Durante muito tempo, o acesso à leitura esteve restrito, controlado, limitado. A chegada tardia da imprensa não foi um acaso. Havia interesse em manter o conhecimento concentrado. Quando os impressos passaram a circular com mais liberdade, abriu-se um caminho, ainda que desigual, para ampliar o acesso. Desde então, cada página carrega, além de conteúdo, uma possibilidade de inclusão.

Pensar na forma do texto é pensar em permanência. Uma criança em processo de alfabetização percebe rapidamente quando a leitura flui e quando trava. Não é raro que a dificuldade esteja menos na compreensão e mais na apresentação. Uma fonte clara, um bom espaçamento, uma organização visual coerente fazem diferença concreta. Facilitam a identificação das palavras, reduzem o cansaço, sustentam o interesse.

O mesmo vale para leitores mais experientes. A pressa do cotidiano exige textos que se deixem ler. Em telas pequenas, sob iluminação irregular, em intervalos curtos, a tipografia precisa colaborar. Não se trata de simplificar o conteúdo, mas de garantir que ele não se perca na forma. A leitura digital, cada vez mais presente, intensifica essa necessidade de escolhas cuidadosas.



IMAGEM GERADA POR IA "usando GROK.AI, sob a direção de J.B Wolf, Criada em 20/04/2026"



IMAGEM GERADA POR IA "usando GROK.AI, sob a direção de J.B Wolf, Criada em 20/04/2026"

Há ainda um aspecto pouco discutido. Certos padrões tipográficos, considerados elegantes, podem excluir sem se perceber. Fontes excessivamente estilizadas, contrastes inadequados, tamanhos reduzidos. Para quem tem baixa visão ou dificuldades de leitura, isso representa uma barreira real. Democratizar a informação passa também por reconhecer essas limitações e enfrentá-las com responsabilidade.

No campo educacional, essa reflexão deveria ser constante. Materiais didáticos não podem ser pensados apenas pelo conteúdo que trazem. A forma como se apresentam interfere diretamente na aprendizagem. Um texto bem organizado orienta o olhar, estabelece ritmo, favorece a compreensão. Quando isso falha, o esforço recai inteiramente sobre o aluno.



IMAGEM GERADA POR IA "usando SEAART.AI, sob a direção de J.B Wolf, Criada em 20/04/2026"

Não se trata de buscar perfeição gráfica. Trata-se de compromisso. Cada escolha tipográfica comunica algo. Ela diz se o leitor foi considerado, se houve cuidado, se houve intenção de incluir. Em contextos marcados por desigualdade, esses sinais importam ainda mais.

A democratização da informação costuma ser associada a políticas amplas, acesso à internet, distribuição de livros. Tudo isso é fundamental. Mas existe uma camada mais silenciosa, quase invisível, que sustenta esse

processo. A tipografia está ali, operando no nível da experiência. Quando funciona bem, ninguém percebe. Quando falha, compromete tudo.

Há potência nesse silêncio. Uma potência que não se anuncia, mas transforma. Tornar a leitura possível é mais do que oferecer palavras. É garantir que elas se deixem atravessar, que encontrem espaço no olhar de quem lê. No Brasil, onde tantas vezes ainda buscam lugar, esse cuidado não é luxo. É necessidade.

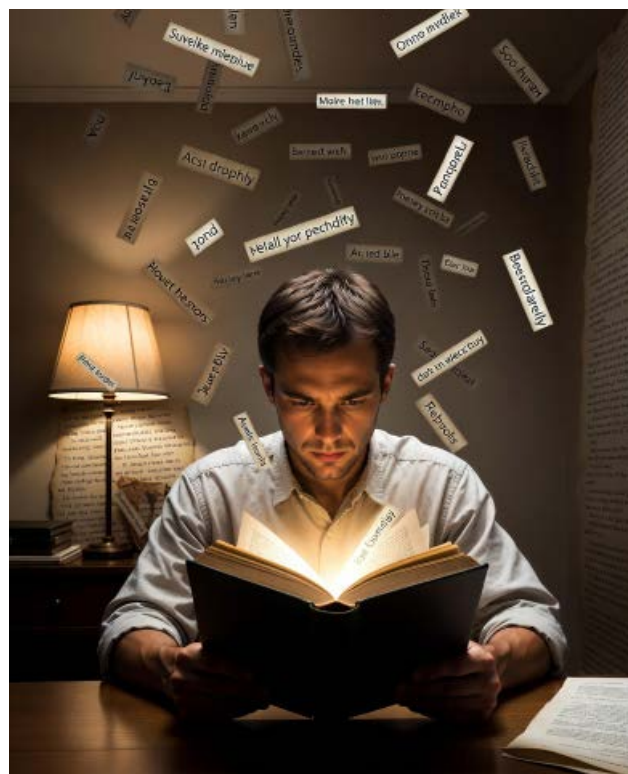
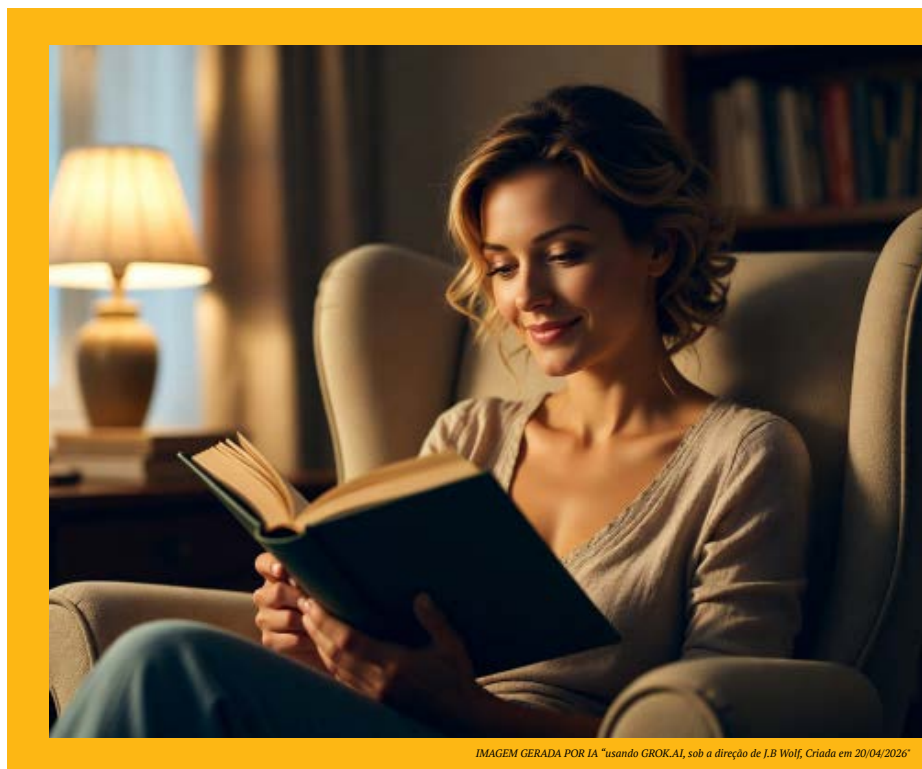


IMAGEM GERADA POR IA "usando GROK.AI, sob a direção de J.B Wolf, Criada em 20/04/2026"

Entre o não dito e o que se imprime, existe uma escolha contínua. Escolher como apresentar o texto é escolher quem consegue chegar até ele. E, nesse gesto, aparentemente simples, reside uma forma concreta de democratizar.

"A tipografia não imprimiu só livros: imprimiu vozes, permitindo que ideias antes sussurradas ganhassem corpo, tinta e alcance nacional."



JEANE TERTULIANO

**CONHEÇAM MAIS O SEU TRABALHO,
VISITE E ACOMPANHEM SUAS REDES SOCIAIS**



COLUMNAS E COLUNISTAS

INSTAGRAM



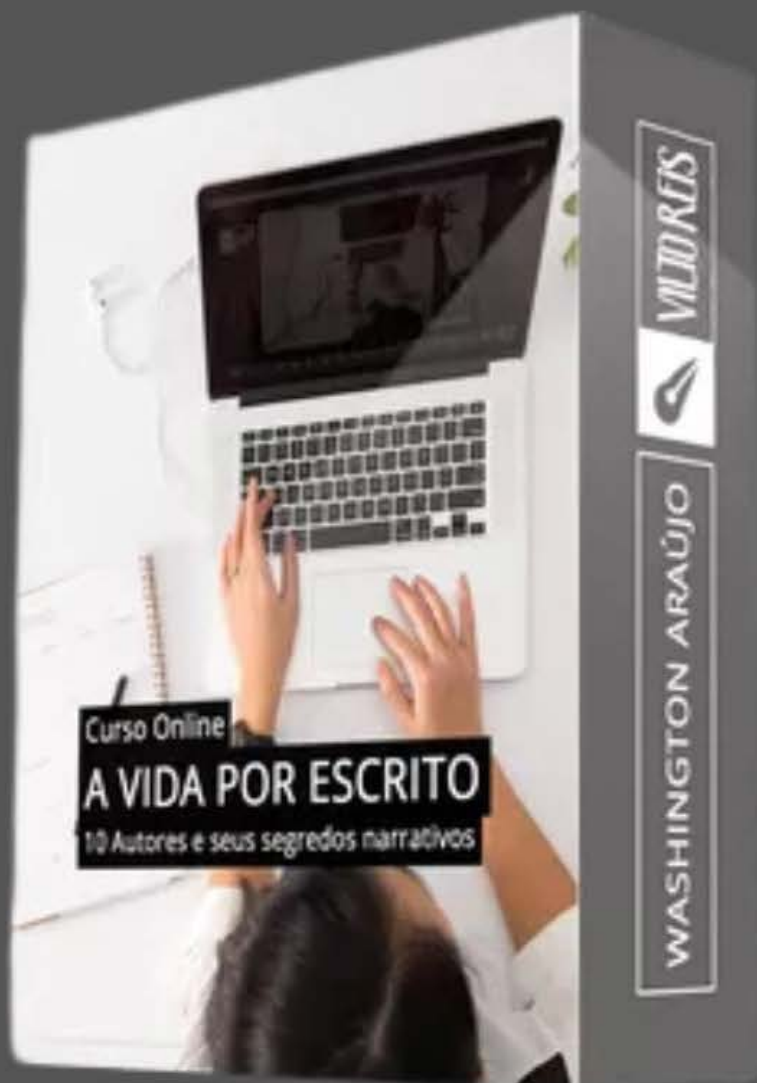
POST NO SITE



CONHEÇA O CURSO

A VIDA POR ESCRITO

10 Autores e seus
segredos narrativos



CLIQUE AQUI



Escreva contos e torne-se um escritor

Curso COMO
ESCREVER
CONTOS 2.0



CONHEÇA O CURSO! >>>

CLIQUE AQUI





Expediente

Revista The Bard
Ano 6, Nº 37, Maio e Junho 2026
Periodicidade Bimestral.

Publicação Digital e em 3D:

Site: www.revistathebard.com

Publicação em PDF Interativo:

Facebook, WhatsApp, Telegram, E-mail.

Publicação em Links:

Facebook, Instagram, X, Wattpad, Pinterest

YouTube, Sweek, LinkedIn.

CEO (Diretor Geral) J.B Wolf

Assessoria Jurídica: Marcelo Papareli

Webposter: Edna Lessa

Design Gráfico e Web Design: J.B Wolf

Diagramação: J.B Wolf

Criação IA da Capa: J.B Wolf

Design de Capa: J.B Wolf

Revisão textual: Stella Gaspar, Cristina Gomes e Márcia Neves

Curadora de vídeos: Tônia Lavinia

Colunas & Colunistas:

- Boas-vindas - Lu Ferreira
- Matéria de Capa - Jeane Tertuliano
- Tudo Sobre Cinema - Claudia Faggi
- Autopoiese & Narrativas - Stella Gaspar
- História das Artes - Betânia Pereira
- Vida de Autor - Lillian Stocco
- Mitologias & Crônicas - Ladylene Aparecida
- Poetas & Poetisas - Edna Lessa
- Coluna Dialética - Clayton Zocarato
- Literatura de Cordel - Beth Baltar
- Grandes Autores - J.B Wolf
- Nossa Literatura - Virtudes Poéticas - Márcia Neves
- A Língua em Movimento - Aline Abreu Santana
- Crônica Tons do Cotidiano - Adriana Moura
- Raízes do Brasil - Renata Munhoz
- Inclusão e Acessibilidade em Foco - Sandra Santiago
- As Cores da Sociedade - Elke Lubitz
- Liter'Alma - Mia Koda
- Florescendo em Pensamentos - Cris Gomes
- Mãe África - Fátima Moniz
- Vai um livro aí? - Arely Soares
- ResilienteMente - Fabiana Francisco
- Desnuda em Palavras - Tônia Lavinia
- Contadores de Histórias - Fagner Lima
- Alma em Perspectiva - Rute Ella Dominici
- Desvendando Fantasia - Renato Mota
- Momento Resenha - Natália Carmo
- Recanto das Culturas Tradicionais - Nazareth Arrais
- O Mundo da Fantasia - Karol Artioli
- NeuroMusic - Drika Gomes
- Vitrine The Bard - J.B Wolf

Editorial: Equipe de Colaboradores
páginas 16 e 17

Artes de Anúncios: J.B Wolf

Criação Digital e finalização: J.B Wolf

Revista The Bard

Poesia, arte e música



129 Países





25



CLAUDIA FAGGI



Jornalista diplomada, roteirista, escritora, repórter, apresentadora de TV, criadora de conteúdo digital, mãe de um menino que é luz, mulher, guerreira, sempre em busca da felicidade e apaixonada pela sétima arte. Eu me apaixonei pela sétima arte desde a primeira vez que assisti à um filme em um cinema, o filme era "História Sem Fim" de 1984. Foi incrível. As sensações eram diversas. Viajei sem sair do lugar, a música me envolveu, a história me inspirou e por quase duas horas eu me desliguei do mundo real e naquele momento eu fazia parte do elenco do "História Sem Fim." Foi paixão à primeira vista pelo cinema.

Olhares em Cena: Narrativas, Conflitos e Representações no Cinema



IMAGEM GERADA POR IA "usando SEAAART.AI, sob a direção de J.B Wolf, Criada em 20/03/2026"

Nesta edição, a coluna convida o leitor a ultrapassar o simples ato de assistir e a mergulhar em um olhar mais atento e crítico sobre os filmes apresentados. As obras selecionadas revelam, em suas entrelinhas, tensões sociais, conflitos identitários e construções simbólicas que atravessam o nosso tempo, mostrando que o cinema e as séries não apenas entretêm, mas também interrogam, provocam e desestabilizam certezas. A seguir, apresentamos resumos que evidenciam essas obras, convidando você a refletir sobre o que se vê e, sobretudo, sobre o que se sente e se compreende a partir dessas histórias.

Dor e Glória

Dirigido por Pedro Almodó-

var, o filme acompanha um cineasta em crise que revisita memórias, dores e afetos, refletindo sobre o tempo, a criação artística e os caminhos da própria vida.

A Cura

A obra mergulha em conflitos emocionais e humanos, abordando temas como sofrimento, redenção e a busca por equilíbrio, em uma narrativa sensível e introspectiva.

Ayrton Senna por Adriane Galisteu

Documentário que apresenta um olhar íntimo sobre a vida de Ayrton Senna, trazendo relatos pessoais e memórias compartilhadas por Adriane Galisteu, revelando o lado humano do ídolo.



IMAGEM GERADA POR IA "usando FREEPK, sob a direção de J.B Wolf, Criada em 20/03/2026"

Voando Alto

O filme acompanha Donna Jensen, uma jovem de origem humilde que sonha em se tornar aeromoça e conquistar uma vida glamourosa viajando pelo mundo. Entre desafios, aprendizados e persistência, a narrativa revela sua trajetória de superação, mostrando como determinação e ambição po-

dem transformar sonhos em realidade.

Emily em Paris

Série leve e contemporânea que acompanha a vida de uma jovem americana em Paris, explorando trabalho, cultura, relacionamentos e os desafios de se adaptar a um novo estilo de vida.

A Meia Irmã Feia

A narrativa propõe um olhar diferente sobre os contos tradicionais, explorando relações familiares, padrões de beleza e o sentimento de não pertencimento, com sensibilidade e crítica social.

Cada sugestão foi selecionada para provocar emoções e reflexões distintas. Monte sua lista e permita-se mergulhar nessas experiências cinematográficas que impactam, surpreendem e tocam o coração.



IMAGEM GERADA POR IA "usando SEAART.AI, sob a direção de J.B Wolf, Criada em 20/03/2026"

CLAUDIA FAGGI

CONHEÇAM O TRABALHO DA NOSSA COLUNISTA
VISITEM SUA REDE SOCIAL

INSTAGRAM



YOUTUBE



THREADS



POST NO SITE



Dor e Glória

Eu assisti ao filme Dor e Glória de Pedro Almodóvar pela primeira vez no cinema. Foi em uma sala pequena, com apenas 30 pessoas. Fiquei apaixonada pela entrega dessa obra, que no meu ponto de vista é a mais íntima e confessional.

Dor e Glória é um mergulho, quase que literalmente, na memória, na criação artística e na fragilidade da vida. Na verdade, o filme funciona como uma autobiografia emocional do cineasta espanhol, Pedro Almodóvar.

Antonio Banderas foi a escolha quase óbvia do diretor, não só por ter uma atuação contida e profundamente sensível, mas também pela história desses dois ícones do cinema cult.

E qual é a história dessa obra mágica? O longa acompanha Salvador Mallo, um diretor de cinema em crise física e criativa. Entre dores crônicas, bloqueio artístico e reencontros com o passado, Salvador revisita a infância, a relação com a mãe e antigos amores, tudo isso com muita sensibilidade e com características que reconhece Almodóvar como um dos diretores mais emblemáticos do cinema.

E sim, Almodóvar constrói uma narrativa fragmentada, alternando presente e passado com fluidez, o que também é uma característica de montagem de roteiro do diretor. A infância do protagonista, vivida em uma caverna branca e luminosa no interior da Espanha, contrasta com o apartamento sofisticado e silencioso da fase adulta. A memória surge como refúgio, mas também como confronto, o tempo passa, a realidade muda e a vida segue fluindo com as nossas adaptações.

O roteiro evita grandes reviravoltas e aposta na introspecção. É um filme de silêncios, olhares e pequenas revelações. A dor física do personagem ecoa como metáfora da dor emocional, o que se mostra na dificuldade de continuar criando.

Dor e Glória mantém a assinatura estética de Almodóvar, o que eu acho sensacional! As cores são vibrantes, os cenários cuidadosamente compostos e uma direção de arte elegante.

A atuação de Banderas é o coração do filme. Premiado em Festival de Cannes como Melhor Ator, ele constrói um personagem frágil, mas nunca vitimizado. Sua interpretação é minimalista e profundamente humana.

Mais do que falar sobre dor, o longa fala sobre o impulso criativo. Como seguir produzindo quando o corpo e a alma parecem exaustos? Como transformar sofrimento em arte? Almodóvar responde com delicadeza: a criação nasce justamente da vulnerabilidade. Eu acredito muito nessa afirmação sobre a necessidade de construir quando pouco faz sentido.

Dor e Glória é um drama maduro, sensível e autobiográfico. Não é um filme de grandes acontecimentos, mas de grandes sentimentos. O filme emociona pela honestidade e pela forma como transforma memória em cinema.

Dor e Glória é inesquecível!



POST NO SITE



A Cura



A Cura é um filme emblemático, com muitas metáforas por trás de cada cena. O filme fala de um jovem executivo enviado a um misterioso centro de bem-estar nos Alpes suíços para resgatar o CEO de sua empresa. É claro que existe a beleza natural do lugar, onde a natureza é contemplada com maestria.

O local é isolado e muito luxuoso. O spa oferece tratamentos milagrosos, daqueles que causam desconfiança e nos deixam desconfortáveis.

Rapidamente a obra revela um ambiente inquietante, onde pacientes parecem presos a uma rotina enigmática, e acredite, eles estão felizes com isso!

O que começa como investigação corporativa se transforma em um espiral de paranoia, segredos médicos e experiências perturbadoras.

A estética é impecável e o ritmo desafiador.

A fotografia é fria, os corredores simétricos e a arquitetura imponente criam uma sensação constante de desconforto. No decorrer do filme uma atmosfera que remete ao terror gótico e a clássicos do suspense psicológico criam forma, em determinado momento se confundem realidade, percepção e fantasias.

O filme tem mais de duas horas de duração, o longa aposta na construção gradual do mistério, o que o torna mais lento, porém não menos interessante.

Por trás do horror, A Cura funciona como metáfora sobre a obsessão contemporânea por saúde, produtividade e sucesso o que abre precedentes para uma pergunta: o ser humano busca a juventude eternamente?

O “tratamento” oferecido pelo spa simboliza a busca desenfreada por purificação e desempenho, refletindo uma sociedade que exige corpos e mentes impecáveis. Será que essa busca é a razão da vida?

São muitas questões envolventes em A Cura. Vale a reflexão!



POST NO SITE



Ayrton Senna por Adriane Galisteu

Acho que um dos momentos mais tristes documentados pela história foi a morte precoce de Ayrton Senna. Eu era adolescente e lembro com detalhes daquela manhã de domingo. Algo que eu também nunca esqueci foi a presença de Adriane Galisteu no velório do Ayrton. Foi chocante a forma como ela foi tratada e excluída pela família.

O documentário *Adriane Galisteu: Meu Ayrton*, disponível na HBO Max, é um relato íntimo e emocional sobre o relacionamento entre Adriane Galisteu e Ayrton Senna. Confesso que o que mais me comoveu foi a maturidade em que Adriane fez esse documentário. Em nenhum momento ela destilou ódio. Adriane foi extremamente cirúrgica em contar, na sua própria visão e interpretação, como se sentiu e como conviveu com o fato de se sentir extremamente sozinha.

Mais do que revisitar um romance que marcou os anos 1990, a produção propõe um olhar pessoal sobre memória, luto e reconstrução de narrativa.

Galisteu revisita fotos, cartas, bastidores e momentos pouco conhecidos do período em que viveu ao lado de Senna. O documentário humaniza a figura do tricampeão mundial de Fórmula 1, mostrando não apenas o ídolo nacional, mas o homem apaixonado, afetuoso e reservado.

Ao mesmo tempo, o documentário aborda a pressão da opinião pública e o julgamento enfrentado por Galisteu após a morte do piloto, em 1994. A narrativa toca em temas como silenciamento, machismo e disputa de memória.

Com formato predominantemente intimista, o documentário aposta em depoimentos diretos e registros pessoais. Não se trata de uma biografia tradicional de Senna, mas de um ponto de vista específico: o dela.

O filme questiona quem tem o direito de contar uma história e como narrativas oficiais podem excluir experiências afetivas.

Ao assumir sua versão dos fatos, Galisteu resgata não apenas o relacionamento, mas sua própria trajetória. O documentário também dialoga com a construção do mito de Senna e com o peso simbólico que ele carrega no imaginário brasileiro.

O documentário deixa claro que toda história tem dois lados, e nenhum deles deve ser ignorado.



POST NO SITE



Voando Alto



Que tal uma comédia Romântica?

Voando Alto é uma comédia leve que mistura romance, moda, honestidade e uma narrativa de superação.

É uma fórmula deliciosa e previsível típica das comédias românticas do início dos anos 2000. Uma graça!

O filme Voando Alto conta com o carisma de Gwyneth Paltrow, que interpreta uma protagonista otimista e determinada. Ela está linda no filme! Extremamente cativante.

A direção do brasileiro Bruno Barreto aposta em um tom descontraído e em situações humorísticas dentro do universo da aviação comercial. O roteiro explora o contraste entre o sonho de sucesso profissional e o desejo de construir uma vida pessoal feliz.

A grande questão é: O sonho de construir uma vida profissional de sucesso pode caminhar ao lado de uma vida amorosa bem sucedida?

A história acompanha Donna Jensen, uma jovem de origem simples que sonha em conhecer o mundo e ter uma vida melhor. Determinada a mudar de destino, ela decide se tornar comissária de bordo de uma grande companhia aérea.

Durante sua jornada, Donna enfrenta treinamentos rigorosos, rivalidades e muitas decepções. Inspirada por uma famosa aeromoça, interpretada por Candice Bergen, ela aprende que alcançar os sonhos exige persistência, confiança e coragem para enfrentar obstáculos.

No caminho, Donna também vive um romance com Ted, personagem de Mark Ruffalo, o que a faz questionar até onde está disposta a ir para realizar seus objetivos.

Donna enfrenta todas as questões com caráter inquestionável e muita paixão pela vida!

Voando Alto é para quem deseja voar alto com leveza e dedicação!



POST NO SITE



Emily em Paris ou em Roma?

Eu resolvi assistir Emily em Paris depois de ter assistido a série And Just Like That, que é a continuação de Sex And City. O que realmente me atraiu foram as locações e a moda contemporânea.

Emily em Paris foi criada por Darren Star, estrelada por Lily Collins, filha do icônico Phill Collins e se tornou um fenômeno de audiência desde sua estreia na Netflix.

A fórmula mistura romance, moda e uma pitada de comédia. A produção acompanha a jovem americana Emily Cooper, que se muda para Paris para trabalhar em uma agência de marketing. A protagonista acaba vivendo uma sequência de aventuras profissionais e amorosas. Na quinta temporada a protagonista se muda para Roma, o que torna a fotografia fascinante!

A série aposta em um formato leve e visualmente sedutor. As paisagens parisienses e romanas, os figurinos extravagantes e a atmosfera romântica das cidades funcionam como um cartão-postal constante.

Emily é sempre otimista e cheia de ideias criativas, representa o arquétipo de quem tenta se adaptar a uma nova cultura enquanto conquista seu espaço profissional.

É uma série leve e é justamente o que explica parte do seu sucesso. Em meio a tramas despreziosas e romances turbulentos, o público encontra uma narrativa confortável, divertida e fácil de acompanhar. A performance carismática de Lily Collins ajuda a sustentar a série, transformando Emily em uma protagonista simpática, ainda que muitas vezes ingênua.

Outro ponto forte é o universo da moda, que se tornou uma marca registrada da produção. Cada episódio apresenta figurinos ousados e coloridos, reforçando o tom glamouroso da narrativa e ajudando a transformar a série em um fenômeno também nas redes sociais.



POST NO SITE



A Meia Irmã Feia



O filme *A Meia-Irmã Feia* aborda uma releitura sombria e provocadora do clássico conto de fadas Cinderela. Aliás, é uma cinderela as avessas. Dirigido por Emilie Blichfeldt, o longa abandona a visão tradicional da história para olhar justamente para quem sempre foi retratada como vilã: a meia-irmã considerada “feia”.

De forma inacreditável, fugir dos padrões exigidos pela sociedade tem o poder transformador de “feia” ser “vilã”. *A Meia Irmã Feia* mostra como essa crueldade atravessa gerações. É um ponto relevante e muito reflexivo.

O foco da princesa perfeita é tirado e se volta para a personagem que vive à sombra do ideal de beleza. Em vez de caricatura ou alívio cômico, a meia-irmã se torna o centro de uma trama que discute pressão estética, rejeição e a obsessão social pela aparência. Qualquer semelhança é mera coincidência? Quantas loucuras já fizemos para fazer parte de padrões que estão fora da nossa realidade?

Com a *Meia-irmã Feia* não é diferente.

O filme constrói um universo visualmente impactante, com uma estética que mistura fantasia de época e elementos perturbadores. A direção aposta em um tom quase grotesco para mostrar até onde alguém pode ir para alcançar o padrão de beleza imposto pela sociedade e conquistar o tão sonhado príncipe.

Crítica social por trás do horror

Mais do que uma simples inversão de perspectiva, o filme funciona como uma crítica direta à cultura da beleza e da competição feminina. Ao humanizar a personagem tradicionalmente ridicularizada, a história questiona o próprio conto de fadas que moldou gerações.

A narrativa mostra que o verdadeiro conflito não está entre as irmãs, mas em um sistema que valoriza apenas quem se encaixa em um ideal de perfeição.

A estética do filme é um de seus pontos mais marcantes. Com momentos desconfortáveis e até chocantes, a produção se aproxima do horror corporal para enfatizar a violência simbólica da busca pela perfeição física.

Essa escolha estética pode causar estranhamento, mas também reforça a proposta do filme: desconstruir o romantismo das histórias clássicas e revelar o lado cruel por trás delas.

“*A Meia-Irmã Feia*” é uma releitura ousada e provocativa de um dos contos de fadas mais conhecidos do mundo. Ao dar voz à personagem esquecida, o filme transforma uma figura ridicularizada em protagonista de uma reflexão sobre beleza, exclusão e identidade.

O resultado é um conto de fadas sombrio e contemporâneo que mostra que, às vezes, a verdadeira história nunca foi a da princesa, mas a de quem ficou à margem do espelho.



POST NO SITE



COLUNAS E COLUNISTAS





Stella Gaspar



Stella Gaspar natural de João Pessoa - Paraíba. Professora Universitária. Professora da Universidade Federal da Paraíba do Curso de Licenciatura Plena em Pedagogia. Mestre e Doutora em Educação. Pós-doutorado em Educação pela Faculdade de Magistério de Valência-Espanha. Autora do livro "Um amor em poesias como uma Flor de Lótus". Escritora-Poetisa da Editora Valleti Books. Colunista-Pesquisadora-Escritora da Revista Internacional THE BARD. Registro no CNPq-Conselho Nacional de Desenvolvimento Científico e Tecnológico. Apaixonada pelas letras e livros, encontrou no universo poético, formas de expressar sentimentos, fazendo de sua docência uma extensão para caminhos inspiradores, fazendo pousos em sua alma com espaços para o amor de todas as formas e linguagens.

A Alma Impressa: quando as palavras ganham corpo no papel

Uma reflexão sobre a força humana que pulsa na arte tipográfica

Queridos leitores e queridas leitoras, compartilho com vocês um recorte interessante do tema central desta 37ª edição da "Revista Internacional The Bard".

Vamos refletir sobre como a arte tipográfica transcende o funcional e se conecta ao humano. A nossa coluna desenvolverá aspectos poéticos envolvendo arte, corpo, alma e literatura, observando como ela reinventa nossos modos de sentir e compreender o mundo.

Convido você, leitor(a), com prazer, para acompanhar a narrativa e refletir sobre os pontos que serão apresentados nesta coluna.

A leitura literária é uma experiência intensa em que nos comprometemos com a produção de sentido quanto ao escritor no ato da escrita. Cada impressão é um encontro entre o invisível e o tangível, um pacto ancestral entre quem escreve e quem lê. Uma ponte entre mentes e almas. Entre olhos de amor.



IMAGEM GERADA POR IA "usando GROK.AI, sob a direção de Arely Soares Reis, Criada em 02/04/2026"

Moraes, R. (2026) argumenta:

*O que você imagina... começa a existir.
O que você nomeia... aprende a surgir.
Existe uma força criadora em você
Que transforma o invisível em realidade,
do dentro para o fora.
Do sonho à forma
Tudo começa no instante
Em que você reconhece:
Você é a intenção.*



IMAGEM GERADA POR IA "usando GROKAI, sob a direção de Arely Soares Reis, Criada em 02/04/2026"

Há textos que não apenas se leem — eles nos atravessam. Este artigo surge de encontros desse gênero, nos quais a literatura transcende a condição de mero objeto e se converte em experiência. Cada página escrita revela-se como um suspiro do íntimo humano, ressoando de alma para alma, com uma naturalidade equivalente à força da vida, proporcionando-nos existência, habilidades para amar, para apreender a beleza e para descobrir a verdade, sempre com amor pela humanidade.

Por isso, em cada parágrafo que emerge, há um vestígio humano, um eco de sensibilidade que atravessa o tempo e encontra outra alma do outro lado da página. Como se cada palavra, ao tocar o papel, ganhasse um pulso próprio, capaz de continuar batendo mesmo quando o autor já se afastou. “Tudo, então, é possível: até o impossível é possível. É nesse território onde técnica e sensibilidade, entre doações de alguma coisa, entre o procurar e o conhecer, tudo se entrelaçam.

É nestes sentimentos e comportamentos que este artigo se inscreve com o título. A Alma Impressa: quando as palavras ganham corpo no papel. Uma reflexão sobre a força humana que pulsa na arte tipográfica.

Trata-se de um texto sobre o modo como o papel se torna corpo e como a palavra, ao ganhar forma, ganha também destino. Porque, no fundo, toda impressão é um gesto de esperança: a esperança de que aquilo que nasce da alma encontre outra alma para tocar.

Prezados(as) leitores(as), desejo motivá-los a caminhar

por essas narrativas como quem percorre um silêncio físico, atento aos detalhes que revelam mais do que mostram. Que este texto compartilhado seja não apenas uma leitura, mas um encontro — entre você, a palavra impressa e tudo o que nela ainda respira, podendo dançar com o vento, partilhar alegria com as nuvens, podendo sussurrar com as estrelas.

Agradeço também à equipe da revista The Bard, pelo cuidado editorial e pela confiança em acolher este trabalho, deixo meu reconhecimento sincero.

Que este escrito nos desperte o desejo profundo de comunicar, de partilhar, de existir através da palavra.

Stella Gaspar



IMAGEM GERADA POR IA "usando GROKAI, sob a direção de Arely Soares Reis, Criada em 02/04/2026"

A Alma Impressa: quando as palavras ganham corpo no papel. Uma reflexão sobre a força humana que pulsa na arte tipográfica.

“Somos um florescer contínuo: crescemos, nos renovamos, como um sopro do coração que ecoa de alma para alma, tecendo uma beleza que permanece”.

Stella Gaspar (2026).

Há instantes em que a escrita deixa de ser apenas gesto — e se torna presença. A palavra, antes suspensa no ar, encontra no papel um território onde pode respirar. É ali, entre fibras e silêncios, que ela ganha corpo. Não um corpo de carne, mas um corpo de sentido: pulsante, vivo, capaz de atravessar o tempo e tocar quem o encontra.

Existe algo profundamente humano no gesto de imprimir palavras. Em um mundo cada vez mais digital, onde textos surgem e desaparecem com a mesma velocidade de um toque na tela, o papel permanece como um território de permanência, de presença, de corpo. É nele que a palavra — tão etérea, tão fugida — encontra um lugar para repousar e, parado-

xalmente, ganhar vida.

“Quando as Palavras Ganham Corpo no Papel” evoca o momento em que ideias, emoções e vozes abstratas se materializam por meio da escrita, assumindo uma presença física e concreta. Um dia, de repente, aquela palavra cheia de profundidade toma conta de você e nunca mais te abandona, permanece nas digitais de sua própria alma.

Quando dizemos que um texto tem alma, estamos falando de algo que vai além da técnica. É a capacidade de tocar, transformar, inquietar. Mas quando essa alma é impressa, ela ganha corpo — e, com ele, a possibilidade de atravessar gerações.



IMAGEM GERADA POR IA "usando GROK.AI, sob a direção de Arely Soares Reis, Criada em 02/04/2026"

Quando as palavras ganham corpo, elas se movem. Caminham pelos olhos de quem lê, despertam memórias adormecidas, acendem perguntas, abrem frestas. Tornam-se companhia. Tornam-se espelho. Tornam-se abrigo: é uma forma de continuidade, de passagem de alma para alma.

Cada leitor, ao tocar o papel, reanima o que ali foi impresso. A alma que escreveu encontra a alma que lê — e algo novo nasce desse encontro. É assim que o corpo das palavras se renova, se expande, se multiplica.

A escrita, afinal, não é estática: ela respira no ritmo de quem a acolhe, se harmonizando em espirais que nos elevam.



IMAGEM GERADA POR IA "usando GROK.AI, sob a direção de Arely Soares Reis, Criada em 02/04/2026"



A Força Humana que pulsa na Arte Tipográfica

Antes de ser técnica, a tipografia é gesto, em que à primeira vista, parece um território de formas rígidas, medidas exatas e estruturas matemáticas. No entanto, por trás de cada curva, serifa (Times New Roman, Garamond, Baskerville) e espaçamentos, vibra algo profundamente humano: a necessidade ancestral de comunicar, de marcar presença no mundo, de transformar pensamento em forma visível. A arte tipográfica é, antes de tudo, um testemunho da

força humana — uma força que cria, organiza, resiste e se reinventa, como uma flor que tem um perfume inexaurível.

Desde então, essa arte tem permitido a muitos andarem entre as palavras, imagens e abstrações. Com ela aprendemos a dar asas para imaginações, e com os nossos pensamentos, ideias e inspirações dançar em ritmos de poesias, levezas.

É preciso olhar com sensibilidade — a beleza e o amor, na criação do artista, criando na admiração uma aura de energias.

O ato de criar é o processo de dar forma e vida aos nossos desejos. Assim, é necessário estar conectado — com o corpo e alma — para desenvolver o esforço que traz o foco da paixão.



IMAGEM GERADA POR IA "usando GROK.AI, sob a direção de Arely Soares Reis, Criada em 02/04/2026"

A história da tipografia é uma jornada fascinante que remonta à invenção da prensa de tipos móveis por Johannes Gutenberg no século XV. Este marco revolucionário não apenas democratizou o acesso à informação, mas também deu início a uma evolução estética e funcional na comunicação visual.

Ler e escrever, pintar, desenhar, pensando, sentindo, autorizando-se a ser lido. Escrever, aprendendo a colorir a alegria da alma, levando-a a outras almas. O que temos em comum ao escrever é a amorosa vontade de sermos o que escrevemos; como um botão

de rosa, que desabrocha em uma gota de orvalho.

No fim, a alma impressa é isso: um gesto de permanência no efêmero. Uma tentativa de dar forma ao invisível. Um corpo que se constrói de silêncio e de voz, de ausência e de presença. Um corpo que, mesmo feito de papel, carrega a densidade do que é profundamente humano. Um corpo que, mesmo em forma de texto, palavras, frases, se ergue vivo, incendiado de sentidos que ultrapassam a página. Afinal, temos a oportunidade de nos instalar no mundo criativamente, desfrutando de tudo o que nos é oferecido.



IMAGEM GERADA POR IA "usando GROK.AI, sob a direção de Arely Soares Reis, Criada em 02/04/2026"



O papel como segunda pele da memória humana

*“Escrever é imprimir alma.
Escrever é uma versão de
muitas versões.*

*Escrever é uma liberdade de
escolha.*

*Escrever é tirar a criatividade
guardada no baú da memória.*

*Escrever é descobrir o nosso
faz de conta”.*

Stella Gaspar

Desde os primeiros pergami-

nhos até os livros que repousam em nossas estantes, o papel sempre funcionou como uma espécie de segunda pele da memória. Ele guarda o que não queremos esquecer: ideias, histórias, descobertas, confissões. Quando imprimimos algo, estamos dizendo ao mundo — e a nós mesmos — que aquilo merece durar. Somos parte do todo, uma parte intrínseca do todo, não um ser separado.

A tipografia é um pacto entre o efêmero e o eterno. Um rito de passagem onde o pensamento abandona sua forma etérea e se veste de corpo. Uma ponte luminosa entre mentes que talvez nunca se cruzem, mas que se reconhecem no instante em que a palavra impressa desperta algo adormecido em nós.

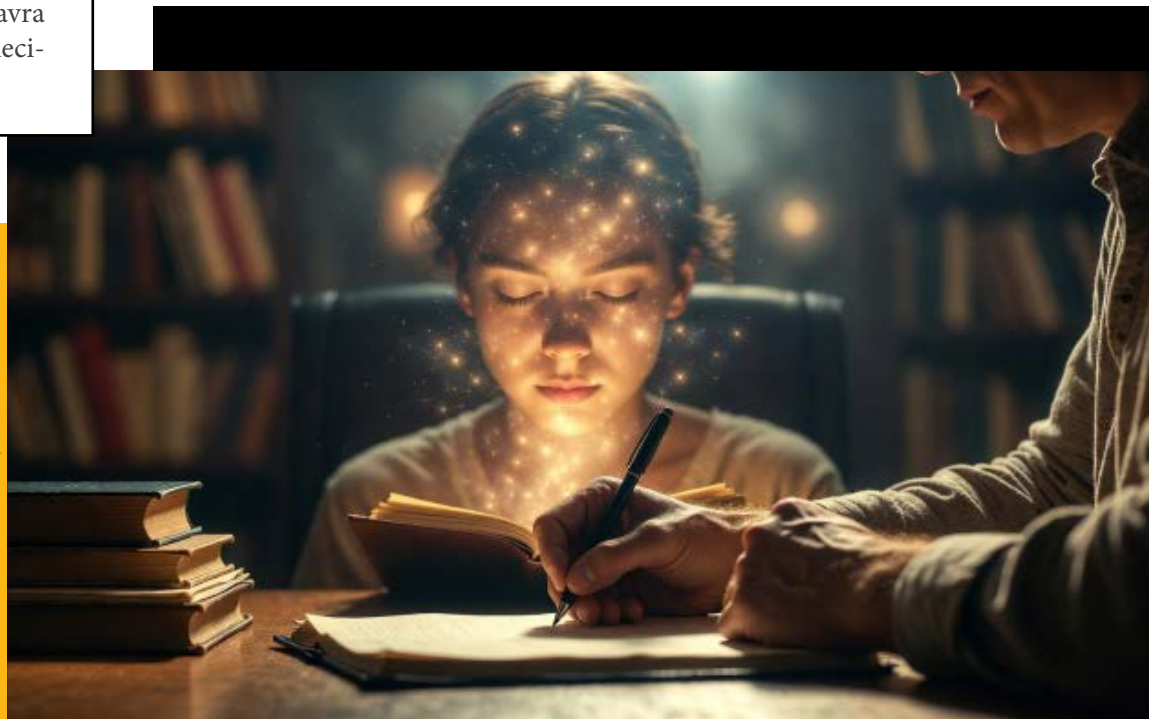




IMAGEM GERADA POR IA "usando GROK AI, sob a direção de Arely Soares Reis, Criada em 02/04/2026"

Cada letra ocupa um espaço, cada parágrafo desenha um ritmo, cada página cria uma pausa. “A tipografia é essa ponte eterna”: um encontro entre mentes que talvez nunca se vejam, mas que se reconhecem no instante em que a palavra impressa toca os olhos e, sem pedir licença, alcança o coração.

O papel não é apenas suporte; é parte da mensagem. É por isso que tantos escritores descrevem a sensação de ver seu livro impresso como algo semelhante a ver um filho nascer. Há uma concretude que legitima o que antes era apenas imaginação. A palavra impressa é a prova física de que uma ideia atravessou o invisível e se tornou mundo. Cada marca no papel — um vinco, uma dobra, um sublinhado — é um testemunho de presença. O livro registra não apenas a história que conta, mas também a história de quem o leu. Cada frase carrega um sopro, uma intenção, um fragmento de quem a criou.

O papel, então, deixa de ser superfície neutra e se transforma em pele: recebe marcas, absorve emoções, guarda cicatrizes de tinta. O que nasce desse encontro é mais do que textos — é uma presença que se estende para além do autor.

Um corpo que nasce do fio das palavras

Antes de ser técnica, a tipografia é gesto. Cada letra carrega a memória de mãos que um dia desenharam símbolos na pedra, no barro, no papiro. Mesmo hoje, quando softwares substituem o cinzel (ferramenta manual encunhada com uma aresta de corte de forma característica na extremidade de sua lâmina, para esculpir ou cortar um material duro (por exemplo, madeira, pedra ou metal)).

A tipografia é o corpo falando sem voz. É o movimento da mão transformado em ritmo visual. É o pensamento ganhando peso, textura e presença.

Relacionar a escrita tipográfica e o tecer, fiar, bordar é possível. Nasce uma história fio a fio, vírgula a vírgula, interrogações... O fio das palavras é metáfora para designar as linguagens de nossos dias e cria-

ções autopoieticas.

A narratividade, na verdade, é uma fala. Foi escrita para ser falada e ouvida. A fala vem acompanhada de um corpo que propõe ações, camadas que compõem com as palavras. Sons, gestos, olhares, respiros. Enquanto a palavra falada ou palavra corpo, ela encontra o outro, que ouve, olha, respira.

Historicamente, a tipografia evoluiu de formas funcionais para recursos expressivos, onde elementos do desenho da letra se aproximam da ilustração e da arte. A arte tipográfica não apenas entrega informação; ela molda a experiência do leitor, criando uma atmosfera que pode evocar conforto, satisfação, seriedade ou alegria, parecendo uma voz saída do céu. Esta arte se conecta ao humano ao mimeti-

zar a fala e a expressão corporal. Da mesma forma que ajustamos nosso tom de voz ao falar com diferentes pessoas, a escolha tipográfica alinha a mensagem ao público-alvo.

São mundos nascidos do fio das palavras de formas distintas, mas nem por isso distantes umas das outras, é possível a articulação com esse corpo tecido nessa construção.



IMAGEM GERADA POR IA "usando FREEPIK.AI por Crevex



IMAGEM GERADA POR IA "usando GROK.AI, sob a direção de Arely Soares Reis, Criada em 02/04/2026"

Assim escrevo...

Quando escrevo, minhas palavras sonham...

Sonhos e alegrias, nas palavras que chegam brincando, voando para outros espaços, outros caminhos.

Vestem corpos e pensamentos, criam formas e os sonhos vão crescendo.

Leonardo Da Vinci, um dos maiores gênios da história, tinha uma mente inquieta, dominada pelo fascínio do mundo — seus olhos e seu pensamento não conseguiam descansar ante os infinitos objetos. Isso é perfeito!

Assim, podem ser as palavras escritas, elas voam longe, podem produzir efeitos nas mentes sonhadoras. São sublimes belezas. São fascinantes as estéticas nas mensagens, frases e prosas.

Escrever é aperfeiçoar o pensamento, é aflorar ideias e libertar sonhos.



IMAGEM GERADA POR IA "usando GROK.AI, sob a direção de Arely Soares Reis, Criada em 02/04/2026"

O corpo, a mente e as emoções são lugares onde mora o nosso universo adormecido. E aí? Temos sapos onde moram os príncipes e príncipes onde moram os sapos, nos nossos contos de fadas e nos sonhos tecidos pelas palavras. Na criação literária, é possível transformar o comum em extraordinário e o extraordinário em cotidiano. Assim, as palavras

não apenas descrevem o mundo, mas o reinventam, permitindo que um sapo seja abrigo para sonhos de realeza e que príncipes habitem a simplicidade dos charcos.

Esse jogo de imaginação reforça o poder da escrita em dar novas formas aos pensamentos, libertando sonhos.

Ao escrever, as ideias voam, transitam por diferentes espaços e possibilidades, criando uma realidade onde a beleza e o fascínio residem na sutileza das mensagens. Cada frase se torna um convite para que o leitor também sonhe e

permita que a imaginação transite entre reinos improváveis, onde tudo é possível.

Sonhos que nossas mentes escrevem com canetas coloridas ou em preto e branco, é preciso ter

ilusões, invocar príncipes, acordar borboletas...

Com as escritas, criamos, lembramos, ensinamos.

Stella Gaspar.

Palavras que “sonham” remetem a um processo contínuo de esperança e criatividade, onde sonhos alimentam a alma, precisando ser criados, imaginados, para se tornarem reais.

Mesmo hoje, quando softwares substituem o cinzel, a essência permanece: a letra nasce de uma intenção humana.

A tipografia é o corpo falando sem voz.

É o movimento da mão transformado em ritmo visual.

É o pensamento ganhando peso, textura e presença.



IMAGEM GERADA POR IA "usando SEAART.AI, sob a direção de Arely Soares Reis, Criada em 02/04/2026"

Conclusão

A tipografia, como expressões, nasce da sensibilidade humana que projeta emoções em formas. Desse modo, a força humana que pulsa na tipografia é, portanto, uma força contínua — que preserva, transforma e projeta, possibilitando representações do universo por meio de nossas emoções, de nossas necessidades, de nossa criatividade e de nossa capacidade de dar forma ao pensamento.

É, portanto, uma arte emocional que traduz estados de espírito, intenções e atmosferas. É uma ponte entre o invisível e o visível. Ela lembra que, por trás de cada palavra, existe alguém. Existe um corpo, um silêncio, um riso, um pedido.



IMAGEM GERADA POR IA "usando SEAART.AI, sob a direção de Arely Soares Reis, Criada em 02/04/2026"



IMAGEM GERADA POR IA "usando GROK.AI, sob a direção de Arely Soares Reis, Criada em 02/04/2026"

Antes de nascer no papel, a palavra é apenas vento em nós — um rumor de pensamento, um brilho que mal sabemos nomear. Mas quando encontra a prensa, algo sagrado acontece: o invisível ganha corpo, o efêmero se torna matéria, o íntimo se faz mundo.

O mundo invisível se abre. O metal, a tinta e o papel tornam-se portais. E aquilo que era apenas vibração interior atravessa o véu e se faz matéria. A prensa é uma espécie de alquimia. Ela transforma ideias — essas criaturas etéreas que habitam nossas mentes — em matéria viva. O

que antes era apenas silêncio interior se converte em algo que pode ser tocado, compartilhado, passado adiante. É como se cada impressão fosse uma ponte construída entre duas almas: a de quem cria e a de quem recebe.

E nessa travessia, algo extraordinário acontece. A tipografia não apenas comunica; ela emociona. Carrega ritmo, intenção, respiração. Uma fonte pode sussurrar ou gritar, pode acolher ou desafiar. Ela traduz estados de espírito, revela nuances, dá forma ao que parecia impossível de capturar.

Portanto, É o humano se derramando no mundo através de letras.

A tipografia é isso — uma magia, um encantamento:

Um rito de passagem do invisível para o tangível.

Um recado com leveza.

Um mundo metafórico.

Um abraço entre mentes distantes.

Um fio que costura o que sentimos.

Um sonho dentro de outro sonho.



IMAGEM GERADA POR IA "usando SEAART.AI, sob a direção de Arely Soares Reis, Criada em 02/04/2026"



IMAGEM GERADA POR IA "usando FREEPIK.AI por Iconstudio"

Obrigada por abrirem espaço para minha voz e por permitirem que, juntos, continuemos a escrever novas formas de ver e sentir o mundo. A literatura, as artes continuam pulsando para nós. Que estas páginas encontrem vocês com a mesma delicadeza com que foram criadas.

Stella Gaspar, colunista.

LIVRO DA AUTORA
ACESSE A VITRINE THE BARD



[Clique aqui](#)

STELLA GASPAR

**CONHEÇAM MAIS O SEU TRABALHO,
VISITEM E ACOMPANHEM
SUAS REDES SOCIAIS**

INSTAGRAM

FACEBOOK

POST NO SITE



COLUNAS E COLUNISTAS



FRASES E PENSAMENTOS

Refleta

"Pensar em harmonia com o futuro;
estabiliza o foco no presente."

Eduardo Grabovski

"A tipografia é o ofício que dá forma visível e
durável - e portanto existência independente - à
linguagem humana."

Robert Bringhurst

"Achar que o mundo não tem um criador é o mesmo
que afirmar que um dicionário é o resultado de uma
explosão numa tipografia."

Benjamin Franklin

"O escritor é um homem que mais do que qualquer
outro tem dificuldade para escrever."

Thomas Mann

"Cada escritor cria os seus precursores."

Jorge Luis Borges

"Escrever é uma maneira de falar
sem ser interrompido."

Jules Renard

"Tantas pessoas que escrevem e
tão poucas que lêem!"

André Gide

"Escrevemos porque não queremos morrer.
É esta a razão profunda do ato de escrever."

José Saramago

"Não se escreve por se querer dizer alguma
coisa, escreve-se porque se tem alguma
coisa para dizer."

Scott Fitzgerald

"Eu não escrevo em português.
Escrevo eu mesmo."

Fernando Pessoa

FRASES E PENSAMENTOS



COLUNAS E COLUNISTAS

"Não se 'faz' uma frase. A frase nasce."

Clarice Lispector

"Acabar um livro é como dar à luz
uma criança e dar-lhe um tiro."

Truman Capote

"Há duas maneiras de se elevar a si mesmo;
ou por sua própria indústria ou pela
imbecilidade dos outros."

Jean de La Bruyère

"Para ser grande é preciso ter 99 por cento
de talento, 99 por cento de disciplina e 99 por
cento de trabalho."

William Faulkner

"SUA FRASE AQUI"

"Devemos escrever para nós mesmos,
é assim que poderemos chegar aos outros."

Eugène Ionesco

"Antigamente, livros eram escritos por homens
de letras e lidos pelo público. Hoje em dia,
livros são escritos pelo público e lidos por ninguém."

Oscar Wilde

"Depois de se escrever um conto, deve-se
cortar o início e o fim, pois é aí que nós,
escritores, mais mentimos"

Anton Tchekhov

"Toda frase deve fazer uma de duas coisas –
revelar o personagem ou avançar a ação."

Kurt Vonnegut

"Quando os ventos de mudança sopram,
"Minha regra mais importante é uma que
resume todas: se soa como escrita,
eu reescrevo."

Elmore Leonard





CRÔNICAS

NERI LUIZ CAPPELLARI

Cidade: Capão da Canoa
Estado: Rio Grande do Sul
País: Brasil

CHECK-UP

Uma vez por ano, quando se aproxima a época de fazer uma série de exames de saúde, de rotina, é que me dou por conta do quanto somos vulneráveis. Aquela checagem necessária de rotina, a princípio tranquila, pode fazer mudar o rumo dos ventos e transformá-lo subitamente em uma tempestade em alto-mar. De repente, um simples exame de sangue, uma imagem mais detalhada do nosso coração, uma verificação mais apurada sobre nossos órgãos internos podem revelar surpresas que tirarão o sono e o nosso chão.

Essa sensação acontece a cada vez que faço os testes para ver se a saúde está em dia, ou, se porventura, é necessário verificar melhor como está indo o nosso corpo, o nosso bem-estar. A cada vez que vejo o resultado impresso em um envelope ou na tela de um computador, uma batalha é travada dentro de mim, um suor frio desce do meu rosto, um calafrio percorre o meu corpo e digo para mim mesmo – seja lá o que Deus quiser...É claro que o nosso amigo, lá de cima, não tem nenhuma responsabilidade sobre o que nós fazemos aqui na terra, mas o que vale é rezar para que o velhinho de barba branca dê um empurrãozinho celestial, para prorrogarmos nossa estada aqui nesse pontinho azul perdido na Via Láctea.

Entretanto, tirando os apelos espirituais, o que verdadeiramente importa são os cuidados que nós temos a zelar com a nossa parte física. A qualidade dos alimentos que ingerimos, os exercícios físicos necessários, as horas de descanso são alguns desses itens que certamente influenciarão na nossa saúde. Logicamente os casos furtivos da vida poderão abreviar a nossa permanência nesse planeta, mas isso não impede de caminharmos em busca de um corpo saudável. Todo o ano, quando piso em um laboratório ou hospital para fazer o check-up sempre fica a dúvida. Será que eu fiz o dever de casa devidamente para contribuir com o meu bem-estar físico, ou poderia ter me esforçado mais? Se eu tivesse seguido rigorosamente os conselhos médicos e as recomendações do meu nutricionista, os resultados dos exames teriam sido melhores?

O fato é que, à medida em que os anos passam, vamo-nos familiarizando, mais e mais, com jargões médicos. Hemograma, ergometria, endoscopia, colonoscopia, ecodoppler das carótidas, do abdômen, ecografia, tudo isso passaria despercebido, aos nossos olhos, se não tivessem implicações com a nossa saúde. Todos os cuidados são necessários para mantermos nosso corpo são. No entanto, embora nos esforçamos para ingerir somente alimentos saudáveis – ou, às vezes, nos permitimos alguns excessos que sopram contra os ventos de uma alimentação saudável – o fato é que sempre me dá calafrios, sobressaltos, insegurança a toda vez que abro um envelope que contém os resultados dos exames de saúde.

Um exame de sangue que nos mostra os triglicerídeos altos pode revelar que devemos fazer alguns ajustes na direção do nosso leme. O vento mudou, e aquela vontade louca de comer uma bela massa à carbonara com sobremesa de pudim deverá ser substituída. Devemos deixar a vela a meio mastro com uma alimentação menos gordurosa, mais leve talvez... Com essa mudança, até aquele chope bem geladinho se transformará em uma água mineral - sem gás. O resultado catastrófico de um teste ergométrico será a prova cabal da necessidade de que devemos comer menos, diminuirmos as horas em frente à televisão e sairmos do sofá. O ecodoppler das carótidas nos mostrará ao vivo e a cores o resultado de uma vida pregressa com excessos de muitas gorduras. Correr em um parque, frequentar uma academia, termos aulas de natação, fazer qualquer esporte que nos dê prazer são formas de ajudar a nossa condição física e a nossa alma.

Eu, particularmente, nunca fui adepto aos radicalismos de uma vida plenamente saudável. Gosto de deixar as velas de meu navio, a meio mastro, em fins de semana. Até poderia ajustar o curso para navegar por mares de frutas, legumes, sanduiches veganos, verduras, sucos naturais e aproveitar melhor o vento que sopra do lado dos nutricionistas mais conservadores. Entretanto, minha dieta baseada no verde perdura de segunda a sexta. Aos sábados ou aos domingos, o meu navio dá uma guinada levemente perigosa de proa a popa. Quando avisto, lá longe, no horizonte, um belo prato de frango à parmegiana, uma lasanha, uma pizza napolitana ou um belíssimo hambúrguer acompanhado de um chope bem gelado ou uma bela taça de vinho eu grito: terra a vista. Após esse brado de “independência ou morte” aporto – não sem culpa - em um restaurante para degustar essas pecaminosas delícias da gastronomia. Na segunda-feira – talvez agora com alguma culpa ou remorso –, iço as velas e retorno para o alto mar, e, lá, permaneço por alguns tempos. Naqueles lados, os ventos sopram mais fortes, mais puros, mais saudáveis, menos tentadores.

Não vou dizer que, ao parar em algum porto, estarei esquecendo do meu compromisso com a minha saúde, apenas quero conversar com o meu check-up e dizer-lhe, de coração, que amo a vida e a ela prometo amor eterno. Entretanto, como todo bom marujo lhe digo: sempre terei uma amada cheirando à pizza napolitana, frango à parmegiana, lasanha à bolonhesa me esperando em cada porto onde parar. Se porventura, um dia, essas paixões me levarem por mares bravios e meu barco afundar. Direi que - talvez, não sem algum remorso – esforcei-me para seguir o curso das águas calmas, saudáveis e seguras; como também amei o sabor das tempestades.

INSTAGRAM



POST NO SITE



APOIADOR(A) THE BARD





CRÔNICAS

RUTE ELLA DOMINICI

Cidade: São Paulo
Estado: São Paulo
País: Brasil

Amélia Moreau e a Sombra

Amélia Moreau escolheu a menor cabana porque o corpo já não comportava excessos. Não era cansaço, era um pedido interno de depuração. O chão de areia batida acolhia os pés como um reconhecimento antigo. A madeira guardava o calor do dia, o vidro devolvia o céu em fragmentos, como pensamentos que não se organizam de imediato. Ao redor, a grama rala insistia em existir, verde frágil, quase desistente. Amélia pensou que também vivia assim: por pequenas persistências silenciosas.

Sentou-se. O silêncio entrou nela antes mesmo de fechar a porta.

O corpo trazia marcas que não pediam tradução. Ombros tensos de contenções prolongadas, o ventre atento como quem pressente, a respiração curta, hábito de quem aprendeu a não ocupar demais o espaço do mundo. Escrevia poemas todos os dias. Vinham como ondas, densas, volumosas, impetuosas. Mas a espuma já não lhe bastava.

Amélia queria o fundo.

Queria a pressão que transforma.

O escuro vivo onde nada é decorativo.

Desejava escrever uma história que não fosse superfície. Um mergulho. Um relato de águas espessas, onde peixes não simbolizam, existem. Onde raias cortam o pensamento, crustáceos caminham sobre memórias esquecidas, golfinhos anunciam breves alegrias e baleias antigas, vastas atravessam o escuro como verdades que não pedem permissão.

Foi então que a Sombra se adensou.

A Sombra não chega. Acontece.

Era a parte dela que carregava chão. Aquela que media, que calculava, que via limites. A que fora convocada muitas vezes e quase sempre adiada. Agora, ali, entre madeira e vento, a Sombra tinha densidade.

— Vais escrever rápido — disse Amélia, sentindo a garganta vibrar. — Porque quando escrevo, já passou. Não há histórias longas. Há travessias.

A Sombra apoiou-se na parede, como quem sustenta uma estrutura antiga.

— Então por que escrever, se tudo escorre?

Amélia levou a mão ao peito. O coração batia como mar fechado, sem margem visível.

— Porque o que se inventa existe. Criar é dar corpo ao que não teve permissão de nascer. Não há realidade fixa, há memória do querer e do não querer. E ambas têm peso.

A tarde escorria lenta. O vento trazia cheiro de sal, de fruta madura, de um tempo anterior às nomeações. Amélia sentia, como um nó suave, a presença de vínculos densos, afetos profundos, responsabilidades vivas, laços que não se rompem, mas também não explicam tudo. Eram reais, eram amados, mas não esgotavam o que nela pulsava.

Havia uma fome que não se alimentava de harmonia organizada.

As presenças humanas de sua vida surgiam como figuras adaptadas ao possível, ajustadas ao aceitável. Apenas ela insistia em escutar o que desalinha. Apenas ela interrogava o que todos chamavam de normal.

— Não achas estranho — disse a Sombra — caminhar contra o que chamam de vida?

Amélia sentiu a areia fria sob os pés, como um lembrete.

— O que chamam de vida é sobrevivência com calendário. Eu quero existir com risco. Quero sentir até doer certo.

A Sombra não respondeu. Apenas ficou.

E ficar, ali, já era um gesto de aceitação.

Amélia abriu o caderno. A mão tremia, mas era um tremor fértil. Lá fora, o mar respirava fundo, como quem reconhece outra criatura marinha.

Ela escreveu.

Não para ser lida.

Não para permanecer.

Escreveu como quem mergulha sem corda, sabendo que algumas profundezas não devolvem o mesmo corpo, mas devolvem algo mais raro:

a verdade em estado líquido.

E isso, pensou Amélia, já era uma forma suficiente de existir.

INSTAGRAM

POST NO SITE



COLUNAS E COLUNISTAS



LANÇAMENTO

MAIO & JUNHO DE 2026

DO SILÊNCIO ÀS PÁGINAS IMPRESSAS:

"O papel da Tipografia na democratização da informação no Brasil"



37ª
EDIÇÃO

SIGA-NOS

SITE



FACEBOOK



INSTAGRAM



YOUTUBE



TWITTER





EDITAL

JULHO & AGOSTO DE 2026

QUANDO FALAR JÁ NÃO É DIZER:
"o esvaziamento da palavra no século
de hiperconexão"

38^a
EDIÇÃO



ACESSE O EDITAL DA REVISTA THE BARD
PARA PARTICIPAR DA EDIÇÃO
JULHO & AGOSTO DE 2026

PERÍODO DE **01** DE ABRIL À **31** DE MAIO.



Leia o EDITAL e preencha o FORMULÁRIO DE PARTICIPAÇÃO*

*Todo o material enviado será analisado e avaliado para ser publicado.



A DISTRIBUIÇÃO É GRATUITA.



29



Betânia Pereira

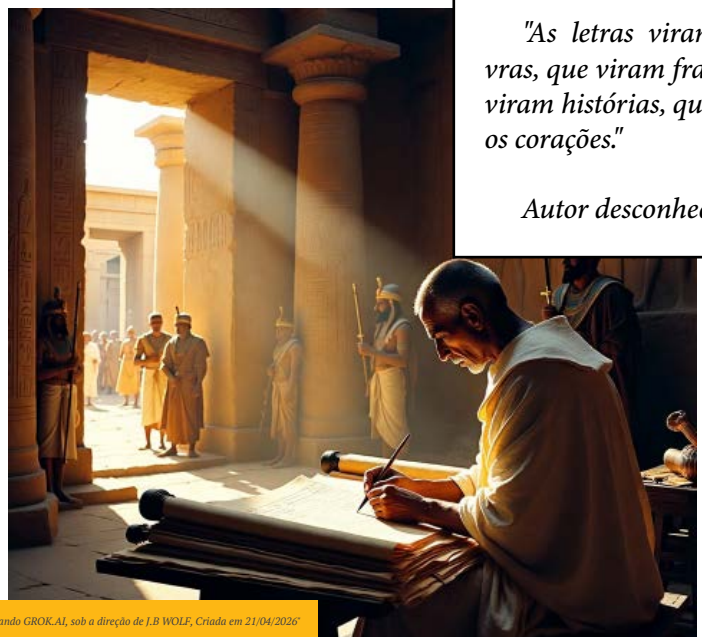


Mulher nordestina, maranhense, católica. Historiadora, Enfermeira, pós-graduada em História do Brasil, Informática na Educação, Psicologia na Educação, Saúde da Família, Enfermagem em Terapia Intensiva. Professora efetiva do Seeduc - MA. Participou de várias antologias. Tenho como prioridade tocar almas através do dom das palavras.

O Primeiro Tipo: Uma Viagem pela História da Tipografia e da Imprensa

“A tipografia é o ofício que dá forma visível e durável – e portanto existência independente - à linguagem humana.”
Robert Bringhurst

A junção das letras deu origem a escrita, há cerca de 4000 a.C., permitiu que a humanidade registrasse seus modos de vida, atravessando barreiras do tempo e preservando informações para o futuro. No mundo antigo, especialmente nas civilizações do Oriente Próximo, como o Egito e a Mesopotâmia, a escrita era um instrumento de poder e controle, raramente acessível à população comum (camponeses, artesãos). Na maior parte da antiguidade a escrever era uma habilidade especializada, restrita e dominada majoritariamente por escribas e sacerdote. Dominar a escrita trazia reconhecimento social e isenção de trabalhos braçais, posicionando os escribas como um grupo de elite, embora abaixo da nobreza e dos altos sacerdotes.



“As letras viram palavras, que viram frases, que viram histórias, que tocam os corações.”

Autor desconhecido

IMAGEM GERADA POR IA "usando GROK AI, sob a direção de J.B WOLF, Criada em 21/04/2026"



IMAGEM GERADA POR IA "usando GROK.AI, sob a direção de J.B WOLF, Criada em 21/04/2026"

Surgimento da tipografia

A escrita era feita à mão por escribas, o que tornava os livros raros e caros. Diferente dessa produção manual a tipografia é a arte, técnica e processo de organizar letras, fontes e caracteres para tornar a linguagem escrita legível, clara e visualmente atraente. Práticas de impressão em superfícies macias já existiam na Mesopotâmia (selos) e China (blocos de madeira no século II d.C.), contudo, o surgimento da tipografia moderna é marcado pela invenção da prensa de tipos móveis metálicos por Johannes Gutenberg na Alemanha, por volta de 1450, criando letras e símbolos em relevo esculpido em metal, capazes de aumentar os números na produção, diminuir o valor em cima, e disseminar a informação. O primeiro livro inteiro publicado pela técnica da imprensa foi a Bíblia.



"A tipografia moderna nasceu por volta de 1450, quando Johannes Gutenberg uniu tipos móveis de metal e prensa, transformando a escrita em algo reproduzível, acessível e capaz de disseminar ideias em larga escala."

IMAGEM GERADA POR IA "usando GROK.AI, sob a direção de J.B WOLF, Criada em 21/04/2026"



Temos em seguida a figura do impressor António Isidoro da Fonseca foi, de fato, o responsável pela primeira oficina tipográfica de que se tem registro no Rio de Janeiro, em 1747. No entanto, sua iniciativa foi curta devido à política de censura da Coroa Portuguesa.

História da tipografia no Brasil

No Brasil, a história da tipografia se mistura às transformações sociais, culturais e tecnológicas que o país passou ao longo dos séculos. Até o início do século XIX, o país, então colônia de Portugal, vivia sob forte controle informativo. A impressão de livros e jornais era proibida por lei, qualquer material gráfico precisava ser produzido em território português. Ainda assim, há registros de tentativas de instalação de oficinas tipográficas, como a do impressor português António Isidoro da Fonseca, em 1747, no Rio de Janeiro. Seu trabalho foi interrompido pelas autoridades da época.

Com a vinda da família real portuguesa ao Brasil em 1808, tudo mudou. Foi fundada a Imprensa Régia, primeira tipografia oficial do país, no Rio de Janeiro. Inicialmente restrita aos interesses da Corte para imprimir leis e decretos. A tipografia permitiu o surgimento do primeiro jornal brasileiro, a Gazeta do Rio de Janeiro, iniciando o processo de disseminação de notícias para além dos manuscritos clandestinos.

Nesse sentido, as primeiras iniciativas para a instalação de uma tipografia teve início em 1634 (Recife) com o registro de um pequeno folheto (Brasilsche Gelt-Sack) impresso durante a ocupação holandesa. O folheto é um panfleto de caráter político e econômico que questionava o destino do dinheiro dos acionistas da Companhia das Índias Ocidentais (WIC).



IMAGEM GERADA POR IA usando GOKAI, sob a direção de J.B WOLF, Criada em 21/04/2026



Só em 1808 (Rio de Janeiro - Imprensa Régia): Fundada em 5 de janeiro (embora o decreto seja de maio), tornou-se a primeira tipografia oficial, essencial para imprimir leis e documentos da corte. Surge o Primeiro Jornal: A Gazeta do Rio de Janeiro que começou a circular em 1808, marcando o início da imprensa periódica oficial. Após a Imprensa Régia, outras oficinas surgiram no século XIX, como a tipografia de Georges Leuzinger e a de Eduardo e Henrique Laemert. A partir de 1822, com a Independência do Brasil, surgiram dezenas de novas oficinas gráficas e jornais. A técnica tipográfica começou a se espalhar por cidades como Salvador, Recife, São Paulo e Porto Alegre.

Desde a chegada da Imprensa Régia em 1808, que marcou o início da produção tipográfica por aqui, até os avanços modernos que vieram impulsionados pelo design digital, a tipografia se consolidou com uma ferramenta essencial de comunicação e expressão cultural, transformando ideias em páginas que compõem a memória impressa do país.

Esse crescimento foi impulsionado também pela demanda de livros, folhetos religiosos, panfletos políticos e, principalmente, jornais. A tipografia brasileira começava a criar sua própria identidade, mesclando influências europeias com as demandas e contextos locais.

O século XX foi marcado por grandes transformações tecnológicas. A chegada das máquinas de linotipo, da impressão offset e do fotolito trouxeram mais agilidade, precisão e qualidade ao mercado gráfico. Editoras, jornais e gráficas passaram a investir em design editorial, e com isso, a tipografia passou a ter um papel de destaque no visual das publicações.

Nessa época, surgem no Brasil movimentos de valorização do design gráfico como linguagem e identidade cultural, algo que influenciou profundamente o uso criativo das fontes tipográficas, a escolha de estilos e a construção de marcas editoriais.

A partir dos anos 1990, com a popularização dos computadores e dos softwares gráficos (como Adobe InDesign, Illustrator e CorelDRAW), a tipografia digital ganhou força. Agora, qualquer designer podia criar, modificar e usar fontes em seus projetos de forma prática e acessível.

Além disso, surgiram fontes tipográficas criadas por brasileiros, com forte influência da nossa cultura, linguagem e estética visual. A tipografia se tornou mais democrática, criativa e plural, conectando-se com marcas, publicações e expressões artísticas contemporâneas.

A importância da tipografia nos dias de hoje

Na era contemporânea, a tipografia desempenha um papel técnico crucial para garantir que a informação chegue a todos os cidadãos, independentemente de suas limitações físicas ou cognitivas.

O uso de fontes adaptadas para pessoas com deficiência visual ou dislexia é fundamental para a inclusão social. Seguindo o lançamento da norma ABNT

NBR 17225 estabelece padrões de acessibilidade digital para sites no Brasil, onde a escolha tipográfica adequada é um dos critérios para garantir que o conteúdo web seja plenamente acessível. Também o uso de tipografia e design de informação no campo jurídico (como guias de simplificação do Tribunal do Rio de Janeiro) ajuda a humanizar e traduzir termos complexos para a população em geral.

Em um mundo visual, o texto precisa ser mais do que lido, ele deve ser sentido. A tipografia certa melhora a leitura, comunica emoção, gera impacto e traduz a essência de uma marca.

Seja em livros, revistas, catálogos, embalagens ou identidades visuais, a tipografia conti-

nua sendo essencial para quem quer se destacar e criar conexão com seu público.

Ate breve!

Vejo flores em você!

Betânia Pereira.

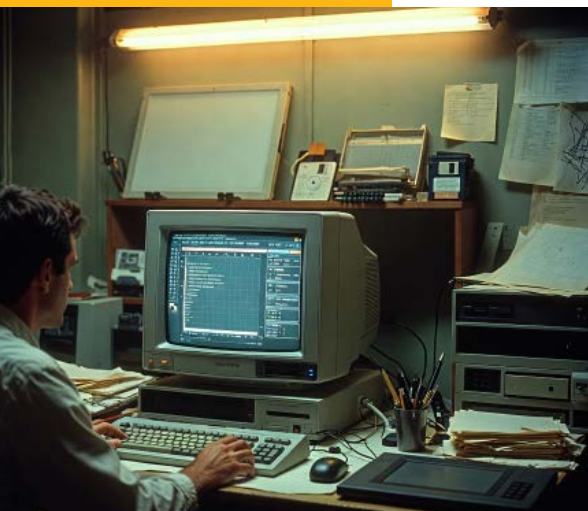


IMAGEM GERADA POR IA "usando GROK.AI, sob a direção de J.B WOLF, Criada em 21/04/2026"

BETÂNIA PEREIRA

**CONHEÇAM MAIS O SEU TRABALHO,
VISITEM SEU BLOG E ACOMPANHEM
SUAS REDES SOCIAIS**

INSTAGRAM

BLOG

LINKS

POST NO SITE



COLUNAS E COLUNISTAS





CURSO PARA ESCRITORES

Como escrever seu
primeiro livro!

6 módulos em vídeoaula.

CLIQUE AQUI



Conheça o curso

**CAMINHO DO
ESCRITOR 2.0**



CLIQUE AQUI



COLUNA

Vida de Autor

25



Lilian Stocco



Escritora, designer, fotógrafa, roteirista e artista visual. Autora de 3 romances sendo, “Os Sete Segredos” finalista do concurso Best-seller startups 2019. Autora de 15 fotolivros com as belezas do Brasil e do mundo. Está envolvida em 3 novos projetos de escrita, é participante da “Vivendo de Inventar” do grupo “Hardcover” do escritor Best Seller André Vianco, é membro da Sociedade de Autores Literários – SAL, onde atua como escritora, ilustradora e capista. Participante de antologias de contos como: “Não Conte a Ninguém” (Carreira Literária / oito e meio editora), “Você Não Está Só” (Editora Itapuca), “Contos da Quarentena” (A Arte da Palavra) e “Likes” (Insight Editorial). É colunista da revista “The Bard” com a coluna “Vida de Autor” e recentemente lançou um livro de contos em parceria com o autor Josenilson Oliveira (Nem te Conto - Histórias Quase Autorizadas) pela Editora Itapuca.

Entre a pressa e a profundidade: por que a novela literária conquista leitores e escritores

Nem tão curta quanto um conto, nem tão extensa quanto um romance, a novela ou noveleta aposta na intensidade para contar boas histórias, e desafia quem escreve a dominar a arte da síntese. Venham comigo desvendar as características das novelas e como elas podem ajudar a sua criatividade como escritor.

No vasto território da literatura, onde romances longos costumam dominar as prateleiras e contos oferecem leituras rápidas e pontuais, a novela — também chamada de noveleta — ocupa um espaço singular e, nos últimos anos, cada vez mais valorizado. Com uma extensão intermediária, ela combina a objetividade do conto com a densidade do romance, criando uma experiência de leitura que é, ao mesmo tempo, ágil e profunda.

Mas essa definição, embora útil, ainda é insuficiente. A novela não é apenas um “meio-termo”: ela tem identidade própria. Sua essência

está na concentração narrativa. Em vez de múltiplos núcleos, longos arcos de desenvolvimento e um grande elenco de personagens, ela se estrutura em torno de um único eixo dramático — um conflito central que sustenta toda a história.

Esse foco não é apenas uma escolha estética; é uma exigência estrutural. Na novela, cada elemento precisa justificar sua presença. Cenas, personagens, diálogos e descrições funcionam como engrenagens de um mecanismo preciso. Quando algo sobra ou falta, o leitor percebe imediatamente.



IMAGEM GERADA POR IA "usando SEAAART.AI, sob a direção de Arely Soares Reis, Criada em 02/04/2026"

Essa característica ajuda a explicar por que o ritmo da novela costuma ser mais contínuo e envolvente. Sem desvios narrativos ou subtramas extensas, a leitura avança com naturalidade, conduzindo o leitor por uma trajetória clara. Ao mesmo tempo, há espaço suficiente para desenvolver atmosferas, explorar conflitos internos e construir significados mais complexos — algo que o conto, por sua brevidade, nem sempre comporta.



IMAGENS GERADAS POR IA "usando SEAAART.AI, sob a direção de Arely Soares Reis, Criada em 02/04/2026"

Para o leitor contemporâneo, esse equilíbrio tem um apelo evidente. Em um cenário marcado por excesso de informação e pouco tempo disponível, a novela oferece uma experiência completa sem exigir o compromisso de um romance longo. Ainda assim, preserva aquilo que muitos leitores buscam na literatura: profundidade emocional, reflexão e impacto.

Esse impacto, aliás, é uma das marcas mais fortes do gênero. Por trabalhar com uma estrutura condensada, a novela tende a intensificar seus efeitos. O conflito ganha mais peso, os símbolos se tornam mais evidentes e o desfecho assume um papel decisivo. Não raramente, são histórias que permanecem na memória justamente por aquilo que sugerem — e não apenas pelo que dizem explicitamente.

A tradição literária confirma essa força. Obras como *A Metamorfose*, de Franz Kafka, transformam situações aparentemente simples em reflexões profundas sobre a condição humana. Em *O Velho e o Mar*, Ernest Hemingway constrói, com linguagem econômica, uma narrativa que ultrapassa a história de um pescador e se torna uma meditação sobre esforço, dignidade e resistência. Já George Orwell, em *A Revolução dos Bichos*, utiliza a forma breve para elaborar uma crítica política contundente, sem abrir mão da clareza e da acessibilidade.

No Brasil, a novela também encontra terreno fértil. Machado de Assis, com *O Alienista*, demonstra como a ironia e a crítica social podem ser potencializadas em uma narrativa mais concentrada. Clarice Lispector, em *A Hora da Estrela*, leva o formato a um território mais introspectivo, explorando linguagem, subjetividade e silêncio de forma singular. Em ambos os casos, o que se observa é a capacidade da novela de se adaptar a diferentes propostas estéticas, sem perder sua força estrutural.



Para quem escreve, no entanto, esse formato é tão exigente quanto sedutor. A aparente simplicidade esconde um rigor técnico considerável. Escrever uma novela implica tomar decisões constantes sobre o que incluir e, principalmente, o que excluir. Trata-se de um exercício de precisão narrativa.

Um dos primeiros desafios é definir claramente o conflito central. Diferente do romance, que pode se sustentar em múltiplas linhas de ação, a novela depende de um eixo forte e bem delimitado. Esse conflito deve ser capaz de gerar tensão ao longo de toda a narrativa, mantendo o interesse do leitor sem recorrer a desvios artificiais.

Outro ponto fundamental é a construção dos personagens. Ainda que em menor número, eles precisam ser consistentes e expressivos. Muitas vezes, a caracterização ocorre mais por ações, gestos e escolhas do que por longas descrições. É uma construção mais sugerida do que explicada.

O ritmo, por sua vez, exige atenção constante. A progressão da história deve ser equilibrada, evitando tanto a pressa excessiva quanto a estagnação. Cada cena precisa avançar o enredo ou aprofundar o conflito — idealmente, ambos. Quando isso não acontece, a narrativa perde força.

O desfecho talvez seja o elemento mais delicado. Em uma estrutura mais curta, ele não pode ser apenas funcional; precisa ser significativo. Pode assumir diferentes formas — surpreendente, ambíguo, aberto ou até silencioso —, mas deve dialogar com tudo o que foi construído anteriormente. Um final fraco ou apressado tende a comprometer a experiência como um todo.

Entre os erros mais comuns, destacam-se o excesso de personagens, a tentativa de incluir subtramas desnecessárias e a inclinação a explicar demais o que poderia ser sugerido. Há também o risco de desequilíbrio estrutural, quando a narrativa começa com força, mas perde consistência ao longo do desenvolvimento.



IMAGEM GERADA POR IA "usando GPT-4I, sob a direção de Arely Soares Reis, criada em 02/04/2024"

Por outro lado, é justamente dentro dessas limitações que a novela revela seu potencial criativo. Muitos escritores utilizam o formato como um laboratório narrativo, experimentando vozes, estilos e estruturas. A extensão intermediária permite testar ideias com mais liberdade do que um romance, sem abrir mão de certa complexidade.



IMAGEM GERADA POR IA "usando SORA RT-1, sob a direção de Arely Soares Reis, criada em 02/04/2024"



IMAGEM GERADA POR IA usando SEAAART.AI, sob a direção de Arely Soares Reis, Criada em 02/04/2026

Além disso, a novela desempenha um papel importante na formação do autor. Ao exigir clareza, concisão e controle estrutural, ela contribui para o desenvolvimento de habilidades essenciais à escrita. Aprender a construir uma narrativa eficaz com menos recursos é, muitas vezes, um passo decisivo para projetos mais ambiciosos.

No fim, a novela reafirma um princípio fundamental da literatura: não é a extensão que define a força de uma história, mas a

forma como ela é construída. Em um espaço reduzido, ela condensa conflitos, emoções e ideias com intensidade rara — e, justamente por isso, continua a conquistar leitores e escritores em busca de narrativas que digam muito, sem precisar de muitas páginas.

Nos encontraremos na próxima edição para falarmos sobre o poder dos romances, na vida criativa do autor.

Aguardo vocês!

LIVROS DA AUTORA

ACESSE A VITRINE THE BARD



Clique aqui

LILIAN STOCCO



OLUNAS E COLUNISTAS

**CONHEÇAM MAIS O SEU TRABALHO,
VISITE SEU SITE E ACOMPANHEM SUAS REDES SOCIAIS**

PUBLICAÇÕES

FOTOGRAFIA

DESIGN

INSTAGRAM

POST NO SITE





25



Ladylene Aparecida



Apaixonada pela literatura e uma jornalista cultural em ascensão. Nascida e criada em Santa Luzia, Minas Gerais, essa mineira de alma boêmia começou sua jornada literária na adolescência, quando escrevia em diários e se perdia nas histórias de sua banda favorita. Aos 14 anos, por intermédio de uma amiga, teve o prazer de conhecer os livros do autor Pedro Bandeira, especialmente a coleção "Os Karas", que se tornaram seus fiéis companheiros até o fim do ensino médio. Em 2022, ela se tornou colunista e cronista da Revista Internacional The Bard, onde explora temas culturais e a beleza das palavras. Além disso, é acadêmica honorária pela ALUZ – Academia Luziense de Letras e Artes, consolidando ainda mais sua presença no cenário literário. Atualmente, como jornalista cultural e criadora de conteúdo na ONG Instituto Letra Preta, Ladylene se dedica a promover vozes diversas e dar espaço a novas narrativas.

Mitologia Mongol



IMAGEM GERADA POR IA "usando SEAAART.AI, sob a direção de Tônia Lavinia, Criada em 25/03/2026"

Olá, querido leitor!

Chegamos ao último capítulo da jornada pela Mitologia Mongol, e confesso que há algo que sempre procuro quando atravesso os labirintos das antigas mitologias: as mulheres.

Elas raramente aparecem como protagonistas nas crônicas oficiais, mas quem observa com atenção percebe algo curioso. Em quase todas as culturas, enquanto os homens marchavam para a guerra ou para a caça, havia mulheres sustentando o

mundo, com inteligência, resistência e uma força silenciosa que atravessa séculos.

Quem acompanha minhas colunas talvez se lembre disso na Mitologia Egípcia, quando contei histórias de mulheres capazes de mudar o destino de uma dinastia inteira. Se você ainda não leu, vale a visita às edições de 2022/2023. Elas continuam lá, esperando por novos olhos curiosos.

E entre os mongóis... não foi diferente.



IMAGEM GERADA POR IA "usando SEAART.AI, sob a direção de Tônia Lavínia, Criada em 23/03/2026"

"Nas estepes, as mulheres desempenhavam um papel fundamental na sobrevivência das famílias nômades, gerenciando a vida cotidiana e garantindo a continuidade da comunidade."

Nas vastas estepes, onde o vento nunca pede licença e o horizonte parece não ter fim, as mulheres eram muito mais que coadjuvantes da história. Enquanto os homens partiam para batalhas ou longas caçadas, eram elas que mantinham a vida pulsando: cuidavam dos rebanhos, erguiam e desmontavam as tendas, organizavam os acampamentos, alimentavam as crianças e sustentavam

a economia das famílias nômades.

Não eram figurantes.

Eram o eixo.

Sem elas, não haveria império.

Nem memória.

Nem futuro.



IMAGEM GERADA POR IA "usando SEAART.AI, sob a direção de Tônia Lavínia, Criada em 23/03/2026"

Hoje, eu te convido a conhecer essas mulheres da estepes:

as que pariram reis,

as que governaram na ausência dos homens,

as que empunharam armas,

e aquelas que sabiam ouvir

os espíritos quando o vento falava mais alto que a razão.

Então, sem mais delongas: pegue sua bebida favorita, encontre um canto confortável e venha comigo.

A estepe tem histórias para contar.

Boa leitura.



IMAGEM GERADA POR IA "usando SEAART.AI, sob a direção de Tônia Lavínia, Criada em 23/03/2026"

Hö'elün — A mulher que sustentou um império na beira da fome

A mãe de Genghis Khan chamava-se Hoelun ou Hö'elün, e sua história está entre as mais duras de toda a tradição mongol.

Quando se fala do homem que criou um dos maiores impérios da história, imaginamos cavalarias devastadoras, estratégias militares brilhantes e conquistas capazes de redesenhar o mapa do mundo.

Mas antes de tudo isso, havia apenas uma mulher.

Uma mulher que compreendeu cedo demais como funcionava o jogo brutal das estepes e decidiu jogá-lo.

Não por honra.

Não por glória.

Por sobrevivência.

E porque, às vezes, sobreviver já é o primeiro passo para vencer.



IMAGEM GERADA POR IA "usando SEAART.AI, sob a direção de Tônia Lavínia, Criada em 25/03/2026"

Origem e Sequestro

A juventude de Hö'elün começa com um episódio brutal que, infelizmente, não era incomum nas sociedades nômades da estepe.

Ela pertencia ao clã Olkhonud e, ainda muito jovem, foi prometida em casamento a um guerreiro do povo Merkit. Casamentos entre tribos eram comuns e funcionavam como alianças políticas.

Mas o destino da jovem mudou drasticamente durante a viagem de núpcias.

O grupo foi interceptado por

guerreiros liderados por Yesugei, chefe do clã Borjigin e futuro pai de Temujin. Hö'elün foi sequestrada e levada para se tornar esposa dele.

Hoje isso soa chocante e de fato era um ato violento, mas nas estepes era uma prática relativamente comum. O rapto de noivas fazia parte da lógica tribal de poder, rivalidade e sobrevivência.

Algumas versões da tradição oral contam que Hö'elün teria dito ao marido Merkit para fugir enquanto ainda havia tempo, evitando morrer enfrentando os atacantes.

Esse detalhe sempre levanta perguntas intrigantes.

Foi coragem?

Foi resignação?

Ou simplesmente o instinto de sobrevivência de alguém que entendia perfeitamente as regras brutais daquele mundo?

A história não responde com certeza.

E talvez nunca responda.

A mãe de Temujin

Do casamento com Yesugei nasceram vários filhos. Entre eles estava Temujin, o menino que um dia o mundo conheceria como Genghis Khan.

Durante algum tempo, a família viveu sob a proteção do clã Borjigin, dentro da lógica tribal que organizava a vida nas estepes. Não era uma existência fácil nunca foi, mas havia estrutura, pertencimento e uma rede de proteção que garantia comida, abrigo e aliados.

Essa segurança, porém, desapareceu de forma abrupta.

Com a morte de Yesugei, a posição da família mudou drasticamente. Sem o chefe do clã para defendê-los, Höelün e seus filhos deixaram de ser parte útil da engrenagem tribal. Na prática, tornaram-se um fardo.

E nas estepes do século XII, fardos eram abandonados.



IMAGEM GERADA POR IA "usando SEAART.AI, sob a direção de Tônia Lavínia, Criada em 25/03/2026"



IMAGEM GERADA POR IA "usando SEAART.AI, sob a direção de Tônia Lavínia, Criada em 25/03/2026"

Assim, quase da noite para o dia, Höelün e as crianças se viram sozinhas em um território imenso e hostil. Sem proteção política, sem rebanhos significativos e sem aliados que pudessem garantir sua sobrevivência.

Era o tipo de situação da qual poucas famílias conseguiam sair vivas.

Mas Höelün não era uma mulher comum.

Em vez de sucumbir ao destino que lhe havia sido imposto, ela assumiu o comando da família. A jovem que um dia fora sequestrada e levada como noiva transformou-se, ali, na única liderança possível daquele pequeno grupo de sobreviventes.



IMAGEM GERADA POR IA "usando SEAART.AI, sob a direção de Tônia Lavínia, Criada em 25/03/2026"

Foi ela quem ensinou os filhos a encontrar alimento onde quase ninguém mais enxergaria vida. Aprenderam a caçar pequenos animais, pescar nos rios, recolher frutas silvestres e arrancar da terra dura da estepe raízes e tubérculos que podiam manter o corpo de pé por mais um dia.

As crônicas mongóis contam que, durante anos, a família viveu de alimentos considerados de puro desespero: raízes, peixes pequenos e até roedores.

A fome era uma presença constante.

Ainda assim, Höelün conseguiu algo que talvez fosse ainda mais difícil do que encontrar comida: manter seus filhos unidos.

A matriarca da estepe

Com o passar dos anos, o menino Temujin começou lentamente a reconstruir sua posição entre as tribos. O caminho até se tornar o grande líder que a história lembraria ainda seria longo, cheio de traições, batalhas e alianças instáveis.

Mas enquanto ele aprendia a navegar pelo complexo jogo político das estepes, havia alguém nos bastidores garantindo que aquele pequeno núcleo de sobreviventes se transformasse em algo maior.

Ela repetia sempre que pertenciam a uma linhagem nobre e que não podiam permitir que a miséria os transformasse em inimigos uns dos outros. Se quisessem sobreviver naquele mundo brutal, precisariam permanecer juntos.

E foi assim, entre a escassez e a disciplina imposta por uma mãe obstinada, que cresceu o menino que um dia mudaria o destino de metade do mundo.



IMAGEM GERADA POR IA "usando SEAART.AI, sob a direção de Tônia Lavinia, Criada em 23/03/2026"

Hoelun não era apenas a mãe do futuro conquistador. Com o tempo, tornou-se também uma espécie de matriarca do acampamento.

As crônicas mongóis, especialmente a antiga obra *The Secret History of the Mongols*, indicam que Höelün desempenhava um papel fundamental na organização das famílias que passavam a integrar o grupo de Temujin.

Quando novas pessoas eram incorporadas fossem aliados, refugiados ou mesmo antigos inimigos derrotados, alguém precisava transformar aquele conjunto de indivíduos em uma comunidade funcional. Era necessário distribuir tarefas, reorganizar famílias, acalmar rivalidades e garantir que todos soubessem seu lugar dentro da estrutura do acampamento.

E, muitas vezes, essa responsabilidade recaía sobre ela.

Dentro das tendas, longe das batalhas e dos cavalos de guerra, Höelün ajudava a construir algo igualmente essencial: coesão social.



IMAGEM GERADA POR IA "usando SEAART.AI, sob a direção de Tônia Lavinia, Criada em 23/03/2026"

Pode parecer um detalhe pequeno diante das grandes campanhas militares que viriam depois. Mas nas estepes, onde alianças eram frágeis e rivalidades podiam destruir um grupo inteiro, manter a ordem dentro da comunidade era tão importante quanto vencer uma batalha.

De certa forma, enquanto Temujin aprendia a liderar guerreiros, sua mãe ajudava a organizar o mundo que esses guerreiros voltariam para habitar.

Com o tempo, o menino que ela ensinou a sobreviver cresceria e passaria para a história como Genghis Khan. Seus exércitos cruzariam continentes, derrubariam reinos e ergueriam o que se tornaria o maior império contíguo da história humana.

Mas antes das campanhas militares, antes das bandeiras negras tremulando no horizonte e antes das crônicas falarem sobre conquistas, houve algo mais simples e muito mais essencial.

Houve uma mãe que se recusou a deixar seus filhos morrerem de fome nas estepes.

Hoelun não comandou exércitos nem entrou para a história como conquistadora. Ainda assim, sua influência atravessa silenciosamente as páginas da história mongol. Foi ela quem manteve viva a pequena família que um dia daria origem a um império.

De certa forma, o Império Mongol começou muito antes das grandes batalhas.

Começou nas mãos de uma mulher que cavava raízes na terra dura da estepe, alimentava os filhos com o que encontrava e ensinava que, mesmo na miséria, eles ainda pertenciam a algo maior.

E assim, entre a disciplina imposta por uma mãe endurecida pela fome e a capacidade de transformar sobreviventes em uma comunidade, começava a surgir algo maior.

Muito antes das grandes conquistas que mudariam o destino da Ásia e da Europa, o embrião do que viria a ser o Império Mongol estava sendo construído ali mesmo entre tendas, famílias reorganizadas e a autoridade silenciosa de Höelün.

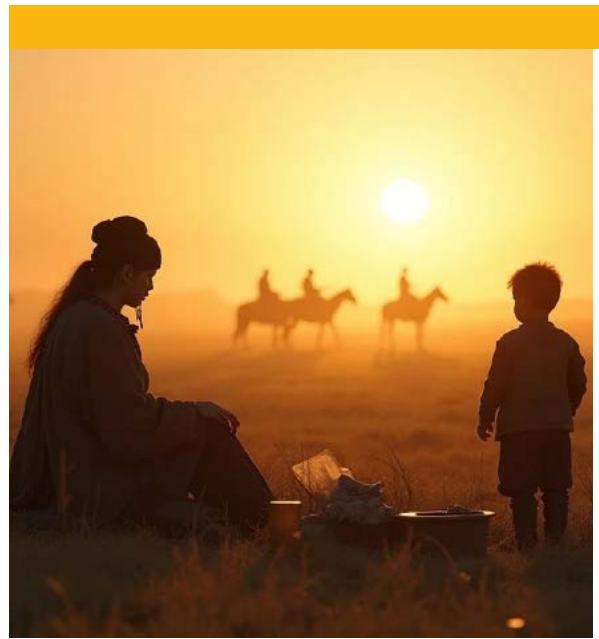


IMAGEM GERADA POR IA "usando SEAAART.AI, sob a direção de Tônia Lavínia, Criada em 23/03/2026"

E Höelün não foi a única.

A história das estepes está repleta de mulheres que governaram, aconselharam, lutaram e mantiveram povos inteiros em movimento enquanto o mundo ao redor mudava.

Algumas seriam regentes de impérios.

Outras comandariam territórios inteiros.

E algumas deixariam marcas tão profundas quanto as dos próprios cãs.

É sobre elas que vamos falar agora.

Porque, na história mongol, o poder nem sempre estava apenas nas mãos que empunhavam a espada muitas vezes ele também estava nas mãos que sustentavam o mundo enquanto os guerreiros partiam para a guerra.

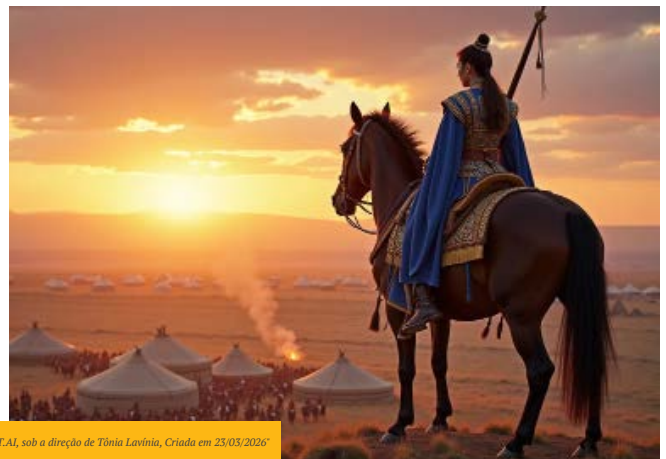


IMAGEM GERADA POR IA "usando SEAAART.AI, sob a direção de Tônia Lavínia, Criada em 23/03/2026"

Börte — A esposa que ajudou a fundar um império

Borte foi a primeira e principal esposa de Genghis Khan.

E a história dela começa com violência como tantas nas estepes.

Pouco tempo depois de se casar com Temujin, Börte foi sequestrada pelo povo Merkit, provavelmente como vingança pelo sequestro que o pai de Temujin havia feito anos antes com Höelün.

Temujin ainda não era poderoso naquela época. Para resgatá-la, precisou pedir ajuda a aliados tribais incluindo Toghrul.

O resgate foi bem-sucedido, mas a história deixa uma pergunta que ecoa até hoje: o primeiro filho de Börte, Jochi, nasceu pouco depois do resgate, e muitos rivais questionaram se ele era realmente filho de Temujin.

Mesmo assim, Temujin reconheceu Jochi como seu filho legítimo.

Isso foi crucial politicamente.

Börte tornou-se a principal conselheira doméstica do líder mongol, organizando o acampamento e supervisionando famílias dentro da estrutura do clã algo muito parecido com o papel que Höelün havia exercido antes.

Börte — A mulher ao lado do futuro Khan

A história de Borte começa muito antes de o mundo conhecer o nome de Genghis Khan.

Naquele tempo, Temujin ainda era apenas o filho de um chefe tribal tentando encontrar seu lugar nas estepes. O casamento entre os dois, como tantos outros entre os povos nômades, também carregava um peso político. Não era apenas uma



IMAGEM GERADA POR IA "usando SEAART.AI, sob a direção de Tónia Lavínia, Criada em 23/03/2026"

união entre duas pessoas, mas uma aliança entre famílias.

Quando o pai de Börte entregou a filha em casamento, ofereceu também a Temujin um presente valioso: um manto feito de pele de zibelina, um objeto raro e extremamente cobijado nas estepes. O jovem guerreiro percebeu imediatamente o valor estratégico daquele presente. Em vez de guardá-lo para si, levou-o como oferta a Toghrul, poderoso líder do povo kerait.

Aquele gesto aparentemente simples ajudaria a abrir uma das primeiras portas políticas para Temujin.

Mas a vida nas estepes nunca permitia tranquilidade por muito tempo.

Pouco depois do casamento, Börte foi sequestrada pelos Merkit, um ataque que muitos acreditam ter sido motivado por antigas rivalidades entre tribos. Para Temujin, ainda jovem e com poucos recursos, aquilo poderia ter significado o fim de tudo. Em vez disso, tornou-se um momento decisivo.

Para resgatar a esposa, ele precisou reunir aliados e formar uma coalizão entre diferentes clãs. Foi uma das primeiras vezes em que Temujin atuou como líder de guerra entre tribos. O ataque ao acampamento Merkit foi bem-sucedido, e Börte foi trazida de volta.

Mas a história deixou uma sombra que acompanharia a família por muitos anos. Pouco tempo depois do resgate, nasceu Jochi. Alguns rivais passaram a questionar se o menino realmente era filho de Temujin.

Em um mundo onde a legitimidade podia decidir o destino de impérios, aquilo era uma acusação perigosa.

Ainda assim, Temujin fez algo que revela muito sobre a posição de Börte em sua vida: reconheceu Jochi como seu filho sem hesitar.

Com o passar dos anos, Temujin se tornaria Gengis Khan, e o pequeno núcleo de seguidores que o acompanhava cresceria até se transformar em um império.

Nesse novo mundo que nascia, Börte ocupava um lugar único. Entre todas as esposas do grande clã, ela era considerada a primeira e principal. Seus filhos eram vistos como os herdeiros legítimos, e foi dessa linhagem que surgiram figuras centrais da história mongol, como Chagatai Khan, Ogedei Khan e Tolui.

Mas o papel de Börte não se limitava à maternidade ou à posição simbólica dentro da família.

Enquanto Gengis Khan passava meses, às vezes anos conduzindo campanhas militares, alguém precisava manter o acampamento funcionando. Rebanhos, famílias, alianças e recursos precisavam ser organizados com precisão para que aquela sociedade nômade continuasse existindo.

E muitas vezes era Börte

quem assumia essa responsabilidade.

Dentro das tendas e longe do campo de batalha, ela ajudava a sustentar a estrutura social que permitia ao império crescer. Assim como Höelün antes dela, Börte compreendia algo essencial sobre a vida nas estepes: conquistas podiam nascer da guerra, mas impérios só sobreviviam quando alguém mantinha o mundo funcionando enquanto os guerreiros estavam longe.



IMAGEM GERADA POR IA "usando FREEPIK, sob a direção de Tônia Lavínia, Criada em 23/03/2026"

Töregene Khatun — A mulher que segurou o império nas mãos

Para entender quem foi Töregene Khatun, é preciso primeiro olhar para a complexa linha de sucessão criada dentro da família de Genghis Khan.

Gêngis Khan teve muitos filhos ao longo da vida, como era comum entre os líderes das estepes. Ainda assim, quatro deles formariam o núcleo da sucessão que moldaria o destino do Império Mongol: Jochi, Chagatai Khan, Ogedei Khan e Tolui.



Cada um deles possuía personalidade, ambições e territórios próprios dentro do vasto mundo que o pai havia conquistado. Em um império que se estendia por milhares de quilômetros de estepes, desertos e cidades conquistadas, a questão da sucessão não era apenas um assunto familiar, era um problema político gigantesco.

Antes de morrer, Genghis Khan tomou uma decisão que surpreendeu alguns de seus seguidores. Em vez de escolher o filho mais velho ou o mais temido em batalha, ele indicou Ogedei como seu sucessor ao título de Grande Khan, o governante supremo de todo o império.

A escolha não foi aleatória.

Os cronistas mongóis descrevem Ogedei como alguém capaz de mediar conflitos entre os irmãos e manter um certo equilíbrio dentro da família imperial algo absolutamente necessário para impedir que o império recém-cons-

truído se fragmentasse em guerras internas.

Ainda assim, a decisão não eliminou completamente as tensões. Entre os filhos de Gêngis, rivalidades antigas continuariam existindo, e a política mongol seguiria sendo marcada por alianças delicadas, disputas familiares e jogos de poder.

Mas governar o maior império do mundo não significava permanecer sempre sentado em um trono.

Ogedei passava longos períodos longe do centro político mongol seja organizando campanhas militares, seja lidando com assuntos administrativos espalhados por territórios imensos que iam da Ásia Central até as fronteiras da Europa.

E foi nesse espaço de ausência que outra figura começou a ganhar

peso dentro da corte: sua esposa, Toregene Khatun.

Quando Ogedei Khan morreu, em 1241, o Império Mongol entrou em um momento delicado. Pela tradição, um novo Grande Khan só poderia ser escolhido em um grande kurultai, a assembleia dos nobres mongóis. Mas a viúva de Ogedei e mãe de vários príncipes entre eles Guyuk Khan, ela assumiu o governo como regente do império.

Entre 1241 e 1246, Töregene foi, na prática, a pessoa mais poderosa do mundo mongol.

E governar aquele território não era pouca coisa. Mas o poder que ela passou a exercer estava longe de ser aceito tranquilamente.

Naquele momento, o Império Mongol já se estendia da Coreia até a Europa Oriental.

Os descendentes de outras linhagens da família de Genghis Khan especialmente os ramos ligados a Chagatai Khan e Tolui não viam com bons olhos a ideia de que a viúva de Ogedei controlasse sozinha o governo imperial.

Alguns desses príncipes pressionavam para convocar rapidamente um kurultai que pudesse escolher um novo governante.

Em teoria, isso parecia apenas um procedimento político.

Na prática, significava uma ameaça direta ao plano de Töregene: garantir que seu próprio filho, Guyuk Khan, fosse eleito.



IMAGEM GERADA POR IA "usando FREEPIK, sob a direção de Tônia Lavínia, Criada em 23/03/2026"

Foi então que ela tomou uma decisão ousada. Em vez de convocar imediatamente a assembleia, Töregene simplesmente adiou o processo durante anos.

Mensageiros eram enviados, negociações eram feitas, chefes tribais eram persuadidos e, enquanto isso, o tempo passava. O império continuava funcionando, os impostos continuavam sendo coletados, os exércitos permaneciam ativos.

Aos poucos Töregene começou a reorganizar a administração imperial. Muitos oficiais que haviam sido nomeados durante o reinado de Ogedei foram removidos e substituídos por pessoas leais a ela. Entre os nomes que ganharam destaque estava Fatima, uma conselheira que se tornou extremamente próxima da regente. Uma mulher governando o maior império do mundo já seria algo incomum. Mas uma mulher governando com a ajuda de uma conselheira estrangeira capturada em guerra parecia, para alguns cronistas da época, uma afronta à velha ordem das estepes.

Fatima era uma mulher de origem persa que havia sido capturada durante as campanhas mongóis no Oriente Médio e acabou entrando para o círculo da corte imperial. Com o tempo, aproximou-se de Töregene e se tornou uma de suas conselheiras mais próximas.

Estudiosos da época chegaram a acusar Fatima de manipular a regente e interferir diretamente nas escolhas administrativas do império.



IMAGEM GERADA POR IA "usando SEARTE.AI, sob a direção de Tônia Lavínia, Criada em 23/03/2026"

Em 1246, cinco anos depois da morte de Ogedei, o grande kurultai foi realizado, assim como Toregene Khatun havia planejado para que o poder Mongol continuasse em sua linha de sucessão.

Quando finalmente o filho de Töregene, Guyuk Khan, assumiu o poder, o destino de Fatima mudou drasticamente. Muitos nobres que haviam sido afastados durante a regência aproveitaram o novo governo para cobrar vingança.

Fatima acabou sendo acusada de abusar de sua influência política e as punições mongóis raramente eram leves. As fontes relatam que ela foi executada após um julgamento imperial.

A queda dela mostra o quão instável podia ser o

jogo de poder dentro da corte mongol.

Mas também revela algo interessante: durante alguns anos, uma mulher estrangeira e uma imperatriz viúva conseguiram controlar o centro político do maior império do mundo.

Nada mal para um mundo que muitos ainda imaginam como dominado apenas por guerreiros a cavalo.

“Talvez eu esteja insistindo nesse ponto mais do que o necessário, mas é difícil não se impressionar ao perceber quantas vezes, ao longo da história, as mulheres demonstraram habilidade política e inteligência estratégica, mesmo quando suas contribuições foram posteriormente apagadas ou minimizadas.”



IMAGEM GERADA POR IA "usando SEAART.AI, sob a direção de Tânia Lavínia, Criada em 23/03/2026"

Sorghaghtani Beki — a mãe dos Khans

O vento das estepes não perdoa os fracos.

Ele atravessa as tendas de feltro, levanta poeira, carrega histórias e, às vezes, também carrega impérios inteiros nas costas de cavalos magros e guerreiros obstinados. Foi nesse mundo duro onde alianças se quebravam como gelo fino e famílias podiam

desaparecer entre uma estação e outra que surgiu uma das mulheres mais extraordinárias da história mongol.

Seu nome era Sorghaghtani Beki.

Curiosamente, ela não comandou exércitos. Não liderou cavalgadas de conquista. Não in-

cendiou cidades.

Ainda assim, ajudou a moldar o destino de um império que se estendia da China até as fronteiras da Europa.

Enquanto os cronistas celebravam as vitórias de guerreiros como Genghis Khan e seus descendentes, Sorghaghtani fazia algo mais silencioso e talvez mais perigoso.

A estrategista das estepes

Nas estepes da Ásia Central, onde o vento corta a pele e os impérios parecem nascer e morrer ao ritmo das estações, o poder raramente era silencioso. Ele galopava em cavalos velozes, erguia bandeiras de guerra e deixava cidades queimando no horizonte. No entanto, entre essas tempestades de ferro e poeira, existiu uma mulher cuja força não se manifestava em batalhas, mas em algo muito mais raro: paciência, inteligência política e visão histórica.

Nascida entre o povo kereit, uma confederação tribal das estepes da Ásia Central, Sorghaghtani cresceu em um ambiente onde alianças eram tão importantes quanto espadas. Os kereit possuíam uma característica singular naquele mundo: muitos de seus membros seguiam o cristianismo nestoriano, uma vertente antiga da fé cristã que havia se espalhado pela Ásia ao longo das rotas comerciais. Esse detalhe religioso, longe de ser trivial, ajudaria a moldar a visão de mundo da jovem princesa, marcada por uma rara tolerância religiosa em uma época de conflitos constantes.

O destino de seu povo mudaria quando entrou em choque com o poder crescente de Genghis Khan. Após a derrota dos kereit, muitos de seus membros foram absorvidos pelo império mongol. Como era comum na política das estepes, casamentos serviam para transformar antigos inimigos em aliados. Foi assim que Sorghaghtani foi dada em casamento a Tolui, o filho mais novo de Gengis Khan.

À primeira vista, tratava-se apenas de mais uma união estratégica dentro de uma dinastia que crescia rapidamente. Tolui era um príncipe poderoso, comandante militar respeitado e guardião das terras centrais do império. No entanto, o casamento revelaria algo incomum: Sorghaghtani não era apenas uma consorte. Era uma mulher de rara inteligência política.



IMAGEM GERADA POR IA "usando FREEPIK, sob a direção de Tônia Lavínia, Criada em 23/03/2026"



IMAGEM GERADA POR IA "usando SEAArt.AI, sob a direção de Tônia Lavínia, Criada em 23/03/2026"



IMAGEM GERADA POR IA "usando FREEPIK, sob a direção de Tônia Lavínia, Criada em 23/03/2026"

As crônicas persas e chinesas que narraram a expansão mongol descrevem-na como prudente, culta e extraordinariamente habilidosa na administração. Embora fosse cristã nestoriana, Sorghaghtani patrocinava monges budistas, sacerdotes cristãos e estudiosos muçulmanos. Em um império que reunia povos de diferentes línguas, crenças e culturas, essa postura de tolerância e pragmatismo ajudava a manter a estabilidade.



Com Tolui, Sorghaghtani teve quatro filhos: Möngke Khan, Kublai Khan, Hulagu Khan e Ariq Böke. Naquele momento, ninguém poderia imaginar que aqueles meninos, criados entre tendas e cavalgadas pelas estepes, se tornariam governantes de regiões que iam da China até o Oriente Médio.

A morte de Tolui, em 1232, mudou completamente o rumo da vida de Sorghaghtani. Viúva em meio a uma família imperial repleta de rivalidades, ela poderia facilmente ter sido afastada da política. No entanto, ocorreu exatamente o contrário. Herdando vastas propriedades e responsabilidades administrativas, assumiu o controle de seus territórios com uma eficiência que chamou a atenção dos cronistas da época.

Durante o reinado de Ögedei Khan, filho de Gengis Khan e então governante supremo do império, Sorghaghtani manteve uma postura cuidadosa. Enquanto disputas internas agitavam a corte e figuras como Töregene Khatun travavam batalhas políticas abertas para influenciar a sucessão imperial, ela preferiu agir com discrição. Em vez de confrontos diretos, investiu na educação de seus filhos, na construção de alianças e na manutenção de uma rede de apoio entre generais e governadores regionais.

Esse comportamento aparentemente reservado escondia uma estratégia de longo prazo.



Quando o Grande Khan Güyük Khan morreu em 1248, o império mergulhou novamente em uma disputa pela sucessão. Era o momento em que diferentes ramos da família de Gengis Khan tentavam garantir o poder. Sorghaghtani, que por anos havia observado cuidadosamente os movimentos da corte, percebeu que a oportunidade finalmente havia chegado.

IMAGEM GERADA POR IA "usando SEAArt-AI, sob a direção de Tônia Lavínia, Criada em 23/03/2026"

Ela buscou apoio junto a um dos homens mais influentes do mundo mongol: Batu Khan, governante da Horda de Ouro e neto de Gengis Khan. A aliança foi decisiva. Com o respaldo de Batu e de outros líderes mongóis, seu filho Möngke foi eleito Grande Khan em 1251.

A vitória consolidou o poder da linhagem de Tolui dentro do império. Sob o governo de Möngke e de seus irmãos, o mundo mongol alcançaria uma extensão territorial sem precedentes. Kublai conquistaria a China e fundaria a dinastia Yuan. Hulagu marcharia para o oeste, derrubando reinos e estabelecendo o Ilcanato na Pérsia. Ariq Böke, por sua vez, se tornaria um importante rival político durante as disputas internas que se seguiram.

Sorghaghtani não viveria muito tempo para testemunhar toda a dimensão desse legado. Ela morreu por volta de 1252, pouco depois da ascensão de Möngke ao trono supremo. Ainda assim, sua influência já havia deixado marcas profundas

“E talvez seja justamente por isso que as histórias dessas mulheres continuam ecoando através dos séculos.

Porque impérios podem nascer da guerra, mas são a inteligência, a paciência e a visão de algumas poucas pessoas que ensinam o mundo a durar.”

na história do império.

O historiador persa Ata-Malik Juvayni escreveu sobre ela com admiração incomum para os padrões da época. Em suas palavras, nenhuma mulher no mundo possuía tanta sabedoria e habilidade política.

Talvez essa seja a melhor forma de compreender Sorghaghtani Beki. Em uma época dominada por guerreiros e conquistadores, ela demonstrou que o poder nem sempre precisa se anunciar com o barulho das armas. Às vezes, ele se constrói em silêncio — na educação dos filhos, na escolha das alianças certas e na paciência de quem sabe esperar o momento exato de agir.

E quando esse momento chega, o mundo pode mudar.

Não por causa de uma batalha.

Mas por causa de uma mulher que soube, melhor do que ninguém, como governar o futuro.

Trecho inspirado nos cronistas persas do século XIII

Entre os muitos povos que o destino reuniu sob o estandarte dos filhos das estepes, ergueram-se guerreiros de grande coragem e príncipes de vasto poder.

Ainda assim, a verdadeira grandeza nem sempre se encontra no estrondo das batalhas ou no galope dos cavalos.

Às vezes ela habita o silêncio de uma mente prudente, na paciência de quem observa o curso do mundo e compreende que os impérios não se sustentam apenas pela espada, mas também pela sabedoria.

Assim foi com certas mulheres da casa de Gengis, cuja inteligência e firmeza guiaram destinos que se estendiam do nascer ao pôr do sol.

Pois o poder que nasce da força pode conquistar a terra, mas é o poder da razão que ensina um império a durar.

Ata-Malik Juvayni

LADYLENE APARECIDA

INSTAGRAM



COLUNAS E COLUNISTAS



POST NO SITE



À PO

Poésie



PAÍSES PAR

Poetry



Poesía



Poesia



Poëzie



Poesia



Poesía



Poësie



Поэзия



Poesia



Şiir



Poesía



Poesia



Poesía



Poesía



Poetry



Poesie



Poesía



POESIA

PARTICIPANTES

Poesía



Mga tula



Поэзия



Poesía



Poesia



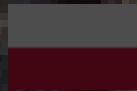
Poesía



Poetry



Poezja



Poesía



Poesía



Poesía



Poesi



Poesia



Poetry



رعرشلا



Poesía



Poesía



Ποίηση



Poesía





Edna Lessa



Natural de Fortaleza, Ceará, professora da Rede Estadual de Ensino, professora da rede estadual, escritora e poeta. Graduada em História e Geografia, é especialista em Gestão da Educação Pública e ocupa atualmente a vice-presidência da Academia Tauaense de Letras (ATL). Atualmente, exerce a função de Assessora Técnica na Coordenadoria de Gestão Pedagógica do Ensino Médio (COGEM), na Secretaria da Educação do Estado do Ceará (Seduc). Autora do livro *Para Além de Mim – A Essência do Olhar*, também é co-autora de dez antologias poéticas, com destaque para *Antologia Escritoras Nordestinas* (Editora Casa de Bonecas) e *Mulherio das Letras Portugal – Poesia* (Editora In-Finita, 2021), obras que enaltecem a produção literária feminina no Brasil e no exterior. Colunista da Revista Internacional *The Bard*, compartilha sua escrita sensível e profunda por meio de seu perfil literário – um espaço dedicado a cultivar poesia, provocar reflexões e ressignificar sentimentos através da palavra.

Sentir e entender, caminhos da poesia

Você já leu algo aparentemente simples que ficou dentro de você por vários dias? Já assistiu a um filme com uma história forte e ficou revivendo, por semanas, as cenas mais marcantes, como se elas continuassem acontecendo em algum lugar na sua memória? Há algo de quase involuntário nesse movimento: o pensamento vai e volta, e com ele as emoções nos atravessam e vamos nos permitindo sentir. Assim é a poesia. Muitas vezes, ela é sentida antes de ser compreendida. Primeiro, ela nos toca. Só depois, inevitavelmente,

te, se revela.

A partir desta edição, queremos ampliar seu olhar sobre a poesia e apresentá-la à luz de novas perspectivas. A Coluna Poetas e Poetisas vai além de apresentar poemas. Ela visa aprofundar conceitos e trazer novas abordagens sobre a poesia no mundo e a partir dessa experiência singular, responder a perguntas que julgamos essenciais:

Afinal, o que é poesia?
Em que ela se diferencia do poema?



IMAGEM GERADA POR IA "usando GROK AI, sob a direção de JB Wolf, Criada em 08/04/2026"

Há palavras que não cabem no dicionário. E há textos que não cabem na explicação. Nem tudo que é escrito em versos é poesia. E nem toda poesia precisa de versos para existir. É preciso compreender. Essa é uma das primeiras confusões e também uma das mais bonitas quando nos aproximamos do universo poético.

A poesia é abstrata e não se limita à palavra escrita. Ela é a essência, a forma de sentir e perceber o mundo. Está no olhar contemplativo, na emoção que encontra voz no silêncio que ecoa na alma. A poesia está em tudo que vivemos, mas é preciso sensibilidade para sentir. Ela pode habitar em versos e gestos e ser vivida numa imagem, numa memória. Pode existir em músicas, pinturas ou na natureza, sem ser um poema. É, antes de tudo, uma experiência estética e sensível, que amplia a realidade e nos convida a entendê-la com mais profundidade.

O poema, por sua vez, é o que se lê, a materialização dessa experiência. É o texto físico, a estrutura em versos e estrofes. É a poesia organizada em palavras, estruturada em versos, ritmos, imagens e silêncios. Se a poesia é essência, o poema é forma. Se a poesia é aquilo que sen-



IMAGEM GERADA POR IA "usando GROK.AI, sob a direção de J.B Wolf, Criada em 08/04/2026"

timos, o poema é o corpo que tenta dar contorno a esse sentir.

Essa distinção, embora sutil, é fundamental. Nem todo poema alcança a poesia quando lhe falta intensidade, verdade ou pulsação. E, por outro lado, a poesia pode existir fora do poema, revelando-se em outras linguagens e manifestações artísticas, ou mesmo nos instantes mais simples da vida cotidiana.

Ao longo da história, diferentes correntes literárias buscaram compreender e definir a poesia, mas nenhuma conseguiu aprisioná-la por completo. Isso porque sua natureza é, justamente, a liberdade. A poesia escapa, transborda, reinventa-se. Ela não obedece apenas a regras, embora possa dialogar com elas, mas nasce, sobretudo, da necessidade humana de expressar emoções.

Na revista Poetas e Poetisas da The Bard, este espaço nasce com o propósito de aproximar o leitor dessa experiência viva. Mais do que apresentar textos, deseja-se cultivar encontros: entre palavras e sentimentos, entre autores e leitores, entre o mundo externo e aquilo que silenciosamente nos habita. Porque, no fim, compreender a poesia não é apenas saber defini-la. É permitir-se senti-la. Estamos convictos de que a poesia não explica o mundo, mas nos ensina a habitá-lo com mais profundidade.

Existe lugar no mundo onde a palavra deixa de ser apenas palavra e se torna travessia. É nesse lugar que nasce a poesia.

A coluna Poetas e Poetisas surge como um convite sensível e, ao mesmo tempo, poderoso: um chamado para sentir. Porque antes de ser escrita, a poesia é pulsação, é emoção, é respiração funda, é aquilo que nos atravessa quando o silêncio incomoda e anseia por sair como palavras em versos.



IMAGEM GERADA POR IA "usando GROK.AI, sob a direção de J.B Wolf, Criada em 08/04/2026"



Ela habita o intervalo entre o que somos e o que ainda não conseguimos dizer. A poesia nos devolve calma, um fôlego necessário para viver em um tempo onde tudo pede pressa, é uma pausa para o sentir, o calar e o falar através de uma escrita que amplia quem somos. Cada verso é um gesto de coragem. Cada poema, uma forma de permanecer humano.

Nesta coluna, reunimos vozes que escrevem não apenas com tinta, mas com vivência. Poetas e poetisas que

transformam dores em linguagem, alegrias em permanência, e instantes em eternidade. Aqui, não há uma única forma de sentir, há infinitas possibilidades.

Desejo que, ao percorrer cada poema, algo dentro de você desperte, não como resposta, mas como expansão. Que este espaço seja encontro e abrigo para você, cara/o leitora/o.

Abraços poéticos,

Edna Lessa

LIVRO DA AUTORA

ACESSE A VITRINE THE BARD



[Clique aqui](#)

COLUNISTA EDNA LESSA

INSTAGRAM





EDNA LESSA

Cidade: Fortaleza
Estado: Ceará
País: Brasil



A POESIA EM MIM

A poesia em mim, silencia...
Inspiro, aprecio e sinto!
Sinto o que vejo
Vejo o que sinto.

O que é o olhar, senão a extensão de mim?

A poesia em mim, grita...
As palavras, expressão dos meus sentimentos
Se formam como ondas no mar
Já não posso calar...

O silêncio é necessário
As palavras também
Ambos, em seu tempo
E com sua medida

Ora o silêncio.
Ora a fala.
Ora o grito.

Mas por agora,
Genuinamente, a poesia.



COLUNAS E COLUNISTAS

POST NO SITE





PIETRO COSTA

Cidade: Brasília
Estado: Distrito Federal
País: Brasil



MANIFESTO LABVERSO

Poesia não é ornamento sonoro,
não é só rima que se encaixa
ou metáfora que se exhibe.
Não nos interessa
o adjetivo que enfeita.
Preferimos o verbo
que move a mobília do mundo.

Não nos serve a explicação polida.
Desejamos a tensão elétrica
entre duas palavras
que quase se tocam
e faíscam.

Aqui, ideia não desfila conceito:
vira corpo, gesto sem jeito,
cena atravessando a sala.

O cérebro entra em combustão lúcida,
sinapses suadas,
o pensamento com odor de ferrugem
e perfume de madrugada.

O afeto não é abstração domesticada:
é carne viva sobre a mesa, é pulso visível,
é cicatriz que ainda conversa com o dedo.

Troca-se o adjetivo pela ação.
Troca-se a tese pela imagem.
Troca-se o conforto da explicação
pela vertigem da pergunta.

O poema não descreve o incêndio:
ele queima.
Não fala da chuva,
mas molha o leitor.
Não teoriza o abismo;
abre-o sob os pés.

Texto com textura:
áspero como parede antiga,
úmido como orvalho
nas xícaras da madrugada,
denso como sentença
que não cabe no papel.

LabVerso não escreve
para decorar a estante.
Escreve para deslocar o eixo.

INSTAGRAM



POST NO SITE



APOIADOR(A) THE BARD



EDUARDO GRABOVSKI

Campina Grande do Sul
Estado: Paraná
País: Brasil



HARMONIZE A DOPAMINA

Pensar em harmonia com o futuro;
Estabiliza o foco no presente;
Ah como seria bom não ser ausente;
Estar a par sem freio impuro.

Fujo do vazio da consciência inerte;
Refliro diaramente em estilo money peace.
Não descorro de gastos ou excessos;
Me refiro a luz, intensidade e versatilidade.

É que o no final do dia, seu cansaço desfreia;
Sua dopamina escassa é diminuída;
A cafeína ou doce que você deglutina;
Formas de fuga que você não refreia.

Emitem em sons e zumbidos, ao pé do ouvido;
Iguais sirenes de ônibus, ou fim de turno estendido;
Molduram na mente o desejo escondido.
De não amanhecer e reviver o aludido.

Refliro sobre seus dias e se permita.
Restastar mais saudável em novo dia.

INSTAGRAM



POST NO SITE





RILNETE MELO

Cidade: Pindaré Mirim
Estado: Maranhão
País: Brasil



MIRAGEM

Nas horas quentes,
dos desertos
sobre cactos,
alfinetando o corpo,
caminha
a humanidade,
nos sóis da
existência.

não fosse
a ótica crédula
dos meus olhos,
cravada na poesia,
seria ínfimo
o reflexo de mundo,
que me atravessaria.

INSTAGRAM



POST NO SITE





RUTE ELLA

Cidade: São Paulo
Estado: São Paulo
País: Brasil



ENTRE O VOO E OS TELÚRICOS

O homem de espírito assemelha-se ao príncipe das nuvens.

O voo lhe é arte de contemplação, não evasão.
Nasceu para alturas instáveis, para a prova das tempestades,
onde o pensamento se afia
e a dúvida encontra sua razão.

No ar, incita olhares, desloca convicções.
Pensar alto desorganiza fundações.
Descer, porém, é enfrentar a fragilidade do chão.
Entre os telúricos, o conflito se faz carne:
presos à gravidade do imediato,
incitam o caos na incompreensão do poema.

Confundem asas com excesso,
silêncio com condenação extrema.
As asas do homem de espírito o impedem de andar.

Vivo nos ares,
é humilhado entre os pés.
Não é o corpo que sangra primeiro,
mas o pensamento —
onde o golpe é mais cortês e mais cruel ao mesmo tempo.

Há vaias,
e uma graça amarga sedimentada
na alma endurecida dos que só creem
no que pode ser pisado.
Com o tempo, já não há ave nem cena.
Resta o espaço.
O branco do ocaso.
O lugar onde o voo não se explica,
não se negocia, permanece —
inteiro no indizível.

INSTAGRAM



POST NO SITE





MÁRCIA NEVES

Cidade: São Vicente
Estado: São Paulo
País: Brasil



RESISTÊNCIA

As palavras que surgem
tocam o coração
do homem que sente
enquanto os olhos
dizem simplesmente
o lado crível
de suas manifestações.

As palavras que nascem
tocam a boca
do homem que pensa
enquanto sua voz
diz somente
o lado inventado
de suas emoções.

As palavras que brotam
dos olhos da emoção
traduzem veemente
a voz que ecoa
de suas percepções.

E as palavras resistem
no coração do homem
que sente -
somentemente.

INSTAGRAM



POST NO SITE





J.B WOLF

Cidade: Brasília
Estado: Distrito Federal
País: Brasil



ESPELHO DAS ALMAS

Reciprocidade, ó lei sagrada do universo,
que tezes o fio invisível entre dois corações,
és tu quem transforma encontros em destino
e soledades paralelas em abraços convergentes.

Não és mera troca de moedas gastas,
nem cálculo frio que equaciona sentimentos,
mas dança ancestral onde ambos os passos
possuem igual importância e beleza.

Quando uma alma dá com generosidade,
e a outra recebe com grato reconhecimento,
nasce nesse espaço luminoso
a verdadeira comunhão entre seres.

Reciprocidade é o espelho que reflete
não apenas o que oferecemos,
mas quem nos tornamos no ato de dar,
e quem nos renovamos ao receber.

Há beleza sublime em ceder espaço
para que o outro brilhe em sua plenitude,
em celebrar seu crescimento como próprio,
em colher frutos da sementeira compartilhada.

Mas quantas vidas se consomem esperando
que a balança se equilibre novamente,
que o dar retorne transformado em receber,
e o silêncio se torne palavra de amor?

Reciprocidade verdadeira exige coragem:
a de amar sem garantia de retorno,
a de confiar que o universo vela
por aqueles que semeiam com integridade.

Que sejas bendita, ó reciprocidade justa,
que ensinas que dar e receber são um só ato,
que transformas duas jornadas solitárias
numa sinfonia de duas vozes em harmonia.

WOLFBIO

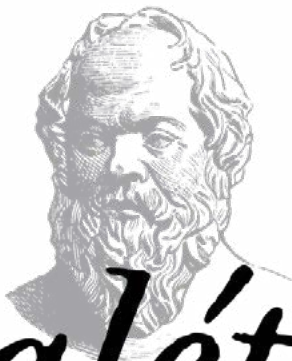


POST NO SITE



COLUNA

Dialética



24



CLAYTON ZOCARATO



Possui graduação em Licenciatura em História pelo Centro Universitário Central Paulista (2005) - Unicep - São Carlos - SP, graduação em Filosofia pelo Centro Universitário Claretiano (2016) - Ceucar - Campus de São José do Rio Preto - SP.. Escrevo regularmente para o site www.recantodasletras.com.br usando o pseudônimo ZACCAZ, mesclando poesia surrealista, com haikais e aldravias..Formado Especialista em Medina y Arte com ênfase em Gilles Deleuze e Equizoanálise onde é também pesquisador do Centro de Medicina y Arte de Rosário - Argentina.

Tipografia, Livro e Leitura: A Construção do Pensamento Crítico no Brasil

A história da tipografia no Brasil é, antes de tudo, a história da luta pelo acesso à palavra.

Durante séculos, o território brasileiro viveu sob um regime de silêncio imposto pela ausência de imprensa. Até o início do século XIX, a circulação de ideias escritas era rigidamente controlada pela metrópole portuguesa, que proibia a ins-

talação de tipografias na colônia. Esse atraso não foi apenas técnico, mas profundamente político e cultural: sem imprensa, não havia espaço para o debate público, para a circulação de ideias filosóficas ou para a formação de uma consciência crítica coletiva.

A chegada da família real portuguesa em 1808 marca um ponto de inflexão decisivo.

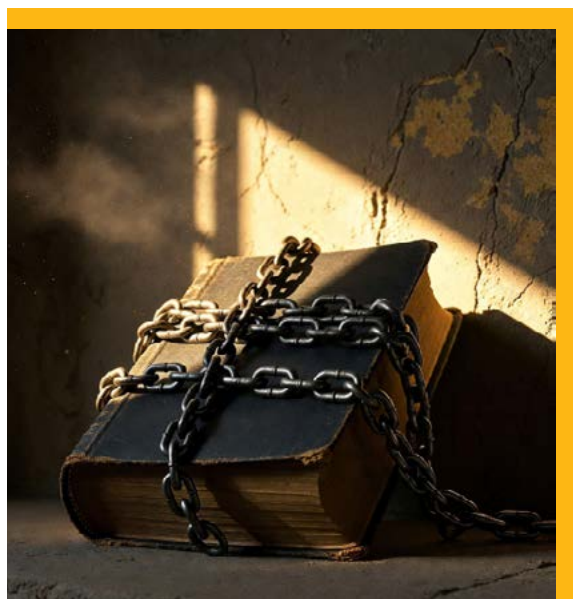


IMAGEM GERADA POR IA "usando GROK.AI, sob a direção de J.B Wolf, Criada em 23/04/2026"



IMAGEM GERADA POR IA "usando GROK.AI, sob a direção de J.B Wolf, Criada em 23/04/2026"

Com a instalação da Impressão Régia no Rio de Janeiro, inaugura-se oficialmente a tipografia no Brasil. A partir desse momento, a palavra impressa passa a desempenhar um papel fundamental na organização social, na difusão do conhecimento e na construção de uma identidade nacional. Ainda que inicialmente restrita às elites letradas, a imprensa abriu caminho para a circulação de ideias iluministas, liberais e posteriormente republicanas, contribuindo para a formação de um pensamento crítico brasileiro.

A tipografia, nesse contexto, não deve ser entendida apenas como técnica de impressão, mas como tecnologia de mediação cultural. **Como argumenta Marshall McLuhan, os meios de comunicação moldam as formas de percepção e organização do pensamento.** A imprensa tipográfica, ao fixar a palavra no papel, transforma o conhecimento em algo replicável, durável e potencialmente acessível.

No Brasil, essa transformação foi lenta, desigual e marcada por profundas contradições sociais, mas ainda assim decisiva para o surgimento de uma esfera pública.

No século XIX, jornais, panfletos e livros tornam-se instrumentos centrais na difusão de ideias políticas e literárias. A imprensa participa ativamente dos debates sobre independência, abolição da escravatura e formação do Estado nacional.

Intelectuais e escritores utilizam a palavra impressa como forma de intervenção social. A literatura, nesse período, desempenha um papel fundamental na construção de uma consciência nacional, como se observa nas obras de autores românticos que buscavam definir uma identidade brasileira.

Ao longo do tempo, a tipografia também se relaciona com a expansão da educação formal. A ampliação do acesso à leitura e à escrita é condição essencial para a democratização da informação.

No entanto, o Brasil sempre enfrentou desafios estruturais nesse campo, como o analfabetismo e a desigualdade social. Mesmo assim, a circulação de livros e jornais contribuiu para a formação de leitores críticos, ainda que em número limitado.



IMAGEM GERADA POR IA "usando GROK.AI, sob a direção de J.B Wolf, Criada em 23/04/2026"

No final do século XIX e início do século XX, com o avanço das técnicas de impressão e a urbanização crescente, a imprensa se diversifica e se amplia. Surgem novos gêneros jornalísticos, revistas culturais e editoras. A tipografia passa a dialogar com outras for-

mas de expressão, incorporando elementos visuais e gráficos que ampliam o alcance da mensagem. Nesse contexto, a palavra impressa deixa de ser apenas veículo de informação para se tornar também instrumento estético e político.

A literatura brasileira do período modernista exemplifica bem essa transformação. O movimento modernista, especialmente a partir da Semana de Arte Moderna de 1922, rompe com padrões tradicionais e busca novas formas de expressão.

A tipografia, nesse contexto, é explorada como recurso criativo, refletindo uma nova sensibilidade estética e uma postura crítica em relação à realidade social. A palavra impressa torna-se espaço de experimentação e contestação.

Do ponto de vista filosófico, a circulação de textos também desempenha um papel central na formação do pensamento crítico brasileiro. Ideias provenientes do Iluminismo, do positivismo e posteriormente do marxismo e do existencialismo encontram no livro e na imprensa seus principais veículos de difusão. Esses referenciais teóricos influenciam intelectuais, educadores e movimentos sociais, contribuindo para a construção de uma tradição crítica no país.



IMAGEM GERADA POR IA "usando GROK AI, sob a direção de J.B Wolf, Criada em 25/04/2026"

No século XX, especialmente a partir da década de 1930, a expansão do sistema educacional e o desenvolvimento da indústria editorial ampliam significativamente o acesso à leitura. Editoras passam a investir em coleções populares, tornando livros mais acessíveis economicamente. Ao mesmo tempo, bibliotecas públicas e escolares desempenham um papel importante na democratização do conhecimento.

Entretanto, esse processo não ocorre de forma linear. Períodos autoritários, como o Estado Novo e a ditadura militar, impõem censura e controle sobre a circulação de informações. A tipografia, nesse contexto, assume também um papel de resistência.

Jornais alternativos, publicações clandestinas e literatura engajada tornam-se instrumentos de contestação política. A palavra impressa volta a ser, como em seus primórdios, um espaço de disputa pelo poder simbólico.



IMAGEM GERADA POR IA "usando GROK AI, sob a direção de J.B Wolf, Criada em 25/04/2026"

A relação entre tipografia e democratização da informação também pode ser analisada a partir da perspectiva de Pierre Bourdieu, que destaca o papel do capital cultural na reprodução das desigualdades sociais.

No Brasil, o acesso à leitura e à escrita sempre esteve profundamente ligado à posição social dos indivíduos. Assim, embora a tipografia tenha ampliado as possibilidades de circulação do conhecimento, ela não eliminou as barreiras estruturais

que limitam o acesso à informação.

Paulo Freire, por sua vez, oferece uma perspectiva fundamental para compreender o papel da leitura na formação crítica.

Para ele, a leitura do mundo precede a leitura da palavra, e a alfabetização deve ser entendida como processo de conscientização. Nesse sentido, a tipografia só cumpre plenamente seu papel democratizador quando articulada a práticas educativas que promovam

a reflexão crítica e a autonomia dos sujeitos.

No contexto contemporâneo, a tipografia convive com novas tecnologias digitais que transformam profundamente as formas de produção e circulação da informação. Ainda assim, o legado da cultura impressa permanece relevante. O livro, o jornal e outros suportes tipográficos continuam sendo referências importantes na construção do conhecimento e na formação do pensamento crítico.

A democratização da informação no Brasil é, portanto, um processo histórico complexo, no qual a tipografia desempenha um papel central, mas não exclusivo. Ela atua como mediadora entre autores e leitores, entre ideias e sociedade, entre silêncio e expressão. Ao longo da história, a palavra impressa contribuiu para a formação de uma consciência crítica, ainda que limitada por desigualdades persistentes.

Assim, do silêncio imposto pela ausência de imprensa à multiplicidade de vozes que circulam nas páginas impressas, a tipografia se revela como instrumento fundamental na construção do pensamento brasileiro. Mais do que uma técnica, ela é um elemento estruturante da vida cultural e intelectual do país, participando ativamente da luta pela democratização do conhecimento e pela formação de uma sociedade mais crítica e consciente.



IMAGEM GERADA POR IA "usando GROK.AI, sob a direção de J.B Wolf, Criada em 23/04/2026"



IMAGEM GERADA POR IA "usando GROK.AI, sob a direção de J.B Wolf, Criada em 23/04/2026"

A partir desse percurso histórico, torna-se necessário aprofundar a compreensão da tipografia não apenas como instrumento técnico ou meio de difusão cultural, mas como elemento constitutivo das práticas sociais que moldaram o Brasil contemporâneo.

A ampliação da cultura impressa, sobretudo ao longo do século XX, intensificou a circulação de discursos diversos,

permitindo que vozes antes marginalizadas começassem, ainda que de forma desigual, a ocupar espaço no debate público. Essa ampliação não se deu sem tensões, pois o controle dos meios de produção tipográfica continuou, em grande medida, concentrado em grupos economicamente privilegiados, o que reforça a análise mais uma vez de Pierre Bourdieu **sobre os mecanismos de reprodução simbólica.**

Nesse cenário, a literatura desempenhou um papel singular ao tensionar os limites impostos pela estrutura social. Autores como Machado de Assis, Lima Barreto e Graciliano Ramos utilizaram a palavra impressa não apenas como forma estética, mas como ferramenta crítica capaz de revelar contradições profundas da sociedade brasileira. Suas obras, amplamente difundidas por meio da tipografia, contribuíram para a formação de um leitor mais atento às desigualdades sociais, às relações de poder e às ambiguidades da identidade nacional. A imprensa e o livro, nesse sentido, funcionaram como espaços de elaboração simbólica, onde o Brasil pôde se pensar e se narrar.

Ao lado da literatura, o pensamento filosófico e sociológico encontrou na tipografia seu principal meio de difusão. O positivismo, por exemplo, teve forte influência na formação da República e na organização das instituições brasileiras, sendo amplamente difundido por meio de livros, jornais e revistas. Já no século XX, a introdução do pensamento marxista e de teorias críticas ampliou o horizonte interpretativo sobre a realidade social, contribuindo para o surgimento de uma tradição intelectual engajada.

A consolidação das universidades brasileiras, especialmente a partir da década de 1930, também está intimamente ligada ao desenvolvimento da cultura tipográfica. A produção acadêmica, organizada em livros, periódicos e revistas científicas, tornou-se fundamental para a construção do conhecimento sistematizado no país. A tipografia, nesse contexto, assume um papel central na legitimação do saber, pois é por meio da publicação que o conhecimento se torna reconhecido, circula e se insere em redes mais amplas de debate.

Outro aspecto relevante diz respeito à relação entre tipografia e formação de leitores. A democratização da informação não depende apenas da existência de meios de impressão, mas da capacidade da população de acessar, compreender e interpretar os conteúdos disponíveis. Nesse sentido, a escola desempenha um papel decisivo na necessidade de uma educação que vá além da decodificação da palavra, promovendo a leitura crítica da realidade. A tipografia, portanto, só cumpre sua função social quando articulada a práticas educativas emancipadoras.

A expansão do mercado editorial ao longo do século XX contribuiu para diversificar os tipos de publicações disponíveis. Surgem livros didáticos, literatura infantil, obras de divulgação científica, além de coleções populares que buscavam atingir um público mais amplo. Essa diversificação ampliou o alcance da cultura escrita, permitindo que diferentes segmentos da população tivessem contato com o universo letrado. No entanto, persistem desigualdades regionais e sociais que limitam o acesso pleno à informação, evidenciando que a democratização promovida pela tipografia é, ainda hoje, um processo incompleto.

Durante o período da ditadura militar, a tipografia assumiu um papel ambíguo.



IMAGEM GERADA POR IA "usando GROUND, sob a direção de LB Wolf, Criada em 23/01/2026"

De um lado, foi instrumento de controle, por meio da censura e da vigilância sobre publicações. De outro, tornou-se ferramenta de resistência, com a circulação de jornais alternativos, panfletos e livros proibidos. A chamada imprensa alternativa desempenhou um papel fundamental na denúncia de abusos e na manutenção de um espaço crítico em meio à

repressão. A palavra impressa, nesse contexto, reafirma seu potencial político, funcionando como meio de contestação e de preservação da memória.

Com a redemocratização, a partir da década de 1980, observa-se uma ampliação significativa da liberdade de expressão e da diversidade de vozes na esfera pública.



IMAGEM GERADA POR IA "usando GROK.AI, sob a direção de J.B Wolf, Criada em 23/04/2026"



IMAGEM GERADA POR IA "usando GROK.AI, sob a direção de J.B Wolf, Criada em 23/04/2026"

A Constituição de 1988 garante o direito à informação e à livre manifestação do pensamento, criando condições mais favoráveis para a circulação de ideias. A tipografia, aliada a novos meios de comunicação, contribuiu para a consolidação de uma cultura democrática, ainda que marcada por desafios estruturais.

No final do século XX e início do século XXI, a emergência das tecnologias digitais redefine profundamente o papel da tipografia. Embora o suporte físico do papel perca centralidade em alguns contextos, os princípios tipográficos continuam presentes na organização da informação nos meios digitais. A leitura em telas, a diagramação de textos e a produção editorial eletrônica mantêm uma relação direta com a tradição tipográfica. Assim, longe de desaparecer, a tipografia se transforma e se adapta às novas condições tecnológicas.



IMAGEM GERADA POR IA "usando GROK.AI, sob a direção de J.B Wolf, Criada em 23/04/2026"

Essa transição para o digital amplia exponencialmente o acesso à informação, mas também coloca novos desafios. A abundância de conteúdos disponíveis nem sempre se traduz em qualidade ou confiabilidade. Nesse cenário, a formação de um pensamento crítico torna-se ainda mais necessária. A tradição construída ao longo da história da cultura impressa, com seus critérios de validação e suas práticas editoriais, pode oferecer referências importantes para lidar com o excesso informacional

contemporâneo.

A literatura e a filosofia continuam desempenhando um papel essencial nesse contexto. A leitura de obras clássicas e contemporâneas permite o desenvolvimento da capacidade de análise, interpretação e reflexão. Autores brasileiros e estrangeiros, difundidos inicialmente pela tipografia tradicional e hoje também por meios digitais, contribuem para a formação de uma consciência crítica capaz de enfrentar os desafios do presente.

Além disso, é importante destacar o papel das políticas públicas na promoção do acesso ao livro e à leitura. Programas governamentais, feiras literárias, bibliotecas públicas e iniciativas comunitárias desempenham um papel fundamental na democratização da cultura escrita. A tipografia, nesse sentido, depende de um conjunto mais amplo de ações sociais e políticas para cumprir plenamente sua função.

A relação entre tipografia, literatura e filosofia na formação do pensamento crítico brasileiro revela, portanto, um processo dinâmico e multifacetado. Desde a introdução tardia da imprensa até a contemporaneidade digital, a palavra impressa tem sido instrumento de transformação social, ainda que atravessada por desigualdades e conflitos. O Brasil construiu, ao longo de sua história, uma tradição intelectual que se apoia fortemente na circulação de textos, na leitura e no debate público.

Ao considerar esse percurso, torna-se evidente que a democratização da informação não é um ponto de chegada, mas um processo contínuo. A tipografia, em suas múltiplas formas, continua a desempenhar um papel central nessa trajetória, mediando a relação entre conhecimento e sociedade.

A formação do pensamento crítico brasileiro, por sua vez, depende não apenas do acesso à informação, mas da capacidade de questioná-la, interpretá-la e transformá-la em ação consciente.

Dessa forma, do silêncio colonial à complexidade do mundo contemporâneo, a tipografia se mantém como elemento fundamental na construção da vida intelectual brasileira. Ela não apenas registra a história, mas participa ativamente de sua construção, ao possibilitar que ideias circulem, se confrontem e se renovem. Em um país marcado por profundas desigualdades, a luta pela democratização da informação permanece atual, e a palavra — impressa ou digital — continua sendo uma das principais ferramentas dessa transformação.

Ao aprofundar a análise da história do livro e da leitura no Brasil, torna-se indispensável situá-la em um contexto mais amplo, que ultrapassa as fronteiras nacionais e se insere na longa duração



IMAGEM GERADA POR IA usando GROK.AI, sob a direção de J.B Wölf, Criada em 23/04/2026

da cultura escrita no Ocidente. O livro, enquanto objeto material e simbólico, passou por transformações significativas desde os manuscritos medievais até a consolidação da imprensa tipográfica com Johannes Gutenberg no século XV. Essa revolução técnica não apenas ampliou a produção de livros, mas alterou profundamente as práticas de leitura, como demonstram estudos clássicos de Roger Chartier e Robert Darnton, que analisam o livro como artefato cultural inserido em redes de produção, circulação e apropriação.

No Brasil, essa história assume contornos particulares devido à tardia introdução da imprensa e às condições sociais que limitaram o acesso à leitura. Durante o período colonial, os poucos livros que circulavam eram importados e restritos a círculos religiosos ou administrativos. A leitura, nesse contexto, era uma prática elitizada, frequentemente associada à formação clerical ou às necessidades burocráticas da administração colonial. Como aponta Laurence Hallewell, a ausência de uma indústria editorial local retardou significativamente a formação de um público leitor mais amplo.



IMAGEM GERADA POR IA *usando GROK.AI, sob a direção de J.B Wolf, Criada em 23/04/2026*

No entanto, como destacam estudiosos da história da leitura, o aumento da produção não implica automaticamente a democratização do acesso. **Roger Chartier enfatiza que é necessário distinguir entre a disponibilidade material dos textos e as formas efetivas de apropriação pelos leitores.** No Brasil, essa distinção é particularmente relevante, pois a alfabetização permaneceu limitada por muito tempo, restringindo o impacto social da cultura impressa.

Ao longo do século XIX, observa-se a formação de práticas de leitura mais diversificadas, acompanhando o crescimento das cidades e a ampliação dos espaços de sociabilidade. Gabinetes de leitura, bibliotecas e livrarias tornam-se locais importantes de circulação de livros e ideias.

A leitura deixa de ser apenas uma atividade individual e silenciosa, passando a integrar práticas coletivas, como a leitura em voz alta e o compartilhamento de textos em grupos sociais. Essa dimensão social da leitura é ressaltada por Robert Darnton, que propõe compreender o circuito do livro como um sistema que envolve autores, editores, impressores, distribuidores e

leitores.

No Brasil, esse circuito foi historicamente marcado por desigualdades regionais e sociais, mas ainda assim desempenhou um papel fundamental na formação de uma cultura letrada. A literatura, amplamente difundida por meio do livro, contribuiu para a construção de imaginários sociais e identidades coletivas. **Antonio Candido, ao analisar a formação da literatura brasileira, destaca a importância da circulação de obras para a consolidação de um sistema literário nacional, no qual autores, leitores e instituições se articulam em um processo dinâmico.**

A leitura, por sua vez, não pode ser entendida apenas como decodificação de signos, mas como prática interpretativa e cultural. Nesse sentido, as contribuições de Wolfgang Iser e Hans Robert Jauss, ligados à **estética da recepção**, são fundamentais para compreender o papel ativo do leitor na construção do sentido do texto. Embora esses teóricos não sejam brasileiros, suas ideias influenciaram significativamente os estudos literários no país, contribuindo para uma visão mais complexa da leitura como processo interativo.

No século XX, a expansão do sistema educacional brasileiro e o crescimento do mercado editorial favoreceram o aumento do número de leitores. Programas de alfabetização, políticas públicas voltadas ao livro e iniciativas editoriais ampliaram o acesso à leitura, ainda que de forma desigual.

A história do livro no Brasil também é marcada pela diversidade de gêneros e suportes. Além da literatura canônica, ganham espaço livros didáticos, obras de divulgação científica, literatura de cordel e outras formas populares de expressão escrita. Esses diferentes tipos de publicação ampliam o alcance

da cultura letrada, permitindo que grupos sociais diversos se apropriem da escrita de maneiras próprias. A tipografia, nesse contexto, funciona como mediadora entre diferentes formas de conhecimento, articulando saberes eruditos e populares.

Outro aspecto relevante é a materialidade do livro, que influencia diretamente as práticas de leitura. O formato, o tipo de papel, a tipografia utilizada e a organização do texto são elementos que condicionam a experiência do leitor. No Brasil, a evolução das técnicas de impressão e encadernação contribuiu para tornar o livro mais acessível e atraente, ampliando seu público potencial.



IMAGEM GERADA POR IA "usando GROK.AI, sob a direção de J.B Wolf, Criada em 23/04/2026"



IMAGEM GERADA POR IA "usando GROK.AI, sob a direção de J.B Wolf, Criada em 23/04/2026"

Na contemporaneidade, a história do livro e da leitura enfrenta novos desafios com a digitalização. O surgimento de e-books, plataformas digitais e bibliotecas virtuais redefine as formas de acesso e de interação com os textos. No entanto, como observam diversos teóricos, essas mudanças não representam uma ruptura total, mas uma reconfiguração das práticas existentes. A leitura continua sendo uma atividade central na formação do pensamento crítico, independentemente do suporte utilizado.

Assim, ao realçar a história do livro e da leitura, evidencia-se que a tipografia foi apenas o ponto de partida de um processo mais amplo, que envolve práticas sociais, instituições culturais e transformações tecnológicas. O livro, enquanto objeto e símbolo, permanece como um dos principais instrumentos de transmissão do conhecimento e de formação intelectual. No Brasil, sua trajetória reflete as tensões entre exclusão e democratização, entre silêncio e expressão, que marcam a história do país.

IMAGEM GERADA POR IA "usando GRCOA", sob a direção de J.B Wolff, Criada em 23/04/2026



Clayton Alexandre Zocarato

**CONHEÇAM MAIS O SEU TRABALHO,
VISITEM E ACOMPANHEM
SUAS REDES SOCIAIS**

INSTAGRAM

FACEBOOK

POST NO SITE



COLUNAS E COLUNISTAS





12



BETH BALTAR



Professora Titular do Departamento de Ciência da Informação e do Programa de Pós-Graduação em Ciência da Informação da Universidade Federal da Paraíba. Doutora em Letras pela Universidade Federal da Paraíba. Pós-Doutora em Ciência da Informação pela Universidade de São Paulo. Líder do Grupo de Pesquisa: Leitura, Organização, Representação, Produção e Uso da Informação. Membro efetivo da Academia de Cordel do Vale do Paraíba, como pesquisadora da Literatura de Cordel. Colunista da Revista Internacional The Bard e do Jornal The Bard News.

DIREITO AUTORAL NO CORDEL: MITOS E VERDADES SOBRE O ACRÓSTICO

As origens da literatura de cordel estão relacionadas ao hábito milenar de contar histórias que, aos poucos, começaram a ser escritas e, posteriormente, difundidas, através da imprensa, a exemplo do que ocorreu em diversos países.

É inegável a influência do cordel português na constituição da literatura de folhetos brasileiros, mas não podemos desconsiderar que, mesmo herdados da tradição ocidental, os folhetos de cordel brasileiros têm formas e características próprias, principalmente àquelas que versam sobre a terra,

os costumes nordestinos, fatos políticos, sociais, econômicos, assuntos religiosos, as catástrofes climáticas, além da recriação em cordel de famosas obras e escritores brasileiros eruditos.

Apesar da nebulosa origem do cordel brasileiro, Câmara Cascudo considera o paraibano Silviano Piruá de Lima o primeiro poeta (1848) a rimar as histórias tradicionais e a escrever os romances em verso. O romance de sua autoria Zezinho e Mariquinha, ou A Vingança do Sultão, foi o primeiro folheto de cordel brasileiro publicado no Brasil.



IMAGEM GERADA POR IA. Ilustração SEAAART, sob a direção de Artyl Soares Reis, criada em 09/05/2024.

O paraibano de Pombal, Leandro Gomes de Barros, faz parte da primeira geração de cordelistas e em 1893, deu início à impressão sistemática dos folhetos, entretanto, não há registros do primeiro folheto impresso por ele. Em 1921, João Martins de Athayde comprou os direitos autorais do velho poeta, falecido em 1918 e, tornou-se, durante mais de 20 anos, detentor exclusivo dos maiores clássicos da literatura de cordel, tornando-se editor proprietário.

Essa forma de edição, ou

Além da publicação das obras de Leandro, Athayde tornou-se editor também de diversos outros poetas e de seus próprios folhetos. Além das modificações no formato dos cordéis, Athayde criou uma verdadeira rede de distribuição desses impressos, que passaram a ser vendidos nas grandes cidades de vários estados. Em 1949, Athayde, já doente, vendeu os direitos de proprietário de obras de vários autores a José Bernardo da Silva, de Juazeiro do Norte, Ceará.

Os autores Paranhos, Corrêa, Bastos, Krauss e Nemer (2022) em pesquisa realizada com o objetivo de descobrir se os títulos das obras de Leandro Gomes de Barros estariam sendo atribuídos a outros Poetas, localizaram 58 títulos com autoria de 16 cordelistas, caracterizando a apropriação indébita de obra cultural. Como regra geral, o direito patrimonial perdura por toda a vida do autor e por mais setenta anos (com algumas exceções), contados do primeiro dia do ano subsequente ao do falecimento, sendo obedecida, para fins sucessórios, as regras comuns de nosso direito civil.

A ideia de garantir os direitos autorais da poesia popular deve-se fazer uso de instrumentos jurídicos que garantam a propriedade intelectual ao Poeta. A Organização Mundial da Propriedade Intelectual (OMPI) esclarece que “propriedade

os chamados “editores proprietários” geraram muita confusão, porque além de retirar, indevidamente, o nome do poeta ao reeditar o folheto de cordel, faziam modificações e/ou acréscimos nos textos sem autorização do poeta ou do seu representante. Isso era comum no final do século XIX e início do século XX, principalmente quando o folheto era considerado de “domínio público”, como ocorreu com as obras do Poeta Leandro Gomes de Barros.

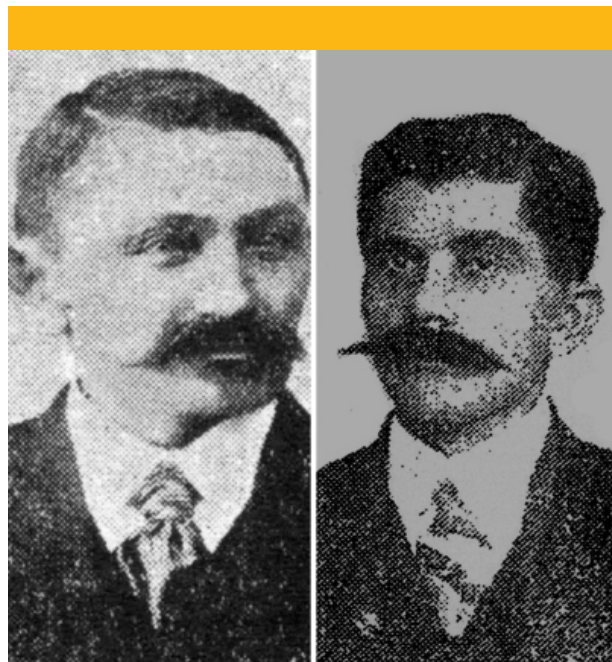


Imagem: Leandro Gomes de Barros e João Martins de Athayde por Google

de intelectual [...] refere-se a criações da mente: invenções, obras literárias e artísticas, símbolos, nomes, imagens e desenhos usados no comércio” (Organização Mundial da Propriedade Intelectual, 2026, tradução nossa, online) .



Imagem: José Bernardo da Silva por Google



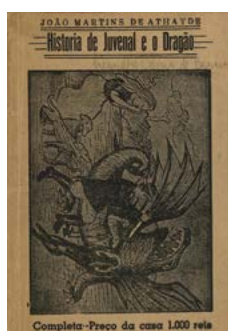
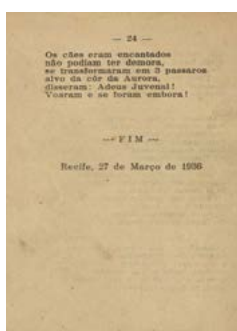
Imagens de Google

Na Literatura de Cordel, a aplicabilidade de direito do autor pode ser observada na medida em que o cordelista tem seu nome, pseudônimo ou sinal indicativo preservado e apensado à obra. É por isso que na atualidade se conhece, se referencia e se valoriza o dos grandes mestres do passado, como Leandro Gomes de Barros, Joaquim Batista de Sena, José Camelo de Melo Resende, Expedito Sebastião da Silva, Firmino Teixeira do Amaral, João Ferreira de Lima, José Pacheco, Manoel Camilo dos Santos, Severino Milanês da Silva, Hermes Vieira e tantos outros.

As formas mais recentes de edição seguem princípios igualmente muito variáveis, como o ilustram essas diversas capas de uma composição de Leandro Gomes de Barros, História de Juvenal e o dragão. Reproduzimos aqui uma versão histórica, com reapropriação da autoria por João Martins de Athayde e reinvenção da data de composição, que varia de um folheto para outro: 27 de março de 1936, mas 11 de agosto de 1939.



Imagens de Google



A versão reeditada por José Bernardo da Silva apagou o nome do Poeta, enquanto menciona a propriedade pelos filhos de José Bernardo Silva.

Como exposto, encontramos para um mesmo tema uma gama tão expressiva de variantes que mesmo os folhetos atuais confundem o pesquisador no que concerne a detectar qual o texto original entre os editados. Nessa perspectiva, é difícil apontar quem plagia quem e quem parodia.

Não por acaso, o poeta popular não raro lança mão de algumas técnicas de eficiência duvidosa para fins de direito autoral ou garantia de originalidade: o acróstico, uma dessas mais recorrentes técnicas, impresso nas últimas estrofes do poema com as iniciais do artista ou seu primeiro nome, ou ainda seu nome completo, garantindo a auto-

ria da obra de maneira poética.

O acróstico é uma composição escrita em que são formadas palavras ou frases a partir das primeiras letras (às vezes, das letras do meio ou do fim) de uma palavra. Os acrósticos são lidos em sentido vertical e refletem uma preocupação com a forma, motivo pelo qual são um dos recursos utilizados na função poética. Podem ser: formados a partir das primeiras letras de uma palavra (é o mais comum); alfabético, quando cada frase da composição inicia sucessivamente com uma letra do alfabeto; e mesósticos, quando as letras que o compõem estão localizadas no meio de uma palavra.



Imagens de Google

Na literatura de cordel, o acróstico é uma técnica poética cujas letras iniciais de cada verso ou estrofe formam uma palavra ou frase, usada pelos cordelistas como uma assinatura criptografada. Funciona como um

mecanismo de defesa da autoria dentro da própria estrutura do cordel, consolidando o direito moral do poeta, enquanto a lei brasileira protege o conteúdo como obra intelectual.

O Poeta Leandro Gomes de Barros usou o acróstico para firmar sua autoria, na última estrofe do folheto de cordel “O cachorro dos mortos”:

Leitor não levantei falso
Escrevi o que se deu.
Aquele grande sucesso
Na Bahia aconteceu,
Da forma que o velho cão,
Rolou morto sobre o chão
Onde o seu senhor morreu.

Já o Poeta João Martins de Athayde, por exemplo, encerrava seus cordéis com a primeira letra de cada verso na última estrofe, com o nome “ATAIDE”:

Assim Eli a orgulhosa
Teve de ser abatida
A rainha de Navarra
Insensível, presumida
Deu seu amor a um escravo
E veja o que é a vida

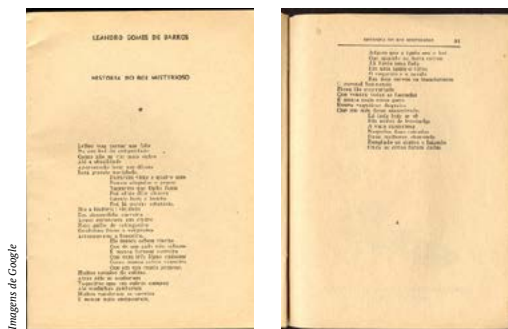


IMAGEM GERADA POR IA "usando SEAART.AI, sob a direção de Arely Soares Reis, Criada em 19/03/2026"

Assim, a expressão “direitos autorais” abrange não apenas os chamados “direitos do autor”, mas também aqueles que lhe são conexos, ou seja, aqueles direitos assegurados a quem acrescente valor à obra.

Uma outra prática recorrente e observada na Literatura de Cordel é o plágio, confundido, muitas vezes, com a tradição oral e releitura de temas populares. Em sua tese de doutorado, a pesquisadora Manuela Maia (2018) exemplifica o plágio realizado pelo Poeta João Martins de Athayde na obra poética “História do boi misterioso”, de autoria do Poeta Leandro Gomes de Barros, embora inclua o acróstico sua obra foi violada, como demonstrado a seguir:

Acróstico no cordel “História do boi misterioso” – Leandro Gomes de Barros



Imagens de Google



IMAGEM GERADA POR IA "usando SEAART.AI, sob a direção de Arelly Soares Reis, Criada em 19/03/2026"

“História do boi misterioso” com autoria de João Martins de Athayde, mas sem mudar o acróstico

“O boi misterioso” com título, autoria e acróstico modificado por João Martins de Athayde

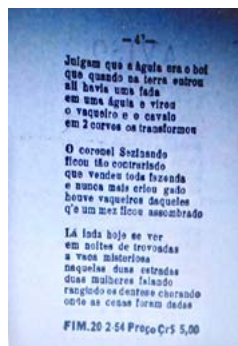




IMAGEM GERADA POR IA "usando SEAART.AI, sob a direção de Arely Soares Reis, Criada em 19/03/2026"

Considerando o exposto acima, os poetas de cordel sempre tiveram que conviver com o problema do plágio, desafiando seus direitos de autoria, com o surgimento de adaptações, reformulações, gerando novos textos, que por vezes, por textos desconexos de como foram originalmente concebidos.

Observa-se também, o desrespeito ao direito autoral do poeta popular em relação a sua produ-

ção literária. Se de um lado, tem-se a Biblioteca Nacional, como instituição depositária do envio de exemplares de publicadas no país, por outro lado, no campo da Literatura de Cordel, é fato, o desconhecimento do Poeta ou da editora responsável sobre tal depósito, que de certa forma teria sua obra literária protegida, além do uso do acróstico como forma de registro e identificação autoral.

BETH BALTAR

CONHEÇAM MAIS O SEU TRABALHO,
VISITE SEU SITE E ACOMPANHEM
SUAS REDES SOCIAIS

FACEBOOK

INSTAGRAM

SITE

POST NO SITE



COLUNAS E COLUNISTAS





Sully Prudhomme

O Primeiro Guardião da Honra Literária do Nobel

Imagem de Google - divulgação



Sully Prudhomme nasceu em Paris, em 1839, numa época em que a França era o centro cultural do mundo ocidental. Cresceu em uma família de classe média, com acesso à educação refinada, mas seus primeiros passos não tinham nada a ver com literatura. Estudou engenharia e chegou a trabalhar em escritório técnico, até que a poesia atravessou sua vida como um chamado irrecusável.

Jovem ainda, experimentou uma forte crise de saúde que o afastou da carreira industrial. O corpo frágil o levou para o caminho das letras. Com saúde vulnerável e alma sensível, encontrou na poesia um espaço de reflexão, uma espécie de abrigo para sua inquietação existencial. Ele não foi um poeta de cafés ruidosos e boemia exuberante. Era introspectivo, silencioso, quase filosófico.

Esse temperamento marcou sua obra para sempre.

Ao contrário dos românticos franceses que o precederam, Prudhomme buscava a contenção. Sua poesia não explodia em excessos emocionais. Ela murmurava, meditava, ponderava. Era um poeta da introspecção, alguém que escrevia para entender a alma humana, não para impressionar plateias.

Seu primeiro livro, publicado em 1865 com o título *Estâncias* e

Poemas, chamou atenção imediata. O público encontrava ali uma voz que parecia antiga e moderna ao mesmo tempo. Havia delicadeza, mas também solidez; havia emoção, mas sempre guiada pela razão. Prudhomme criava versos que uniam lirismo e filosofia. Era um poeta de alma matemática e coração artístico.



IMAGEM GERADA POR IA "usando GROK.AI, sob a direção de J.B Wolf, Criada em 25/04/2026"

Sua poesia foi se aproximando, ao longo dos anos, de reflexões cada vez mais filosóficas. Em *A Justiça*, obra de grande fôlego publicada em 1878, Prudhomme mergulha em temas como responsabilidade moral, destino, solidariedade e a eterna busca humana por sentido. O poeta desperta, ali, ecos dos grandes pensadores gregos e do racionalismo francês. Era poesia, mas também era investigação intelectual.

Esse equilíbrio entre sensibilidade e razão foi decisivo para sua consagração.



A Dor como Origem do Pensamento

A vida de Prudhomme foi marcada por sofrimentos físicos que afetaram sua postura, seu ritmo e sua ligação com o mundo. Problemas nos olhos e doenças crônicas o afastaram de atividades sociais e o empurraram para a leitura e para a escrita. A dor, para ele, era ao mesmo tempo um limite e um portal. Um obstáculo que transformou-se em ferramenta.

Grande parte de seus poemas nasce de uma consciência muito concreta da fragilidade

humana. Prudhomme não escrevia sobre grandes aventuras heróicas ou gestos espetaculares. Escrevia sobre melancolia, sobre hesitação, sobre saudade, sobre a necessidade humana de encontrar harmonia interior. Sua poesia tinha intimidade, precisão e profundidade emocional.

Ele era o poeta do silêncio. O poeta do intervalo entre o sentir e o pensar. O poeta que buscava a serenidade dentro da própria dor.



IMAGENS GERADAS POR IA "usando GROK.AI, sob a direção de J.B Wolf, Criada em 25/04/2026"



IMAGEM GERADA POR IA "usando GROK.AI, sob a direção de J.B Wolf, Criada em 25/04/2026"



IMAGEM GERADA POR IA "usando GROK.AI, sob a direção de J.B Wolf, Criada em 25/04/2026"

Sully Prudhomme não foi escolhido por acaso. Ele representava uma literatura que conciliava estética, moral e reflexão, exatamente como Alfred Nobel imaginara em seu testamento: uma obra que elevasse o espírito, que contribuísse para o progresso humano e que tivesse impacto duradouro. Prudhomme foi, de fato, um símbolo do que o Nobel pretendia consagrar: uma literatura que tocasse a consciência e convidasse o leitor a pensar.

O Contexto da Escolha da Academia Sueca

Quando a Academia Sueca inaugurou o Prêmio Nobel de Literatura em 1901, o mundo ainda não sabia o peso que essa escolha teria nas décadas seguintes. O prêmio que se tornaria o mais cobiçado reconhecimento literário do planeta começou silenciosamente, nas mãos de um poeta francês conhecido por sua sensibilidade delicada, sua busca filosófica e sua escrita profundamente humana. Seu nome era René François Armand Sully Prudhomme, um autor cuja trajetória refletia a própria transição da poesia europeia do século dezenove para o mundo moderno.



Quando a Academia Sueca se reuniu em 1901 para escolher o primeiro vencedor do Nobel de Literatura, buscava alguém que representasse o espírito desejado por Alfred Nobel. Não seria um prêmio apenas para grandes estilos ou popularidade. Seria um prêmio para obras que contribuíssem para o bem-estar moral e cultural da humanidade.

Prudhomme era, portanto, o candidato perfeito.

IMAGEM GERADA POR IA "usando GROK.AI, sob a direção de J.B Wolf, Criada em 25/04/2026"

Seu trabalho unia: refinamento literário, profundidade filosófica, espírito humanista, compromisso com a reflexão moral, equilíbrio entre emoção e razão.

Naquela época, nomes como Tolstói também estavam vivos e produziam obras monumentais. Mas a Academia, seguindo a intenção original de Nobel, buscou honrar uma literatura que fosse voltada à elevação moral e ao progresso espiritual. Prudhomme simbolizava essa visão.

Seu nome, para muitos, foi surpreendente. Mas hoje é compreendido como uma escolha coerente com aquele nascimento do prêmio.

A Poesia que Toca e Educa

Prudhomme acreditava que a poesia tinha um papel civilizador. Não era apenas arte, mas também instrumento de educação emocional. O poeta não deveria apenas comover; deveria também iluminar. Seu ideal literário não era a grandiosidade romântica, mas a clareza moral.

Em seus versos, encontramos: reflexões sobre o tempo humano, busca pela serenidade, memórias de amor e perda, a incessante procura por sentido, o desejo de reconciliação entre intelecto e sentimento.

Era, portanto, um poeta profundamente ético, no sentido mais amplo da palavra. Seus poemas não pregavam doutrinas, mas convidavam ao autoconhecimento.



IMAGEM GERADA POR IA "usando GROK AI, sob a direção de J.B Wolf, Criada em 25/04/2026"

A Honra de Ser o Primeiro



IMAGEM GERADA POR IA "usando GROK AI, sob a direção de J.B Wolf, Criada em 25/04/2026"

Receber o primeiro Prêmio Nobel de Literatura é algo que vai além do mérito individual. A escolha de Prudhomme moldou o início de uma tradição centenária. Mostrou ao mundo que o Nobel não celebraria apenas fama, impacto social ou força política, mas sobretudo obras que elevam o espírito humano.

Prudhomme levou esse título com humildade. A saúde já debilitada o impedia de grandes celebrações públicas, mas ele recebeu o prêmio como reconhecimento não apenas de sua trajetória, mas da própria poesia como força civilizadora.

Seu nome, associado ao primeiro Nobel, permanece um marco histórico. Abriu caminho para gigantes que viriam depois, como Tagore, Pirandello, Faulkner, Hemingway, Camus, Neruda, Saramago.

Mas foi Prudhomme quem iniciou a história.



IMAGEM GERADA POR IA *usando GROK.AI, sob a direção de J.B Wolf, Criada em 25/04/2026*

O Legado que permanece

Com o passar dos anos, Prudhomme ganhou e perdeu visibilidade. Sua poesia, marcada pelo tom reflexivo e contido, não acompanhou a explosão das vanguardas modernistas. Mas sua importância literária não é medida apenas pela popularidade. É medida por seu papel na evolução da poesia francesa, por sua presença marcante no início do simbolismo e pelo impacto intelectual que deixou.

Hoje, estudiosos o veem como um poeta de transição, situado entre o parnaso e o simbolismo, entre o racionalismo e o lirismo emocional. Alguém que tentou conciliar mundos aparentemente opostos. Seu legado vive principalmente nos leitores que o descobrem com calma, nos pes-

quisadores que analisam sua obra e na honra que carrega como primeiro nome inscrito na história do Nobel.

Sully Prudhomme encarnava aquilo que Alfred Nobel desejava: uma literatura que eleva, que reflete, que humaniza. Um autor cuja sensibilidade transformou dor em beleza e pensamento em poesia.

E, acima de tudo, um escritor que inaugurou a maior honraria literária do mundo com a serenidade de quem sabia que a grandeza está, muitas vezes, na profundidade silenciosa.

O vaso partido

O vaso azul destas verbenas,
Partiu-o um leque que o tocou:
Golpe subtil, roçou-o apenas,
Pois nem um ruído o revelou.

Mas a ferida persistente,
Mordendo-o sempre e sem sinal,
Fez, firme e imperceptivelmente,
A volta toda do cristal.

A água fugiu calada e fria,
A seiva toda se esgotou;
Ninguém de nada desconfia.
Não toquem, não, que se quebrou.

Assim, a mão de alguém, roçando
Num coração, enche-o de dor;
E ele se vai, calmo, quebrando,
E morre a flor do seu amor;

Embora intacto ao olhar do mundo,
Sente, na sua solidão,
Crescer seu mal fino e profundo.
Já se quebrou; não toquem não.



IMAGEM GERADA POR IA "usando GPT-4V, sob a direção de J.B. Wolf, Criada em 25/04/2024"

J.B WOLF

INSTAGRAM



COLUNAS E COLUNISTAS



POST NO SITE



Nossa LITERATURA

VIRTUDES POÉTICAS



15



MÁRCIA NEVES



Professora, graduada em Letras pela Unisantos e pós-graduada em Alfabetização e Letramento pela Unisanta; multiplicadora do EducaMídia; brasileira, baiana de origem, vicentina e santista de coração, mãe do Yohan, amante das letras e da poesia e apaixonada pela educação. Autora do livro de poesia Grades de liberdade (Editora Provérbio), do livro infantojuvenil Poesia – o lugar encantado das crianças (Editora Asinha) e haicais Bucólicos (Editora Pangeia). Com participação em diversas antologias poéticas e revistas literárias, coautora no manifesto Korja Sacrílega, (Editora Armazém De Quinquilharias E Utopias).

Queridos leitores,
Por trás de uma voz que já ecoou nas ondas do rádio e de palavras que hoje ganham vida nas páginas dos livros, está Inês Bari – artista que atravessa gerações e se define como “letra e música”.

Não há vozes mais potentes do que aquelas que contam histórias vividas, testemunham o silêncio e rompem o tempo para atravessar os rios que nos contornam.

Trazer Inês Bari para abrilhantar esta edição vai muito além de qualquer metáfora ou vaidade: é um verdadeiro encontro.

Vale compartilhar com vocês o quanto esse encontro foi casual – e, ao mesmo tempo, inevitável. A comunicação me acompanha desde a formação em Letras, e foram justamente os estudos que me levaram a lugares e a pessoas que me inspiraram a seguir. Em meio a tantos eventos literários, entre lançamentos e conversas, nossos caminhos

se cruzaram diversas vezes. Em uma dessas ocasiões, convidadas a falar sobre leitura, livros, bibliotecas e educação, pude conhecer mais de sua trajetória – e a admiração que já existia, ganhou novas dimensões.

Mais recentemente, um reencontro inesperado na Livraria Sol e Lua, em Santos, selou o destino desta edição. Era uma quinta-feira à tarde. Sentamos, tomamos um chá saboroso e falamos sobre livros, ideias, projetos, músicas... Enquanto Inês dedilhava um violão que enfeitava o espaço, surgiram temas que me conduziram ao fio condutor da Revista The Bard.

Assim, nasceram as palavras que tecem esta edição da coluna Nossa Literatura – Virtudes Poéticas: a palavra, o eco, a experiência, o encanto, o encontro e a vida.

Não hesitei em convidá-la – e ela, com a mesma ternura e generosidade que a definem, aceitou.



IMAGEM GERADA POR IA, sob a direção de Arley Soares Reis. Criada em 02/04/2026

Com alegria, recebemos Inês Bari na 37ª edição da Revista Internacional The Bard, agradecendo sua presença iluminada e inspiradora.

E, como ela mesma diz: quem lê, reflete.

Reflitamos!

Márcia Neves

A voz e o silêncio da palavra - a trajetória de INÊS BARI

Inês Bari é escritora, radialista e compositora. Após três décadas dedicadas ao rádio e à publicidade — incluindo 28 anos como coordenadora artística da Rádio Tribuna de Santos — iniciou sua carreira literária, levando ao papel a sensibilidade de suas crônicas.

Autora do livro de poesias *Sol da Noite* (1982), participou da Bienal de São Paulo em 1984. Voltou ao cenário literário em 2018 com

Inesplicando (vols. 1 e 2), participando da Bienal Internacional do Livro do Rio em 2019. Em 2024 lançou seu primeiro infantil, *O Voo de Tábita*, pela Papale's Editorial, com estreia na Bienal de São Paulo.

Mantém o blog *Inesplicando*, com mais de 370 mil leituras, e o canal *INESPLICANDO* no YouTube, onde publica crônicas faladas e músicas autorais.



INÊS BARI

Escritora, radialista e compositora

ENTREVISTA

1

REVISTA THE BARD - Quem é Inês Bari?

INÊS BARI - Penso que sou “letra e música”. Duas paixões que sempre se entrelaçaram em mim. Passei anos no rádio, entre músicas e vozes, e hoje retorno à poesia escrita. No fundo, letra e música me define: acho que flutuo entre as palavras escritas e os sons.



2

REVISTA THE BARD - Publicidade, radio e literatura, assim, respectivamente? O jornalismo também faz parte de sua história?

INÊS BARI - Sou do tempo em que se fazia "Comunicação social" nos dois primeiros anos de faculdade e depois a gente definia por onde ir... optei por publicidade pela possibilidade de criação e imaginação. Mas o jornalismo sempre esteve por perto, nas matérias que eram as mesmas, nos amigos de faculdade, na convivência diária no prédio de A Tribuna, onde a rádio e a redação do jornal dividiam o mesmo espaço efervescente.

Vivi de perto os fatos acontecendo, a notícia nascendo, enquanto fazia o rádio que interagia com essas notícias. E, como se não bastasse, me casei com um jornalista. De alguma forma, tudo isso respingou em mim.

3

REVISTA THE BARD - A publicidade, o rádio e a literatura são campos distintos, mas todos dependem da força da palavra. Como essas três áreas se complementam em sua trajetória profissional?

INÊS BARI - Na verdade, as coisas foram me chamando... eu fui pelo caminho da publicidade, comecei criando texto e imagem, e quando percebi já estava fazendo rádio, usando a força da palavra falada, comecei também a compor músicas e jingles (o da Graça Telefones, que tocou por mais de dez anos no rádio santista, foi um deles), um outro tipo de palavra, cantada, uma jogada mais ritmada, texto talhado musicalmente e finalmente retornei à literatura, (eu já tinha feito um livro de poesias nos tempos acadêmicos.) E aí veio um livro infantil, ou seja, eu fui experimentando o que a trajetória ia me abrindo de portas.

Não foram caminhos separados, mas diferentes formas de experimentar a mesma matéria-prima: a palavra, em várias formas.

5

REVISTA THE BARD - O ato de escrever pode ser visto como uma forma de romper silêncios. Criação literária tem a ver com o processo ou o desejo de democratizar a informação?

INÊS BARI - A literatura, naturalmente, faz isso. Na hora que o autor escreve ele vai se despindo, se colocando no mundo e colocando entre linhas, as ideias do seu tempo, da sua origem, das suas crenças. O desejo de que mais pessoas leiam, reflitam, compartilhem e se conectem com os textos acredito que seja o maior legado do autor. Tocar o outro, abrir caminhos de pensamento e, de alguma forma, fazer ecoar aquilo que antes era silêncio.

4

REVISTA THE BARD - A publicidade trabalha com a síntese e o impacto imediato. Acredita que sua experiência como radialista influencia o ritmo e a musicalidade da sua escrita literária, principalmente quando se trata de crônicas?

INÊS BARI - Sim, totalmente. De forma meio intuitiva. Não é algo que eu busque conscientemente, mas o ritmo vai se formando à medida que escrevo, como se a história pedisse essa cadência. Acredito que seja uma marca, quase uma assinatura. Não busco a rima, mas o ritmo. Muitas vezes, troco uma palavra não pelo sentido, mas pelo som, pelo encaixe justo na crônica.



6

REVISTA THE BARD - Nesse contexto (Do silêncio às páginas impressas), soa meio paradoxal quando, entre censura e marginalização surge a escrita. A escrita poderia ser vista como espaço de resistência?

INÊS BARI - Sim, a escrita pode, e na minha opinião, precisa ser uma forma de resistência. Eu vivi isso na prática, nos tempos de faculdade, quando participei do Grupo Picaré de Poesia, no final dos anos 70, na Baixada Santista, um período em que o país ainda respirava os últimos ares da repressão militar. Santos era uma região de tensão, e, nesse contexto, nosso movimento literário surgiu como um gesto de enfrentamento. Questionávamos padrões, desafiávamos a chamada “boa literatura” das grandes Editoras e nos colocávamos à margem do padrão. Por isso, poetas “marginais” A literatura brasileira tem uma história marcada por esses momentos. A poesia marginal circulava fora dos meios tradicionais, como uma forma de driblar censuras e alcançar o leitor de maneira direta. A escrita sempre encontra um caminho. E, quando precisa, ela resiste.

8

REVISTA THE BARD - Sabemos que você é apaixonada por músicas. E música também é linguagem. Poderia falar um pouco mais sobre essa relação da música com seu dia a dia literário?

INÊS BARI - A música está comigo o tempo todo, do começo ao fim do dia. Está no rádio, no violão que pego quando sinto vontade, nas aulas que ainda faço. Ela me acompanha quase como um pano de fundo constante. Já a literatura me exige outro estado. Para escrever, eu preciso parar. Preciso de silêncio, de atenção plena. É um mergulho.

7

REVISTA THE BARD - A profissão de escritora envolve também um compromisso com o tempo e com a memória. Como a escrita pode preservar vozes e histórias que, de outro modo, seriam esquecidas?

INÊS BARI - A escrita preserva vozes e histórias porque ela atravessa o tempo. Aquilo que se perde sendo voz, permanece, na palavra escrita. Mas, para que isso aconteça... de forma mais ampla, é fundamental o incentivo aos escritores, às suas obras e aos registros da nossa cultura. Por meio de incentivos, editais, concursos, do olhar atento dos professores e de uma educação que valorize o conhecimento das nossas raízes. Vivemos um tempo em que o imediatismo muitas vezes se sobrepõe à memória e com isso, corremos o risco de ver histórias sendo desfeitas como castelinhos de areia. Escrever é um gesto contrário a isso: uma forma de salvar as memórias.

9

REVISTA THE BARD - Há canções, gêneros ou artistas que inspiram diretamente o seu processo de criação literária? Como essa influência se manifesta em seus textos?

INÊS BARI - Não diretamente. Como disse antes, a literatura me pede silêncio. Mesmo quando escrevo sobre música, não parto do som, mas da palavra. É ela que conduz o texto. Minha criação não se apoia em inspirações sonoras externas. Ela acontece no recolhimento, no silêncio do pensamento, onde as ideias vão ganhando forma.

10

REVISTA THE BARD - Ao que você atribui o sucesso do livro *O Voo de Tábita*? Poderia comentar sobre essa obra?

INÊS BARI - Acredito que o sucesso de *O voo de Tábita* se deve à forma como a história se desenrola, guiada pela emoção e com questões comuns da infância. Tábita não é apenas uma personagem, ela representa a superação, descobertas e a força de seguir em frente, mesmo diante das suas dificuldades. É um livro que conecta com a criança, mas também toca o adulto, educadores e terapeutas, trazendo reflexões sobre sentimentos universais, como medo, ansiedade, amizade, amor. Além de falar sobre assuntos atuais inclusão e bullying. Talvez o maior mérito seja a delicadeza com que temas importantes são apresentados. Tábita cativa pelo amor que espalha.

11

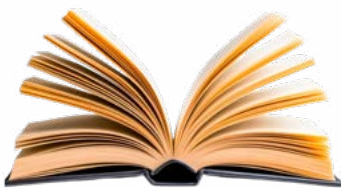
REVISTA THE BARD - Diante de tantos projetos que você desenvolve, quer destacar algum?

INÊS BARI - Destaco o Vem que Trem Poesia, um projeto que nasceu do sonho de levar a literatura para mais perto das pessoas, de forma leve e acessível. A apresentação se dá numa estação de trem fictícia, unindo narração, voz e violão. É um convite para embarcar numa viagem literário-musical que percorre a obra de grandes poetas e músicos de diferentes tempos, criando pontes entre palavra e música. O trem passa pelas estações: Lisboa, com “Fernando Pessoa, Minas Gerais com Drummond de Andrade e Milton Nascimento, e por aí vai... com grandes poetas representados.

12

REVISTA THE BARD - Quem é o seu público leitor?

INÊS BARI - Meu público se divide, em dois universos. De um lado, os leitores de crônicas (um público diverso, que vai dos 18 aos 70 anos, formado tanto pelos meus livros quanto pelos que me acompanham no canal de crônicas faladas no YouTube). De outro, o público infantil, especialmente crianças de 7 a 12 anos, que chegam até mim por meio de *O voo de Tábita*. São leitores diferentes, mas iguais em algo essencial: a busca por histórias que tocam, provoca reflexão e criem conexão.



13

REVISTA THE BARD - No contexto contemporâneo, com a ascensão das mídias digitais, a escrita e a leitura continuam sendo um instrumento de democratização da informação? Como observa essa realidade?

INÊS BARI - Sim, a leitura continua sendo um importante instrumento de democratização, seja no livro físico ou no digital. O formato, hoje, é uma escolha de cada um. O que me preocupa não é o avanço das mídias digitais em si, mas a forma como elas vêm sendo utilizadas. As redes sociais acabam ocupando um tempo precioso que poderia ser dedicado à leitura. Vivemos um momento que pede reflexão, especialmente quando pensamos nas crianças. É preciso olhar com mais atenção para o que elas estão consumindo, vendo e lendo, e resgatar o espaço da leitura como algo fundamental para a formação do pensamento e preservação da saúde mental.

REVISTA THE BARD - Das prensas às ondas sonoras, das palavras às melodias, o desafio é o mesmo — fazer da comunicação um instrumento de escuta, memória e liberdade. Destaca a Literatura marginal, como já citada por você ao falar do Grupo Picaré, como exemplo desse desafio em sua trajetória?

INÊS BARI - Sim, a literatura marginal, ou poesia independente, que vivi intensamente entre o final dos anos 70 e o início dos anos 80, integrando o Grupo Picaré de Poesia. Era um tempo de efervescência criativa, e diversos grupos surgiam pelo Brasil, especialmente em São Paulo e no Rio de Janeiro. A proposta era uma nova forma de fazer literatura: mais livre, mais direta, menos presa a estruturas formais e mais aberta à reflexão. Havia também um desejo claro de romper com a rigidez do mercado editorial da época, que privilegiava poucos nomes e determinadas correntes políticas.

Nós queríamos espaço, voz e criávamos esse espaço com cara e coragem, levando varais de poesia e saraus para as ruas de Santos. Publicávamos de forma artesanal, em gráficas pequenas ou no mimeógrafo, fazendo a poesia circular fora dos meios tradicionais. As reuniões eram na Biblioteca da Faculdade de Comunicação de Santos e nos barzinhos culturais da época.

Foi um movimento que aconteceu num momento histórico do país, ainda sob os ecos da repressão, e que encontrou na literatura uma forma de expressão e resistência. Foram anos intensos, muito ricos e absolutamente inesquecíveis. Um tempo em que acreditávamos em revolução pela poesia!



REVISTA THE BARD - Há algum escritor ou escritora que, de certa forma, é a sua inspiração literária.

INÊS BARI - Sim. Como cronista, cito Lourenço Diaféria, que durante muitos anos escreveu crônicas diárias, sempre conseguindo inserir poesia no cotidiano com uma sensibilidade incrível. E curto Martha Medeiros, para citar alguém atual. Na poesia, sou fã de Carlos Drummond de Andrade, pela forma como transforma uma visão simples em poesia pura.

E, no romance, destaco Hermann Hesse, pela profundidade com que mergulha nas questões humanas e existenciais. São referências diferentes, mas que, cada uma à sua maneira, me tocam.

REVISTA THE BARD - Por que ler? Deixe uma mensagem sobre isso.

INÊS BARI - Quem lê, reflete. E quem reflete se torna menos propenso a seguir cabeças que não sejam a sua própria. Ler é, hoje, um exercício de liberdade.

“A palavra não está morta. Nossa boca é que tem estado muda”

REVISTA THE BARD - Inês Bari, é emocionante e quase que inexplicável conversar com você. Sua sensibilidade, simplicidade e amor com a arte da palavra são sementes literárias para quem tem a honra de encontrar você na caminhada da vida. Por tudo e por tanto, muitíssimo obrigada!

INÊS BARI - Obrigada pelo espaço e pela escuta! Sigo acreditando na força da palavra. E deixo uma frase “Inesplicando”.

Encerrar esta edição com Inês Bari é reconhecer que sua trajetória é, antes de tudo, uma celebração da palavra em todas as suas formas – dita, escrita, cantada ou silenciada. Sua presença reafirma que a arte é ponte, é travessia e é reflexão. Entre letras e sons, ela constrói elos entre gerações, lembrando-nos de que a arte é resistência, memória e liberdade.

Que sua voz continuei ecoando, despertando em cada leitor o desejo de refletir, criar e manter viva a força transformadora da palavra, e que cada leitor, ao acompanhar esta conversa, encontre também o eco de sua própria voz nas páginas da Revista The Bard.

Márcia Neves

Livros - Inês Bari



Clique aqui



Clique aqui

YOUTUBE



INSTAGRAM



LIVROS DA AUTORA

Acesse a Vitrine The Bard



Clique aqui



Clique aqui

MÁRCIA NEVES

**CONHEÇAM MAIS O SEU TRABALHO,
VISITE SEU SITE E ACOMPANHEM SUAS
REDES SOCIAIS**

SITE

INSTAGRAM

INSTAGRAM

POST NO SITE



COLUNAS E COLUNISTAS



LANÇAMENTO

MAIO & JUNHO DE 2026

DO SILÊNCIO ÀS PÁGINAS IMPRESSAS:

"O papel da Tipografia na democratização da informação no Brasil"



37ª
EDIÇÃO

SIGA-NOS

SITE

FACEBOOK

INSTAGRAM

YOUTUBE

TWITTER





EDITAL

JULHO & AGOSTO DE 2026

QUANDO FALAR JÁ NÃO É DIZER:
"o esvaziamento da palavra no século
de hiperconexão"

38^a
EDIÇÃO



ACESSE O EDITAL DA REVISTA THE BARD
PARA PARTICIPAR DA EDIÇÃO
JULHO & AGOSTO DE 2026

PERÍODO DE 01 DE ABRIL À 31 DE MAIO.



Leia o EDITAL e preencha o FORMULÁRIO DE PARTICIPAÇÃO*

*Todo o material enviado será analisado e avaliado para ser publicado.



A DISTRIBUIÇÃO É GRATUITA.



09



ALINE ABREU SANTANA



Jornalista, autora de livros acadêmicos, técnicos e didáticos, escritora científica acadêmica, professora de Português e Literatura e colunista da THE BARD. Doutora Honoris Causa, recebeu o título de Comendadora do Brasil, ocupa cadeiras na Academia Mundial de Letras e na AMLH. Foi laureada como Embaixadora da Divine Académie Française des Arts Lettres et Culture - na França. Fundadora da OneLife Consultoria Educacional e da EscreverArte/Unira Educação, bem como do projeto Quais de Mim Você Procura, atua como palestrante, mentora e diretora pedagógica.

Em Memória, Em Palavra, Em Mim

Era uma vez. Talvez toda dor comece assim, ainda que ninguém tenha coragem de admitir. Era uma vez um pai. Era uma vez uma filha. Era uma vez uma língua inteira tentando sustentar aquilo que o coração, sozinho, não consegue dizer.

Foi assim que tudo começou em mim outra vez. Não com o nascimento da língua portuguesa, embora eu tenha pensado muito nela. Não com os romanos, nem com o latim, nem com o galego-português se desprendendo lentamente da antiga forma de falar, como um filho que vai criando a própria

voz. Começou com duas palavras pequenas, discretas, quase frias, que apareceram ao lado do nome do meu pai numa página impressa: *in memoriam*.

Li uma vez. Depois li de novo. E então fiquei parada.

In memoriam.

Há expressões que não entram na vida da gente. Elas se instalam. Sentam-se à mesa. Dormem no travesseiro ao lado. Caminham conosco até a cozinha e voltam conosco para o quarto, como se quisessem nos ensinar a respirar dentro de uma ausência.



IMAGEM GERADA POR IA "usando GROKAI, sob a direção de J.B Wolf, Criada em 28/04/2026"

Eu estava com o livro nas mãos. Um livro lançado em coautoria. Cinquenta mulheres lendo, escrevendo, costurando palavras. Cinquenta mulheres atravessadas pela linguagem, cada uma com seu modo de dizer o mundo. E ali, no meio daquela obra, estava ele. Meu pai. Não com a voz de antes. Não com o corpo de antes. Não com o sorriso de antes. Mas ali. Nomeado. Lembrado. Guardado. In memoriam.

Passei os dedos sobre as letras como quem afaga um rosto.

Lallo me viu parada na sala e perguntou, baixinho:

- “Você está lendo ou está lembrando?”

Olhei para ele e respondi:

- “Os dois. Acho que algumas leituras não são feitas com os olhos. São feitas com o que sobra.”

Ele se aproximou sem pressa. Lallo sempre foi assim. Não invade. Encosta. Senta ao lado. Espera. O silêncio dele, em certos dias, parece uma cadeira puxada com delicadeza para que eu possa me sentar dentro de mim mesma.

- “Posso ver?” ele perguntou.

Entreguei o livro.

Ele leu o nome do meu pai. Leu a expressão em latim. E ficou em silêncio por alguns segundos.

- “Engraçado”, disse depois. “A gente usa tanto essa expressão e quase nunca para pra pensar nela.”

- “Eu pensei nisso hoje”, respondi. “Talvez porque agora ela esteja doendo em mim.”

E foi aí que comecei a pensar na língua, como sempre faço quando a vida me ultrapassa. Há quem chore. Há quem reze. Eu procuro etimologias. Cada um se salva como pode.

In memoriam. Em memória. Na memória. Pela memória. O latim, essa língua antiga que hoje já não vive nas bocas do povo, ainda vive nas margens, nas inscrições, nas fórmulas, nas cerimônias, nas despedidas. E me pareceu, naquele instante, que o latim e os mortos partilham um destino parecido. Ambos não andam mais pelas ruas como antes. Ambos já não pertencem ao uso comum do mundo. Ambos, no entanto, permanecem. Não na carne do cotidiano, mas no fundo das estruturas. Como alicerce. Como herança. Como eco.



IMAGEM GERADA POR IA "usando GROK.AI, sob a direção de J.B Wolf, Criada em 28/04/2026"



IMAGEM GERADA POR IA "usando GROK.AI, sob a direção de J.B Wolf, Criada em 28/04/2026"

- “É estranho pensar nisso”, eu disse a Lallo. “Chamam o latim de língua morta. Mas morta onde? Porque eu a encontro viva em toda parte. Nos livros, nos nomes, nas expressões, nas raízes das palavras.”

- “Talvez com as pessoas seja assim também”, ele respondeu. “Talvez chamem de mortos aqueles que mudaram de lugar.”

Fiquei olhando para ele.

- “Você anda perigoso com essas frases”, eu disse.

Ele sorriu sem mostrar os dentes.

- “Conviver contigo dá nisso.”

Voltei os olhos para o livro.



IMAGEM GERADA POR IA "usando GROK.AI, sob a direção de J.B Wolf, Criada em 28/04/2026"

Meu pai havia sido homenageado ali, na contracapa daquele livro, de um jeito que só as palavras poderiam fazer. Não foi uma estátua. Não foi um retrato a óleo. Não foi uma praça com seu nome. Foi um gesto mais íntimo. Mais exato. Cinquenta mulheres lendo as palavras que ele costumava dizer. As palavras dele. As frases que atravessaram anos, almoços, corredores, brancas, afagos, pequenas lições de vida. De repente, percebi: meu pai não estava apenas sendo lembrado. Ele estava sendo pronunciado.

E talvez seja isso o que as línguas fazem de mais bonito. Elas

impedem que a ausência seja muda.

Comecei a pensar na origem do português, essa língua em que ele me ensinou a viver. O português é uma língua românica, neolatina, derivada do latim vulgar, aquela forma falada por soldados e colonos romanos na Península Ibérica. Não veio do latim solene dos discursos impecáveis, mas do latim das estradas, dos mercados, das casas, da vida em movimento. Gosto disso. Gosto de pensar que a nossa língua nasceu não da perfeição, mas do uso. Não do mármore, mas da poeira. Não do altar, mas da caminhada.

Depois da queda do Império Romano, aquela língua foi se transformando. Misturou-se com marcas celtas, germânicas e árabes. Foi criando outra sonoridade, outro ritmo, outra carne. Na região ocidental da Península, formou-se o galego-português. Mais tarde, já a partir do século XII, a língua foi tomando forma própria, reconhecendo-se como idioma. Como se um dia ela tivesse acordado e dito: agora sou eu.

Talvez todo filho faça isso um dia.

Talvez toda filha também.

E ali eu estava, filha de um homem agora nomeado *in memoriam*, pensando que as línguas e as famílias se parecem mais do que imaginamos. Ambas nos antecedem. Ambas nos formam. Ambas nos escapam. Ambas continuam depois de nós.



IMAGEM GERADA POR IA "usando GROK.AI, sob a direção de J.B Wolf, Criada em 28/04/2026"



IMAGEM GERADA POR IA "usando GROK.AI, sob a direção de J.B Wolf, Criada em 28/04/2026"

- "Você acha", perguntei a Lallo, "que uma palavra pode sobreviver a uma pessoa?"

Ele fechou o livro devagar.

- "Acho que às vezes a palavra é justamente a forma que a pessoa encontra de continuar."

Aquilo me bateu fundo.

Porque meu pai sempre foi um homem de muitas conversas. De frases. daquelas que ficam. daquelas que voltam anos depois, no meio da

rua, quando a gente abre uma gaveta, quando dobra uma camisa, quando erra uma receita, quando quase desiste. Ele tinha esse dom de lançar palavras como quem planta sementes mas fazendo alarde. E eu só agora entendia o tamanho da colheita.

- "Eu fico pensando", continuei, "se o latim é chamado de língua morta porque já não é falado no dia a dia, o que acontece com alguém que morre e continua sendo dito?"

- "Talvez ele entre para outra gramática", Lallo respondeu.

Ri e chorei ao mesmo tempo.

- “Outra gramática?”

- “É”, ele disse. “Uma gramática da lembrança. Não está mais no presente do indicativo. Mas continua conjugado no coração de alguém.”

Fechei os olhos por um instante.

Havia uma espécie de beleza difícil nisso. Como o latim, meu pai já não estava no uso ordinário dos dias. Já não me ligava. Já não atravessava a sala. Já não me chamava pelo nome de um jeito que só ele sabia (filhinha). Mas continuava na estrutura. Em mim. Naquilo que digo. Naquilo que calo. Na forma como escolho certas palavras e rejeito outras. Na mania de pensar a origem de tudo. Na reverência diante dos livros. Na certeza, quase teimosa, de que as palavras não são enfeite. São casa.

Talvez por isso o luto tenha tanto a ver com linguagem. Quando alguém parte, não perdemos apenas



IMAGEM GERADA POR IA "usando GROK.AI, sob a direção de J.B Wolf, Criada em 28/04/2026"

a presença física. Perdemos uma pronúncia do mundo. Perdemos um sotaque de amor. Perdemos um vocabulário compartilhado. Certas piadas deixam de ter graça porque dependiam daquela voz. Certas frases ficam sem resposta porque eram feitas para aquele ouvido. Certos silêncios perdem a moldura.

Mas, ao mesmo tempo, algo permanece. Uma maneira de dizer. Uma frase herdada. Um modo de chamar o café. Uma repetição. Um conselho. Um nome.

Pensei então em algo que sempre me emociona: atualmente, além do Brasil, outros nove lugares falam oficialmente a língua portuguesa. Portugal, Angola, Moçambique, Guiné-Bissau, Cabo Verde, São Tomé e Príncipe, Timor-Leste, Guiné Equatorial e Macau. É bonito pensar nisso. Tão bonito. Uma língua atravessando oceanos, climas, histórias, tragédias, independências, reinvenções. Uma língua que saiu de um ponto e foi criando moradas múltiplas. E, ainda assim, continua sendo reconhecível. Mutante e fiel. Distante e íntima.

No dia 5 de maio, a Unesco decidiu proclamar o Dia Mundial da Língua Portuguesa. Quando soube disso pela primeira vez, achei justo. Mas, naquele dia, com o nome do meu pai ao lado do in memoriam, senti mais do que justiça. Senti ternura. Como se o mundo, de algum modo, reconhecesse que há línguas que merecem um dia porque sustentam séculos de vida, de perda, de amor e de permanência.

A língua portuguesa, pensei, também é uma filha do que já passou. Língua que muitos chamam de morta. No entanto, dela nasceu uma das formas mais vivas que conheço de dizer afeto, saudade, ausência, regresso, lembrança.

Saudade. Olha ela. Não vem do latim como quem copia. Vem como quem transforma. E talvez seja isso que mais me comove nas línguas: elas não apenas herdam. Elas elaboram. Elas atravessam a perda e inventam uma palavra nova para caber o que ficou.



IMAGEM GERADA POR IA "usando GROK.AI, sob a direção de J.B Wolf, Criada em 28/04/2026"

Meu pai, de certo modo, também estava assim. Herdado e elaborado. Já não homem inteiro ao meu lado, mas presença transformada em linguagem. Em dedicatória. Em homenagem. Em frase alheia que de repente era dele de novo. Em cinquenta mulheres lendo as palavras que ele costumava dizer, como se cada uma emprestasse sua voz para que ele continuasse atravessando o mundo.

- “Você vai falar sobre ele no lançamento?”
Lallo me perguntou.

Olhei para o livro. Depois para as minhas mãos.

- “Não sei se vou conseguir.”

- “Conseguir o quê?”

- “Falar sem desmontar.”

Ele pensou um pouco antes de responder.

- “Quem disse que você precisa falar inteira?”

Essa pergunta ficou em mim.

Talvez ninguém fale inteiro quando ama. Talvez ninguém escreva inteiro quando perde. Talvez a escrita seja justamente esse gesto de reunir cacos e ainda assim oferecer uma tigela.

Na noite antes do lançamento, sentei sozinha com o livro no colo. Fui relendo as páginas. As vozes. Os nomes. E o dele, ali, com aquelas duas palavras latinas ao lado. In memoriam. De repente, elas já não me pareceram frias. Eram antigas, sim. Solenes, talvez. Mas já não frias. Eram um pequeno átrio. Um espaço de passagem entre o que se foi e o que permanece. Como se dissessem: ele não está mais aqui como antes, mas ainda está no território que a memória alcança.

E a memória, eu aprendi, é uma espécie de pátria invisível.

No dia seguinte, antes de sair de casa, parei diante do espelho. Não para me arrumar. Para respirar. Lembrei-me do meu pai. Das palavras dele.



IMAGEM GERADA POR IA *usando GROK.AI, sob a direção de J.B Wolf, Criado em 28/04/2026*

Do jeito como eu o corrigia em certas pronúncias, do modo como ele escolhia termos precisos, da forma como tratava a linguagem com seriedade e carinho, sempre querendo aprender mais. Meu pai não sabia, talvez, mas me ensinou a amar a origem das palavras porque me ensinou primeiro a respeitar o peso delas.

Percebi então que o luto também tem etimologia íntima. Não apenas a dos dicionários, mas a que cada pessoa escreve por dentro. A minha dor vinha acompanhada de uma certeza: ele ainda me alfabetizava.

Quando cheguei ao lançamento, havia gente, abraços, vozes, câmeras, flores, expectativa. Tudo isso que costuma cercar os livros. Mas dentro de mim havia outra coisa. Havia uma filha prestes a pronunciar o pai em público sem poder ouvi-lo responder.



IMAGEM GERADA POR IA "usando GROK.AI, sob a direção de J.B Wolf, Criada em 28/04/2026"

Peguei o microfone.

Minha voz tremeu. Não de fraqueza. De densidade.

Olhei para o livro uma última vez antes de falar. E entendi, com uma calma nova, que o latim não estava morto. O meu pai não estava morto na única medida que realmente me importava ali. Ambos permaneciam como permanecem as raízes: invisíveis à pressa, indispensáveis à vida.

Talvez seja isso que inmemórias realmente queira dizer. Não apenas "em memória". Mas "dentro daquilo que a memória ainda faz viver".

E foi então que compreendi o que a língua portuguesa vinha tentando me ensinar desde o começo. Ela nasceu do latim vulgar, atravessou impérios, quedas, povos, influências, séculos, e ainda assim floresceu. Perdeu formas, ganhou outras, deixou muita coisa para trás, mas não deixou de ser. Meu pai também. Partiu de um modo, permaneceu de outro. Já não corpo, mas traço. Já não presença física, mas sintaxe afetiva.

A língua e o amor têm isso em comum: ambos sobrevi-

vem pela transmissão.

Transmitimos sons. Transmitimos lembranças. Transmitimos frases. Transmitimos modos de ver o mundo.

E talvez seja por isso que escrevo.

Porque um dia Roma caiu, o latim deixou de ser língua do povo e ainda assim continuou fecundando mundos. Porque um dia meu pai partiu, e ainda assim continua fecundando palavras em mim.

Saí do lançamento com a sensação de que alguma coisa havia encontrado lugar. Não a dor. Dor não se acomoda assim tão fácil. Mas talvez o nome dela. E dar nome ao que sentimos já é uma forma de respirar melhor.

IMAGEM GERADA POR IA "usando GROK.AI, sob a direção de J.B Wolf, Criada em 28/04/2026"





IMAGEM GERADA POR IA "usando GROK.AI, sob a direção de J.B Wolf, Criada em 28/04/2026"

Na volta, Lallo dirigia em silêncio. Eu olhava a cidade pela janela.

Depois de um tempo, ele perguntou:

- "Tá mais leve?"

Pensei antes de responder.

- "Não leve. Mas legível."

Ele franziu a testa, sem entender de imediato.

Sorri.

- "Tem coisas que continuam pesadas.

Mas quando a gente encontra as palavras certas, pelo menos consegue carregá-las."

Lallo assentiu, como quem guarda a frase para um dia futuro.

E seguimos.

Eu, com meu pai ao lado do nome, in memoriam.

A língua portuguesa, comigo, viva.

E o latim, esse antigo chão sobre o qual ainda pisamos sem perceber, me lembrando que nem tudo o que chamam de morto deixou de dizer.

LIVRO DA AUTORA

Acesse a Vitrine The Bard



[Clique aqui](#)

ALINE ABREU SANTANA

CONHEÇAM MAIS O SEU TRABALHO,
VISITE E ACOMPANHEM SUAS REDES SOCIAIS



COLUNAS E COLUNISTAS

INSTAGRAM



LINKEDIN



POST NO SITE





MINI Cortos

Hálito de Sangue

Por J.B Wolf

Na câmera térmica, todos dormem em azul.
Só a cama dele ferve em vermelho animal.
Ele encara a janela: no vidro, não há cama, não há corpo.
Apenas uma sombra em pé, encurvada à sua cabeceira,
o focinho rente ao seu rosto, com sopro quente
e hálito de sangue.

WOLFBIO



POST NO SITE





MINI Contos

Título do seu Miniconto

Seu Nome aqui

Seu miniconto aqui

SAIBA COMO PARTICIPAR
ACESSE O EDITAL, ESCOLHA A CATEGORIA
E O E-MAIL "EDITAL CATEGORIAS" ENVIE O
SEU MINICONTO



SUA REDE SOCIAL



COLUNAS E COLUNISTAS



Crônicas TONS DO Cotidiano

07



ADRIANA MOURA SALLES



Linguista. Educadora. Professora. Contadora de histórias. Terapeuta sistêmica e bioenergética. Podcaster. Tutora de dois pets: Flic e Princesa, amores da vida toda! Amo natureza, cores e mandalas. Sou fascinada pelos mecanismos inconscientes e autorreguladores da expressão emocional por meio do corpo – nosso santuário. A escrita é uma paixão e a leitura fonte inesgotável de prazer. Amo borboletas e observar o céu a qualquer hora do dia ou da noite me conecta com o Divino em mim.



“O ponto de vista cria o objeto.” Ferdinand de Saussure

Olá. Como você está neste momento? Já respirou hoje? Já viveu hoje?

“Estou aqui com meus botões”, como diz o adágio popular. Não sei se já aconteceu com você. Espia só: sabe quando, de repente, você é surpreendido por algo que sempre vê? Pois é: aconteceu comigo: voltando à academia por questão de saúde, me deparei com

contornos e paisagens (des) – conhecidas até então, mas a questão é que passo todos os dias no mesmo lugar... o que havia mudado então?

Quem somos, afinal, quando alteramos o ponto de vista pelo qual enxergamos o mundo?

Se você também quer desbravar novos horizontes, vem comigo!

Os 40 Segundos que Salvam: Elogio à Pausa em Tempos Acelerados

É uma segunda-feira pela manhã: dia de, finalmente, retomar as atividades físicas em nova academia. Não porque aprecie: recomendação médica e prudência apenas. Olho atentamente o espaço desconhecido e, felizmente, encontro rostos conhecidos. Entre uma série e outra de exercício, a instrução: intervalo de 40 segundos. Confesso que fico impaciente, pois a vontade é terminar logo para vir embora. Sempre penso: “não sou robô pra fazer exercício em série.” Mas...

Sempre tem um mas, não é? Foi justamente em uma dessas pausas, que vi o óbvio: sem o descanso, o benefício da prática física não acontece. Porque é no intervalo que o músculo se recompõe, promovendo saúde para o corpo. Sem repouso, a lesão é inevitável: no corpo e na alma... Na pausa, os ciclos se completam e as experiências são processadas. Enquanto observava as pessoas treinando freneticamente, fiquei ali – vários 40 segundos – pensando no quanto estamos acelerados – individual e coletivamente. Estamos anestesiados. Robotizados. Cindidos.

São tantos os sinais de nossa urgência em (sobre)viver. Me ajuda a listar alguns comportamentos sintomáticos? Acelerar áudios do WhatsApp, subir correndo a escada rolante do metrô, usar sem moderação aplicativos de entrega

rápida, não admirar o pôr-do-sol, não sentir o sabor dos alimentos, não estar presente na própria vida. O que mais? Tudo ultra acelerado. A isso, hoje, se chama viver. Lembrei-me da incrível Marina Colasanti, em “Eu sei, mas não devia”:

“A gente se acostuma a coisas demais, para não sofrer. Em doses pequenas, tentando não perceber, vai afastando uma dor aqui, um ressentimento ali, uma revolta acolá. Se o cinema está cheio, a gente senta na primeira fila e torce um pouco o pescoço. Se a praia está contaminada, a gente molha só os pés e sua no resto do corpo. Se o trabalho está duro, a gente se consola pensando no fim de semana. E se no fim de semana não há muito o que fazer a gente vai dormir cedo e ainda fica satisfeito porque tem sempre sono atrasado.





A gente se acostuma para não se ralar na aspereza, para preservar a pele. Se acostuma para evitar feridas, sangramentos, para esquivar-se de faca e baioneta, para poupar o peito. A gente se acostuma para poupar a vida. Que aos poucos se gasta, e que, gasta de tanto acostumar, se perde de si mesma.”

Recentemente, também li em uma página do Instagram - @sobrebudismo – as seguintes provocações:

“A pressa é o novo abandono.

Na tentativa de não ficar para trás, muita gente corre em direção a lugar nenhum.

A pressa foi romantizada como sinônimo de produtividade, mas é só mais um disfarce para desconexão.

Quando tudo precisa ser feito rápido, nada é feito com atenção.

Comer correndo, conversar olhando no celular,

ouvir sem escutar, viver sem estar no aqui e agora.

A correria te prometeu sucesso, mas só te entregou ansiedade.

O agora virou um obstáculo a ser superado, como se o futuro fosse um prêmio que justifica o abandono do presente.

E a presença, essa rebelde silenciosa, continua sendo a única que te traria paz.

O que você perdeu tentando ganhar tempo?”



Para mim, a frase “a pressa é o novo abandono” foi pesada. Está aqui até agora reverberando. Porque abandono é palavra forte demais. Doída e solitária. Como chegou aí? Aliás, você tem se abandonado com frequência?

Afinal, o que aconteceria se você desacelerasse e pudesse sentir a vida?

Voltando à academia, enquanto aguardava a pro-

fessora, olhei pela janela de vidro e fiquei intrigada: que lugar era aquele? Fui surpreendida por um cenário novo-velho: a rua era conhecida, mas, sob outro ângulo, tive dificuldade de re-conhecer. A pressa – amiga fiel do automatismo – nos rouba os detalhes da vida – isto é, a sua riqueza. Você sabe, né? É no detalhe que a magia acontece. Mas, só olha para ele quem acolhe os processos.



IMAGEM GERADA POR IA "usando GROK.AI, sob a direção de Arely Soares Reis, Criada em 02/04/2026"

Dia desses, aliás, li uma frase sem autoria assim:

“O processo é o propósito.” Fiquei pensativa. A gente consegue suportar o processo? E, olhe, suportar é pesado também: envolve fazer esforço, aguentar. Como seria experienciar o processo? Veja o que Drummond poetizou em momentos distintos:



IMAGEM GERADA POR IA "usando GROK.AI, sob a direção de Arely Soares Reis, Criada em 02/04/2026"

Cidadezinha qualquer

Casas entre bananeiras
mulheres entre laranjeiras
pomar amor cantar.

Um homem vai devagar.
Um cachorro vai devagar.
Um burro vai devagar.

Devagar... as janelas olham.

Eta vida besta, meu Deus.

Cota zero

Stop.
A vida parou
ou foi o automóvel?



IMAGEM GERADA POR IA "usando GROK.AI, sob a direção de Arely Soares Reis, Criada em 02/04/2026"

De ângulos novos, a realidade também é outra. Saramago disse: “Para conhecer a verdade há que se dar a volta toda.”

- Você consegue surpreender-se com a sua rotina?

- Se permite criar novo olhar sobre o já visto?



Sabe, às vezes, a gente se apaixonava por algumas versões da realidade... e faz um esforço danado para não abrir mão delas... já aconteceu com você? A vida é misteriosa e sábia: de novo, a imagem da espiral - sempre a mesma e sempre renovada... paradoxo fundante da existência.

Quando saí da academia, estava revigorada: menos pelos exercícios e muito mais pelas novidades que havia descoberto: olhei

com detalhes o alto das casas, pude ver melhor a perfeição das flores, do alto, vi minha rua tão menor do que supunha, descobri detalhes na arquitetura, vi a torre da igreja mais de perto. Enfim, as novas perspectivas foram atualizadas com sucesso! Ah, sim: parece possível traçar um paralelo sobre atualização obrigatória de aplicativos nos eletrônicos: ou os atualizamos ou perdemos o funcionamento. Parece que somos iguais, não? Sem atualização, ficamos obsoletos, rígidos e inférteis...

Para você, como é voltar a lugares conhecidos com olhar de curiosidade e se deixar surpreender?

Afinal, você tem se atualizado na sua vida?

Com o desejo sincero de que seus dias sejam mais que dias comuns - menos pelos acontecimentos grandiosos e mais pela sua presença e conexão - deixo um abraço apertado, recheado de carinho!

Adriana



IMAGEM GERADA POR IA "usando GROK.AI, sob a direção de Arely Soares Reis, Criada em 02/04/2026"

Colunista Adriana Moura Salles

CONHEÇAM MAIS O SEU TRABALHO,
VISITE SEU SITE E ACOMPANHEM SUAS REDES
SOCIAIS

INSTAGRAM

FACEBOOK

POST NO SITE



COLUNAS E COLUNISTAS





07



RENATA MUNHOZ



Doutora em Filologia pela USP, com pós-doutorado em Linguística. Atua nos ensinamentos básico e superior, além de cursos preparatórios e português para estrangeiros. Experiência internacional como trainer pelo British Council. Possui certificações e vivências internacionais, como a de Trainer pelo programa Core Skills do British Council. Cria e ministra palestras e treinamentos originais em empresas de diversos segmentos. Autora de textos acadêmicos, científicos e literários.

A preguiça no Brasil colonial



Em meados do século XVIII, um documento atravessou o oceano Atlântico levando à Coroa portuguesa um diagnóstico severo sobre a capitania de São Paulo. O autor era o governador da região, Dom Luís Antônio de Sousa Botelho Mourão, governador e capitão-general da capitania de São Paulo entre 1765 e 1775. Nomeado por José I de Portugal, o Morgado de Mateus chegou ao Brasil com uma missão clara: reorganizar uma capitania considerada estratégica para o império português, mas que atravessava um período de dificuldades econômicas e administrativas.

No texto, ele afirmava que os moradores da capitania eram marcados pela “negligência” e pela “preguiça”. Esse ofício, produzido em 19

de agosto de 1765 na Vila de Santos e enviado a Portugal ao Conde de Oeiras e será reproduzido a seguir com sua ortografia modernizada para as regras atuais. Isso porque, no século XVIII, a ortografia era fonética, com as palavras grafadas de modo mais próximo da pronúncia, sem uma padronização rígida como a que existe hoje. Em outras palavras, muitos escritores registravam as palavras conforme as ouviam ou como julgavam que deveriam ser pronunciadas. Nesse período, a língua portuguesa ainda não possuía uma ortografia oficialmente fixada. Havia gramáticas e dicionários, mas as regras não eram seguidas de maneira uniforme. Por isso, é comum encontrar nos manuscritos da época várias grafias diferentes para a mesma palavra.



IMAGEM GERADA POR IA "usando SEAAART.AI, sob a direção de Tônia Lavinia, Criada em 22/03/2026"

Esse documento resulta da tentativa de o Morgado de Mateus implantar a agricultura na região. Em virtude da extrema pobreza do local, exemplificada pela Vila de Santos, onde o governador passou um tempo desde sua chegada de Portugal, ele informa sobre os planos de lá instalar fábricas de algodão e de louça. Para tanto, afirma ter se adiantado em mandar virem tecelões do Rio de Janeiro para implementar a atividade industrial na região. Como argumento a seus projetos, demonstra a importância de realizar-se uma atividade econômica no local. Infere, nesse propósito, ser o desvio da rota do ouro, que já não passava pela capitania de São Paulo, a causa de tamanha pobreza.

Sabemos que a seleção das palavras revela a intenção de um autor. Sendo assim, os adjetivos registrados pelo governador em um ofício oficial, poderiam

ser lidos hoje como um comentário áspero sobre os habitantes da região. No entanto, quando colocados no contexto histórico em que foram escritos, revelam algo muito mais complexo. Não se trata apenas de um julgamento sobre o comportamento de uma população, mas de uma peça dentro da engrenagem administrativa de um império que se estendia por vários continentes. Nada simples manter a hierarquia e a subordinação perante um rei distante. Como exemplo de tantos conflitos de interesses, reproduz-se a seguir a transcrição modernizada do documento enviado de maneira manuscrita pelo governador de São Paulo a Portugal ao Conde de Oeiras, o futuro Marquês de Pombal:

Ilustríssimo e Excelentíssimo Senhor Conde de Oeiras,



IMAGEM GERADA POR IA "usando SEAAART.AI, sob a direção de Tônia Lavinia, Criada em 22/03/2026"

É muito notável a suma pobreza a que se acham reduzidos a maior parte dos habitantes desta vila, constando-me que a esta proporção sucede o mesmo nas outras terras desta capitania. Eles se acham faltos de todo o necessário para as comodidades da vida, até do próprio sustento, porque quase tudo lhes vem de fora, nascendo esta miséria da negligência com que estão vendo e conservando ao pé das suas casas largas campinas, todas cobertas de arvoredo e espessa mata, sem utilidade alguma.

Se não fosse o pequeno cabedal que aqui dispõem os soldados desta pouca tropa paga que se conserva, e a necessidade que obriga os habitantes de serra acima a descerem a este porto para se proverem de alguns alqueires de sal, que de meses a meses transportam alguns pequenos navios, já de todo estaria despovoad.

Os seus edificios ainda mostram, em partes, a riqueza que tiveram os seus antepassados no tempo em que o ouro das minas corria por este canal; porém, depois que o dito ouro passou pelo Rio de Janeiro, onde é mais conveniente, porque se evita o risco de mar — que não é tão pequeno quanto corre deste aquele porto —, sendo a riqueza do ouro que aqui ficou uma felicidade transitória para aqueles em cujas mãos estava, pois não podia permanecer não havendo em que se empregasse de sorte que o rendimento fizesse círculo, ou retrocesso outra vez para seu próprio dono.

Pouco a pouco se foi diminuindo com os quotidianos gastos da vida, até que de todo se veio a extinguir, de maneira que já hoje se não acha aqui dinheiro senão na mão de uns tantos comerciantes que ainda hoje conservam um pequeno negócio.



IMAGEM GERADA POR IA *usando SEAAART.AI, sob a direção de Tônia Lavínia, Criada em 22/03/2026*

Desejando eu de alguma sorte dar remédio a tantos danos, passei uma ordem a todas as câmaras para que obrigassem a fazer plantações de algodão. Tratei com os principais mercadores da terra para que se juntassem para comprar por preços certos todo o que viesse. Tenho mandado vir do Rio de Janeiro mestres de fabricar o dito algodão com os seus teares, para estabelecer fábrica nesta terra.

Tenho falado a um homem e o tenho disposto para haver de erigi-la e governá-la. Tenho esperanças bem fundadas de que haverá quem queira concorrer com dinheiros para os primeiros fundamentos.

O mesmo tenho praticado para ver se posso estabelecer algumas fábricas de louça, pelo excelente barro que há, de que se fazem coisas úteis e curiosas.

Todas estas ideias estão muito nos seus princípios. Deus queira ajudar-me para as aperfeiçoar e ver no estado que lhes desejo.

Deus guarde a Vossa Excelência.

Vila de Santos, em 19 de agosto de 1765.

Dom Luís Antônio de Souza.

Para compreender o significado de suas palavras, é preciso lembrar que governar no século XVIII era também um exercício constante de escrita. O império português era admi-

nistrado em grande parte por meio de correspondência. Governadores, capitães-generais e outros funcionários coloniais produziam relatórios detalhados que eram enviados regularmente a Lisboa. Esses documentos tinham funções muito claras. Serviam para informar a Coroa sobre a situação das colônias, justificar decisões administrativas e, muitas vezes, explicar por que determinados projetos não avançavam como esperado. Em outras palavras, escrever relatórios era também uma forma de governar. Foi nesse universo de comunicação administrativa que surgiu o famoso comentário sobre a “preguiça” dos paulistas.



"A prática da escrita era uma ferramenta fundamental de governança no século XVIII, e os relatórios administrativos desempenhavam um papel crucial na administração do império português, servindo como meio de informar, justificar e explicar decisões à Coroa."

IMAGEM GERADA POR IA *usando SEAAART.AI, sob a direção de Tônia Lavínia, Criada em 22/03/2026*

Uma capitania em crise

Quando o Morgado de Mateus assumiu o governo de São Paulo, a capitania não vivia um momento nada próspero. Foi só com a nomeação do Morgado de Mateus para governador que a capitania voltou ao posto de “capitania”, pois estava destituída de autonomia adminis-

trativa. Durante o século XVII, os paulistas haviam desempenhado papel importante nas expedições que avançaram pelo interior da América portuguesa. As chamadas bandeiras exploraram vastas regiões em busca de metais preciosos e de indígenas que pudessem ser escravizados. Es-

sas expedições contribuíram para ampliar o conhecimento do território e para consolidar a presença portuguesa em áreas distantes do litoral. No entanto, a dinâmica econômica da colônia mudou profundamente no início do século XVIII.

A descoberta de ouro em Minas Gerais deslocou o centro econômico da América portuguesa. As áreas mineiras tornaram-se o foco principal da administração colonial. Grandes fluxos populacionais se dirigiram para as regiões de mineração, e a Coroa portuguesa passou a dedicar atenção especial à organização e ao controle desses territórios. Nesse processo, a capitania de São Paulo acabou perdendo parte de sua importância política e econômica. As rotas comerciais se reorganizaram, e a circulação de riquezas passou a se concentrar em outras regiões da colônia.



IMAGEM GERADA POR IA "usando SEAAARTAI, sob a direção de Tônia Lavínia, Criada em 22/03/2026"



IMAGEM GERADA POR IA "usando SEAAARTAI, sob a direção de Tônia Lavínia, Criada em 22/03/2026"

Diversos relatos do período descrevem São Paulo como uma capitania relativamente pobre. O historiador Afonso d'Escagnolle Taunay, ao reunir documentos coloniais em seus estudos sobre o período, menciona repetidas referências à escassez de recursos e às dificuldades econômicas enfrentadas pela região ao longo do século XVIII.

Esse cenário era agravado por fatores geográficos e demográficos. A população da capitania era relativamente pequena e dispersa. As distâncias entre os núcleos de povoamento eram grandes, e as rotas de comunicação eram precárias. Transportar produtos até os portos do litoral era uma tarefa difícil e muitas vezes cara. A produção agrícola existia, mas frequentemente estava voltada para o consumo local. Em muitas áreas do interior, a economia funcionava principalmente em regime de subsistência. Foi nesse contexto que o Morgado de Mateus iniciou seu governo.

O tipo de avaliação presente no ofício transcrito aparece com frequência na documentação colonial. Governadores e funcionários da administração portuguesa muitas vezes associavam problemas econômicos a características atribuídas à população local. Ao fazerem isso, construíram uma narrativa que os ajudava a justificar intervenções administrativas, reformas econômicas ou políticas de reorganização social. No caso do Morgado de Mateus, a crítica à “preguiça” dos habitantes aparece vinculada à necessidade de estimular uma economia mais produtiva e de fortalecer o controle administrativo da capitania. Assim, a expressão funciona menos como uma descrição literal da sociedade paulista e mais como parte de um argumento político dirigido à metrópole.



IMAGEM GERADA POR IA "usando SEAART.AI, sob a direção de Tônia Lavínia, Criada em 22/03/2026"

Fontes históricas

Os relatórios enviados à Coroa tinham objetivos específicos. Serviam para informar e, sobretudo, para convencer sobre o empenho e a nobreza das ações pessoais dos encarregados do Rei. Governadores precisavam, então, demonstrar que compreendiam os problemas de suas capitanias e que estavam tomando medidas para resolvê-los. Ao mesmo tempo, era necessário explicar por que certas dificuldades persistiam. Nesse cenário, avaliações sobre o comportamento da população podiam funcionar como elementos de argumentação política.

Entendemos, assim, que a história não tal qual conhecemos

não se construiu apenas pelos acontecimentos em si, mas principalmente pela escolha vocabular dos que grafaram essas fontes primárias de nossa cultura no período colonial.

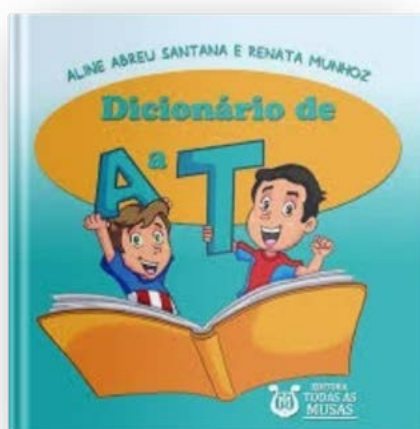
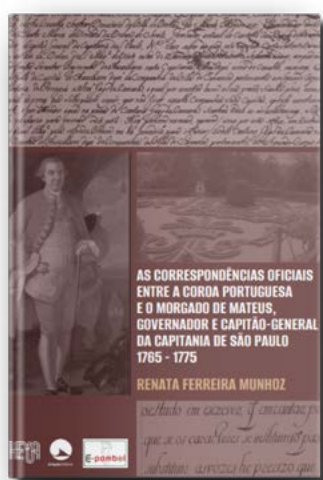
Ler documentos históricos exige um olhar sobre o contexto em foram escritos, para que não se incorra no erro do anacronismo, que seria analisar com os olhos atuais a realidade pretérita. Para isso, deve-se valorizar as pesquisas históricas que recuperam informações sobre o passado e, com isso, retomam os discursos que nos fundamentaram cultural e socialmente como povo.



IMAGEM GERADA POR IA "usando SEAART.AI, sob a direção de Tônia Lavínia, Criada em 22/03/2026"

LIVROS DA AUTORA

Acesse a Vitrine The Bard



[Clique aqui](#)

Colunista Renata Munhoz

INSTAGRAM

LINKEDIN

POST NO SITE



COLUNAS E COLUNISTAS





J.B WOLF

Cidade: Brasília
Estado: Distrito Federal
País: Brasil



Contos

O Café Passagem

Capítulo 6: A Origem do Dom

Quinze anos antes

Daniel tinha doze anos quando o mundo mudou para sempre.

Era um sábado chuvoso de abril, e ele estava no sótão da casa do avô Henrique, procurando livros antigos para um trabalho escolar. O velho casarão cheirava a naftalina e memórias, com suas vigas de madeira escura e janelas que filtravam a luz cinzenta da tarde.

Foi atrás de uma pilha de enciclopédias empoeiradas que ele encontrou o baú.

Não era grande — do tamanho de uma caixa de sapatos — mas havia algo nele que chamava atenção. A madeira escura estava entalhada com símbolos que Daniel não reconhecia, e uma fechadura antiga, sem chave, mantinha a tampa selada.

— Vovô! — gritou Daniel, descendo as escadas com o baú nas mãos. — O que é isto?

Henrique estava na cozinha, preparando seu chá da tarde com a precisão ritual de quem havia feito o mesmo gesto milhares de vezes. Quando viu o baú, suas mãos tremeram, e a xícara quase escorregou.

— Onde encontrou isso? — perguntou, a voz subitamente grave.

— No sótão. Estava escondido atrás dos livros.

O avô se sentou pesadamente na cadeira da cozinha, como se o peso dos anos tivesse dobrado em segundos.

— Sente-se, Daniel. Há coisas que preciso te contar.

Daniel obedeceu, colocando o baú sobre a mesa. Henrique o observou por um longo momento, como se estivesse vendo um fantasma.

— Este baú pertenceu ao meu avô, e ao avô dele antes disso. Nossa família... nossa família tem uma peculiaridade, Daniel. Algo que passa de geração em geração, saltando algumas pessoas, escolhendo outras.

— Que tipo de peculiaridade?

— A capacidade de ver além do presente. De escrever sobre coisas que ainda não aconteceram.

Daniel riu, pensando que o avô estava brincando.

— Como nos filmes de ficção científica?

— Não é ficção, menino — Henrique disse seriamente. — Eu tive essa capacidade dos quinze aos quarenta anos. Meu bisavô também. E agora... agora talvez seja sua vez.

— Isso é impossível, vovô.

— É? — Henrique se levantou e foi até uma gaveta, de onde tirou uma chave pequena e antiga. — Vamos descobrir.

A chave se encaixou perfeitamente na fechadura. Quando o baú se abriu, Daniel viu dezenas de cadernos, todos com capas de couro escuro, organizados cronologicamente. Henrique pegou o mais antigo.

— Este é de 1943 — disse, abrindo numa página marcada. — Escrevi sobre o fim da Segunda Guerra, dois anos antes de acontecer. Aqui — virou algumas páginas — sobre a morte do presidente Vargas, em 1954. Escrevi em 1952.

Daniel olhou as páginas amareladas, cobertas pela caligrafia cuidadosa do avô. Os detalhes eram específicos demais para serem coincidência.

— Como?

— Não sei como, Daniel. Só sei que acontece. Você senta, pega uma caneta, e as palavras vêm. Como se você estivesse lembrando de algo que ainda não viveu.

— E por que parou?

Henrique sorriu com melancolia.

— Porque conheci sua avó. No dia em que me apaixonei por ela, as visões pararam. Como se o amor tivesse me ancorado no presente.



Daniel tocou um dos cadernos mais recentes.

— E você acha que eu...?

— Há sinais — Henrique disse. — Você sempre soube quando ia chover, mesmo com o céu limpo. Sempre escolhia o caminho certo quando nos perdíamos. Pequenas coisas, mas sinais.

Era verdade. Daniel sempre tivera uma intuição estranha sobre eventos futuros, mas nunca havia pensado nisso como algo sobrenatural.

— O que devo fazer?

— Nada, por enquanto. Se o dom vier, virá naturalmente. Mas Daniel... — o avô segurou suas mãos — se isso acontecer, lembre-se: é um presente e uma maldição. Você verá coisas maravilhosas e coisas terríveis. E nem sempre poderá mudá-las.

Três dias depois, Henrique morreu dormindo.

Daniel estava na escola quando recebeu a notícia. Voltou para casa em estado de choque, e foi direto para o quarto do avô, onde o baú ainda estava sobre a mesa.

Pegou um caderno em branco e uma caneta, mais por impulso que por intenção. Sentou-se e, sem saber por quê, começou a escrever:

"O funeral será na quinta-feira. Choverá durante o enterro, mas o sol aparecerá quando baixarem o caixão. Tia Carmen usará o vestido azul-marinho e chorará mais que todos. Miguel ficará ao meu lado, segurando minha mão."

Daniel parou de escrever, assustado com as próprias palavras. De onde haviam vindo? Por que havia escrito sobre chuva quando a previsão era de sol?

Na quinta-feira, tudo aconteceu exatamente como ele havia escrito.

Presente

Daniel acordou na terça-feira com a memória do avô vívida na mente, como se tivesse sonhado com ele a noite inteira. Fazia anos que não pensava nos detalhes daquele primeiro dia, quando o dom se manifestara.

Levantou-se e foi até o armário, onde guardava os cadernos antigos do avô junto com os seus próprios. Pegou o primeiro caderno que havia usado, ainda adolescente, e releu as primeiras páginas.

As previsões eram simples no início: resultados de jogos, mudanças no tempo, pequenos eventos familiares. Com o passar dos anos, haviam se tornado mais complexas, mais específicas. E então, três anos atrás, havia começado a escrever sobre Luísa.

Agora, olhando para as páginas em branco de seu caderno atual, Daniel se perguntava se estava seguindo o mesmo caminho do avô. Henrique havia perdido o dom quando se apaixonou. Seria isso que estava acontecendo com ele?

O telefone tocou, interrompendo seus pensamentos.

— Daniel? — Era a voz de Luísa. — Desculpe ligar tão cedo. Sei que marcamos para nos ver só à noite, mas...

— Mas?

— Tive um sonho estranho. Sonhei com um homem idoso que dizia ser seu avô. Ele me mostrava cadernos antigos e dizia que eu precisava entender de onde vinha seu dom.

Daniel sentiu um arrepio percorrer a espinha.

— Como era ele no sonho?

— Alto, cabelos brancos, olhos iguais aos seus. Usava um colete de lã marrom e cheirava a tabaco de cachimbo.

A descrição era perfeita. Henrique sempre usava aquele colete, e o aroma de tabaco era sua marca registrada.

— Luísa — Daniel disse, a voz tremendo — você acabou de descrever meu avô Henrique. Ele morreu quando eu tinha doze anos.

Silêncio do outro lado da linha.

— Isso é impossível — ela sussurrou.

— Você pode vir aqui? Há coisas que preciso te mostrar. Coisas sobre minha família, sobre como tudo começou.

— Estou indo.

Uma hora depois, Luísa estava sentada no sofá de Daniel, folheando os cadernos antigos



de Henrique. Suas mãos tremiam levemente enquanto lia as previsões que haviam se tornado realidade décadas antes.

— Meu Deus, Daniel. Isso é... isso é real.

— Sempre foi. Meu avô me contou sobre nossa família três dias antes de morrer. Disse que o dom passava de geração em geração, mas nem sempre para todos.

— E você desenvolveu a habilidade depois que ele morreu?

— No mesmo dia. Como se ele tivesse me passado alguma coisa, ou como se a morte dele tivesse despertado algo que já estava lá.

Luísa fechou o caderno e olhou para Daniel.

— Ele disse mais alguma coisa no meu sonho.

— O quê?

— Que o dom não é uma maldição, mas uma preparação. Que você passou quinze anos vendo o futuro para estar pronto quando o presente realmente importasse.

Daniel sentiu os olhos se encherem de lágrimas.

— Ele sempre dizia que o amor havia o ancorado no presente. Que foi por isso que perdeu as visões quando conheceu minha avó.

— E agora está acontecendo com você.

— Parece que sim.

Luísa se aproximou e segurou as mãos dele.

— Daniel, posso te fazer uma pergunta que talvez seja difícil?

— Claro.

— Você sente falta? Do dom, das visões?

Daniel pensou cuidadosamente antes de responder.

— Sentia. Nos primeiros dias, me sentia perdido, como se tivesse perdido uma parte de mim mesmo. Mas agora... — ele olhou nos olhos dela — agora percebo que talvez tenha ganhado

algo muito mais valioso.

— O quê?

— A capacidade de me surpreender. De viver cada momento sem saber o que vem depois. E principalmente... — ele tocou o rosto dela suavemente — a possibilidade de construir um futuro junto com alguém, em vez de simplesmente observá-lo acontecer.

Luísa sorriu, e Daniel viu naquele sorriso algo que nenhuma visão jamais havia lhe mostrado: a promessa de um futuro que eles escreveriam juntos, uma página em branco de cada vez.

— Seu avô estava certo — ela disse. — O amor realmente ancora no presente.

— E você? — Daniel perguntou. — Não tem medo de estar com alguém que vem de uma família tão... estranha?

— Tenho medo de muitas coisas — Luísa admitiu. — Mas de você, não. De nós, não. Porque pela primeira vez na vida, o futuro não me assusta. Ele me emociona.

E naquele momento, Daniel soube que o avô estava certo. O dom havia sido uma preparação, uma forma de esperar pelo momento certo, pela pessoa certa. Agora que havia encontrado Luísa, não precisava mais ver o futuro.

Precisava apenas vivê-lo.

CAPÍTULO 1



CAPÍTULO 2



CAPÍTULO 3



CAPÍTULO 4



CAPÍTULO 5



COLUNAS E COLUNISTAS

WOLFBIO

POST NO SITE





SANDRA SANTIAGO



Sandra Santiago Doutora em Educação. Professora. Intérprete de Libras. Criadora do Projeto Aponte, ação social para a inclusão de crianças em situação de vulnerabilidade social. Autora dos livros: “A história da exclusão das Pessoas com deficiência”; “Memórias de Estágio”; “Problematizando a inclusão do estudante surdo” dentre outros.



DEMOCRATIZANDO E INCLUINDO: NINGUÉM DEVE SER COLOCADO DO LADO DE FORA!



IMAGEM GERADA POR IA usando GPT-4, sob a direção de Tônia Lavinia. Criada em 05/04/2026

O uso das expressões “inclusão” e “democratização” estão muito em voga, mas, a compreensão desses conceitos ainda carece de atenção, pois, é comum que se utilizem tais expressões em contextos os mais diversos, relacionadas a diferentes grupos e categorias, o que pode levar a associações, por vezes, incorretas ou incompletas. Diante disto e, entendendo que o conhecimento é sempre libertador e que é preciso democratizar o acesso ao conhecimento para gerar inclusão, vamos conversar a respeito.

tem origem no latim do verbo *includere* que pode ser traduzido como “incluir” e significa, grosso modo, colocar para dentro (dicio.com.br/inclusão). Democracia, por sua vez, tem sua origem nas expressões gregas *demo* + *kratos* e significa poder do povo (dicio.com.br/democracia). Porém, frente a um mundo cada vez mais competitivo e padronizado, marcado por modelos socioeconômicos desumanos, a sociedade não demorou muito a perceber que a inclusão não era a tônica social adotada por quem estava no poder e que a democracia é constantemente ameaçada por interesses particulares.

O termo inclusão não é novo,

De fato, se incluir é colocar para dentro, fatalmente, excluir é o ato de proibir a entrada ou expulsar, lançar fora. Mas, numa sociedade democrática, onde há espaço para pensar, refletir, reivindicar, quem fora excluído vai lutar para incluir-se. O mesmo não ocorrerá em regimes antidemocráticos, onde a livre expressão não é possível e a maneira mais efetiva de tornar as pessoas submissas é a desinformação, impondo barreiras para o acesso. Nesse contexto, importa colocar “para fora” cada vez mais pessoas indesejadas.



IMAGEM GERADA POR IA "usando SEAAKT.AI, sob a direção de Tônia Lavínia, Criada em 03/04/2026"

Numa sociedade democrática, onde os direitos humanos assumem papel central, é evidente que não se pretende, por princípio, que ninguém deve ser deixado do lado de fora. Os direitos são de todos os seres humanos, indistintamente. A vida, o trabalho, a moradia, a educação, a saúde e a segurança compõem o arcabouço do que se entende por direitos básicos e, por isso, a inclusão social, cultural, econômica, educacional etc. das pessoas, inclusive, as com menores condições, é a meta. Portanto, sociedades democráticas buscam a inclusão, por princípio, e a inclusão, por conseguinte, só é possível em sociedades democráticas.

IMAGEM GERADA POR IA "usando SEAAKT.AI, sob a direção de Tônia Lavínia, Criada em 03/04/2026"



Sobre a Democracia e a Democratização

Onde a vontade do povo é considerada legítima, seja ela exercida de forma direta ou através de representantes eleitos, há o que chama de democracia. Portanto, ela se fundamenta na soberania popular, e, portanto, tem por objetivo garantir liberdades, opondo-se a qualquer forma de violência dirigida a qualquer um dos seus membros. De tal maneira, a democracia é inclusiva.

A democracia, enquanto ideia, é realmente bem antiga, mas, como exercício prático da vida em sociedade pode se dizer que ainda não passou de um breve ensaio humano. Não resta dúvida que na contemporaneidade, ela carece de atualizações, considerando o próprio movimento social, cultural, científico e identitário. Logo, na ideia de democracia contemporânea, a vontade da população deve ser acolhida, respeitada e considerada para que os governantes (representantes do povo) façam as melhores escolhas para a coletividade, sem negar ou desrespeitar direitos individuais legítimos.



IMAGEM GERADA POR IA "usando GROK.AI, sob a direção de Tônia Lavínia, Criada em 03/04/2026"



IMAGEM GERADA POR IA "usando FREEPIK.AI, sob a direção de Tônia Lavínia, Criada em 03/04/2026"

Dessa perspectiva, no Brasil, um país democrático, a democratização pode ser compreendida como o processo por meio do qual se superam os germes do passado (regime autoritário) e se trabalha para a ampliação do acesso de todos a direitos fundamentais. Tais direitos envolvem acesso a bens, serviços e informações que são imprescindíveis e devem estar à disposição de todas as pessoas, independentemente de classe, etnia, gênero, condição etc.

Como se constata, na democracia é possível garantir a inclusão, pois, em suas bases estão a noção do direito como facultado a todos, portanto, como diz Sasaki, “um processo pelo qual os sistemas sociais comuns são tornados adequados para toda a diversidade humana” que é

composta por diferentes atributos, tais como: etnia, raça, língua, nacionalidade, gênero, orientação sexual, deficiência etc. e, nesse sentido, a adequação social - com base nesses e noutros atributos - deve contar com “a participação das próprias pessoas na formulação e execução dessas adequações” (2009, p. 11).

Dessa perspectiva, a informação, a educação e a cultura são integrantes do processo de democratização e passam a ser encaradas como essenciais na construção da identidade da nação. Esse é o lema de uma sociedade democrática. Se busca incessantemente a construção e ampliação do acesso de todas as pessoas ao conhecimento, a fim de que possam refletir, opinar, criticar, escolher, se fazendo sujeitos de sua própria história.

Quem luta para estar dentro?

Num contexto democrático é evidente que grupos lutarão para ser incluídos e não sossegarão enquanto não estiverem no usufruto do que a vida em sociedade proporciona, dos bens e serviços que lhe são devidos. Crianças, idosos, mulheres, pessoas com deficiências, ciganos, povos indígenas, pretos, LGBTQs, são alguns exemplos dos que foram, paulatinamente, sendo colocados à margem da sociedade e que legitimamente, hoje reclamam o espaço que lhe é devido.

No contexto brasileiro, essas são lutas antigas e que encontram os germes na própria história de exploração e escravização dos mais vulneráveis desde que o invasor europeu aqui chegou com o intuito de destruir a identidade, a cultura, a língua, a identidade de quem já tinha história e raízes nas terras de Pindorama. Na mesma direção, a exclusão se fortaleceu na escravização do povo africano e em todo tipo de violência contra eles praticada. Portanto, nos primórdios do Brasil, manifestam-se práticas excludentes que são marcadas pela violência e pelo preconceito.

Desde quando as ideias de uma civilização, com forte poder político, econômico e bélico, ousam em invadir, destruir e ditar os destinos dos mais vulneráveis, nunca será para ajudar; sempre haverá violência física e cultural, desrespeito as singularidades e destruição. Então, ontem e hoje, a exclusão permanece e os crimes que ela pratica ganham nomes próprios, mas, as vítimas seguem no

anonimato e serão sempre os mais fracos.

No caso brasileiro, é verdade que já avançamos em alguns aspectos, contudo, ainda mais difícil tem sido manter certos direitos garantidos, uma vez que, aqui e ali, vê-se emergir movimentos retrógrados que insistem em pôr para fora quem lutou para estar dentro. Ideias ultrapassa-

das e que já são discutidas no escopo da criminalização ou caminham para isso são difundidas, sem nenhum pudor. O capacitismo, a xenofobia, o racismo e a misoginia (dentre outros) encontram algum tipo de eco no seio da sociedade. Mas, com informação e conhecimento é possível mudar a história, pois a alienação é filha da ignorância, e o conhecimento é libertador.

Talvez pela ignorância de muitos, por vezes, a democracia brasileira pareça frágil, alheia aos fatos e dados. Olhando para os dias atuais parece inconcebível que ainda se esteja discutindo sobre o direito de todos aos bens socialmente construídos. Mas, de fato, ainda é preciso. Ainda são muitos os embates que se travam no campo das ideias, a fim de garantir os direitos dos marginalizados. Diante disto, é que espaços de reflexão sobre a inclusão são salutares para tirar da invisibilidade aqueles que o preconceito deseja jogar fora, apagar, ridicularizar e menosprezar.

Ainda é preciso falar sobre o tema. Ainda é necessário apontar os desafios que precisam ser enfrentados. Ainda é preciso defender os que insistentemente são colocados para fora. Mas, é desse movimento de conscientização, popularização dos conhecimentos e difusão de informações que emergem conquistas que são de todos e para todos. Ninguém deve ser colocado para fora!



IMAGEM GERADA POR IA "usando GROK.AI, sob a direção de Tônia Lavínia, Criada em 03/04/2026"

Colunista Sandra Santiago

CONHEÇAM MAIS O SEU TRABALHO E
ACOMPANHEM SUAS REDES SOCIAIS

INSTAGRAM

INSTAGRAM

POST NO SITE



COLUNAS E COLUNISTAS





ELKE LUBITZ



Elke Lubitz Lautert, casada, mãe de dois filhos, catarinense radicada em Jacareí. Licenciatura plena em Pedagogia com pós graduação em Orientação escolar e educacional. Dois livros publicados em solo. Dezenas de livros em coautoria.

A Poesia na Literatura Oral do Brasil

A literatura oral no Brasil é um pilar da identidade nacional, funcionando como um repositório de memórias e tradições que precedem e alimentam a literatura escrita. Mais do que simples contos, ela reflete a formação étnica e social do país, por meio da fala, do canto e do gesto. De forma ampla, o que foi dito acima, apresenta em termos gerais uma definição simples da literatura oral de um país.

Amigos leitores, pouca ênfase muitas vezes, é dada ao tema da oralidade na literatura de um povo ou nação, e aqui neste espaço que tão generosamente me é concedido pela revista @the bard, trago com alegria e honra, um vislumbre da importância deste assunto.

Aproveito o espaço para dedicar aos queridos leitores, um especial agradecimento e respeito.

A amálgama de três raças fundadoras, dá origem a Literatura Oral Brasileira. Cada uma contribuindo com seus elementos específicos para a tradição oral.

Cito aqui, os três pilares desta intensa fusão:

- Matriz indígena: Com suas lendas da floresta, sua visão da origem do mundo e a relação com a natureza.

-Matriz Africana: Inseriu ritmos como o samba e o batuque, além da figura dos contadores de histórias e a mitologia dos orixás, preservando raízes, mesmo sob o regime de escravidão.

-Matriz europeia :Os portugueses trouxeram um vasto repertório do romanceiro popular, as novelas de cavalaria, contos de fadas, além das hagiografias (vida de santos) e orações.



Literatura Oral, A Memória de Quem Não Teve Acesso à Escrita

“Todos sabiam contar histórias. Contavam à noite, bem devagar, com gestos de evocação e lindos desenhos mímicos com as mãos.

Ja eu, ouvindo e aprendendo. Era o primeiro leite alimentar da minha literatura. Cantei, dancei, vivi como todos os outros meninos sertanejos do meu tempo e vizinhanças, sem saber de outro canto, outra dança, outra vida. Voltava carregado de folhetos de cantadores, centos de versos na memória, lembranças dos romances reeditados há tantos cem anos, vivos no espírito de milhões de homens e JAMAIS citados nas histórias registradoras das atividades literárias do Brasil”.

Luís da Câmara Cascudo, em seu livro “Literatura Oral

do Brasil”, editora Global.

Antes mesmo de o Brasil ser o “Brasil” no papel, ele já era narrado em volta das fogueiras, em rituais indígenas e nos cantos de ninar trazidos pelos europeus e africanos.

A literatura oral é a memória de quem não teve acesso à escrita.

Classes populares e povos escravizados preservaram sua história e sua dignidade por meio da palavra falada, que também era um recurso usado para combater a opressão.

A literatura oral não pertence a um autor, e sim, a um povo que a conta e reconta.

Ela representa movimento e ação, diferente da escrita que é estática.



A cultura de um povo é totalmente ligada a literatura oral que a representa, posto que é viva.

A Poesia na Literatura Oral do Brasil

Segundo Luís da Câmara Cascudo, essa literatura é a fonte perene da cultura, coexistindo com a literatura escrita, mas com vida própria, representando a alma de um povo.

A poesia oral no Brasil é marcada pelo fundo religioso ou social e pela sua musicalidade. Ela é uma manifestação viva que atravessa gerações. É constituída por cantigas, parlendas, repentistas, cordéis e lendas. E como em outras expressões da oralidade na literatura, também a poesia é fruto da fusão de influências indígenas, portuguesas e africanas.



Principais manifestações poéticas orais no Brasil:

- Parlendas e quadrinhas: Versos rimados em jogos e brincadeiras infantis

- Cordel: Inicialmente cantadas ou contadas oralmente, são narrativas rimadas que posteriormente podem ser impressas em folhetos.

- Poesia religiosa e Autos: Peças como Bumba meu Boi e cantos de devoção.

- Cantigas e Cantares: Cantigas de roda, rondas infantis, canções populares, normalmente de origem portuguesa.

- Repente e Peleja: Baseada na rima e no ritmo, consiste em uma poesia improvisada onde os repentistas (poetas), duelam. Típica

do nordeste brasileiro.

Ao contrário da poesia escrita, a poesia oral permite alterações, o que a torna dinâmica.

Mantém vivas as tradições, visto que é passada de pais para filhos.

A poesia oral possui musicalidade, frequentemente cantada, unindo letra e melodia.

A poesia oral brasileira sobrevive porque é fácil de memorizar e gostosa de ouvir.

O poeta oral é o guardião dos nomes, da linhagem e dos acontecimentos da comunidade. Quando um poeta canta sobre um herói local ou sobre um fenômeno da natureza, ele está mantendo a chama da memória de um povo.

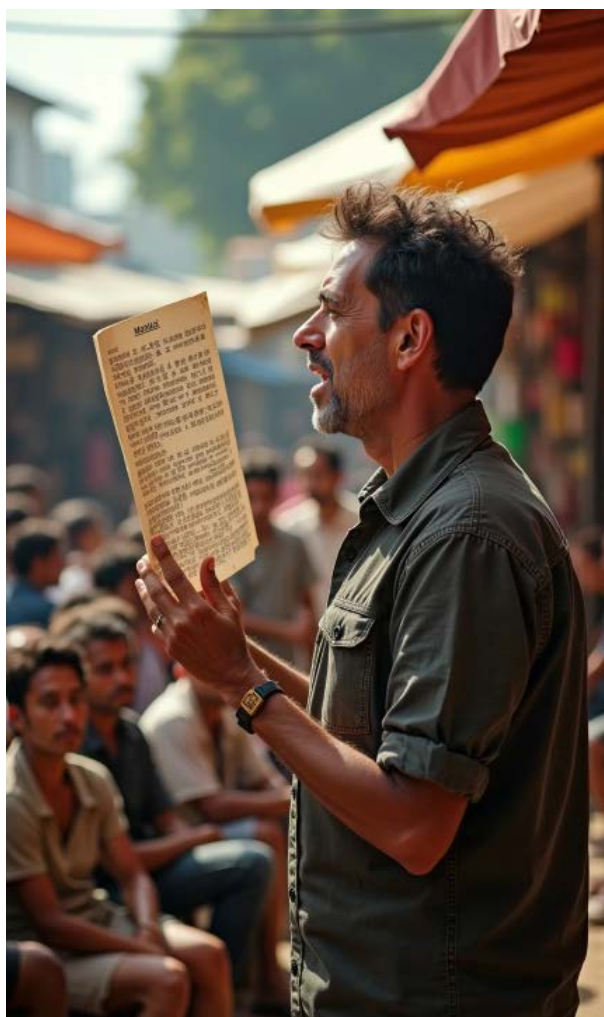


IMAGEM GERADA POR IA "usando SEAART. AI, sob a direção de Adriana Magalhães, Criada em 06/04/2026"



IMAGEM GERADA POR IA "usando GROK. AI, sob a direção de Adriana Magalhães, Criada em 06/04/2026"

Poesia Oral, O Legado e a Resistência

A poesia oral, desde os cantos indígenas até os repentistas nordestinos, passando pelas rodas de samba e pelas batalhas de rap, funciona como veículo de resistência e guarda o legado de sabedoria e valor moral do nosso povo. Ela concede voz a todos, não dá privilégios apenas aos letrados, possibilita o acesso da cultura dando ênfase a memória coletiva. Funciona como movimento de resistência e expressão artística.

É um meio de inclusão, posto que não é necessário que se saiba ler para usufruir da sua expressão, tanto como agente ativo nas composições, como espectador.

A poesia oral brasileira está na "boca do povo". A oralidade tem sido uma forma de preservar as histórias e afirmar identidades.

Caetano e Chico Buarque fizeram uso dessa cultura em algumas de suas composições.

O que reafirma que a poesia oral está na “boca do povo” e o povo mantém acesa a chama das suas origens.

Nos centros urbanos, batalhas de rap e saraus de slam atualizam a tradição oral no Brasil. Trazem temas políticos e sociais, que por meio desta expressão artística, dão voz aos desejos de um povo redefinindo a sua afirmação cultural.

A oralidade na literatura

brasileira expande épocas e contextos por meio de suas reinvenções e procura nunca perder o vínculo com a coletividade.

Como deixar esquecida a ancestralidade cultural das nossas origens?

Há muito que expandir os nossos conhecimentos a este respeito e voltar o olhar as dinâmicas formas de expressão da oralidade na literatura brasileira, sobretudo na Poesia.

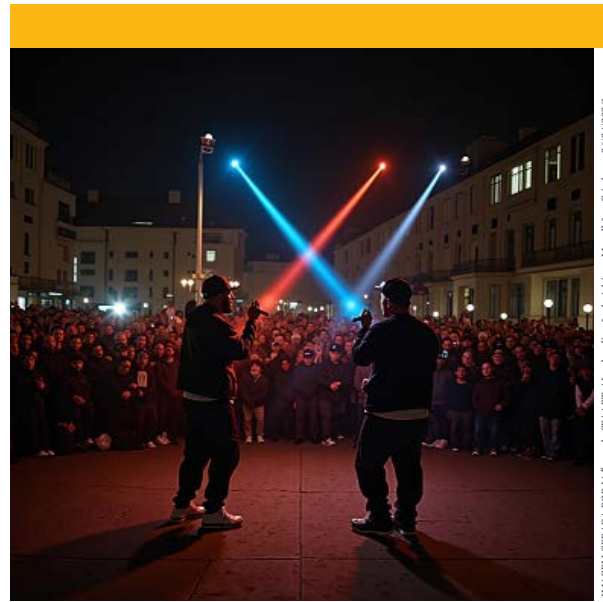


IMAGEM GERADA POR IA. Usando SEASART. AI, sob a direção de Adriana Magalhães, Criada em 06/04/2026

A Importância da Performance

Não há nada “engessado”, na literatura oral. Ela se apresenta dinâmica, essa particularidade traz um diferencial encantador a este recurso literário.

Amigo leitor, quanto mais leio sobre este tema, mais fascinada me sinto. E, se este texto promover alguma curiosidade a respeito em seu coração, já me sinto vitoriosa.

A literatura oral se torna dependente de alguns fatores diferenciados.

- Dizedor/ Cantador: O corpo, a voz e o ritmo dos intérpretes, são parte da obra.

- Ouvinte: A reação do público pode alterar o rumo da história ou a intensidade da declamação.

- Memória: É uma literatura que se instala nas pessoas, mora no seu coração e não nas estantes.

É a Poesia viva, intensidade e criatividade em movimento. Parte da cultura regional vivenciada e apreciada pelas diversas expressões artísticas.

Como seria maravilhoso se atividades neste sentido fossem mais valorizadas em nosso país. A arte, como eu sempre digo por aqui, tem o poder de salvar. A arte salva aquilo que há de melhor em cada um de nós.



IMAGEM GERADA POR IA. Usando SEASART. AI, sob a direção de Adriana Magalhães, Criada em 06/04/2026

A Relação Com a Literatura Escrita

Muitos escritores, dos maiores do país, transportaram para o papel o ritmo da fala. Expressões regionais, estruturas das narrativas populares que criaram uma narrativa erudita, fato que acabou homenageando a

voz do povo.

Um país é construído no dia a dia e a literatura oral é o "arquivo vivo" do Brasil.

A literatura escrita registra a

história oficial, a literatura oral guarda a memória e o sentimento do povo mantendo a chama do humor e da resiliência acesas, o fluxo é constante e essencial para o "aquecimento" da preservação da cultura do nosso povo.

Uma arte que se movimenta e transporta memórias de gerações.

Muito há que sermos gratos a essas vozes artísticas oriundas das memórias ancestrais.

Cuidemos para que essas expressões artísticas sejam sempre lembradas e compartilhadas.

A literatura oral não é apenas um prelúdio para a literatura escrita, e sim, uma manifestação cultural que persiste através dos séculos.



IMAGEM GERADA POR IA "usando GROK. AI, sob a direção de Adriana Magalhães, Criada em 06/04/2026"

Uma Breve Conclusão

Brilhantes escritores brasileiros utilizaram a arte da oralidade para transformá-la em alta literatura.

Como exemplos, Guimarães Rosa, Ariano Suassuna, Cora Coralina, Mário de Andrade, entre outros.

Essa transição entre a cultura oral e a escrita, possibilitou ao Brasil a obtenção de uma identidade literária. Os escritores passaram a ouvir a voz do povo, o ritmo da fala e a musicalidade inerente que a nossa gente possui. E, ao invés de seguir os modelos europeus, começaram a "temperar" a nossa literatura com as nossas peculiaridades, filosofia de vida e memórias culturais próprias.

O Brasil se narra, antes de tudo pelo som. Frase forte que encontrei na Web e não esquecerei....

Muito daquilo que lemos passa, não esquecemos porém, os versos cantados, narrados e declamados. Eles tem o poder de permanecer na memória do coração de uma nação.



IMAGEM GERADA POR IA "usando GROK. AI, sob a direção de Adriana Magalhães, Criada em 06/04/2026"

Agradecimentos

Meu carinho e minha gratidão ao CEO da revista @TheBard, que promove magistralmente a arte e a cultura, da forma mais elevada e, ao mesmo tempo mais acessível que conheço.

Minha gratidão e especial carinho ao querido leitor que me acompanha por aqui, e nas mídias sociais.

Grata sempre a equipe que proporciona o suporte necessário à revista.

“A gente quer passar um rio a nado, e passa; mas vai dar é na outra banda, é num ponto muito mais embaixo,

Bem diverso do em que primeiro se pensou.

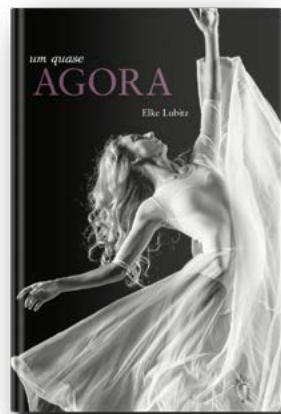
Viver nem não é muito perigoso?”

(João Guimarães Rosa em *Grades Sertões Veredas*)



IMAGEM GERADA POR IA, usando GPTOK AI, sob a direção de Adriana Magalhães, criada em 06/09/2026

LIVRO DA AUTORA



Clique aqui

Colunista Elke Lubitz

INSTAGRAM

FACEBOOK

X.COM

POST NO SITE



COLUNAS E COLUNISTAS





03



MIA KODA



Psicanalista, poetisa, espiritualista, escritora e criadora de conteúdo digital. Autora de seis obras, sendo “Rios Internos – Deixe sua essência fluir” sua publicação mais recente. Defensora da causa animal, destina parte dos direitos autorais para abrigos que resgatam animais abandonados. Membro da FEBACLA – Federação Brasileira dos Acadêmicos das Ciências, Letras e Artes – e vice-presidente da APL – Academia Penapolense de Letras. Redatora digital e colunista da Revista Internacional The Bard.

Uma plateia vazia: algumas ausências nos marcam profundamente, mas não precisam definir a nossa história



IMAGEM GERADA POR IA. * Usando o sistema de geração de imagens Midjourney, criada em 21/05/2024.

Há ausências que parecem pequenas aos olhos do mundo, mas que dentro da alma de uma criança se tornam enormes. Um olhar que não veio, um abraço que faltou, uma presença que não aconteceu no momento em que mais precisávamos ser vistos.

São nesses instantes silenciosos que muitas pessoas começam, sem perceber, a construir uma pergunta dolorosa dentro de si: será que eu sou importante para alguém? E quando essa dúvida nasce cedo demais, ela pode acompanhar a vida por muitos anos, influenciando escolhas, relações e a forma como aprendemos, ou desaprendemos, a reconhecer o próprio valor.

Crianças não tem maturidade emocional para compreender as razões das ausências. Não sabem que os adultos também carregam suas limitações, distrações ou incapacidades afetivas. Uma criança não analisa contextos, apenas interpreta experiências. E muitas vezes relaciona a falta de presença como falta de amor. Assim, pequenas cenas da vida cotidiana acabam se transformando em narrativas internas profundas, como um aniversário esquecido, uma apresentação sem testemunhas ou uma conquista não celebrada. São momentos aparentemente simples, mas que podem deixar marcas silenciosas na construção da autoestima.

Com o passar dos anos, essas marcas podem influenciar a forma como nos relacionamos com o mundo. Algumas pessoas passam a buscar incansavelmente aprovação, enquanto outras, aprendem a diminuir a própria luz para não esperar demais dos outros. Há ainda quem se acostume a aceitar relações onde não é plenamente visto ou valorizado, como se o amor precisasse sempre ser conquistado através de esforço ou prova constante.

No entanto, a maturidade emocional nos oferece uma possibilidade preciosa de revisitar essas histórias com novos olhos. Ao compreender de onde nasceram certas feridas, abrimos espaço para reescrever a maneira como nos vemos e, sobretudo, para reconhecer que o nosso valor nunca dependeu da presença ou ausência de alguém na plateia da nossa vida.



IMAGEM GERADA POR IA "usando FREEPIK, sob a direção de Arely Soares Reis, Criada em 21/03/2026"



IMAGEM GERADA POR IA "usando SEAART, AI, sob a direção de Arely Soares Reis, Criada em 21/03/2026"

CADERNO DE RECOMEÇOS

Eu tinha 12 anos quando subi ao palco do Teatro Municipal da minha cidade, em Penápolis, para minha primeira apresentação de ballet. Ensaíamos durante meses, cada passo repetido, cada movimento corrigido, cada giro treinado até que o corpo aprendesse o ritmo da música.

Para uma menina, aquele não era apenas um espetáculo, era um momento de ser vista.

Lembro da ansiedade no camarim, do figurino delicado, das mãos pequenas tentando ajustar cada detalhe enquanto o coração batia apressado no peito. Mais do que dançar, eu esperava encontrar, em algum lugar da plateia, os olhos das pessoas que eu amava, orgulhosos e torcendo por mim. Só que não havia ninguém.

A música começou, as cortinas se abriram e, sob a luz intensa do palco, eu dancei. Foram apenas alguns minutos, porém para mim pareceram uma eternidade. De algum jeito eu fui forte e continuei cada passo como havia ensaiado, ainda que algumas lágrimas tenham borrando discretamente minha maquiagem.

Como toda criança, eu não tinha maturidade para compreender aquela falta e quando alguém importante não está presente, o coração cria explicações silenciosas para preencher o vazio. Naquela noite, nasceu dentro de mim o sentimento de não ser importante.



IMAGEM GERADA POR IA "usando SEAAART. AI, sob a direção de Arely Soares Reis, Criada em 21/03/2026"



IMAGEM GERADA POR IA "usando FREEPIK, sob a direção de Arely Soares Reis, Criada em 21/03/2026"

E assim, mesmo sem perceber, comecei a acreditar que nada do que eu fizesse seria bonito o suficiente, interessante o bastante ou digno de celebração. Às vezes é assim que a autoestima de uma criança começa a diminuir antes mesmo de se formar, não por uma crítica dura, mas por uma insignificância que marca de forma profunda demais.

Durante muito tempo carreguei essa impressão comigo e ela se infiltrou em escolhas, em dúvidas, em momentos em que aceitei menos do que merecia. Porque quem cresce acreditando que não é importante, às vezes se acostuma a ocupar lugares pequenos na vida dos outros.

Hoje, entendo que este foi apenas um capítulo da minha história, pois a vida não se resume a uma única experiência. Com o passar dos anos,

outras presenças foram chegando. Pessoas que celebraram minhas conquistas, que se alegraram com meus passos e que me lembraram, de maneiras simples e profundas, que minha existência tinha valor.

Pessoas como meu marido e minha filha me ensinaram que o reconhecimento que não recebemos em um momento da vida não define quem somos. Às vezes, o amor demora para chegar, mas quando chega, ilumina partes de nós que estavam na sombra.

A força que encontrei para continuar dançando, para cumprir meu papel de bailarina mesmo com o coração partido, acabou se tornando a maior lição daquela noite. Levei alguns anos para compreender isso plenamente, mas, com o tempo, compreendi.

CARTOGRAFIA DA ALMA

Sentir-se importante para alguém não é vaidade, é uma necessidade profundamente humana.

Desde cedo buscamos sinais de que nossa existência tem significado para o outro. Um olhar atento, uma presença em momentos importantes, um gesto que diga, sem palavras: você importa para mim.

Quando esses sinais faltam, a mente da criança, e muitas vezes do adulto, tenta preencher o vazio com explicações dolorosas. “Não fui o suficiente.” “Não sou especial.” “Não sou digno de amor.” E a partir dessas crenças silenciosas, muitas escolhas começam a ser feitas.

Aceitamos relações onde somos pouco vistos, toleramos ausências emocionais, insistimos em pessoas que nun-

ca desejaram permanecer. Não porque gostamos de sofrer, mas porque algo dentro de nós ainda tenta provar o próprio valor.

A psicanálise nos lembra que muitas decisões da vida adulta nascem de feridas muito antigas, não para nos aprisionar ao passado, mas para que possamos finalmente compreendê-lo. Quando reconhecemos essa dinâmica, algo muda. Percebemos que aquela criança que um dia se sentiu invisível não precisava de julgamento, precisava de acolhimento e, curiosamente, somos nós mesmos que podemos e devemos oferecer isso, agora.

O psicoterapeuta infantil britânico Adam Phillips observa que muitas das nossas dores emocionais estão ligadas ao sentimento de não sermos percebidos em nossa singularidade.



IMAGEM GERADA POR IA "usando SEAART. AI, sob a direção de Arely Soares Reis, Criada em 21/03/2026"



GRANDE PARTE DO SOFRIMENTO HUMANO NASCE DA SENSÇÃO DE NÃO TER SIDO REALMENTE VISTO. ADAM PHILLIPS

Quando alguém importante para nós não reconhece nossa presença ou nossas conquistas, algo dentro da psique registra essa ausência como um sinal de desvalor. Não porque seja verdade, mas porque a mente humana, especialmente na infância, interpreta o silêncio como falta de amor.

A filosofia contemporânea também dialoga com essa necessidade profunda de reconhecimento. O filósofo e sociólogo alemão Axel Honneth, conhecido por sua teoria do reconhecimento, afirma:

“A identidade de uma pessoa depende fundamentalmente das experiências de reconhecimento que ela recebe dos outros.” — Axel Honneth

Isso significa que nossa autoestima não nasce apenas de dentro para fora, ela também se forma nas relações que nos confirmam como alguém digno de atenção, respeito e amor. Quando esse reconhecimento falta, a pessoa pode crescer tentando merecer aquilo que, na verdade, deveria ter sido oferecido gratuitamente, ou seja, a confirmação de que sua existência tem importância.

CRIAR-SE

Durante muito tempo esperamos que o mundo confirme aquilo que ainda não conseguimos reconhecer em nós mesmos, buscamos nos olhares alheios a validação que deveria nascer, antes de tudo, de um encontro silencioso com quem somos.

Com a maturidade, percebemos que o valor que procurávamos fora nunca esteve realmente ausente, ele apenas aguardava ser reconhecido por nós mesmos.

Quando começamos a olhar para nossa história com mais compaixão, a honrar nossas conquistas, nossas travessias e até nossas feridas, algo se reorganiza dentro da alma.

A autoestima deixa de ser um pedido dirigido ao mundo e passa a ser uma consciência tranquila de quem sabe que sua existência tem significado. E, curiosamente, quando aprendemos a nos reconhecer, também nos tornamos mais livres para escolher relações onde o amor não precisa ser implorado, apenas compartilhado.



IMAGEM GERADA POR IA "usando SEAART. AI, sob a direção de Arety Soares Reis, Criada em 21/03/2026"

A partir dessas reflexões, experimente este exercício de escrita:

1. Reconhecendo a origem

Lembre-se de um momento da sua vida em que você se sentiu pouco importante para alguém que amava. Pergunte a si mesmo: Que ideia sobre mim nasceu naquele momento?

2. Observando as escolhas

Agora reflita: Essa experiência influenciou as relações ou escolhas que fiz depois? De que forma?

3. Criando um novo reconhecimento

Escreva uma lista de qualidades ou conquistas suas que merecem ser reconhecidas hoje, independentemente da validação de qualquer pessoa.

4. Fazendo a mudança acontecer

Escolha um comportamento que você percebe que não deseja mais repetir e decida substituí-lo por uma postura oposta, uma atitude que reflita mais respeito, cuidado e verdade com quem você é hoje. Dedique-se a isso.

Toda transformação real começa quando deixamos de repetir automaticamente velhas respostas e passamos a escolher, com consciência, novos caminhos para a nossa história.





ALMA EM VERSOS

Quando o que sentimos é profundo demais para caber em explicações, o melhor é desacelerar por um instante e entrar no território silencioso da poesia, onde as emoções encontram forma e tocam aquilo que, dentro de nós, não encontrou linguagem.

Quando as Crianças Brincam
Fernando Pessoa
(1888–1935)
(domínio público)

Quando as crianças brincam
E eu as ouço brincar,
Qualquer coisa em minha alma
Começa a se alegrar

E toda aquela infância
Que não tive me vem,
Numa onda de alegria
Que não foi de ninguém.

Se quem fui é enigma,
E quem serei visão,
Quem sou ao menos sinto
Isto no meu coração.

IMAGEM GERADA POR IA "usando SEAART. AI, sob a direção de Arely Soares Reis, Criada em 21/05/2026"

HISTÓRIAS QUE ESCOLHO

A literatura de Adam Phillips e Axel Honneth é vasta e extremamente significativa para quem deseja aprofundar a compreensão da psique humana e das dinâmicas do reconhecimento nas relações. No entanto, para quem busca uma leitura mais acessível e fluida, sugiro o livro "A Coragem de Ser Imperfeito", de Brené Brown, que aborda, com sensibilidade e clareza, te-

mas como vulnerabilidade, pertencimento e autoestima.

A autora mostra como muitas feridas emocionais nascem da sensação de não sermos suficientes. Seu trabalho convida o leitor a abandonar a vergonha silenciosa e a reconstruir uma relação mais compassiva consigo mesmo.



IMAGEM GERADA POR IA "usando SEAART. AI, sob a direção de Arely Soares Reis, Criada em 21/05/2026"



IMAGEM GERADA POR IA "usando SEAART. AI, sob a direção de Arely Soares Reis, Criada em 21/03/2026"

HISTÓRIAS QUE ESCOLHO

Nem sempre recebemos, na infância, o olhar que precisávamos. Mas a maturidade nos oferece uma possibilidade rara de revisar essas histórias e decidir que elas não precisam mais definir o nosso valor.

O passado explica muitas coisas, mas ele não tem o direito de determinar quem você será daqui para frente.

Refleta sobre a possibilidade de ter deixado no esquecimento alguma lição positiva que nasceu de uma experiência que o feriu profundamente. Às vezes, quando a dor é intensa, nossa atenção se fixa apenas no

sofrimento que ela provocou, e acabamos não percebendo os aprendizados silenciosos que também surgiram daquela vivência.

Se esta reflexão tocou você, compartilhe seus pensamentos nos comentários do Instagram @miakodaoficial. Sua história também pode inspirar outros recomeços. Um espaço de afetos, palavras e pequenos recomeços.

Com carinho,

Mia Koda

LIVROS DA AUTORA



[Clique aqui](#)



[Clique aqui](#)



[Clique aqui](#)



[Clique aqui](#)

INSTAGRAM



COLUNAS E COLUNISTAS



POST NO SITE



LANÇAMENTO

MAIO & JUNHO DE 2026

DO SILÊNCIO ÀS PÁGINAS IMPRESSAS:

"O papel da Tipografia na democratização da informação no Brasil"



37ª
EDIÇÃO

SIGA-NOS

SITE

FACEBOOK

INSTAGRAM

YOUTUBE

TWITTER





EDITAL

JULHO & AGOSTO DE 2026

QUANDO FALAR JÁ NÃO É DIZER:
"o esvaziamento da palavra no século
de hiperconexão"

38^a
EDIÇÃO



ACESSE O EDITAL DA REVISTA THE BARD
PARA PARTICIPAR DA EDIÇÃO
JULHO & AGOSTO DE 2026

PERÍODO DE **01** DE ABRIL À **31** DE MAIO.



Leia o EDITAL e preencha o FORMULÁRIO DE PARTICIPAÇÃO*

*Todo o material enviado será analisado e avaliado para ser publicado.



A DISTRIBUIÇÃO É GRATUITA.



13



CRIS GOMES



Cristina G.S.Andrade. Atuei na área da educação por 32 anos como professora, coordenadora pedagógica e orientadora educacional. Atualmente envolvida no projeto de produção de um livro-relato sobre a história do Instituto Lemdae e em terapias para a melhora da qualidade de vida, principalmente de mulheres com baixa autoestima.

Quando o silêncio mata

Quando uma mulher nasce, o céu é chuva de flor porque ela é vida que vai gerar outra vida, vai perpetuar o amor de muitas formas, seja do próprio ventre, seja do coração.

Quando uma mulher vem ao mundo, é doçura divina na centelha sagrada, na ancestralidade santa de carrega no gene; é amor bendito que vai semear ternura e compaixão para reflorescer o planeta e junto ao homem, seja ele parceiro, irmão, pai, filho, mestre, aluno, discípulo, parente ou afeto, o que seja, vão cumprir a sagrada missão de continuar a vida.

Lindo isso, não? Parece bíblico, poético, beato, sei lá, como queira chamar...

Há apenas um detalhe que tem escapado a esse cenário tão perfeito: a visão masculina distorcida de alguns exemplares da raça humana.



IMAGEM GERADA POR IA "usando GROKAI, sob a direção de Arely Soares Reis, Criada em 02/04/2026"

Digo isso, porque ainda há peças íntegras no tabuleiro desse xadrez jogando a favor da vida humana seja ela qual for.

A fatia, entretanto, a que me refiro, é aquela que se intitula dona de suas mulheres. Possuem sobre elas carta de posse e detém direito sobre a vida delas. Ditam regras para que sobrevivam em sociedade, exigem comportamentos e atitudes que satisfaçam as vontades deles e de cabeça abaixada. Se elas ousarem levantar a cabeça, o cabresto não é “démodé”.

Historicamente, as mulheres lutam pelo direito à vida, à palavra, ao voto, à participação na vida política, ao direito de ler e escrever, de ter voz, de ser tratada com dignidade, de ser respeitada, de poder fazer

suas próprias escolhas, que poder dizer NÃO... e ainda assim há muitos que não acreditam serem legítimas essas reivindicações. Por que não? O que nos torna inferiores? O que nos torna menos? Cientificamente já foi provado e comprovado que as mulheres são mais organizadas, mais inteligentes, mais pacíficas, então, o que não legitima nossos direitos? Uma sociedade ainda dominada pelos homens! Eles ainda são maioria em todos os cargos públicos e privados e possuem os maiores salários, mas também ocupam a maioria das vagas nas prisões do mundo inteiro - os criminosos mais famosos da História da humanidade são do sexo masculino (95% da população carcerária mundial é masculina). Incoerente? Não sei.

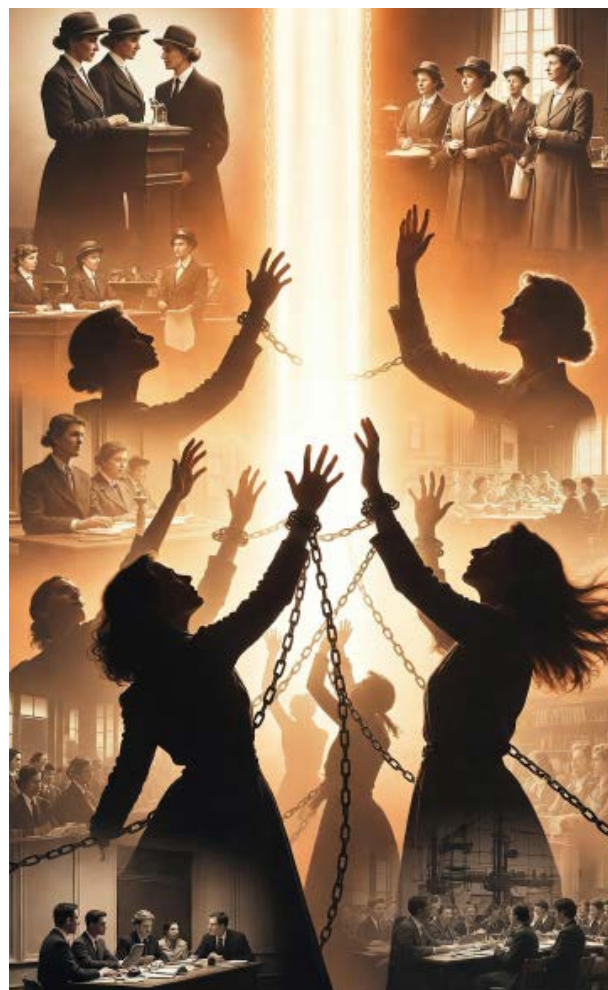


IMAGEM GERADA POR IA usando GROK.AI, sob a direção de Arely Soares Reis, Criada em 02/04/2026



IMAGEM GERADA POR IA usando GROK.AI, sob a direção de Arely Soares Reis, Criada em 02/04/2026

O que sei é que estamos em 2026 e a onda de crimes contra a mulher tem aumentado assustadoramente. Vidas são ceifadas todos os dias de muitas formas cruéis e a população assiste passiva, parecendo anestesiada, sem saber o que fazer. No Brasil, as leis são tímidas quanto às punições e a sensação de impunidade só aumenta a certeza dos agressores de que sairão ilesos ou receberão pena branda e logo estarão livres.

Dados Globais e Estatísticas (ONU):

- **Frequência:** Uma mulher ou menina é morta por um parceiro íntimo ou familiar a cada 10 minutos.
- **Responsabilidade:** Aproximadamente 56% de todos os feminicídios no mundo são cometidos por parceiros íntimos ou outros familiares.
- **Total de 2023:** Cerca de 85 mil mulheres foram vítimas de feminicídio no mundo.



IMAGEM GERADA POR IA, "Insomnio GRCOK AI, sob a direção de Anyly Soares Reis, Criada em 02/04/2025"



Femicídio por Região:

• América Latina e Caribe:

Esta região é uma das mais perigosas. Dados indicam que pelo menos 11 mulheres são vítimas de feminicídio por dia.

• Brasil:

O Brasil apresenta números alarmantes, frequentemente citado com uma das cinco maiores taxas de feminicídio do mundo. Dados de 2026 indicam que o país vive um dos maiores índices dos últimos 10 anos.

Filhos perdem pais e lares são destruídos diariamente. Famílias clamam por justiça, mas ela, cega, sofre para equilibrar a balança que há muito tempo pende para o lado da impunidade.

Outro dia, conversando com uma senhora de idade avançada, ouvi dela um depoimento que me fez ficar pensando por vários dias. Vou chamá-la de dona Ana e a mãe dela de dona Mariana. Ela era menina, tinha muitos irmãos; a mãe trabalhava na loja do sr. Assad vendendo tecidos enquanto a irmã mais velha cuidava da casa e dos menores. O pai vivia de fazer uns serviços aqui e ali, bebia e nunca arrumava trabalho fixo. No final do mês, quando ela chegava

com o envelope do pagamento, o pai ficava com tudo e sempre reclamava que era pouco, batia na mãe, ficava com a maior parte. A comida era controlada. Para a mãe, nada, nem dinheiro para comprar uma calcinha e quase sempre um olho roxo que o patrão logo percebeu.

Sr.Assad deu aumento, só que não colocou no envelope. Entregou o dinheiro, separado. Dona Mariana começou a comprar mais alimento e roupa para ela e as crianças. O marido percebeu. Outra surra. E a vida continuou assim por anos. As crianças cresceram. O filho mais velho, um dia, enfrentou o pai. Bateu nele. Nunca mais a mãe apanhou. O pai foi embora.

Dona Ana, me contou que a mãe aguentou tudo de cabeça baixa. Nunca teve coragem de questionar, exigir, reclamar ou falar qualquer coisa. Dizia aos filhos que mulher tinha que aguentar tudo do marido, que tinha nascido para aquilo, que o casamento era sagrado, que os filhos não mereciam viver num lar desfeito.

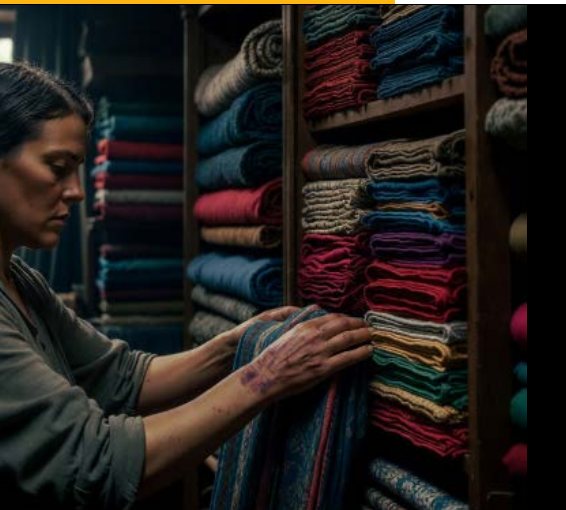


IMAGEM GERADA POR IA "usando GROK.AI, sob a direção de Arely Soares Reis, Criada em 02/04/2026"

Dona Mariana era fruto de uma sociedade patriarcal. Era fruto de uma época cruel onde as mulheres eram tratadas como propriedade - sem voz, sem escolha, sem direito ao próprio desejo.

Era uma época sem feminicídios. O máximo que as mulheres ousavam fazer era acabar com as próprias vidas. E isso era raro. Elas aceitavam a "sina" que lhes era imposta. Sem reagir.

Ainda bem que as eras mudaram e, mesmo que lentamente, a sociedade evoluiu e as mulheres também. Se nossas avós resistiram silenciosamente da forma como podiam, atualmente podemos fazer diferente.



IMAGEM GERADA POR IA "usando GROK.AI, sob a direção de Arely Soares Reis, Criada em 02/04/2026"

Hoje as mulheres têm voz! Trabalham e vivem suas lutas diárias. Escolhem seus companheiros e terminam seus relacionamentos quando não estão felizes, mas, ainda há, infelizmente, aqueles, que querem colocar coleira, torturando psicológica ou fisicamente suas parceiras em nome de um amor doentio e possessivo. A última palavra tem que ser deles. Não aceitam o fim de um relacionamento. Não querem "seguir em frente", buscar outras companheiras, iniciar outras histórias; pelo contrário, fixam-se naquela que os preteriu e passam a persegui-las maquinando formas de agressão, violência e extermínio alegando a famosa frase "se não é minha, não será de ninguém".

Converso com dona Ana frequentemente e a história dela ainda ecoa em mim porque não virou tragédia, mas deixou cicatrizes tão doídas que vejo no seu olhar uma tristeza profunda.

A mãe faleceu, virou lembrança de força e determinação, exemplo de coragem silenciosa num tempo em que as lutas eram travadas no silêncio das orações que pediam coragem para enfrentar o dia seguinte.



IMAGEM GERADA POR IA "usando GROK.AI, sob a direção de Arely Soares Reis, Criada em 02/04/2026"



O casamento da dona Ana foi bem diferente. Ela encontrou um homem, segundo ela sempre afirma, maravilhoso. Nós conversamos bastante e ela sempre conta histórias que gosto de ouvir.

Histórias como a da dona Mariana não pertencem ao passado, ecoam no presente e são voz, são consciência nos dias atuais. As mulheres não têm que suportar qualquer tipo de imposição seja pelo medo ou pela dor, elas têm o direito de levantar a cabeça de dizer NÃO! Têm o direito de refazer suas vidas com quem quiserem. Têm o direito de buscar a felicidade noutros braços.

No século XXI, a dignidade é direito de toda ser humano; o respeito à vida não escolhe sexo; é imprescindível educar as novas gerações para o respeito à toda vida humana. Amar não é se apossar do outro, é caminhar junto, é estar lado a lado. E essa educação não começa na escola, ela começa muito antes, em pequenos gestos diários, em casa, na família.





IMAGEM GERADA POR IA "usando GROK AI, sob a direção de Arely Soares Reis, Criada em 02/04/2026"

Os exemplos cotidianos ensinam e a escola ratifica os valores sociais de que todos devem se respeitar, sejam homens ou mulheres.

Enquanto os meninos crescerem aprendendo que precisam demonstrar virilidade, força, poder e meninas, gentileza, mansidão e doçura, a sociedade continua dissimulando os papéis sociais. A partir do momento que esta realidade tomar novos rumos, teremos dado um passo na direção de outro caminho. Não antes.

Pequenos gestos podem melhorar o mundo.

Fica bem.

CrisGomes

CRISTINA GOMES

CONHEÇAM MAIS O SEU TRABALHO,
E ACOMPANHEM SUAS REDES SOCIAIS

INSTAGRAM



COLUNAS E COLUNISTAS



POST NO SITE





STELLA GASPAR

Professora e Escritora



“A árvore torna-se forte com o vento.” – Sêneca

A imagem da árvore que se fortalece com o vento é uma das metáforas mais potentes do estoicismo. Sêneca nos lembra que não é na calmaria que crescemos, mas no encontro com aquilo que nos desafia. O vento que balança a árvore e a obriga a aprofundar suas raízes é o mesmo que, em nossa vida, se manifesta como dificuldades, frustrações, perdas e mudanças inesperadas.

Nada melhor do que nos inspirarmos na força da natureza, tão imensa que divide conosco seus próprios desafios. Também somos gigantes, acolhidos pelas experiências que nos renovam de forma profunda e frutífera.



IMAGEM GERADA POR IA *usando SEAAART.AI, sob a direção de Adriana Magalhães, Criada em 19/04/2026*

Somos moldados pelas forças que tentam nos desequilibrar. Cada obstáculo funciona como um teste silencioso: ele pergunta até onde vão nossas raízes, o quanto confiamos em nossa própria estrutura e quanta flexibilidade somos capazes de desenvolver.

A árvore é magnífica. Diante das imprevisibilidades, ela nos inspira, e uma música de resistência parece tocar dentro de nós. Quanto mais atravessamos adversidades, mais nos transformamos e nos adaptamos.

Assim como a árvore aprofunda suas raízes para não cair, você também encontra dentro de si recursos que talvez nem soubesse possuir.

Então, como a árvore, você não precisa provar nada para ninguém. Basta continuar crescendo, mesmo que devagar, mesmo que em silêncio.



IMAGEM GERADA POR IA "usando STABLE AI", sob a direção de Adriana Magalhães, Criada em 19/04/2024.

INSTAGRAM



POST NO SITE



COLUNAS E COLUNISTAS



07



Fátima Moniz



Maria Fátima Glória Moniz Manuel, nome literário Fátima Moniz, nasceu em Luanda a 24 de Março de 1969, cresceu e passou sua infância em Benguela, cidade que considera seu lar. Mestre em Ciência Política pela Universidade Cândido Mendes do Brasil e licenciatura pelo Isced de Benguela opção História. De 2011 a 2019 trabalhou como Agente Consular no Consulado de Angola no Rio de Janeiro. Dá conferências regulares no Centro de Estudos Africanos da Universidade do Porto. Organiza todos os anos Oficina de Poesia para Crianças e adolescentes com a chancela da União dos Escritores angolanos, do Encontro de poetas da CPLP e do Mirex. Cadeira 510 da Academia de Ciências e Letras do Brasil. Prémio Doutor Honoris Causa pela Academia de Ciências e Letras de Espanha.

Conheça o País africano que na segunda metade do Século XX uniu Zanzibar e Tanganica e formou Tanzânia

O estudo da história da África é comumente dividido em três períodos de relevância para a historiografia ocidental: África pré-colonial, África colonial e África pós-colonial. Essa divisão é profundamente influenciada pela maneira como filósofos e historiadores europeus dos séculos XIX e XX enxergavam a importância de estímulos externos para o desenvolvimento de processos históricos no continente

africano.

Tanganica foi um estado soberano na África Oriental (1961-1964) que se fundiu com Zanzibar para formar a actual Tanzânia. Anteriormente um território sob mandato britânico (1916-1961), o país deu nome ao Lago Tanganica, o segundo mais profundo e mais longo lago de água doce do mundo, compartilhado pela Tanzânia, RDC, Burundi e Zâmbia.



IMAGEM GERADA POR IA "usando GROKAI, sob a direção de Tônia Lovínia, Criada em 02/04/2026"



IMAGEM GERADA POR IA "usando GROK.AI, sob a direção de Tônia Lavínia, Criada em 02/04/2026"

Em Abril de 1964 Tanganica e Zanzibar unem-se para formar a Tanzânia. No governo de Julius Nyerere, a Tanzânia adota o socialismo e aproxima-se da China.



IMAGEM GERADA POR IA "usando GROK.AI, sob a direção de Tônia Lavínia, Criada em 02/04/2026"

Hoje nosso olhar é para a Tanzânia

Situada na costa Leste da África, a Tanzânia é formada pelo território de Tanganica, no continente, e pela ilha de Zanzibar, no oceano Índico. República Unida da Tanzânia/ na língua Swahili JAMHURI YA MUUNGANO WA TANZANIA. Em seu território estão os três maiores lagos africanos- Vitória, Tanganica e Malauí- e o ponto mais alto da África, o Monte Kilimanjaro (que significa montanha de gelo), com 5.895 metros de altitude. A Nação é conhecida por seus parques nacionais, que cobrem um terço do território.

A Tanzânia reúne povos de dezenas de etnias e várias religiões e já foi ocupada por árabes, portugueses, ingleses e alemães.

A vila de Pedra, parte da cidade de Zanzibar, na ilha com o mesmo nome, é patrimônio cultural da Organização das Nações Unidas para a Educação, Ciência e Cultura (UNESCO).



IMAGEM GERADA POR IA "usando GROK.AI, sob a direção de Tônia Lavínia, Criada em 02/04/2026"

Recursos minerais- ouro. A Tanzania é o terceiro maior produtor de ouro do continente africano, atrás da Africa do Sul e do Gana.

Dar-es- Salaam é a capital histórica e Dodoma a capital política.

O Swahili língua africana, convive perfeitamente com o inglês. A moeda é o Xelim tanzaniano.

A Tanzânia é membro de várias organizações internacionais, com destaque para Banco mundial, comunidade britânica, FMI, OMC, ONU, SADC, UA.

Curiosidade... a terra do Akuna matata dos jogos infantis- O Rei Leão

O Swahili é língua oficial na Tanzânia, ao lado do Inglês.



IMAGEM GERADA POR IA "usando GROK.AI, sob a direção de Tônia Lavínia, Criada em 02/04/2026"

As crianças do ensino público aprendem swahili até a 4ª Classe ou 4º ano, só depois é adicionado o Inglês. Acho que é o único caso em África. Foi uma política do governo e do Chama

ma Pinduzi durante a presidência de Mwalimu Julius Nyerere, traduzindo para o português do Professor/ Mestre Julius Nyerere. Primeiro Presidente da Tanzânia.

O Swahili é língua de trabalho das Nações Unidas. Ela é falada também no Quênia, Burundi, Ruanda e parte da República Democrática do Congo. É uma língua regional.

Conheça o monte Kilimanjaro

É um monte localizado no norte da Tanzânia, junto à fronteira com o Quênia. O Kilimanjaro é o ponto mais alto da África, com uma altura de 5 895 m no Pico Uhuru. É a montanha mais alta da África e a montanha independente mais alta do mundo acima do nível do mar (5 895 m, 19.341 pés) e 4.900 m (16.100 pés) acima da sua base no planalto.



IMAGEM GERADA POR IA "usando GROK.AI, sob a direção de Tônia Lavínia, Criada em 02/04/2026"

Este antigo vulcão, com o topo coberto de neve, ergue-se no meio de uma planície de savana, oferecendo um espectáculo único. O monte e as florestas circundantes, com uma área de 75 353 hectares, possuem uma fauna rica, incluindo muitas espécies ameaçadas de extinção e constituem um parque nacional que foi inscrito pela Organização das Nações Unidas para a Educação, a Ciência e a Cultura (UNESCO) em 1987 na lista dos locais que são Património da Humanidade.

O complexo do monte Quilimanjaro com as suas florestas tinha sido considerado uma reserva de caça pelo governo colonial alemão nos princípios do século XX, mas foi considerado uma reserva florestal em 1921, até que, em 1973, foi declarado como Parque Nacional.

Conhecer a Tanzânia é estar em contacto com solo onde foi encontrado os 5 estádios da evolução humana e foi por isso que os historiadores chamam a ÁFRICA, berço da humanidade.



IMAGEM GERADA POR IA "usando GROK.AI, sob a direção de Tônia Lavínia, Criada em 02/04/2026"

FÁTIMA MONIZ

CONHEÇAM MAIS O SEU TRABALHO,
E ACOMPANHEM SUAS REDES SOCIAIS

FACEBOOK

INSTAGRAM

YOUTUBE

POST NO SITE



COLUNAS E COLUNISTAS



COLUNA

Vai um livro aí?

Resenhas

09



ARELY SOARES



Arely Soares Reis, professora de Língua Portuguesa e Inglesa, é uma profissional de atuação versátil. Natural de Caxias (Maranhão), ela se destaca como escritora, revisora e tradutora. Autora da obra *Re-tratos Poéticos*, Arely utiliza o pseudônimo "Menina Poetisa" para disseminar seus poemas nas mídias sociais. Apaixonada por leitura, com especial apreço por romances clássicos, e por arte, ela complementa sua produção literária, que se estende a colaborações em antologias, revistas e canais digitais.

**Descobertas Literárias:
Um Convite à Leitura**

Prontos para as próximas leituras? Sejam muito bem-vindos a mais um mergulho literário através da coluna "Vai um Livro Aí?", nesta 37ª edição da Revista Internacional *The Bard*.

É com o prazer de quem redescobre um clássico que convido você a embarcar em mais uma dimensão literária. Prezado leitor, a leitura sempre nos engrandece e, pensando em você, selecionei obras que irão impactar não apenas o seu intelecto, mas também o seu coração. Nesta edição, apresento narrativas que transitam entre contrastes, mas que

são, sem dúvida alguma, pilares de grande valor.

Para inaugurar esta jornada, trazemos "O Professor", de Charlotte Brontë. Este clássico da literatura inglesa marcou o início da trajetória da consagrada autora de *Jane Eyre*. Trata-se de um romance realista, focado na força do caráter e na resistência moral diante das adversidades. A obra, que aborda temas como independência, amores proibidos e barreiras sociais, é muitas vezes considerada um "manuscrito bruto" por ter sido o primeiro exercício literário da autora.



IMAGEM GERADA POR IA - "Academia SIAAIBT.AI", sob a direção de Arely Soares Reis, Criada em 21/03/2024.

Para concluir nossa seleção, convidamos você a apreciar o romance “Quando Chama o Coração”, de Janette Oke. Considerado um marco da ficção inspiracional e cristã, este clássico foca no respeito e na amizade como as verdadeiras bases para o amor.

Ao explorar estas páginas, você se deparará com paralelos fascinantes que irão enriquecer sua experiência. Em ambos os livros, o ato de ensinar surge como o catalisador da mudança: para o protagonista

da primeira obra, é o caminho para a independência financeira e moral; para a heroína da segunda, é a ponte que a leva a descobrir sua própria força e propósito de vida.

Vamos descobrir as nuances destes romances? Será que você irá se identificar mais com o professor ou com a professora?

Vá ao encontro deles e descubra a resposta.

Boa leitura!



IMAGEM GERADA POR IA usando FREEPIK.AI, sob a direção de Arely Soares Reis, Criada em 21/03/2026

LIVRO DA AUTORA



[Clique aqui](#)

INSTAGRAM



POST NO SITE



LIVRO: O PROFESSOR

AUTORA: CHARLOTTE BRONTË



CLICK AQUI

Conhecido historicamente como o "romance rejeitado", O Professor carrega consigo a marca da persistência. Charlotte Brontë enviou o manuscrito nove vezes a diferentes editoras e, em todas elas, recebeu um "não". Embora tenha sido o primeiro rebento literário da autora de Jane Eyre, a obra só viu a luz do dia em 1857, postumamente.

Diferente de tudo o que Brontë viria a escrever depois, este livro é uma joia lapidada em meio a críticas e desafios. Trata-se de uma narrativa com enredo sólido, mergulhada em questões sociais complexas que ecoam até os dias de hoje.

Acompanhamos a história de William Crimsworth, um homem que conheceu a escassez desde cedo. Órfão, sem bens e desamparado pelo próprio irmão, William é o retrato do herói que precisa forjar o próprio destino.

Caro leitor, esteja preparado: o início da obra é profundo e rico em detalhes, exigindo uma atenção redobrada. A busca de William por dignidade e melhores condições de vida reflete realidades tão próximas às nossas que é impossível não sofrer com ele — e, simultaneamente, torcer fervorosamente por sua vitória.

Ao longo da trama, diversos personagens cruzam o caminho de nosso protagonista. O ponto fascinante aqui é a transitoriedade: os laços se desfazem conforme William avança em suas viagens. As relações se encerram, mas a história se fortalece, revelando uma trajetória construída sem apegos desnecessários, mas com muita firmeza.

E o romance? Sei que você espera por essa parte. Sem entregar spoilers, posso dizer que a espera vale a pena. O encontro com o par do professor demora a acontecer, exigindo que você percorra cada página com fôlego até o desfecho.

Por que aceitar este convite?

Ao ler "O Professor", você encontrará um personagem resistente ao tempo e fiel aos seus propósitos. Mesmo diante de humilhações, ele não se curva. É uma experiência única ver Charlotte Brontë dar voz a um protagonista masculino que ocupa seu lugar no mundo através da educação e da integridade.

A obra atravessa temas fundamentais: resiliência, amor, dinâmicas de gênero e compromisso. Embora o início possa parecer um desafio, não desista. A escrita é acessível, recheada de reflexões filosóficas e frases que ecoam na mente muito após o fechamento do livro.

Permita-se conhecer esta obra. O Professor te espera, e garanto: você terá muito o que aprender com ele.

POST NO SITE



LIVRO: QUANDO CHAMA O CORAÇÃO

AUTORA: JANETTE OKE



CLICK AQUI

Existe um tipo de romance que não apenas lemos, mas no qual escolhemos morar. Assim é "When Calls the Heart" (na tradução, Quando Chama o Coração), da prestigiada escritora Janette Oke. Embora muitos leitores já conheçam o encanto desta história através da série de televisão, há um segredo precioso que poucos exploram: as páginas do livro guardam uma profundidade e uma completude que as telas ainda não conseguiram alcançar.

Ao abrir esta obra, você é imediatamente convidado a um encontro de almas. A protagonista, Elizabeth Thatcher, é a personificação da doçura e da determinação. Educada na alta sociedade do leste do Canadá, a jovem talentosa renuncia ao conforto para seguir o chamado de sua vocação: ensinar.

O destino? Uma pequena e rústica cidade mineradora de carvão no Oeste selvagem canadense. Através da escrita de Oke, somos transportados para um cenário vívido, onde a beleza das montanhas e o frescor das florestas saltam das páginas, fazendo-nos apreciar a natureza de forma quase tátil.

A grande questão que conduz a narrativa é instigante: Elizabeth estava preparada para a profissão, mas será que estava pronta para os desafios da vida?

Mesmo diante de condições adversas e de um mundo totalmente diferente do seu, a força interior da jovem professora permanece inabalável. É fascinante observar como o lugar que faz seus pés trabalharem arduamente é o mesmo que faz seu coração despertar para o amor. E esse despertar acontece no encontro com um cavalheiro da Real Polícia Montada — um momento em que a trama ganha cores ainda mais vibrantes.

Mais do que um romance, esta é uma obra que celebra temas fundamentais: família, fé, amizade, humildade e honestidade. Em um tempo em que certos valores parecem se perder socialmente, a leitura nos envolve em uma paixão pura e nas verdades contidas nas atitudes de cada personagem.

A melhor notícia para quem se apaixonar por esta jornada é que ela está apenas começando. "Quando Chama o Coração" é o primeiro de uma série de seis livros que prometem manter o fôlego do leitor.

Caro leitor, não deixe de se deleitar com uma leitura que faz o coração bater mais forte por tudo o que é bom. Até breve, abraços!

POST NO SITE



COLUNAS E COLUNISTAS



RESILIENTE M



01



FABIANA FRANCISCO



Fabiana Francisco, 49 anos, professora, paulistana, graduada em Direito, Pedagogia, Artes Visuais e História. Pós-Graduada em "Arte, História e Educação nos Museus de SP, a Cultura em Movimento" e "Cultura Afro-Brasileira". Já foi blogueira ("De repente 40... e agora?!"), scraper, artesã, mochileira e uma das fundadoras da plataforma multicanal "Geração Literária". Autora de "Memórias de uma borboleta ferida", "Para sempre borboleta" e "Crônicas e afins..."

"Arte Como Território de Encontro"

Como a arteterapia transforma o fazer artístico em ferramenta de cuidado emocional e autoconhecimento.

Arte sempre foi, antes de tudo, um gesto de humanidade um impulso ancestral de transformar o indizível em forma, cor e movimento. Muito antes de qualquer sistematização teórica, já desenhávamos nas paredes das cavernas não apenas o mundo que víamos, mas aquilo que sentíamos. É nesse território sensível, entre expressão e escuta, que a arteterapia se estabelece. A arteterapia nasce no ponto exato onde a linguagem falha e, curiosamente, é ali que ela mais fala. Antes mesmo de qualquer elaboração racional, o gesto, o traço e suas peculiaridades já operam como vias legítimas de expressão psíquica.

Em um mundo que insiste em nomear tudo com precisão, a arteterapia propõe o contrário: um espaço onde não é necessário explicar para compreender, nem traduzir para sentir.

Mais do que uma técnica, a arteterapia é um campo de encontro. Ela propõe um diálogo silencioso entre o indivíduo e sua própria experiência interna, utilizando materiais artísticos como mediadores de processos emocionais, psíquicos e até corporais. Ao contrário do que muitos imaginam, não se trata de produzir "belas obras", mas de permitir que imagens internas encontrem caminho para existir fora de nós.



IMAGEM GERADA POR IA "usando GROK.AI, sob a direção de J.B Wolf, Criada em 03/04/2026"

Em tempos marcados por excesso de estímulos e escassez de pausas genuínas, a arteterapia surge como um convite radical: desacelerar, sentir e criar. Nesse espaço protegido, o gesto espontâneo, uma pincelada, um recorte, uma forma improvisada, pode revelar narrativas profundas, muitas vezes inacessíveis pela linguagem verbal. Afinal, há vivências que não cabem em palavras, mas encontram abrigo na matéria.

É justamente aí que reside sua potência: na capacidade de transformar o ato criativo em ferramenta de cuidado, autoconhecimento e reconstrução subjetiva. A arte deixa de ser apenas contemplada e passa a ser vivida como processo, um caminho de volta para si mesmo.

Como colunista de arte, é impossível ignorar o quanto a arteterapia desloca o eixo

tradicional da criação. Aqui, o valor não está no artista consagrado nem na obra exposta, mas no processo íntimo e, muitas vezes, silencioso. Já como praticante da arteterapia, reconheço nesse campo uma força transformadora singular: a possibilidade de acessar conteúdos profundos sem a rigidez da fala, respeitando o tempo e a singularidade de cada sujeito.

Historicamente situada entre a arte e a psicologia, essa prática não se limita à produção estética, tampouco se reduz a uma técnica clínica convencional. Ela é, sobretudo, um território de encontro. Ao desenhar, pintar, modelar ou colar, o indivíduo não está apenas criando imagens, está organizando experiências internas, dando contorno ao que antes era difuso. A obra, nesse contexto, não é julgada por sua beleza, mas por sua potência simbólica.



IMAGEM GERADA POR IA "usando GROK.AI, sob a direção de J.B Wolf, Criada em 03/04/2026"

Talvez o maior mérito da arteterapia seja justamente este: oferecer um espaço onde criar é, antes de tudo, existir com mais inteireza.

A cada edição apresentarei uma forma de arte que já experimentei, fui professora e conhecedora de seus benefícios, proponho aqui um espaço, onde você leitor, possa compartilhar suas experiências de superação por meio da arteterapia.

Estamos todo o tempo aprendendo, reavaliando conceitos, procurando novas perspectivas. Inevitavelmente, isso nos transforma, de um jeito ou de outro.

Muitas vezes precisei buscar e redescobrir outras maneiras de estar no mundo, de reencontrar a beleza em dias cinzentos e lugares áridos, de não aceitar o rótulo de vítima.

Considero-me uma sobrevivente dos diagnósticos a mim atribuídos. Fotografar e escrever foram algumas das inúmeras maneiras de me sentir inserida e partícipe da realidade. Era meu contato com o mundo.



IMAGEM GERADA POR IA "usando GROK.AI, sob a direção de J.B Wolf, Criada em 03/04/2026"

Scrapbook

A criatividade abre as portas para a restauração da vida saudável, enquanto, a depressão leva à imobilidade ideacional e ao distanciamento do mundo criativo, por isso a prática do Scrapbook (técnica de personalizar álbuns de fotografias) me ajudam a encontrar o equilíbrio perdido. Eu encontrei na fotografia e na escrita uma maneira de interagir com o mundo. A depressão aprisiona incapacita, mas pouco a pouco eu vou vencendo com o auxílio da arte em suas diferentes formas de expressão, dos familiares e dos amigos, tal qual uma colcha de retalhos, vou tecendo, pouco a pouco, minha identidade outrora perdida.

O Scrapbook, à primeira vista, pode parecer apenas

uma técnica artesanal de colagem, reunir fotos, papéis, anotações e pequenos objetos em uma composição visual. Mas, quando deslocado para o campo da arteterapia, ele ganha uma profundidade muito maior: deixa de ser registro decorativo e passa a ser linguagem.

Trabalhar com Scrapbook é, essencialmente, lidar com fragmentos. Recortes de revistas, pedaços de tecido, imagens antigas, palavras soltas, tudo aquilo que, isoladamente, parece disperso, encontra um novo sentido quando reorganizado. Esse gesto de selecionar, recortar e recompor não é neutro: ele reflete escolhas internas, memórias ativadas, afetos que emergem quase sem aviso.



IMAGEM GERADA POR IA "usando GROKAI, sob a direção de J.B Wolf, Criada em 03/04/2026"



IMAGEM GERADA POR IA "usando GROKAI, sob a direção de J.B Wolf, Criada em 03/04/2026"

Na prática terapêutica, o Scrapbook funciona como um mediador entre o vivido e o simbolizado. Muitas vezes, aquilo que é difícil de dizer encontra um caminho mais acessível na cor que insiste em aparecer, ou até no vazio deixado em uma página. Não se trata de "montar algo bonito", mas de permitir que a composição revele algo verdadeiro.

Há também um aspecto importante de temporalidade. Diferente de outras linguagens mais imediatas, o Scrapbook convida à pausa. Folhear, escolher, colar, cada etapa exige um certo ritmo, quase como um ritual. E nesse tempo desacelerado, o sujeito consegue não apenas expressar, mas também elaborar.



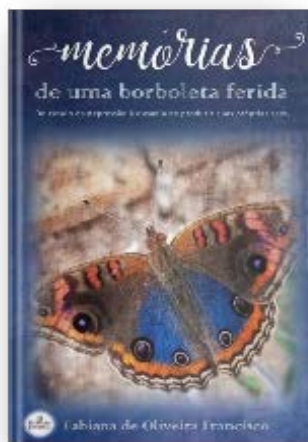
IMAGEM GERADA POR IA "usando GROK.AI, sob a direção de J.B Wolf, Criada em 03/04/2026"

Outro ponto potente é a ideia de narrativa. Um trabalho ou uma página de Scrapbook pode funcionar como uma espécie de cartografia pessoal: páginas que contam histórias, reorganizam lembranças, ressignificam experiências. Ao re-visitar essas páginas, a pessoa não apenas vê o que criou, ela se vê em

processo.

No contexto da arteterapia, portanto, o Scrapbook se torna mais do que uma técnica: é um dispositivo de escuta visual. Um espaço onde fragmentos deixam de ser restos e passam a ser matéria de construção de sentido.

LIVRO DA AUTORA



[Clique aqui](#)

COLUNISTA FABIANA FRANCISCO

CONHEÇAM MAIS O SEU TRABALHO,
E ACOMPANHEM SUAS REDES SOCIAIS

INSTAGRAM

INSTAGRAM

FACEBOOK

POST NO SITE



COLUNAS E COLUNISTAS



ESNUIDA

em Palavras

ERÓTICO

18



Tônia Lavínia



Tônia Lavínia é uma escritora mineira, autora do romance erótico *Deliciosamente Libertino* (2020) e da trilogia *Meu Nome é Maximus*, cujo título mais recente, *Maximus Infernus*, foi lançado em abril de 2025.

Apaixonada por música clássica, arte, vinho e dias chuvosos e frios, transforma o silêncio das estações — especialmente o inverno e a primavera — em cenário para histórias intensas, sensuais e cheias de alma.

A Beleza do Abismo: O Legado de Baudelaire



Nesta edição, atravessamos o território onde a beleza flerta com a queda e o desejo se veste de sombra.

É impossível falar de decadência elegante sem sussurrar o nome de Charles Baudelaire, poeta que transformou o pecado em estética e a inquietação em arte.

Sua escrita não pede licença:

envolve, provoca e deixa no ar o perfume ambíguo do proibido.

Com ele, aprendemos que a luz mais intensa nasce justamente do confronto com o abismo.

Prepare-se para uma leitura que não busca explicações fáceis.

Aqui, tudo é sugestão. Tudo é vertigem contida.

BIOGRAFIA CHARLES BAUDELAIRE

Charles Baudelaire nasceu em 9 de abril de 1821, em Paris, e tornou-se uma das vozes mais decisivas da poesia moderna. Órfão de pai ainda na infância, viveu uma relação difícil com o padrasto, experiência que influenciou seu temperamento inquieto e sua visão crítica do mundo.

Intelectualmente brilhante e de espírito rebelde, frequentou os círculos artísticos e boêmios da capital francesa. Atuou como crítico de arte e tradutor, sendo responsável por apresentar ao público francês a obra de Edgar Allan Poe, cuja atmosfera sombria dialogava profundamente com sua própria sensibilidade.

Em 1857, publicou sua obra mais conhecida, *As Flores do Mal*, livro que provocou escândalo imediato. Acusado de ofender a moral pública, enfrentou processo judicial e teve parte dos poemas censurados. Aquilo que muitos consideravam decadência, ele transformou em investigação estética, buscando beleza onde a sociedade preferia enxergar apenas desvio.

Reconhecido como precursor do simbolismo e referência fundamental para a poesia contemporânea, Baudelaire elevou temas como o tédio, o desejo, a vida urbana e a inquietação espiritual a uma dimensão artística sofisticada.

Faleceu em 1867, aos 46 anos, deixando uma obra que continua a provocar leitores e a reafirmar que luz e sombra coexistem na experiência humana.

"Quem não souber povoar a sua solidão, também não conseguirá isolar-se entre a gente."



A Elegância da Sombra

Ele era mais que apenas as temáticas que ousou tocar. Era a própria ruptura.

O pioneiro da modernidade, aquele que enxergou poesia nas ruas, no tédio, no desejo e na sombra antes que o mundo esti-

vesse preparado para isso.

O poeta maldito que chocou a sociedade não por provocar gratuitamente, mas por revelar o que ela fingia não ver.

Em sua escrita, a beleza não

era inocente. Era atravessada por tensão, por vertigem, por uma consciência aguda da fragilidade humana. Ao transformar o proibido em linguagem estética, ele ensinou que a arte não existe para confortar, mas para inquietar.

Sua modernidade não nasceu do escândalo, mas da lucidez. Ele compreendeu que a cidade, o desejo e o desencanto também são matéria poética. E, ao fazer da sombra um território de investigação, elevou a decadência à condição de elegância.

Por isso, sua obra não pertence apenas ao século XIX. Ela continua a nos atravessar, lembrando que a luz mais intensa costuma nascer justamente do confronto com aquilo que tentamos ocultar.

O “proibido” em Charles Baudelaire não é explícito como muitos imaginam hoje. O escândalo que o cercou foi menos pornográfico e muito mais moral, religioso e simbólico.



IMAGEM GERADA POR IA "usando SEAAKT.AI, sob a direção de Tônia Lavínia, Criada em 22/03/2026"

IMAGEM GERADA POR IA "usando GOROK.AI, sob a direção de Tônia Lavínia, Criada em 22/03/2026"

Quando publicou *As Flores do Mal* em 1857, a sociedade francesa ainda respirava sob uma moral rígida. O livro foi processado e acusado de ofender a moral pública, atacar a religião, exaltar o erotismo e tratar o mal, o tédio e o vício como matéria estética. Seis poemas foram oficialmente censurados.

Um dos que mais chocaram foi *Les Bijoux*. Nele, uma mulher aparece nua, vestindo apenas joias. Não há vulgaridade. Há contemplação. Há luz sobre a pele. Há o corpo observado como obra de arte, sem culpa e sem penitência.

“A muito amada estava nua, e, conhecendo meu coração, não guardara senão suas joias sonoras...”

O perigo não estava na nudez. Estava na ausência de culpa.

Outro poema que provocou reação foi *À une passante*. Aqui o escândalo é moderno.



O desejo nasce na rua, anônimo e súbito. A mulher não é musa etérea. É presença que atravessa a multidão e acende o olhar.

“Um relâmpago... depois a noite! Fugitiva beleza...”

O choque maior, porém, estava na ideia central do livro: encontrar flores no mal, extrair beleza da decadência, observar o desejo sem condená-lo imediatamente.

Baudelaire não pregava. Ele revelava.

Hoje lemos e achamos belo. Em 1857, era ameaça à ordem social.

O julgamento e a condenação

Poucos lembram com a devida gravidade que Charles Baudelaire não foi apenas criticado. Ele foi julgado e condenado oficialmente pela Justiça francesa após a publicação de *As Flores do Mal*, em 1857.

Recebeu multa. Seis poemas foram proibidos, e a censura permaneceu até 1949.

Não se tratava apenas de escândalo literário ou desconforto moral. Tratava-se de condenação legal. O Estado

declarou sua poesia ofensiva à moral pública e à religião.

Esse dado desloca a obra do campo da simples provocação para o território do risco real. Baudelaire não era apenas um poeta controverso. Era um autor considerado perigoso.

"O gênio não é mais do que a infância recuperada por vontade própria."

O conceito de spleen

No centro de sua obra pulsa uma palavra decisiva: spleen.

Mais do que tristeza, o spleen é um mal-estar profundo. É o tédio que corrói, a angústia de existir em meio à multidão, o sufocamento invisível da vida moderna.

Baudelaire foi um dos pri-

meiros a transformar essa sensação difusa em matéria poética. Ele deu forma ao cansaço da cidade, ao desencanto urbano, ao vazio que se esconde por trás da elegância.

Por isso permanece atual. O que ele nomeou no século XIX ainda respira nas grandes cidades de hoje.



IMAGEM GERADA POR IA "usando SEAAART.AI, sob a direção de Tônia Lavínia, Criada em 22/03/2026"



IMAGEM GERADA POR IA "usando SEAAART.AI, sob a direção de Tônia Lavínia, Criada em 22/03/2026"

A contradição como marca

Há também o homem por trás do mito.

Baudelaire criticava a sociedade burguesa, mas dependia financeiramente da família.

Exaltava o prazer e a liberdade, mas vivia atormentado por dívidas e conflitos internos.

Buscava a beleza absoluta

enquanto escrevia sobre decadência, vício e decomposição.

Essa tensão constante entre luxo e ruína, entre perfume e podridão, sustenta a força de sua obra.

É exatamente aí que nasce a elegância da sombra. Não na pureza, mas na fratura. Não na luz plena, mas no contraste.

Trechos de textos de Charles Baudelaire

Les Bijoux (As Joias)

La très chère était nue, et, connaissant mon cœur,
Elle n'avait gardé que ses bijoux sonores;
Et son riche appareil lui donnait un air triomphant
Comme les esclaves heureux des jours orientaux.

Tradução: Tônia Lavínia

A muito amada estava nua e, conhecendo meu coração,
conservava apenas suas joias sonoras.
O luxo que a adornava lhe dava um ar triunfante
como escravos felizes nos dias orientais.

À une passante (A uma Passante)

Un éclair... puis la nuit!
Fugitive beauté
Dont le regard m'a fait soudain renaître...

Tradução: Tônia Lavínia

Um relâmpago... e depois a noite!
Beleza fugidia
Cujo olhar me fez renascer de repente...



IMAGEM GERADA POR IA "usando SEAART.AI, sob a direção de Tônia Lavínia, Criada em 22/03/2026"

Hymne à la Beauté (Hino à Beleza)

Venant du ciel profond ou montant de l'abîme, ô Beauté!
Ton regard, infernal et divin, verse confusément
Le bien et le mal, et c'est pour cela qu'on peut te comparer au vin.

Tradução: Tônia Lavínia

Vens do céu profundo ou sobes do abismo, ó Beleza!
Teu olhar, infernal e divino, mistura
bem e mal confusamente,
como um vinho que embriaga a razão.



IMAGEM GERADA POR IA "usando SEAART.AI, sob a direção de Tônia Lavínia, Criada em 22/03/2026"

O choque maior do livro não estava apenas nos versos isolados. Estava na ideia central: encontrar flores no mal, extrair beleza da decadência, observar o desejo sem condená-lo. Hoje lemos e achamos belo. Em 1857, era ameaça à ordem social.



IMAGEM GERADA POR IA "usando SEAART.AI, sob a direção de Tônia Lavínia, Criada em 22/03/2026"

Nota da autora

Escrever sobre Baudelaire é caminhar entre luz e sombra, entre desejo e reflexão.

Ele nos lembra que a poesia não se limita ao que é seguro ou confortável, mas que encontra

beleza justamente onde a sociedade teme olhar.

Cada verso é convite à contemplação e ao espanto, e a elegância da sombra permanece viva em cada palavra que ousamos ler e sentir.



IMAGEM GERADA POR IA "usando SEAART.AI, sob a direção de Tônia Lavínia, Criada em 22/03/2026"

Identidade Libertina

"As cartas dele"

Começou nas cartas.

Ele escrevia como quem me tocava por dentro das frases. As palavras vinham quentes, lentas, deslizando por mim antes mesmo de eu terminar a leitura.

O desejo escorria de cada linha — e do meu corpo também.

Havia algo no modo como ele dizia meu nome, como se cada letra fosse um segredo que só a pele pudesse traduzir. Eu lia e sentia o ar mudar de temperatura. Sentia a falta dele como quem sente sede: profunda, insistente, impossível de enganar.

Agora, quando fecho os olhos, ainda escuto as cartas. Elas sussurram o que o corpo nunca esqueceu.

Há noites em que releio apenas uma frase, e é o suficiente — o toque volta, o calor se refaz, e o silêncio me despede com o mesmo gosto do que não aconteceu.

O corpo tem memória.

E o meu, mesmo em repouso, ainda escreve respostas que ele nunca leu.

Tônia Lavínia



IMAGEM GERADA POR IA "usando SEAART.AI, sob a direção de Tônia Lavínia, Criada em 22/03/2026"



Sinto saudade

Da sua boca, que guardava segredos e promessas;

Do seu corpo, que era abrigo e tempestade ao mesmo tempo;

Da sua voz, capaz de acalmar e incendiar meu peito;

Do seu cheiro, memória que se recusa a desaparecer;

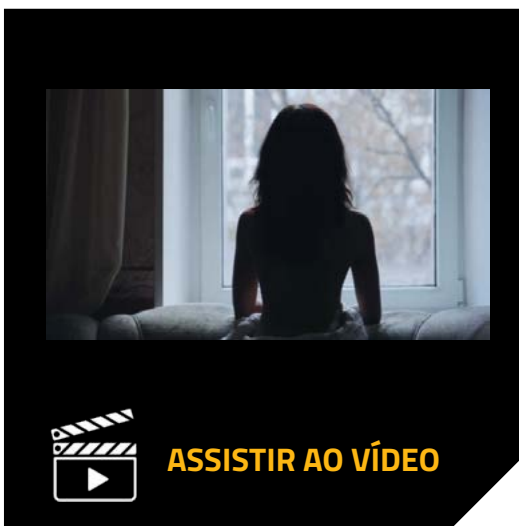
De você inteiro, completo, que fazia meu mundo girar em silêncio e intensidade.

Saudade de cada pedaço de você, de tudo que me fez sentir vivo e vulnerável ao mesmo tempo.

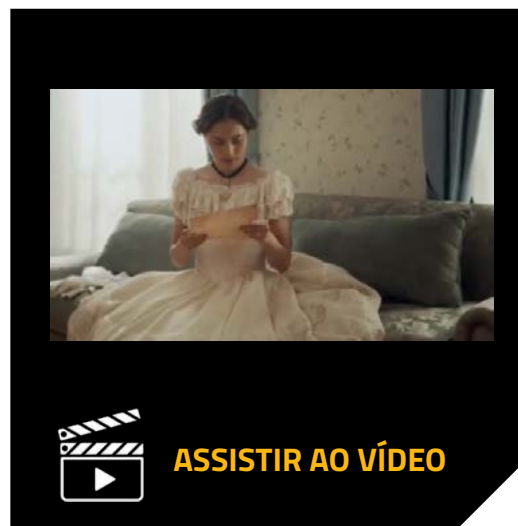
Tônia Lavínia

Vídeo no Youtube:

**“Do outro lado da janela”
por Tônia Lavínia**

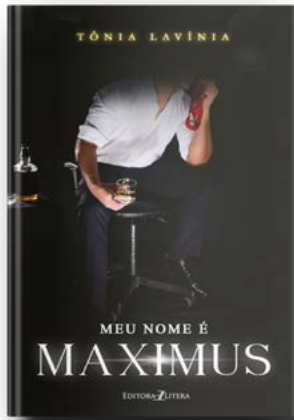


**“As cartas dele”
por Tônia Lavínia**

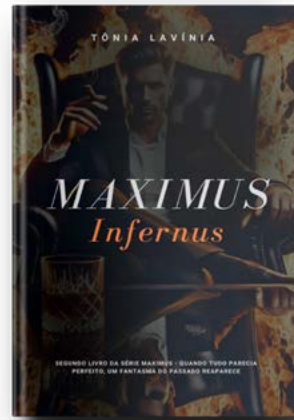


LIVROS DA AUTORA

ACESSE A VITRINE THE BARD



Clique aqui



Clique aqui

COLUNISTA TÔNIA LAVÍNIA

CONHEÇAM MAIS O SEU TRABALHO,
E ACOMPANHEM SUAS REDES SOCIAIS

YOUTUBE

KWAI

INSTAGRAM

POST NO SITE



COLUNAS E COLUNISTAS



LANÇAMENTO

MAIO & JUNHO DE 2026

DO SILÊNCIO ÀS PÁGINAS IMPRESSAS:

"O papel da Tipografia na democratização da informação no Brasil"



37ª
EDIÇÃO

SIGA-NOS

SITE

FACEBOOK

INSTAGRAM

YOUTUBE

TWITTER





EDITAL

JULHO & AGOSTO DE 2026

QUANDO FALAR JÁ NÃO É DIZER:
"o esvaziamento da palavra no século
de hiperconexão"

38^a
EDIÇÃO



ACESSE O EDITAL DA REVISTA THE BARD
PARA PARTICIPAR DA EDIÇÃO
JULHO & AGOSTO DE 2026

PERÍODO DE **01** DE ABRIL À **31** DE MAIO.



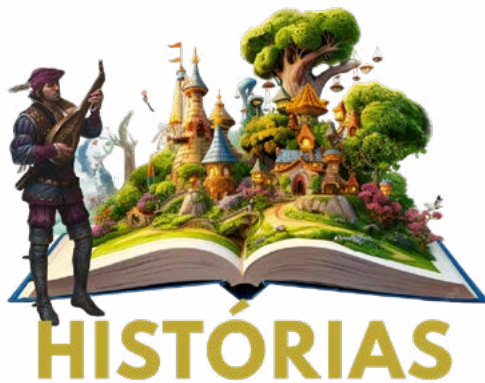
Leia o EDITAL e preencha o FORMULÁRIO DE PARTICIPAÇÃO*

*Todo o material enviado será analisado e avaliado para ser publicado.



A DISTRIBUIÇÃO É GRATUITA.

Contadores de



03



FAGNER LIMA



Fagner Lima é Jornalista, Radialista, Animador, Cantor e Contador de Histórias. Criador da Turma do Faguinho, atua há mais de duas décadas levando alegria, música e imaginação ao público infantil — sendo 20 anos dedicados especialmente à turma que conquistou corações por onde passa. Suas histórias encantam, ensinam e transformam cada momento em uma aventura inesquecível.



Tem histórias que nascem antes da gente. Que chegam no escuro da casa de taipa, à luz de candeeiro, na voz de um avô. Foi assim com Tatiane Feitosa. E foi ali, embalada pelas narrativas do avô, que a contação de histórias plantou raízes nela. Memória afetiva virou vocação. Sonho virou ofício.

Nesta edição de Maio e Junho, a coluna Contadores de Histórias celebra Tatiane Feitosa. Porque contar é resistir. É curar. É lembrar de onde viemos para saber aonde podemos chegar.

IMAGEM GERADA POR IA "usando GROK.AI, sob a direção de Adriana Magalhães, Criada em 06/02/2026"

TATIANE FEITOSA



Tatiane Feitosa é brinquedista hospitalar, contadora de histórias e pedagoga. Iniciou sua jornada na contação de histórias em 2021, realizando sua primeira formação pelo Projeto Conto Aqui, Conto Acolá – Funcultura/PE. Possui ainda formação pela Associação Viva e Deixe Viver – A arte de contar histórias e do brincar no âmbito da saúde e da educação – e pelo Instituto Federal do Rio Grande do Sul, no curso Palavra Brincada: infância, literatura e contação de histórias. Participou de importantes eventos literários e culturais em Pernambuco, incluindo Bienal do Livro, FLIPORTO, FLEPI-TI e festivais literários, além de atuar em hospitais levando arte, cuidado e humanização através das histórias.

O Renascimento pela Palavra: com Tatiane Feitosa

A contação de histórias na vida de Tatiane Feitosa nasceu ainda na infância, no Povoado Salgado do Melão, Distrito de Macururé, na Bahia.

Criada pelos avós maternos, em uma casa de taipa iluminada pela luz do candeeiro, foi ouvindo as narrativas do avô que o encantamento começou. Essas memórias afetivas tornaram-se sementes de um sonho que floresceria anos depois.

Sua estreia profissional aconteceu durante a XIV Bienal Internacional do Livro de Pernambuco, em 2023, com a história “O bicho folharal”, de Luís da Câmara Cascudo. Um momento marcante, desafiador e transformador, especialmente pela experiência de dialogar com diferentes públicos. Tatiane afirma que a contação foi um divisor de águas em sua formação pes-

soal e humana. A partir dela, passou a enxergar livros e públicos com um olhar multifocal, ampliando sua visão sobre educação e infâncias.

Concluiu formação em Docência e Gestão para as Relações Étnico-Raciais e Educação Escolar Quilombola pela UFSC, reforçando seu compromisso com uma educação que contemple todas as infâncias.

Na atuação hospitalar, a contação representa cuidado, acolhimento e humanização. As histórias tornam-se refúgio seguro para crianças internadas, auxiliando na redução do estresse e promovendo bem-estar emocional. Pesquisa realizada pelo IDOR e UFABC evidenciou impactos fisiológicos positivos, como redução do cortisol e aumento da ocitocina em crianças hospitalizadas.



IMAGEM GERADA POR IA "Usando GPT-4, sob a direção de Adriana Magalhães, criada em 06/02/2026"

Entre momentos marcantes, destaca a homenagem recebida em 2025: uma escultura criativa feita por uma criança com massinha de modelar. Para ela, sentimentos como gratidão e felicidade são constantes após cada oficina pedagógica.

Como pedagoga, Tatiane defende que a contação precisa de intencionalidade pedagógica. As histórias promovem engajamento, ampliam vocabulário, desenvolvem ludicidade, fortalecem vínculos, estimulam leitura e escrita, além de aprimorar habilidades sociais e emocionais.



Imagem de Tatiane Feitosa - arquivo pessoal



Imagem de Tatiane Feitosa - arquivo pessoal

Seu conselho para quem deseja iniciar na arte de contar histórias é claro: atualização constante. Buscar formações acessíveis e aprofundar-se na prática é essencial para atuar com responsabilidade e sensibilidade.

Entre seus sonhos, deseja fundar uma biblioteca com o nome do avô — o primeiro e maior contador de histórias

de sua vida.

Para finalizar, Tatiane deixa uma mensagem poderosa: a exposição regular às histórias contribui significativamente para a saúde mental e emocional das crianças, fortalecendo vínculos afetivos, reduzindo a ansiedade e ampliando horizontes por meio da imaginação.

INSTAGRAM



Vídeo no Youtube:

CORES DO CORAÇÃO



COLUNISTA FAGNER LIMA

CONHEÇAM MAIS O SEU TRABALHO,
E ACOMPANHEM SUAS REDES SOCIAIS

INSTAGRAM

INSTAGRAM

YOUTUBE

POST NO SITE



COLUNAS E COLUNISTAS



Alma em Perspectiva

03



RUTE ELLA DOMINICI



Escritora, ensaísta, poeta e pensadora, dr.h.c. em Literatura Francesa, fez da palavra um ofício de resistência e autopoiese. Já compôs poemas gastronômicos em cardápios, letras para melodias clássicas e sacras, além de colunas culturais em jornais e academias. Sua trajetória passa por antologias no Brasil, Portugal e Genebra, e foi voz de liderança feminina em eventos literários. Recebeu o Prêmio Selo Off Flip em Conto (2025). Autora de Mar Germinal e Lava Incontida, transforma a literatura em convite ao autoconhecimento e à alma em perspectiva, conquistando leitores que buscam uma voz autêntica e inspiradora.



Alma em Perspectiva é uma coluna dedicada a refletir sobre a experiência humana para além dos fatos imediatos, explorando as dimensões subjetivas da existência à luz da psicanálise e da literatura.

Parte do princípio de que sofrimento, linguagem e memória são formas de compreensão do mundo, investindo aquilo que persiste quando os acontecimentos passam: as marcas e sentidos que estruturam a condição humana.

Com abordagem sensível e analítica, articula pensamento e vivência, destacando a dignidade da alma diante das tensões históricas, sociais e emocionais.

Mais do que descrever, busca compreender, e ampliar o espaço de reflexão do leitor.

Epígrafe

“Não se nasce mulher: torna-se.”

Simone de Beauvoir

A dignidade que persiste sob a sombra, aquilo que não se apaga, mas insiste em existir.

A Alma Violentada e Ressurrecta - Cartografia da Dignidade Feminina Manifesto do Corpo Vivo

Prólogo

Há geografias que não se fixam, movem-se sob a pele da história, como cicatrizes que não desaparecem, apenas aprendem a coexistir com o corpo que as abriga. A dignidade feminina não é linha contínua, mas travessia: feita de silêncios impostos e reparações que não pedem licença.

A violência contra a mulher não é episódio, é estrutura. Ela se adapta ao tempo, muda de forma, mas preserva a mesma lógica: conter, reduzir, silenciar. Entre o corpo punido, a consciência deslegitimada e a voz contestada, há uma linha que não se rompe.

Persiste.

I. Violência sobre o corpo, a mulher que age e é eliminada

No século XV, sob a ordem da Igreja Católica e em meio à Guerra dos Cem Anos, emerge Joana d'Arc.

Ela não argumenta, age. E é justamente isso que a torna intolérável. Ao vestir armadura e conduzir tropas, atravessa o limite simbólico imposto à mulher.

“Não falo por mim. As vozes me ordenam avançar. Não tomo a espada por desejo, mas porque não posso recuar. Se permaneço,

traio. Se avanço, cumpro. E se me condenam, é porque já não pertenço ao lugar que me deram.”

Entre fé, poder e guerra, o corpo que arde torna-se inscrição na história.

Queimada, não é apenas punida, é convertida em exemplo. A fogueira não a apaga: a inscreve. Quando o corpo feminino age, o poder responde tentando eliminá-lo, mas, ao fazê-lo, grava sua presença na memória.



Imagem de Wikimedia Commons - domínio público

II. Violência sobre a consciência, a mulher que pensa e é deslegitimada

Séculos depois, o mecanismo se refina. Já não é necessário destruir o corpo, basta conter a consciência.

Surge Simone de Beauvoir.

“Não se nasce mulher: torna-se. Construíram um destino e o chamaram de natureza. Ensinaram-nos a consentir. Recuso. Não há essência, há construção. E tudo o que se constrói pode ser desfeito.”

Essa afirmação não é apenas teórica, é estruturalmente subversiva.

Quando a mulher pensa, desloca o mundo de seu eixo.

A reação já não é a fogueira, mas a corrosão: questiona-se a autora, dilui-se sua autoridade, desloca-se o foco da ideia para a figura. Mas a consciência, uma vez desperta, não retorna ao estado anterior.



Imagem de Thought Catalog por Unsplash

III. Violência sobre a voz - a mulher que fala e é atacada

No século XXI, sob a repressão do Talibã, emerge Malala Yousafzai.

“Eles pensaram que poderiam me calar. Mas não entenderam. Quando acordei, minha voz já não era apenas minha, era de todas.”

A voz que tentaram calar se multiplica.

A violência não desaparece, ela se transforma. Já não precisa ferir para existir: pode desacreditar, ridicularizar, cancelar. Ainda assim, a voz permanece.



IMAGEM GERADA POR IA "usando SEAART.AI, sob a direção de Tônia Lavínia, Criada em 03/04/2026"

IMAGEM GERADA POR IA "usando GROK.AI, sob a direção de Tônia Lavínia, Criada em 03/04/2026"



Misoginia e Dignidade Feminina: a sombra que atravessa o mundo

A misoginia não é um acidente da história, mas uma linguagem persistente que atravessa culturas e épocas, adaptando-se às estruturas de poder. Ora explícita, ora disfarçada de tradição, fé ou ciência, instala-se como pedagogia do apagamento.

Na Europa, perseguiu e puniu; na Ásia, conteve e delimitou; na África, conviveu com memórias de poder feminino; nas Américas, explorou e objetificou; na Oceania, delimitou até ser tensionada por rupturas jurídicas.

Apesar das diferenças, a lógica permanece: conter, reduzir, silenciar.

E, ainda assim, algo resiste.

A dignidade feminina não nasce da concessão, revela-se na permanência. Se a misoginia é construída, a dignidade emerge como aquilo que não pode ser inteiramente suprimido: a consciência de si.



IMAGEM GERADA POR IA "usando GROK.AI, sob a direção de Tônia Lavínia, Criada em 03/04/2026"

Eu, mulher, consciência que resiste à violência invisível

Eu não fui ensinada a desaparecer, mas fui conduzida a isso, como quem aprende a reduzir a própria presença para não perturbar a ordem estabelecida. Não é uma violência que se anuncia, é um deslocamento contínuo, onde a palavra que penso encontra escuta apenas para ser esvaziada.

Há uma agressão que não deixa marcas visíveis, mas instala dúvida. Não se combate o que digo; desqualifi-

ca-se o tom, ridiculariza-se a intenção. E assim, pouco a pouco, a mulher que pensa é levada a suspeitar de si mesma, não por falta de lucidez, mas porque sua lucidez desestabiliza.

Minha voz não é interrompida, é dissolvida. E, nesse gesto, tenta-se repositonar-me: não como sujeito que interpreta, mas como presença que deve ajustar-se.

Nos espaços sociais, familiares, religiosos e profissionais, repete-se uma pedagogia silenciosa: posso falar, mas não deslocar. Quando ultrapasso esse limite invisível, não sou confrontada, sou excluída sem ruído.

Essa experiência não me paralisa, mas me atravessa. Continuo, produzo, existo, mas há uma dimensão silenciosa que sofre, não pela incapacidade de ser, mas pela dificuldade de ser reconhecida sem distorção.

E, ainda assim, há algo que não cede.

Não sou invisível. Não sou excesso. Não sou inadequada.

Sou.

E ao sustentar esse “sou”, mesmo sem eco, algo se inaugura.

E o que se inaugura não é apenas para mim.

É para todas.

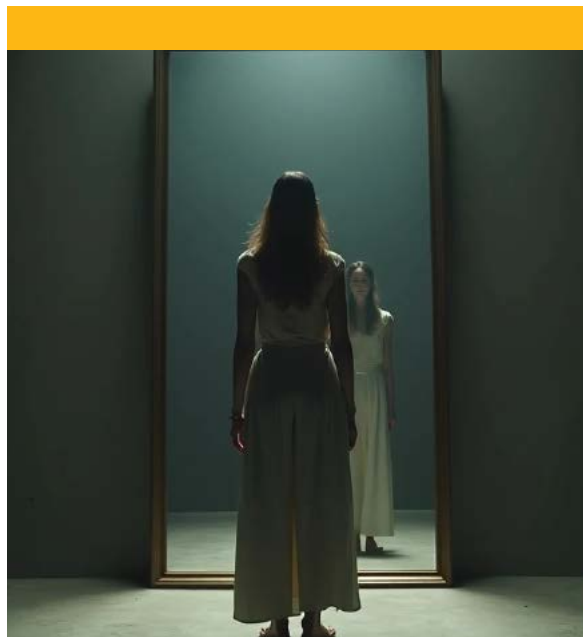


IMAGEM GERADA POR IA "usando SEAART.AI, sob a direção de Tônia Lavínia, Criada em 03/04/2026"

O Direito como Fundamento da Dignidade

Se acompanharmos essa trajetória com honestidade, torna-se impossível tratar a violência contra a mulher como episódio. Ela é estrutura.

Ontem, a mulher que agia era eliminada. Depois, a que pensava era deslegitimada. Hoje, a que fala ainda é atacada ou diluída.

Mudam os instrumentos, mas não muda a dificuldade de reconhecer a mulher como sujeito pleno.

O direito não pode permanecer neutro, porque não há dignidade fora do reconhecimento, e reconhecimento não é concessão, é fundamento.

A mulher não precisa de permissão, mas de garantia: de existir, pensar e falar sem retaliação.

Toda violência contra a mulher compromete o próprio tecido democrático. Onde há silêncio imposto, há desigualdade; onde há desigualdade, há falha jurídica.

O direito não pode apenas reagir. Deve reconhecer e proteger.

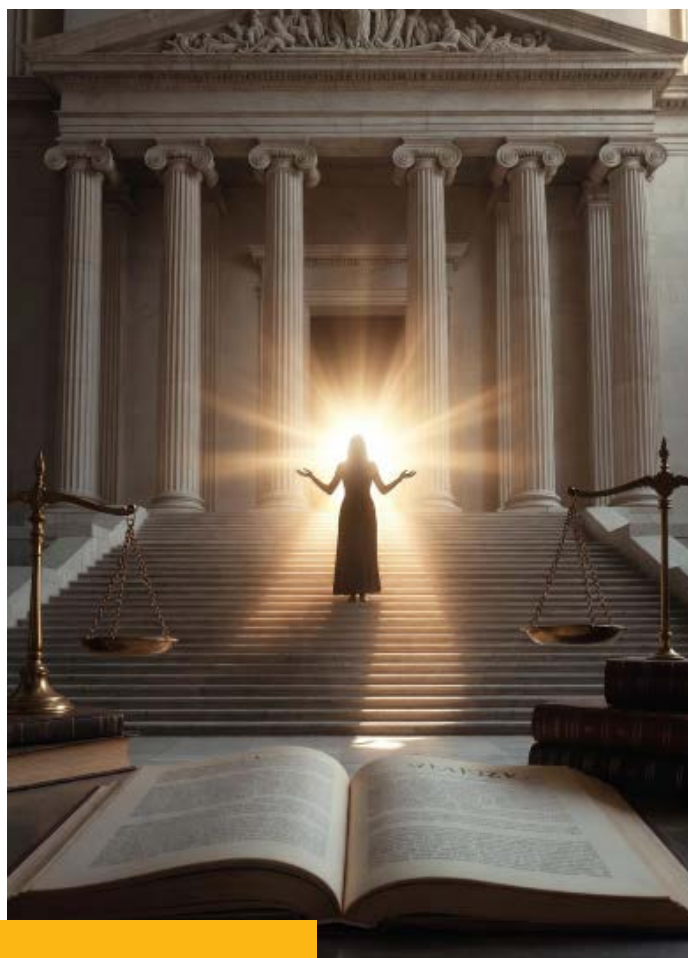


IMAGEM GERADA POR IA "usando GRCCK.AI, sob a direção de Tônia Lavínia, Criada em 03/04/2026"

Porque, quando chega tarde, não repara, apenas registra.

E já não é possível aceitar o registro como resposta.

A mulher não precisa provar que existe. Ela já existe.

O que se exige é reconhecimento.

Porque, quando a dignidade feminina é relativizada, o direito se enfraquece.

E um direito que se enfra-

quece diante da injustiça deixa de cumprir sua função essencial.

A mulher que ressurge não retorna, transforma-se.

Epílogo, por Rute Ella Dominici

Ressurreição da alma feminina

Mulher que se anula, a afronta lhe assombra.
Passarinho-fêmea-ferida, falta-lhe força.
Sucumbe calada, falha-lhe a fala
no choro, na arte, na escrita, na batalha.
Demanda socorro.
Fim, sim
de um arquétipo construído na fragilidade.
Mulher
Os teus frutos são tenros de caldo,
aprazíveis ao mundo que sempre te quis.
Não tenho a te dar
senão meu poema.
Levanta-te do chão onde te deixaram
tartufo oculto, perfume raro.
Não desistas.
És diva. És divina. És fêmea.
Matriz viva,
chafariz de muitas águas.

IMAGEM GERADA POR IA. *Isimela GROMAI, sob a direção de Tânia Lavínia, Criada em 03/04/2026

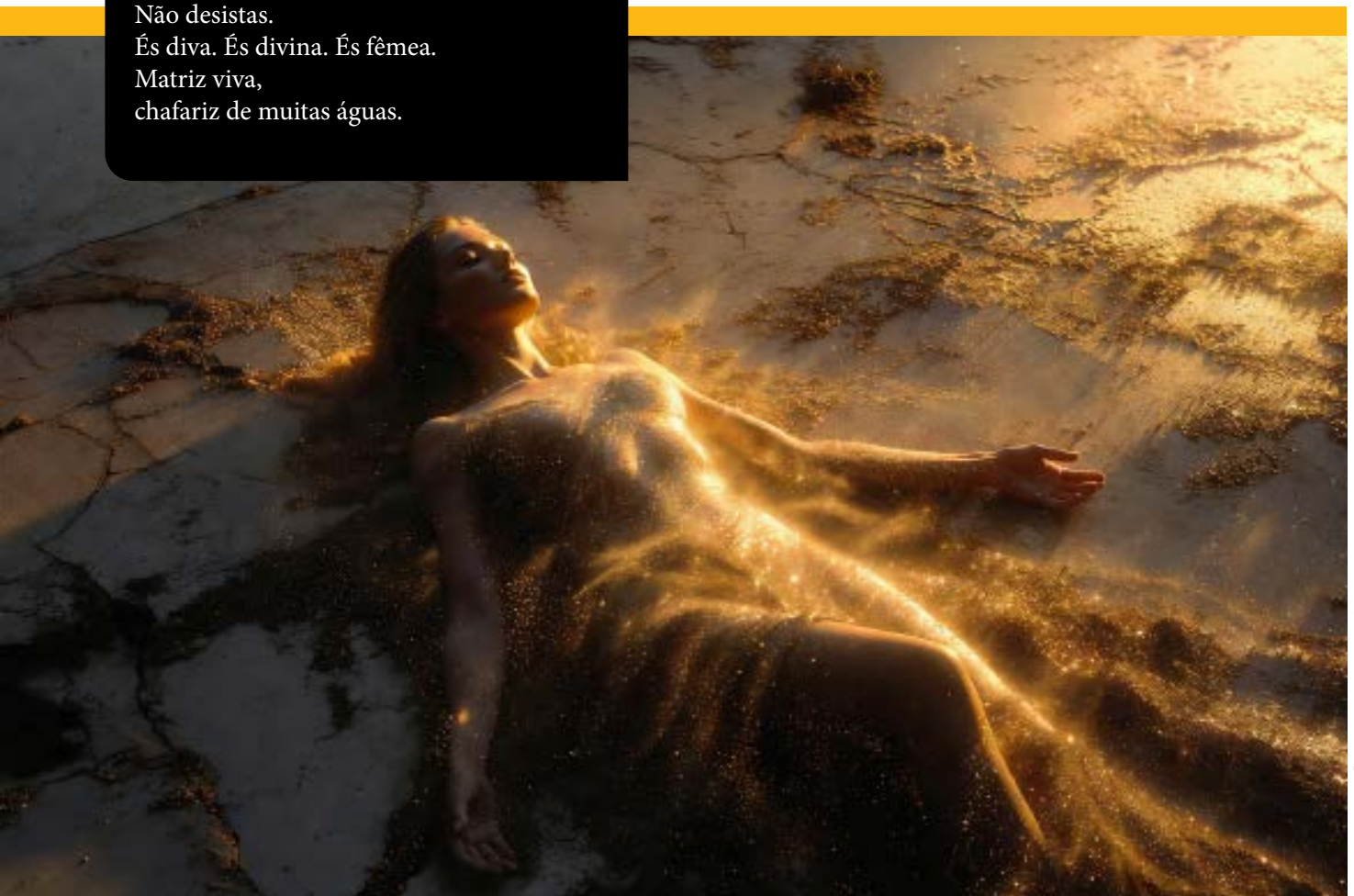
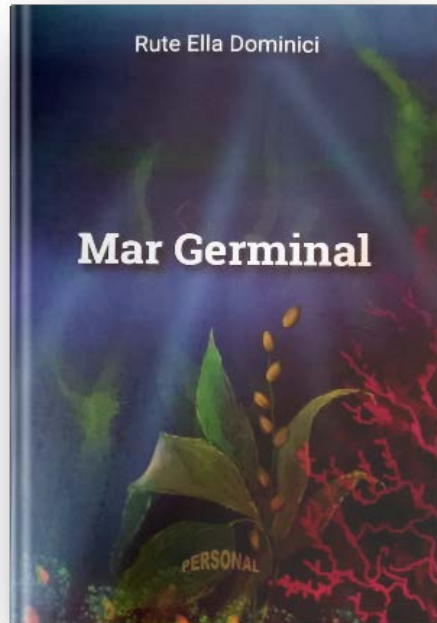


IMAGEM GERADA POR IA. *Isimela GROMAI, sob a direção de Tânia Lavínia, Criada em 03/04/2026

LIVRO DA AUTORA



[Clique aqui](#)

COLUNISTA RUTE ELLA DOMINICI

INSTAGRAM

FACEBOOK

POST NO SITE



COLUNAS E COLUNISTAS





03



RENATO MOTA



Desenhista. Autor de ficção de fantasia. Desenvolvedor de jogos para computador e consoles. Produtor de universos fantásticos e surreais, com caminhos para todos os afetos em intersecções com nossa realidade. Graduado em Letras pela Universidade do Estado do Rio Grande do Norte. Graduado em Design Gráfico pela Uninter. Coursou Psicanálise pela Associação Psicanalítica do Brasil. Na The Bard é colunista de Desvendando a fantasia. Conheça mais do trabalho do artista em @ren_arrais - linktr.ee/rmaljogos

LABIRINTO – ADOLESCÊNCIA, CRESCIMENTO E FANTOCHES DIVERTIDAMENTE ESTRANHOS

Vamos mais uma vez de fantasia. A história que trago nesta Edição da Revista chama-se “Labirinto – A Magia do Tempo” (1986), filme dirigido pelo deus dos fantoches, Jim Henson (1936 – 1990) e produzido por Eric Rattaray e George Lucas. Um filme cheio de monstrinhos e referências a M. C. Escher. O antagonista, Rei Duende, é encarnado pelo grande David Bowie (1947-2016 – que descanse em paz,

Star Man!) e a primeira que sofre, ou a primeira que agoniza, ou a protagonista é Sarah, encarnada por Jennifer Connelly. Tendo um dedo do George Lucas, é quase impossível não passar pelo menos por alguns passos da “jornada do herói”, descrita por Campbell (2007), mas essa é apenas uma das camadas da apresentação da obra. De antemão, aviso que vai ter spoiler. Dito isto, vamos à aventura!

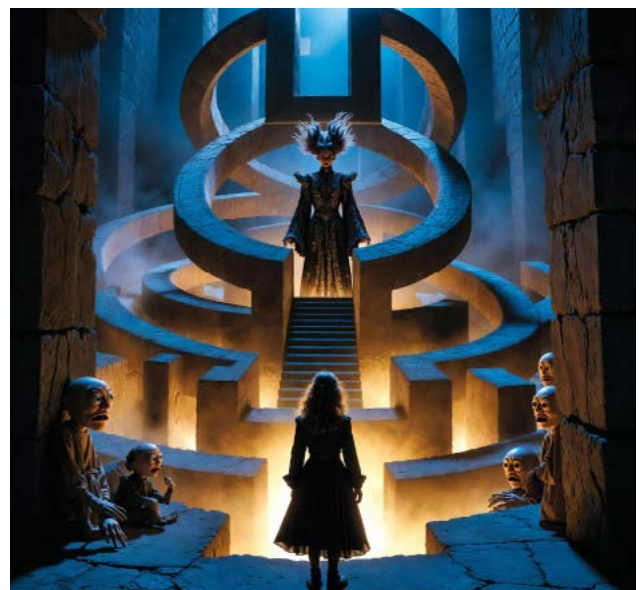


IMAGEM GERADA POR IA "usando GROK.IA, sob a direção de Tônia Lavínia, Criada em 11/04/2026"



IMAGEM GERADA POR IA "usando GROK.IA, sob a direção de Tônia Lavínia, Criada em 11/04/2026"

A única “coisa de adulto” no quarto de Sarah é um batom que ela não usa. Entre seus brinquedos, Sarah dá por falta de um ursinho chamado Lancelot. Até aqui o urso tem nome, mas o bebê não. O urso está no quarto do bebê que está chorando. Ela quer continuar brincando, mas crescer é inevitável.

Uma menina brinca de faz de conta ou “Mundo comum”

O filme é de 1986 e, nos créditos iniciais, uma coruja é apresentada em computação gráfica, ao som de Underground (David Bowie-1986). Começamos com a jovem Sarah (Jennifer Connelly), brincando de faz de conta, com um cachorro cabe-ludo. Ela esquece a última fala da personagem que interpreta. Quando percebe que já é tarde, ela corre para casa. Há uma coruja que a segue, observando-a na brincadeira e indo até a janela. De alguma forma, o final da história já estava escrito na fala que Sarah se esquece durante a

encenação.

Em casa, Sarah se desentende com a madrasta. A jovem sente falta da mãe e sente seu espaço sendo invadido pela presença de um bebê, que toma a atenção das pessoas da casa. Ela elege o bebê como bode expiatório. Em seu quarto, Sarah tem muitos brinquedos, álbuns de família de antes da madrasta, livros de fantasia (“o mágico de Oz” e outro chamado “O Labirinto”), e um quadro com a ilustração de escadas confusas de M. C. Escher.



IMAGEM GERADA POR IA "usando SEAART.IA, sob a direção de Tônia Lavínia, Criada em 11/04/2026"



Dezenas de monstrinhos e um bebê perdido ou “Chamado à aventura”

Sarah fica em casa sozinha com o bebê e, zangada com o choro da criança, diz que o Rei Duende está apaixonado por ela e ameaça recitar palavras mágicas para que o Rei venha levar o bebê. É importante falar que, mesmo pensando em se livrar do bebê, ela reluta em recitar as palavras mágicas, mas acaba recitando e bum! Aparece meio mundo de criaturas risonhas se

escondendo pelos cantos da casa, e a coruja se revela o Rei Duende disfarçado, que entra pela janela. Nesse momento, ficamos sabendo o nome da criança: Toby. Separando as sílabas, fica muito próximo de “to be”. Temos o homem mais velho (Rei Duende), seduzindo a garota mais jovem, Sarah, inclusive oferecendo um presente, uma bola de cristal que mostra os sonhos.

A semente da maturidade está em Sarah, pois ela recusa o presente e insiste em ter de volta o irmão. Para isso, ela deverá passar pelo labirinto, pela Cidade dos Duendes, e enfrentar o Rei Duende no prazo de 13 horas. Ou seja, esse percurso pode ser interpretado como *cresça e assuma responsabilidades*. Quando Sarah pede “me devolva o Toby”, é como se ela dissesse “me devolva o meu ser” ou “meu to be”. O Rei Duende apresenta-se como um símbolo de sabedoria (coruja) e oferece a esfera de cristal, mas representa o homem mais velho seduzindo a mocinha. Interessante aqui também é a trilha sonora (Underground, cantada pelo David Bowie), falando sobre rejeição (como ela se sentia) e fuga (quando ela fugiu da responsabilidade, invocando os duendes).

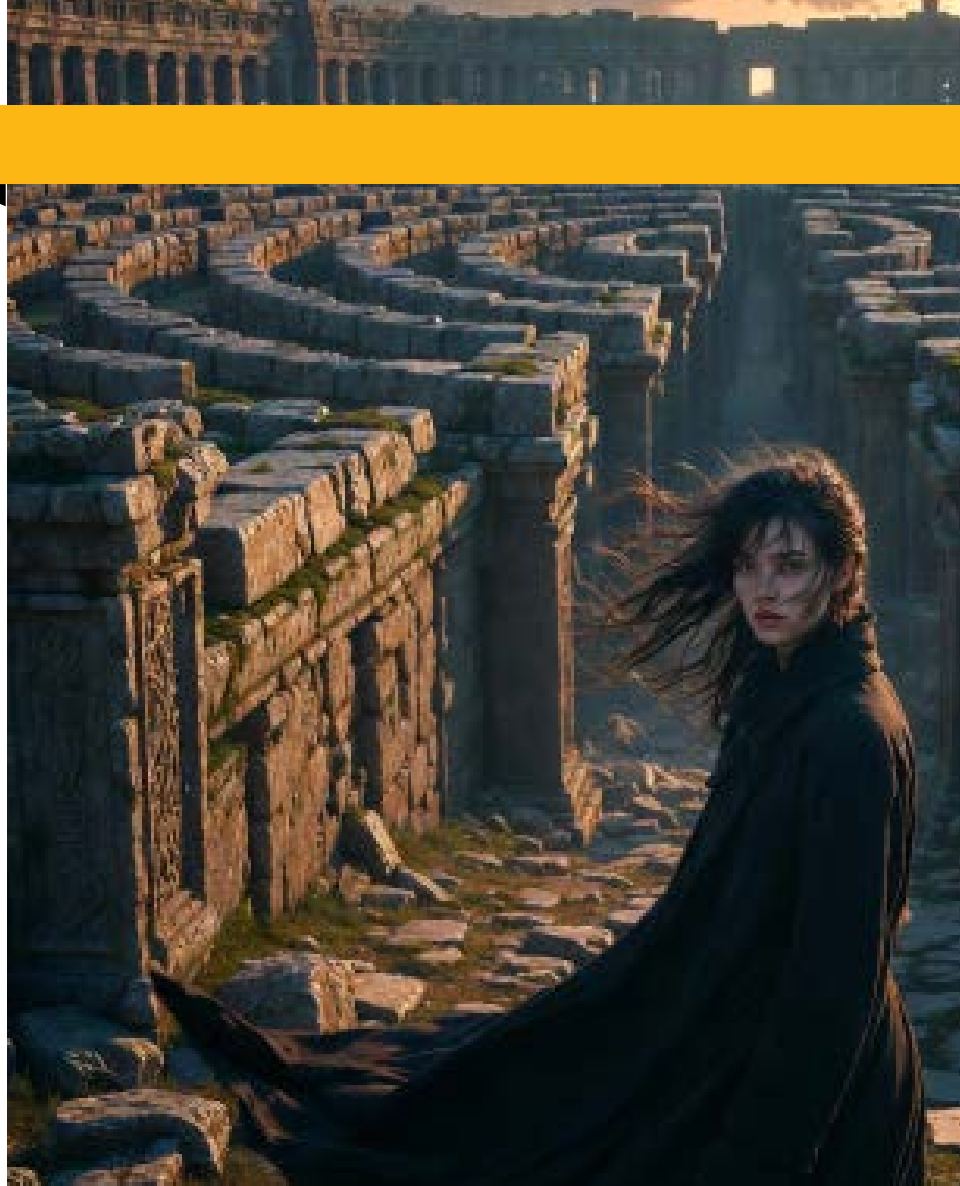


IMAGEM GERADA POR IA "usando GROK.IA, sob a direção de Tônia Lavínia, Criada em 11/04/2026"



IMAGEM GERADA POR IA "usando GROK.IA, sob a direção de Tônia Lavínia, Criada em 11/04/2026"

Não é justo! Ou “Recusa do chamado”

Sempre que algo não sai de acordo com os planos de Sarah, ela sempre diz “não é justo”. A porta da casa da jovem dá para um ambiente avermelhado. Como num sonho, ela não questiona, apenas vai em direção à aventura. Esse “não é justo” vai render...

O pequeno Hoggle ou “Encontro com o mentor”

Ao sair de casa, Sarah encontra um homenzinho de cabeça grande. Seu nome é Hoggle. Ao perceber que uma senhorita se aproxima, o pequenino, que fazia xixi em uma poça d’água, se recompõe, para logo em seguida munir-se de um spray de veneno e pôr-se a caçar fadinhas.

De acordo com Nelly Novaes Coelho (2000, p 173), a palavra fada “vem do latim ‘fatum’, que significa destino”. Colocar Hoggle envenenando fadinhas (ou destinos) nos diz que talvez esse mentor não seja confiável. Com dó das fadas, Sarah pega uma delas, mas é mordida. “Pensei que elas fizessem coisas boas, como realizar desejos”, disse Sarah, e Hoggle complementou “Isso mostra o quanto você sabe das coisas”. Essa foi a forma de ele dizer que o destino reserva dores, na maioria dos casos.



IMAGEM GERADA POR IA "usando GROK IA, sob a direção de Tônia Lavínia, Criada em 11/04/2026"

De porta adentro ou “Cruzamento do primeiro limiar”

Nessa história, os duendes são representações da infantilidade. Hoje, como veremos mais à frente, trabalha para o Rei Duende e tenta, por mais de uma vez, atrapalhar o caminho da jovem. Quando ele diz “Mesmo se chegar ao centro, nunca vai conseguir sair” é como se a resistência dela estivesse falando. Considerando o labirinto como a travessia do amadurecimento, de fato, não é possível sair, não pelo mesmo caminho. O labirinto também é uma forma de dizer que o adolescente muitas vezes se perde por não saber o que quer, o que deve encontrar, ou o que deve se tornar.

Nessa jornada, Sarah se verá cercada de duendes, afinal, não é possível fugir da própria mente, e ela deverá vencer essas resistências.

Tendo por desejo resgatar o irmão, Sarah encontra a entrada do labirinto. O lado de dentro é um corredor que se estende para a esquerda e para a direita. Depois de muito andar, Sarah é interrompida por um verme falante, que mostra uma passagem escondida. É irônico que um verme saiba mais que uma adolescente. A passagem indicada tem mais uma saída pela direita e outra pela esquerda, e o verme indica a direita, pois a outra tem um caminho curto para o castelo do Rei Duende e é preciso que o caminho seja longo o bastante para que as modificações internas de Sarah aconteçam. Ou ele disse o caminho errado porque é um verme.

Nesse momento, temos uma cena cheia de monstros, e o Rei Duende cantando (Magic Dance - 1986) com o bebê chorando nos braços. O verso “And left my baby blue” e a câmera mostrando o choro do bebê merece destaque. Em certo momen-

to da dança, o cantor joga Toby para cima, a uns três metros de altura, e quem pega o menino é um dos fantoches. Até percebermos que nesse momento o bebê havia sido trocado por um boneco, o coração já estava perto de sair pela boca.



IMAGEM GERADA POR IA "usando GROK IA, sob a direção de Tônia Lavínia, Criada em 11/04/2026"

Quanto mais a pessoa reza, mais o cão mostra o chifre ou “provas, aliados e inimigos”

Sarah usa o batom para marcar setas no chão e se orientar no labirinto. Mas ela não é adulta, e coisas de adulto não funcionaram. Um monstrinho de um palmo de altura põe-se a sabotar as marcações da jovem. “Não é justo!” Essa fala vai se repetir...

Depois de decifrar um enigma sobre verdades e mentiras, Sarah cai em um buraco vertical, cheio de mãos, que ora seguram-na ora acariciam-na. Algumas mãos se unem e formam rostos que se identificam como “Mãos Amigas”. Enfim, as mãos soltam a mocinha que cai nos calabouços da cidade, o que não agrada ao Rei Duende, afinal, ela não deveria ter chegado tão longe.

Nossa heroína vai encontrar o que quer e o que não quer; vitórias e derrotas; e um começo de entendimento. Hoggle reaparece e fica claro ao espectador que ele trabalha para o Rei Duende. A missão do pequeno guia é levar a jovem ao início do labirinto. Sarah precisa negociar com Hoggle e, vendo que ele tem uma bolsa com joias, oferece-lhe uma pulseira de plástico (coisa que ele nunca tinha visto). Hoggle aceita e decide adiar a traição. Os dois seguem viagem por cavernas de pedras falantes.

Durante a caminhada, encontram o Rei Duende que, vendo a pulseira no braço de Hoggle, questiona se ele está ajudando Sarah. Direcionando-se à jovem, o monarca pergunta o que ela acha do labirinto. “Uma moleza”, ela responde. Enraivecido, o Rei decide aumentar a dificuldade da brincadeira, e Sarah repete: “Isso não é justo!”. O monarca conjura uma furadeira chamada “Cortador”, que passa pelos túneis esmagando tudo no caminho. Uma coisa que fura e penetra um túnel (como um pênis), pilotada por dois monstrinhos (como os testículos).

Sarah e Hoggle escapam do Cortador e sobem por uma escada, saindo em um pote sobre uma mesa em um jardim. Suspeitando do guia, a jovem rouba-lhe o saco de joias (alegoria para a castra-



IMAGEM GERADA POR IA "usando GROK.IA, sob a direção de Tônia Lavínia, Criada em 11/04/2026"

ção). Agora é Hoggle quem diz “Isso não é justo!”, e a moça responde “Mas é assim que é”. Se ele quiser as joias de volta, terá que ajudar.

No jardim, eles encontram um homem com um pássaro na cabeça que, ao de dizer coisas confusas como “parece que não chegamos a lugar algum, quando na verdade, chegamos”, adormece. Apesar de os viajantes não entenderem as palavras do homem, concordamos que metade do labirinto foi vencida.

Apesar de todas as tretas, a protagonista vê o guia como amigo, e o pequeno, que nunca tivera uma amizade, se vê encantado. Mesmo assim, ao menor sinal de perigo, Hoggle foge. É um barulho de batidas, risos debochados e grunhidos. Sozinha, Sarah segue o barulho e vê um grupo de monstrinhos com armadura, atormentando uma fera peluda pendurada em uma árvore. Convenientemente, algumas pedras rolam para perto de Sarah, que as usa para afugentar os monstrinhos. Dessa forma ela salva o bicho peludo e ganha um novo amigo de viagem, chamado Ludo.

Mais adiante, Sarah e Ludo se veem em uma selva onde criaturas fazem uma dança, trocando partes do corpo uns com os outros (braços, cabeças e olhos) e às vezes, criam amálgamas com seus corpos. Eles falam de diversão e querem que Sarah fique igual a eles, ou seja, querem arrancar a cabeça e os membros dela. Na confusão, a jovem arremessa longe algumas cabeças e foge, mas se perde de Ludo.

De longe, Hoggle escuta a voz de Sarah pedindo ajuda. Nesse momento, o guia se arrepende, mas antes de ir até a amiga, é interrompido pelo Rei Duende. Para não receber severas punições, Hoggle deve entregar uma fruta a Sarah. O monarca convence o servo de que uma moça tão bonita nunca seria amiga de uma criatura como Hoggle e ainda jura que, se um dia Sarah o beijasse, o Rei Duende em pessoa o transformaria em um príncipe... do Pântano do Fedor Eterno. Triste, Hoggle parte em sua nova missão.



IMAGEM GERADA POR IA "usando GROKIA, sob a direção de Tônia Lavínia, Criada em 11/04/2026"

Sarah se vê diante de um paredão e Hoggle a ajuda a escalá-lo, lançando uma corda. A salvo dos monstros vermelhos, ela o beija como gratidão, e a promessa do Rei Duende quase se cumpre. O chão se abre e, por muito pouco, os dois não caem no Pântano do Fedor Eterno. Enquanto tentam se salvar, o pequeno guia diz que veio apenas para recuperar o saco de joias. Logo em seguida, eles encontram Ludo que, ao rugir, controla pedras e forma uma ponte.

Adiante há um guardião, meio guaxinim caolho, meio Dom Quixote que, muito

valente, ataca com seu cetro, mas é pequeno e não causa danos, só chateia. Ludo ataca o Guardião e o derrota. O pequeno reconhece a força de Ludo e propõe que sejam "irmãos para lutarem juntos pelo bem". Sarah tenta atravessar o caminho do guardião, mas é impedida por ele que diz "Eu jurei pelo meu sangue que não deixaria ninguém passar por aqui sem a minha permissão!". Sarah pede: "Pode me dar sua permissão?". O guardião concede, e os viajantes têm como novo amigo o Guardião do Pântano que seguirá o grupo cavalcando seu cachorro.



IMAGEM GERADA POR IA "usando GROKIA, sob a direção de Tônia Lavínia, Criada em 11/04/2026"

O buraco fundo dos desejos recalçados ou “Aproximação da caverna oculta”

Hoggle sente a consciência pesada, pois ainda carrega a fruta envenenada e espera uma oportunidade para cumprir sua missão. Caso a moça coma a fruta, perderá a memória. Hoggle entrega a fruta, Sarah come e adormece. Hoggle foge acovardado.

No castelo, o Rei Duende lança bolas de cristal para prender Sarah numa ilusão: ela se vê num magnífico baile de máscaras dançando com o Rei Duende. A princípio, ela dança, mas rapidamente percebe que algo está errado. A jovem lança uma cadeira contra um grande espelho, e isso destrói a ilusão.

Sarah cai em um lixão. Nesse lugar, aparece uma duende com Lancelot, o urso de pelúcia. A senhora leva Sarah para uma cópia do quarto da

casa onde a jovem mora com o pai e impede que ela saia ou olhe pela janela. Ao pegar o livro “The Labyrinth”, Sarah percebe que está em um lixão e recupera a memória.

A jovem se reencontra com o Guardiã e Ludo, e os três avançam até uma muralha de portões pesados com uma imagem em relevo de um gigante de metal. O gigante é um robô pilotado por um monstrinho. A máquina se desprende da parede e põe-se a atacar Sarah e companhia. Eles tentam fugir, mas grandes lanças fecham o caminho. Hoggle, o arrependido, chega saltando de cima da muralha e derrotando a tabefe o piloto do robô que, danificado, para de funcionar. O herói da vez diz que não merece perdão e que o Rei Duende o obrigara a fazer todas as tramoias. Mesmo assim, Sarah o perdoa.



IMAGEM GERADA POR IA, usando SEARTZA, sob a direção de Thair Laminic, Criada em 11/04/2026

A grande batalha na Cidade dos Duendes ou “A provação suprema”

A cidade está silenciosa até que o Rei Duende manda suas tropas. Sarah e amigos fogem até que o Guardiã se perde e fica cercado de inimigos. Ele vence um duelo, bate a cabeça e cai da montaria. Ao mesmo tempo, Sarah e Hoggle entram em uma casa, Ludo alcança o topo de uma torre e rugue. O Guardiã está cercado e diz “Larguem suas armas e eu serei misericordioso!”. É quando o rugido de Ludo faz efeito e pedras rolam pela cidade, aniquilando o exército. Para enfrentar o Rei Duende, Sarah quer ir só, mas os amigos ficaram a postos.

O castelo lembra os desenhos

de M. C. Escher. “Tudo que eu fiz foi por você, eu movo estrelas para ninguém... Seus olhos podem ser tão cruéis, assim como eu posso ser tão cruel”, diz o monarca. Toby está prestes a cair em um buraco e Sarah se joga de uma grande altura em direção ao bebê para salvá-lo. O cenário se desmonta como um quebra-cabeça, e a jovem aterrissa em um bloco de pedra flutuante, em meio a outros tantos pedaços de parede e teto que flutuam em um céu escuro com nuvens vermelhas.

Sarah e o Rei Duende estão frente a frente, e ele parece decepcionado. O monarca se acha gene-

roso e diz que fez tudo para atender às expectativas dela: levou o bebê, tornou-se assustador, mexeu no tempo e virou o mundo de cabeça para baixo.

Sarah recita “Através de perigos indizíveis e inúmeras dificuldades, eu lutei para chegar aqui ao castelo atrás da Cidade dos Duendes. Porque minha vontade é tão forte quanto a sua, e meu reino é tão poderoso quanto o seu. Você não tem poder sobre mim!” O Rei ainda tenta enrolar antes de ela terminar a fala, oferecendo sonhos como quem vende fumaça, mas Sarah venceu e o bebê está salvo.

Um pouco de Campbell, mas não tudo, ou “recompensa; o caminho de volta; ressurreição; retorno com o elixir” tudo misturado

O Rei Duende se transforma em coruja e voa para longe. Espera-se que procure alguém da idade dele. Sarah está em casa e ela dá o urso Lancelot para o irmãozinho que está no quarto. O livro “The Labyrinth” vai para a gaveta.

Fato é que, se você termina o filme e volta lá no começo vê que os amigos que ela fez na viagem estavam lá no quarto dela. O guaxinim caolho, Hoggle... E, apesar da ma-

turidade adquirida, ela segue sendo uma menina-moça e precisa da fantasia de vez em quando. O filme termina com Sarah e meio mundo de monstros em seu quarto.

Finda mais um Desvendando a fantasia. “Labirinto” é um filme que fez muita criancinha chorar no cinema por conta dos monstros, mas, ainda assim, um filme lindo. Eu espero que tenham gostado porque eu gostei muito!



IMAGEM GERADA POR IA "usando SEAART.IA, sob a direção de Tônia Lavínia, Criada em 11/04/2026"

LIVRO DO AUTOR



[Clique aqui](#)

COLUNISTA RENATO MOTA

INSTAGRAM



COLUNAS E COLUNISTAS



POST NO SITE





03



NATÁLIA CARMO



Professora de Língua Portuguesa, escritora e neuropsicopedagoga. Formada em Letras e mestra em Educação, atua no ensino da linguagem, leitura crítica e cultura brasileira. Produz conteúdo sobre literatura e formação de leitores. Entre suas obras destacam-se “O Amor Acaba e Recomeços”, acredita no poder transformador das palavras.

Em tempos de notificações incessantes, prazos comprimidos e uma urgência que parece não ter fim, ler virou um ato quase subversivo. Não é só entretenimento: a leitura é pausa, profundidade e encontro. É o lugar onde desaceleramos para pensar melhor, sentir com mais precisão e lembrar que somos mais do que a nossa agenda. Num mundo que premia a distração, o livro pede presença. E é na presença que a gente volta a caber em si mesmo.

É por isso que a coluna Momento Resenha nasce aqui. Cada edição vai abrir espaço para obras que nos desafiem a olhar com mais cuidado para o que lemos, para o que vivemos e para o que deixamos passar despercebido. Livros não mudam a vida por mágica. Mudam porque nos oferecem outra lente.

Abrimos esta coluna com “O

Poder do Agora”, de Eckhart Tolle.

O livro parte de uma ideia simples e radical: o sofrimento nasce quando vivemos presos ao passado ou ansiosos pelo futuro, ignorando o único lugar onde a vida realmente acontece, o presente. Tolle propõe a iluminação espiritual não como algo distante e místico, mas como um estado acessível quando aprendemos a observar a mente sem nos identificar com ela. Através de reflexões e exercícios práticos, ele guia o leitor a dissolver a voz interna que julga, compara e teme, e a encontrar quietude no agora.

Mais do que um guia espiritual, é um convite para desarmar o piloto automático. Ler Tolle é ser lembrado de que a paz não está lá adiante, em alguma conquista futura. Está aqui, entre uma respiração e outra, quando escolhemos estar inteiros no momento.



IMAGEM GERADA POR IA "usando GROK.AI, sob a direção de Adriana Magalhães, Criada em 19/04/2026"

Resenha Crítica

LIVRO: O PODER DO AGORA AUTOR: ECKHART TOLLE

Em *O Poder do Agora*, Eckhart Tolle propõe uma mudança profunda na forma como percebemos a vida, o tempo e a nós mesmos. Longe de ser apenas um livro de autoajuda, a obra apresenta uma reflexão quase filosófica e espiritual sobre o sofrimento humano, defendendo que a raiz da maioria dos nossos problemas está na incapacidade de viver plenamente o momento presente.

Logo no início, Tolle introduz uma ideia central: a mente, embora essencial para a sobrevivência, tornou-se uma ferramenta dominante e muitas vezes tirânica. Em vez de utilizarmos o pensamento de forma consciente, somos frequentemente dominados por ele. Esse fluxo incessante de pensamentos, voltado ao passado ou projetado no futuro, nos desconecta do único ponto em que a vida realmente acontece: o agora.



O autor afirma que o sofrimento psicológico está profundamente ligado ao apego ao tempo. O passado, com suas culpas, arrependimentos e dores, e o futuro, carregado de ansiedade e expectativas, funcionam como mecanismos que afastam o indivíduo da experiência presente. Para Tolle, o “tempo psicológico” é uma construção da mente que nos aprisiona. Já o “tempo do relógio”, necessário para a organização da vida, não é o problema. A dificuldade surge quando transformamos o tempo em identidade.

Um dos conceitos mais impactantes da obra é o de “corpo de dor”. Trata-se de um acúmulo de emoções negativas não resolvidas que carregamos ao longo da vida. Esse corpo de dor pode ser ativado por situações cotidianas e tende a alimentar pensamentos negativos, criando um ciclo de sofrimento. Ao tomar consciência desse processo, o indivíduo passa a ter a possibilidade de interromper esse padrão automático.



IMAGEM GERADA POR IA usando GROK.AI, sob a direção de Adriana Magalhães, Criada em 19/04/2026

Outro ponto fundamental é a distinção entre o “eu verdadeiro” e o “ego”. O ego, segundo Tolle, é uma construção mental baseada em identificações: com histórias, papéis sociais, posses e até mesmo sofrimentos. Quando nos identificamos totalmente com o ego, vivemos em constante comparação, carência e medo. O “eu verdadeiro”, por outro lado, está ligado à consciência pura, à capacidade de observar pensamentos e emoções sem se confundir com eles.



IMAGEM GERADA POR IA "usando GROK.AI, sob a direção de Adriana Magalhães, Criada em 19/04/2026"

A prática da presença, então, surge como o caminho proposto pelo autor. Estar presente não significa ignorar responsabilidades ou viver de forma passiva, mas sim agir com consciência plena, sem o peso excessivo do passado ou a ansiedade pelo futuro. Tolle sugere exercícios simples, como observar a respiração, prestar atenção ao corpo ou perceber o silêncio entre os pensamentos. Essas práticas ajudam a criar um espaço interno de calma e lucidez.

Um aspecto interessante da obra é a valorização do silêncio e da quietude. Em uma sociedade marcada pela pressa e pelo excesso de estímulos, o silêncio é frequentemente evitado. No entanto, Tolle o apresenta como um portal para a presença. Ao silenciar a mente, mesmo que por instantes, o indivíduo entra em contato com uma dimensão mais profunda de si mesmo.



IMAGEM GERADA POR IA "usando GROK.AI, sob a direção de Adriana Magalhães, Criada em 19/04/2026"

O livro também aborda os relacionamentos humanos sob essa perspectiva. Muitas relações são construídas a partir da carência e da dependência emocional, reforçando padrões de sofrimento. Quando uma pessoa está presente, ela deixa de buscar no outro a solução para suas dores internas e passa a se relacionar de forma mais livre e consciente. Isso não elimina conflitos, mas transforma a maneira como lidamos com eles.

Outro ponto relevante é a aceitação. Para Tolle, resistir ao momento presente gera sofrimento desnecessário. Aceitar não significa concordar ou se acomodar, mas reconhecer a realidade como ela é antes de agir. Essa postura reduz a reatividade emocional e permite respostas mais equilibradas.

Ao longo da obra, o autor utiliza uma linguagem acessível, frequentemente estruturada em perguntas e respostas, o que aproxima o leitor e facilita a compreensão de conceitos mais abstratos. No entanto, apesar da simplicidade aparente, o conteúdo exige reflexão e prática. Não se trata apenas de entender intelectualmente, mas de experimentar.



IMAGEM GERADA POR IA "usando GROK.AI, sob a direção de Adriana Magalhães, Criada em 19/04/2026"

Em um contexto contemporâneo marcado por ansiedade, sobrecarga de informações e busca constante por produtividade, O Poder do Agora se apresenta como um contraponto. Ele convida o leitor a desacelerar e a perceber que a vida não está no

próximo objetivo, na próxima conquista ou no próximo problema a ser resolvido, mas sim no instante presente.

Por fim, a grande contribuição do livro talvez seja a mudança de perspectiva que ele propõe: sair

de uma existência baseada no “fazer” para uma experiência fundamentada no “ser”. Ao aprender a habitar o agora, o indivíduo não elimina os desafios da vida, mas passa a enfrentá-los com mais clareza, equilíbrio e, sobretudo, presença.

LIVROS DA AUTORA



[Clique aqui](#)



[Clique aqui](#)

COLUNISTA NATÁLIA CARMO

INSTAGRAM

INSTAGRAM

POST NO SITE



COLUNAS E COLUNISTAS





03



NAZARETH ARRAIS



Professora Associada da Unidade Acadêmica de Letras e do Programa de Pós-Graduação do Mestrado Profissional em Letras da Universidade Federal de Campina Grande (UFCG), do Centro de Formação de Professores (CFP) – Cajazeiras, Paraíba - Brasil. Mestra em Letras (UFPB). Doutora em Letras (UFPB). Líder do Grupo de Pesquisa Semiótica, Discurso e Ensino (SEDE), certificado pelo CNPq. Pesquisadora nas áreas da Semiótica Discursiva e do Conto de Expressão Popular.

Entre memórias, ritmos e identidades: o tesouro cultural dos maracatus

Se se permitires à apreciação,
Eu serei adubo à sua estesia.



IMAGEM GERADA POR IA "usando GROK.AI, sob a direção de Arelly Soares Reis, Criada em 18/04/2026"

De um contato muito breve e um encanto que me segue até hoje, é que escrevo sobre o maracatu como uma manifestação artístico-cultural que envolve dança, poesia e música numa dinâmica teatral encantadora. O maracatu nasceu se permitindo à apreciação por quem, pela sensibilidade, se mantém

fértil ao encantar-se e emocionar-se diante das dinâmicas artístico-culturais que o espetáculo apresenta.

Nesta edição, trago um pouco, um recorte mínimo, dessa tradição que compõe o vasto tesouro cultural brasileiro e que é comum estar presente nas festas carnavalescas do país.



Imagem de IFHAN por Tiago Guillen

O que significa maracatu?

Segundo João Wanderley Robeto Militão, compositor, cantor, carnavalesco, produtor cultural e militante, também chamado de Pingo de Fortaleza, em sua publicação *Maracatu Az de Ouro: 70 anos de memórias, loas e batuques* (2007), o significado da palavra maracatu pode derivar-se de “maracatucá”, utilizada pelos brincantes dessa manifestação com o significado de ‘vamos embora’ ou ‘vamos debandar’, ou ainda, de ‘batuque’ e da ‘própria festa’” (p. 22). A ideia de ser advinda de “batuque” também é defendida por Roberto Benjamim em sua obra *Folguedos e danças de Pernambuco* (1989).

Entre outras possibilidades, também são discutidas pelo professor Adriano Carlos de Moura, em sua tese de doutoramento, defendida em 2016, a posição de Mário de Andrade, na obra *Danças Dramáticas do Brasil* (1982), destacando que a palavra maracatu teria origem ameríndia: primeiro poderia ser advinda de maracá, que é um instrumento de percussão indígena, e catu, que significa, em tupi, bom, bonito; segundo, seria advinda de marã, que significa guerra, confusão, e também catu, o que resultaria em guerra bonita.



IMAGEM GERADA POR IA. "Jusélio GROKAL, sob a direção de Arley Soares Reis, Criada em 18/04/2026"

Mesmo com essa incerteza etimológica, não podemos negar que o maracatu é uma festividade afro-brasileira de grande beleza em que o sigretismo artístico e religioso está presente. O sociólogo Mário Henrique Thé Mota Carneiro explica que, sob o ponto de vista dos folcloristas Câmara Cascudo, Mário de Andrade e Guerra Peixe, é possível observar uma relação dos maracatus com as “as festividades ligadas às Irmandades e confrarias de Nossa Senhora do Rosário dos Homens Pretos” (Souza, 2015, p.36).

Constituindo um acervo de memórias da cultura ancestral do povo preto escravizado no Brasil com elementos também da cultura nativa brasileira, o maracatu é hoje reconhecido, pelo Instituto do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional, como Patrimônio Cultural Imaterial do Brasil.

MARACATU NAÇÃO



CLIQUE AQUI



IMAGEM GERADA POR IA. "Assimila GROKAI, sob o domínio de Aracy Soares Reis, criada em 18/04/2026"

Memórias guardiãs da identidade ancestral no maracatu

O Maracatu, em si mesmo, pode ser considerado um acervo de memórias guardiãs da identidade ancestral, à medida que, na sua organização alegórica, encontramos símbolos, atores e rituais do povo africano, bem como elementos dos nativos brasileiros, como forma de manter vivos os valores desses povos.

De maneira viva e atuante, no Nordeste, encontramos maracatus em Pernambuco (o maracatu Nação ou de Baque Virado e o maracatu Rural ou Baque Solto), onde teve origem, na Paraíba, em Sergipe, em Alagoas e no Ceará. Além desses espaços, segundo Ângela da Silva Oliveira (2011), os maracatus Nação ou de Baque Virado e o maracatu Rural ou Baque Solto saíram do Nordeste e chegaram a São Paulo onde se disseminou e se sustenta

até hoje com artistas e amantes da cultura.

Para Ângela, alguns dos motivos para essa popularização, em São Paulo, foram: busca para manter a originalidade da prática; o desenraizamento do Maracatu de Baque Virado; “a influência trazida pelo Movimento Mangue Beat” e a ida de participantes de Maracatu de Baque Virado de Recife para São Paulo nos anos 90 do séc. XX, que começaram a realizar oficinas de percussão no novo espaço (2011, p. 8).

Ainda com base nas pesquisas de Ângela da Silva Oliveira (2011), existem seis grupos de maracatus em São Paulo, a saber, “Bloco de Pedra (Escola Estadual Professor Antônio Alves Cruz - Sumaré), Cia Caracaxá (Universidade de São

Paulo/USP - Cidade Universitária - Butantã), Cia Porto de Luanda (Itaquera), Ilê Aláfia (Núcleo Sócio Educativo Leide das Neves - Jabaquara), Nagô (Tendal da Lapa) e Quilombaque (Comunidade Cultural Quilombaque - Perus).” (2011, p. 8).

De maneira geral, os símbolos representativos da memória ancestral afro-brasileira passíveis de serem encontrados nos maracatus são diversos, embora limitados. Pela impossibilidade de referenciar todos, colocamos os mais comuns em Pernambuco, onde essa arte começa e se consolida. No maracatu Nação ou de Baque Virado, destacam-se: Calunga, Estandarte, Umbrela ou Pálio e Peixe com Estrela na Boca. No maracatu Rural ou Baque Solto, destacam-se Caboclo de Lança, Cocar e instrumentos Indígenas.



IMAGEM GERADA POR IA "usando GROK.AI, sob a direção de Arely Soares Reis, Criada em 18/04/2026"

Na Paraíba, os Maracatu Nação Pé de Elefante e o Coletivo Maracastelo apresentam símbolos como: Calunga, Estandarte, Corte Real e Elefante no primeiro; e Calunga, sob a designação de mãe Edite, Rainha é a Mãe Lúcia Omideyn, e a dama do Paço no segundo. Segundo Marcelo Renan Oliveira de Souza (2015, p. 63), se sustentando nas informações de Vidal (1944), na Paraíba são raras e genéricas as informações sobre a temática, ficando mais limitada ao séc. XIX.

Em Sergipe, vamos encontrar o Maracatu Nação Pavão Dourado de Japarutuba, com a Calunga, o Cortejo Real, o Batuque ou Baque Virado, a Dama do Paço e o Estandarte. Marcelo Renan Oliveira de Souza (2015, p. 65) escreve que “O maracatu sergipano é uma expressão cultural festejada no interior de uma comunidade reconhecidamente quilombola, certificada pela Fundação Palmares, através da certidão de reconhecimento publicada no Diário Oficial da União, de 28 de julho de 2006.”

Em Alagoas, com o Maracatu Baque Alagoano, vamos encontrar a Calunga, o Rei e a Rainha e o Caboclo de Lança. Aqui, percebemos a influência não apenas do Maracatu Nação, mas também do Maracatu Rural especialmente com este último símbolo. Marcelo Renan Oliveira de Souza (2015, p. 67) explica que “No estado de Alagoas, os maracatus assemelham-se aos baques virados pernambucanos e se inspiram nesses para remontar seus grupos e desfiles na contemporaneidade.”

Podemos perceber que o símbolo central do maracatu Nação ou de Baque Virado é a Calunga, e, portanto, não podia estar ausente nos demais maracatus de mesma inspiração, não importando o lugar. Essa figura representa a rainha morta como símbolo da ancestralidade real do povo africano.



IMAGEM GERADA POR IA "usando GROK.AI, sob a direção de Arely Soares Reis, Criada em 18/04/2026"



IMAGEM GERADA POR IA "Jumbo GEMINI AI, sob a direção de Nazareth Lima Arnis, Criada em 05/04/2026"

O sincretismo artístico do maracatu



O maracatu, como representação festiva, agrega música, poesia e dança numa dinâmica teatral constituindo um verdadeiro espetáculo de sentidos e significados. Nesse evento, à mescla de ritmos africanos e indígenas é denominada de baque e cria uma identidade própria. Adriano Carlos de Moura, sobre o maracatu de Recife, de acordo com suas fontes, informa que o ritmo é harmonizado por uma orquestra constituída de trombone, trompete, clarinete e do Terno composto pelo bulbo, surdo, tarol, porca (cuíca) e gonguê.

Em sua pesquisa sobre maracatus, Jorge Luiz de Paula (2010, p. 32) pontua que enquanto o ritmo do maracatu pernambucano é um batuque festivo, a sonoridade do maracatu cearense incorpora a solenidade e a nostalgia como traços principais.

Harmonicamente conectada ao ritmo, a poesia é expressa por meio de loas, com versos geralmente de improviso cheios de rimas. O mestre canta temáticas que expressam a cultura ancestral, a vida e a morte, como ponto forte para provocar a emoção do cortejo. Cada manifestação traz os valores locais co-

nectando o presente com o passado.

A dança do maracatu se hamomiza ao ritmo e à poesia: do mais dolente ao mais festivo, dependendo da tradição. Para Muniz Sodré (1988; p.89), “É pela dança que os saberes do culto são vivenciados, reatualizando o elo perdido com os ancestrais, restabelecendo, assim, a crença no sentimento de pertença.” No ritmo mais melancólico, a dança segue passos lentos com movimentos solenes, enquanto no mais festivo, a cadência dos passos é mais frenética, com ginga, giros e pulos.

O encontro entre a música, a poesia e a dança monta um quadro teatral que se realiza a céu aberto. O espetáculo se constrói para encenar a coroação dos reis e das rainhas do Congo em um desfile que simboliza a corte real, onde atores são caracterizados de acordo com o contexto. Pingo de Fortaleza (2007, p.31) explica que “No Ceará, o Maracatu é a festa musical e de cortejo das coroações inspiradas em todas estas manifestações. É fruto desses sonhos, desse teatro e dessa magia e acontece, prioritariamente, no carnaval.”

IMAGEM GERADA POR IA "Jumbo GEMINI AI, sob a direção de Aracy Soares Reis, Criada em 05/04/2026"



A re-existência afro-brasileira no maracatu

O maracatu, ao veicular os valores culturais predominantemente do afro-descendente, representa um tesouro de memórias que revivem a cada evento como forma de resistir e existir, valorizando uma cultura que sofreu apagamento pelo colonizar e ainda sofre com o preconceito dos saudosistas do poder escravocrata.

As raízes africanas em um espaço de opressão histórica abre alas com autonomia e altivez em um território onde forçadamente se naturalizaram, e, mesmo imersas a dores, semeiam beleza com brilho, cores, ritmos e movimentos num num desfile que recria práticas culturais

dos antepassados. Por meio do maracatu, somos convidados a apreciar o reviver de acontecimentos e a dialogar com a religiosidade, a fé e as crenças sagradas de um povo que foi trazido ao Brasil e, com suas cores, enfeita e enriquece a tradição do país.

Os acontecimentos principais encenados pelo maracatu são: a Coroação do Rei do Congo; a frequência da Calunga; o Batuque e a Oralidade; e a organização das Nações.

A presença do Rei do Congo é a reafirmação da identidade e da excelência da realeza africana. Para

Costa (1908, p. 226) “o maracatu é propriamente um cortejo régio, que desfila com toda solenidade inerente a realeza, e revestido, portanto, de galas e opulências.” De acordo com Guerra-peixe (1980, p. 15), os autores modernos concordam que o maracatu seja um cortejo real cujas práticas são meniniscências decorrentes das festas de reis negros, eleitos e nomeados na instituição do Rei do Congo.” Nos tempos atuais em que a consciência de valorização de todas as etnias vem ocupando um espaço de combate ao racismo, a coroação do Rei do Congo vai além de uma simples encenação para se configurar como símbolo de re-existência.

IMAGEM GERADA POR IA *usando GEMINI.AI, sob a direção de Nazareth Lima Arrais, Criada em 05/04/2026*



Jorge Luiz de Paula (2013, p. 19) explica que, de acordo com Marina Souza (2006), historiadora, quando os escravizados “chegaram à Europa no século XV, tiveram contato com a religião católica em Portugal, e passaram a fazer associações entre os santos católicos e as entidades africanas.” E, em razão de a imagem de Nossa Senhora do Rosário “possuir um colar de rosas (rosário) semelhante ao colar usado por Ifá que não é propriamente uma divindade (Orixá), é um porta-voz de Orunmilá e dos outros Orixás em um sistema de adivinhação da cultura yorubá”, fizeram uma associação com objetos da religiosidade africana.

Em razão dessa associação, os africanos le-

vados à Europa se tornaram devotos de Nossa Senhora dos Rosários. Dessa forma, nasce a Irmandade de Nossa Senhora do Rosário dos Pretos e ergueram igrejas em homenagem à Santa, definindo o dia 07 de outubro para homenageá-la (Paula, 2013, p. 20). Todo ano, nesse dia, os escravizados africanos realizavam “o ritual de coroação do rei e da rainha da irmandade, relembrando a coroação dos reis africanos do Congo.” Com base nesse evento e a partir dele, originaram-se Auto dos Reis de Congo, o Congado e depois o Maracatu. Para o autor, de acordo com José Ramos Tinhorão, “os africanos da Irmandade tomavam como modelo a, ora centenária, confraria congênere de Lisboa, até para realizar as festas de coroação de Rei do Congo.”

Da mesma forma, a Calunga, que é uma boneca negra de madeira ou de pano carregada pela Dama do Paço, representa a rainha morta como símbolo sagrado da ancestralidade africana. De acordo com Adriano Carlos de Moura (2016, p. 91) “A calunga ou boneca é um elemento totemico, sagrado, que repre-

senta a entidade espiritual protetora do maracatu.” Esta é uma razão por que todos os integrantes da encenação a protegem. Segundo o mesmo autor, o temo calunga na língua quibundo de Angola, cujo plural pe lunga ou malunga. E, por extensão, “Malunguinho representa a própria identidade espiritual”.



Imagem de IFHAN por Isabel Guillen



Imagem de IFHAN por Guilherme Labonia

O Batuque é o som dos tambores que, em combinação com as poesias orais, representam a voz dos ancestrais. Eu diria que o batuque e todo sincretismo de arranjos artísticos representam uma voz que rasga o tempo e chega aos nossos dias com esperança de equidade para todos e todas os(as) afro-descendentes sobreviventes da diáspora africana e que

se junta ao nativo brasileiro pelo direito de existir.

O sistema de organização como Nações dos maracatus dialoga com o sistema de clãs e grupos étnicos africanos. Organizarem-se dessa maneira fortalece a origem e a cultura negra como forma de re-existirem e fortalecerem-se a cada dia.



IMAGEM GERADA POR IA "usando SEAART.AI, sob a direção de Arely Soares Reis, Criada em 18/04/2026"

COLUNISTA NAZARETH ARRAIS

CONHEÇAM MAIS O SEU TRABALHO,
VISITEM SEU SITE E ACOMPANHEM
SUAS REDES SOCIAIS

INSTAGRAM

INSTAGRAM

SITE

POST NO SITE



COLUNAS E COLUNISTAS





O Mundo DA FANTASIA



02



KAROL ARTIOLLI



Apaixonada por fantasia e mitologias, é autora do livro *O Destino da Espada: A Saga de Ériko Alek*. Nascida em Campinas, interior de São Paulo, começou sua jornada literária ainda na infância, quando se aventurava em diários e contos poéticos. Com uma reviravolta em suas crenças, dedicou-se desde os 12 anos ao estudo aprofundado das mitologias; uma paixão que a acompanhou por toda a vida e a inspirou viajar pelo mundo em busca dos cenários fantásticos descritos por Homero e Virgílio. Gamer nas horas vagas, ela encontrou na escrita sua verdadeira vocação, incorporando em suas obras fantásticas a fascinação por mitos. Na *The Bard*, investiga como o mundo da fantasia se reinventa — nas páginas, nas telas e nas mãos de quem cria, inspirando e provocando reflexões.

A Fantasia Como Espelho do Medo Humano



IMAGEM GERADA POR IA "usando GROM AI, sob a direção de JB WOLF, Criada em 01/05/2026"

Olá, queridos leitores.

Durante muito tempo, acreditava-se que a fantasia era um escape da realidade. De que mundos mágicos, criaturas extraordinárias, reinos distantes, era uma fuga de nossa existência como seres humanos comuns, vivendo vidas comuns.

Mas e se eu te dissesse que talvez a verdade seja outra?

A fantasia não nos afasta do real, ela nos aproxima dele de uma forma que conseguimos suportar. Porque no fundo toda história fantástica começa com algo profundamente humano: o medo.

Fé, guerras, mortes, o desconhecido; esses elementos sempre acompanharam a humanidade e desde o início contamos histórias para tentar compreendê-los.

A fantasia não nasce do conforto; ela nasce do confronto.

Farei você, caro leitor, pensar comigo em sobre como o medo moldou nossa existência e história, e como ele fez universos inteiros nascerem em mentes e serem transportados para as páginas dos livros.

Portanto, aproxime-se de uma mente pensante demais para ser silenciosa e vamos compreender todos esses medos.

Quando o Medo Precisava de um Nome

Abordei, na minha coluna anterior na revista *The Bard*, a maneira como as pessoas, na tentativa de compreender o mundo, transformaram o imaginário cultural, repleto de mitologia, religião e folclore, em romances de cavalaria, canções de gesta e contos de fadas.

A forma que tínhamos para explicar o que pensávamos ser inexplicável, era dando um nome a ele.

Antes da ciência, dos gênios por trás de estudos avançados, de homens que viviam perguntando-se “porquê” e

levando a humanidade a respostas racionais, a mente precisava dar sentido às mais diversas questões e fenômenos da natureza.

Um trovão não era apenas um som que cortava um céu coberto por nuvens pardas; ele era um deus. A morte não era o fim; era uma travessia, um julgamento, uma continuidade.

Imagine, por um segundo, o quão perturbador seria tentar entender que uma vida simplesmente acabou...

Assim nasceram os mitos.



IMAGEM GERADA POR IA "usando GOROKAI, sob a direção de J.B. WOLF, Criada em 01/05/2026"

A frase “o medo criou deuses” (ou *Primus in orbe deos fecit timor*) é atribuída ao filósofo latino Lucrecio (séc. I a. C.). Aqui é sugerido que a humanidade criou divindades como resposta psicológica ao temor do desconhecido, à força da natureza e à finitude, gerando a necessidade de apaziguar poderes superiores, estabelecendo rituais e crenças para encontrar segurança.

Freud, em *O Futuro de uma Ilusão*, reforça essa ideia ao ver na religião uma resposta ao desamparo humano.

Vale ressaltar a distinção de “temor” que, diferente do medo paralisante, o “temor de Deus” no cristianismo é frequentemente interpretado com reverência, respeito e segurança.

Essas narrativas não eram apenas crenças religiosas; eram estruturas emocionais. Elas organizavam o caos e davam formas ao medo daquilo que não podia ser visto, controlado ou evitado.

Elas criavam leis e regiam civilizações inteiras através do medo da punição divina.

É dessa base que a fantasia literária surge.

A religião sempre esteve entrelaçada à fantasia. Não apenas como tema, mas como estrutura: céu, inferno, entidades superiores, julgamentos, profecias; tudo isso atravessa tanto textos sagrados quanto narrativas fantásticas.

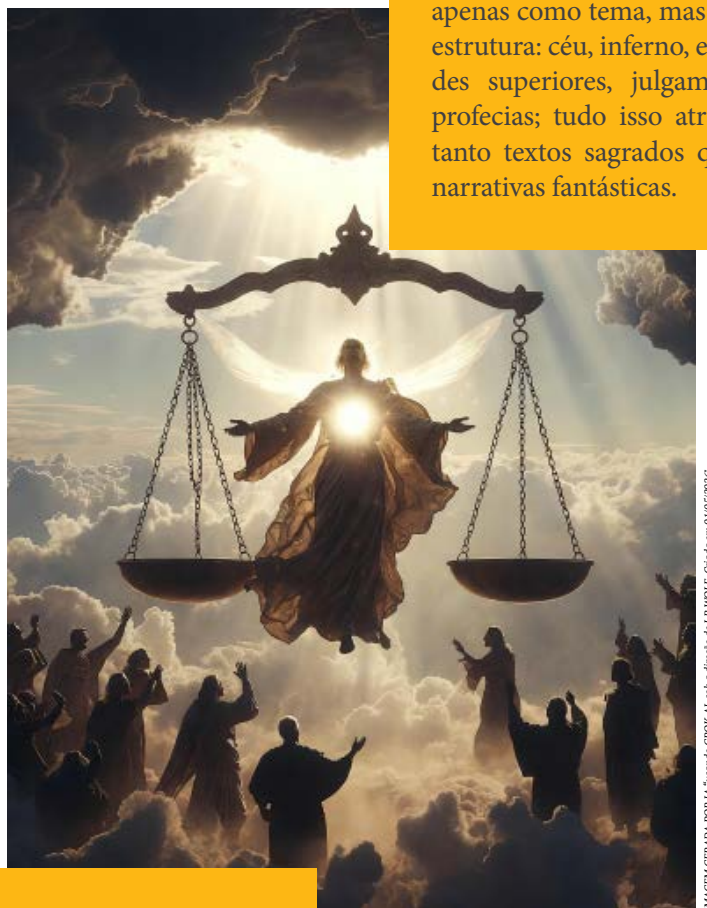


IMAGEM GERADA POR IA "usando GOROKAI, sob a direção de J.B. WOLF, Criada em 01/05/2026"

Ambas tentam responder às mesmas perguntas:

*Por que estamos aqui?
O que acontece depois?
Existe justiça?*

A fantasia permite explorar essas questões sem a rigidez da doutrina. Ela questiona e reinventa.

Deuses podem falhar. Profecias podem ser quebradas. O destino pode ser desafiado.

E, ainda assim, a necessidade de acreditar permanece.

Autores como J.R.R. Tolkien não inventaram mundos do zero, eles reinterpretaram mitos antigos. Sua obra foi fortemente influenciada por tradições nórdicas, cristãs e medievais. O bem, o mal, o sacrifício, a queda; tudo isso já existia antes da Terra-Média. Tolkien apenas organizou esses elementos em uma nova linguagem.



IMAGEM GERADA POR IA "usando GROKAI, sob a direção de J.B WOLF, Criada em 01/05/2026"



IMAGEM GERADA POR IA "usando GROKAI, sob a direção de J.B WOLF, Criada em 01/05/2026"

Quando estabelecemos o medo como parâmetro para inventarmos histórias, estamos apenas utilizando o que já era frequente.

Tolkien utilizou o medo não apenas como uma ferramenta narrativa para gerar suspense, mas como um elemento estrutural fundamental para construir a atmosfera, a geografia e a moral da Terra-média. O medo em sua obra é, frequentemente, o medo do desconhecido, da corrupção e da perda do que é belo.

E, para além dos mitos, a abordagem do medo por Tolkien foi profundamente influenciada por suas experiências como oficial na Primeira Guerra Mundial, onde presenciou os horrores da Batalha do Somme.

O que nos leva ao próximo tópico.



IMAGEM GERADA POR IA "usando GROKAI, sob a direção de J.B WOLF, Criada em 01/05/2026"

A Guerra como Origem da escuridão

Se os mitos nasceram do medo do desconhecido, a fantasia moderna nasce, muitas vezes, do trauma.

A literatura fantástica frequentemente utiliza guerras reais como base para construir conflitos épicos, permitindo explorar traumas históricos, política e a condição humana sob uma lente distanciada e mágica.

As paisagens desoladas da Terra-Média (como Mordor) e a perda da inocência dos personagens refletem o horror das trincheiras e a transformação da guerra industrializada.

Geroge R.R. Martin construiu um dos universos mais brutais da fantasia contemporânea. E não por acaso.

Sua obra carrega ecos de conflitos históricos, como a Guerra das Rosas. O jogo político por poder, traições e batalhas brutais espelham a luta das casas York e Lancaster pelo trono inglês.

E não só isso, ela também reflete algo mais amplo: a percepção de que o mundo real raramente recompen-

sa a honra.

Na fantasia clássica, o herói luta e vence. Na contemporânea, ele luta... e pode perder tudo.

Outro exemplo que posso citar é A Guerra da Papoula de R.F. Kuang.

A inspiração veio da história

chinesa, especificamente a Segunda Guerra Sino-Japonesa e a Segunda Guerra Mundial.

Nesta obra é utilizado o xamanismo e poderes elementais para recriar atrocidades vividas durante essas invasões, permitindo uma reflexão sobre traumas históricos.

Guerras reais ensinaram algo à humanidade e à literatura: o mal não é simples, e o sofrimento não é justo.

A fantasia absorveu essa verdade: reis morrem, inocentes sofrem e escolhas têm consequências irreversíveis.

E talvez seja por isso que essas histórias nos atingem tanto. Elas não estão distantes da realidade.

Porém, nos mantêm com um distanciamento seguro, permitindo revisitar momentos dolorosos da história, facilitando a empatia e a compreensão. E ainda nos presenteia com metáforas: elementos mágicos podem representar o poder da destruição inimaginável, como bombas atômicas ou novas tecnologias militares.

O fato é que a fantasia nos ajuda a encarar o que o verdadeiro mal fez ao mundo.



IMAGEM GERADA POR IA "usando GROK AI, sob a direção de JB WOLF, Criada em 01/05/2026"

A Morte e o Peso do inevitável

Poucos temas são tão universais quanto a morte. E poucos são tão difíceis de encarar.

Na fantasia medieval, a morte era muitas vezes heroica, parte de um destino maior. Em Beowulf, o herói enfrenta o dragão sabendo que não sobreviverá. Há uma aceitação silenciosa no fim.

Já na fantasia moderna, como exemplo profundo, A Guerra dos Tronos, a morte perde sua solenidade. Ela pode ser súbita, injusta ou banal. Personagens morrem sem cumprir destinos, sem redenção, sem aviso. Isso causa desconforto, mas também aproxima a narrativa da experiência humana.

O peso da morte na literatura fantástica não é apenas uma temática de encerramento, mas um motor narrativo, filosófico e emocional que transforma o ordinário em extraordinário, explorando a fragilidade humana e a resistência diante do inevitável.



IMAGEM GERADA POR IA "usando GROK AI, sob a direção de JB WOLF, Criada em 01/05/2026"

Em cenários mágicos ou sobrenaturais, o luto e a finitude ganham contornos profundos, permitindo que a fantasia sirva como alento ou crítica.

Na literatura fantástica, a morte ganha aspectos que vão além do medo, como, por exemplo, a humanização do sobrenatural, onde a morte é frequentemente antropomorfizada ou tratada com leveza e ironia, como no caso do personagem “Morte” no Mundo Disco (Discworld) de Terry Pratchett.

O luto como força narrativa, onde a perda impulsiona personagens a jornadas épicas. Buscando a imortalidade ou o enfretamento do luto, molda o caráter e a resistência, destacando a fragilidade da vida.

Em obras como Ceifador (Neal Shusterman), o conceito de morte é abordado de forma filosófica, onde a eliminação da morte natural força a humanidade a lidar com a seleção artificial e o significado de estar vivo.

E ainda temos a imortalidade como peso.

Diferente da visão utópica, muitas obras de fantasia retratam a imortalidade como um fardo, destacando que a morte é o que dá valor e sentido ao tempo de vida.

Em suma, a literatura fantástica utiliza a morte para intensificar a sensibilidade do leitor, mostrando que, mesmo no mundo mágico, o luto e a mortalidade são elementos inegociáveis da experiência humana.

O Desconhecido que Ainda nos Assombra

O medo do desconhecido é considerado a emoção mais antiga e forte da humanidade, sendo o pilar fundamental na literatura fantástica, especialmente nos gêneros de terror, horror cósmico e insólito. Esse medo explora o desconforto diante do inexplicável, do sobrenatural e daquilo que desafia a compreensão humana.

H.P. Lovecraft utilizou esse medo como pilar central de suas obras. Para ele, o maior medo de todos não era a morte, mas sim a compreensão da nossa própria insignificância perante forças ini-



IMAGEM GERADA POR IA "usando GROK.AI, sob a direção de J.B WOLF, Criada em 01/05/2026"

magináveis e a vastidão do universo.

Mesmo no mundo moderno, cercado de explicações, o desconhecido não desapareceu, ele apenas mudou de forma. Não tememos mais o trovão como um deus, mas ainda tememos o que não podemos controlar: o futuro, a perda, o que não entendemos em nós mesmos.

A fantasia continua sendo o espaço onde esses medos podem existir com clareza.

Ela cria monstros para aquilo que não sabemos nomear.

Cria jornadas para aquilo que não sabemos enfrentar.

Cria mundos para aquilo que não conseguimos compreender.

Criamos Deuses para Explicar o Mundo. Criamos Histórias para Suportá-lo

A fantasia nunca foi sobre magia, criaturas ou reinos distantes. Ela sempre foi sobre medo e a tentativa de dar sentido a ele.

Dos mitos antigos às narrativas contemporâneas, ela acompanha a humanidade em suas maiores inquietações: fé, guerra, morte e o desconhecido.

E talvez seja por isso que continuamos voltando a essas histórias.

Porque, no fim, não queremos fugir do medo.

Queremos entendê-lo.

Mesmo que seja através de dragões, bruxas ou vampiros.



IMAGEM GERADA POR IA "usando GROK AI, sob a direção de J.B WOLF, Criada em 01/05/2026"

LIVRO DA AUTORA



[Clique aqui](#)

COLUNISTA KAROL ARTIOLLI

INSTAGRAM



COLUNAS E COLUNISTAS



POST NO SITE





02



DRIKA GOMES



Neurocientista, hipnoterapeuta e filósofa, especialista em neurociência da música. Analista Junguiana e criadora do método NeuroMusic®, mostra como sons e frequências transformam emoções, despertam consciência e geram equilíbrio. Autora best-seller, traduz ciência em poesia. Na revista The Bard, leva aos leitores um olhar à luz da ciência e da arte, em diálogo profundo com a alma. Conheça mais em @drikagomes_neuro.

E SE A MÚSICA DESPERTASSE PARTES SUAS QUE VOCÊ NÃO ALCANÇA?

Antes da palavra, existe o som. Antes da interpretação, existe a sensação. E antes que a consciência organize a experiência em narrativa, o corpo já respondeu. Há algo na música que atravessa o pensamento e se instala diretamente no campo da experiência, como se tocasse uma camada anterior à linguagem, em um território onde não é preciso compreender para sentir.

Essa dimensão, muitas vezes negligenciada em uma cultura orientada pela lógica, encontra um paralelo profundo na obra de Carl Jung, psiquiatra suíço que compreendia o inconsciente como um campo vivo, estruturado por símbolos, imagens e padrões que organizam silenciosamente a experiência humana. Para Jung, a psique não se expressa primariamente por palavras, mas por formas que emergem antes de serem traduzidas em linguagem.



Décadas depois, a neurociência começa a tocar esse mesmo ponto por outro caminho. Hoje sabemos que grande parte da experiência humana não nasce da consciência, mas de processos que operam abaixo dela, organizando emoções,

percepções e respostas de maneira automática. O cérebro não espera que pensemos para agir - ele responde a padrões.

E a música é, essencialmente, uma linguagem de padrões.

IMAGEM GERADA POR IA. Usando GPT-4, sob a direção de Flávia Lavinha. Criada em 05/04/2026



Ritmo, repetição, variação e resolução formam estruturas que o cérebro não apenas reconhece, mas incorpora. Ao escutar, não estamos apenas ouvindo, estamos sendo reorganizados. A música não pede interpretação para produzir efeito; ela atua antes dela.

Talvez por isso ela acesse memórias sem narrativa, emoções sem explicação e estados que parecem vir de um lugar que não sabemos nomear. Não porque seja mística, mas porque dialoga diretamente com o mesmo campo onde a experiência se forma.

Nesse sentido, a música deixa de ser apenas arte.

E passa a ser linguagem.

Uma linguagem que não descreve o inconsciente, mas fala exatamente a sua língua.

E se a música despertasse partes suas que você não alcança?

Antes da palavra, existe o som. Antes da interpretação, existe a sensação. E antes que a consciência organize a experiência em narrativa, o corpo já respondeu. Há algo na música que atravessa o pensamento e se instala diretamente no campo da experiência, como se tocasse uma camada anterior à linguagem - um território onde não é preciso compreender para sentir, nem explicar para que algo se transforme.

Nesse território, a experiência não é construída por frases, mas por impressões. Não é lógica, é vivida. O que se move ali não depende de tradução, porque pertence a um nível da percepção onde o significado ainda não foi organizado em palavras. É um campo onde o sentir antecede o entender e, muitas vezes, o torna possível.



IMAGEM GERADA POR IA "usando GORK.AI sob a direção de Tânia Lavinia, Criada em 03/04/2026"

Essa dimensão, muitas vezes invisível em uma cultura orientada pela análise e pela explicação, encontra um paralelo profundo na obra de Carl Jung, psiquiatra suíço e fundador da psicologia analítica, que compreendia o inconsciente não como um depósito de conteúdos reprimidos, mas como um campo vivo, dinâmico e estruturado por símbolos e padrões que organizam silenciosamente a experiência humana. Para Jung, a psique não se expressa primariamente por palavras, mas por imagens, sensações e formas que emergem antes de serem compreendidas.



IMAGEM GERADA POR IA "usando GORK.AI, sob a direção de Tânia Lavinia, Criada em 03/04/2026"

Décadas depois, a neurociência começa a revelar algo que ecoa essa mesma intuição por outro caminho. Hoje sabemos que grande parte da experiência humana não nasce da consciência, mas de processos que operam antes dela, sistemas que antecipam, organizam e respondem ao mundo com base em padrões previamente registrados. Emoções, reações e até decisões começam a se formar nesse nível silencioso, onde o cérebro não pensa em palavras, mas em padrões.

E é exatamente nesse ponto que a música se torna mais do que arte, ela se torna linguagem.

A música é, em sua essência, uma organização de padrões no tempo. Ritmo, repetição, varia-

ção, tensão e resolução criam uma arquitetura que o cérebro não apenas reconhece, mas incorpora. Ao escutar, não estamos apenas ouvindo algo externo, estamos entrando em relação com um padrão que começa a reorganizar o

nosso próprio estado interno.

O corpo responde.

O sistema nervoso ajusta.

A experiência muda.

IMAGE CRIADA POR IA * usando SORA2 AI, sob a direção de Tânia Laminia, Criada em 03/04/2026



E tudo isso acontece antes que a mente consiga explicar.

Por isso, a música não atua como uma mensagem que precisa ser decodificada, mas como um campo que pode ser vivido. Ela não pede interpretação para produzir efeito. Ela não exige compreensão para acessar profundidade.

Ela encontra.

Encontra aquilo que ainda não foi dito, aquilo que não foi elaborado, aquilo que permanece fora do alcance da linguagem, mas que continua ativo dentro de nós, influenciando a forma como sentimos, reagimos e percebemos o mundo.

Nesse sentido, a música não apenas expressa emoções, ela organiza a experiência emocional. Não apenas acompanha estados internos, ela pode modulá-los.

Não apenas reflete o que sentimos, ela pode nos levar a sentir de outra maneira.

E talvez seja por isso que, diante de uma música, algo em nós reconhece antes mesmo de entender.

Porque, no fundo, a música não fala com a mente.

Ela fala com aquilo que a mente ainda está tentando alcançar.

O que a música acessa em você que a palavra não alcança?

Existe uma camada da experiência humana que permanece fora do alcance da linguagem. Não porque não exista, mas porque não foi construída para ser traduzida em palavras. Há vivências que são registradas como sensação, como tensão, como abertura, como contração e não como história. São experiências que o corpo guarda, mas que a mente não sabe narrar.

Quando a música toca esse lugar, algo acontece que muitas vezes surpreende. Um aperto no peito sem explicação, uma lágrima que surge sem motivo claro, uma sensação de familiaridade com algo que nunca foi vivido conscientemente. Isso não é acaso. É acesso.

A música não precisa perguntar “o que aconteceu com você?”.

Ela simplesmente encontra onde isso está.



IMAGEM GERADA POR IA "usando GROK.AI, sob a direção de Tônia Lavínia, Criada em 03/04/2026"

Isso acontece porque o cérebro registra experiências em múltiplos níveis. Nem tudo se transforma em memória declarativa. Muitas vivências ficam armazenadas como padrões sensoriais e emocionais - estados internos que podem ser reativados por estímulos semelhantes. A música, por sua natureza rítmica e vibracional, tem acesso direto a esses registros.

E quanto mais você se permite escutar sem tentar entender imediatamente, mais esse acesso se aprofunda. Porque a tentativa de traduzir rapidamente o que está sendo sentido pode interromper um processo que ainda está acontecendo no nível mais essencial.



IMAGEM GERADA POR IA "usando GROK.AI, sob a direção de Tônia Lavínia, Criada em 03/04/2026"



IMAGEM GERADA POR IA "usando GROK.AI, sob a direção de Tônia Lavínia, Criada em 03/04/2026"

Há uma inteligência nesse silêncio.

A música, nesse sentido, não traz algo novo.

Ela revela algo que já estava lá.

E talvez o que você sente ao ouvir uma música não seja uma reação...

mas um reencontro.

Esse reencontro, muitas vezes, acontece de forma tão sutil que passa despercebido. Ele não chega como uma revelação clara, mas como uma mudança quase imperceptível no campo interno, um deslocamento de estado, uma leve reorganização, um contato que não se traduz em pensamento, mas em presença. E é justamente por isso que ele é tão potente: porque não depende da validação da mente para existir.

Há conteúdos dentro de nós que não foram esquecidos, apenas nunca foram acessados conscientemente. Eles permanecem ativos, influenciando reações, escolhas e percepções, mesmo sem uma narrativa associada. Quando a música toca esses pontos, ela não está “criando” algo novo, mas iluminando, ainda que brevemente, aquilo que sempre esteve operando nos bastidores da experiência.

E talvez seja nesse ponto que a escuta se transforme em algo mais profundo do que ouvir. Porque, quando você permanece com a sensação sem interrompê-la, sem tentar organizá-la rapidamente, você começa a desenvolver uma nova forma de relação consigo mesmo. Uma relação baseada não no controle ou na explicação, mas na capacidade de sustentar o contato com o que emerge.



IMAGEM GERADA POR IA "usando GROK.AI, sob a direção de Tônia Lavínia, Criada em 03/04/2026"



IMAGEM GERADA POR IA "usando GROK.AI, sob a direção de Tônia Lavínia, Criada em 03/04/2026"

Por que a música consegue modificar estados internos tão rapidamente?

A velocidade com que a música altera estados internos revela algo fundamental sobre a natureza do cérebro. Diferente da linguagem, que exige processamento sequencial, a música atua de forma simultânea em múltiplos sistemas. Ela não passa primeiro pela análise, ela entra diretamente no sistema.

Em questão de segundos, uma música pode mudar o ritmo da respiração, alterar a frequência cardíaca e modificar o tônus muscular. Isso não acontece porque você decidiu se sentir diferente. Acontece porque o organismo entrou em ressonância com o padrão sonoro.

Essa ressonância não é metafórica - é fisiológica.



IMAGEM GERADA POR IA "usando GROK.AI, sob a direção de Tônia Lavínia, Criada em 03/04/2026"

O corpo humano é sensível a padrões rítmicos. Desde o batimento cardíaco até os ciclos respiratórios, tudo em nós funciona em ritmo. Quando um ritmo externo se apresenta de forma consistente, o organismo tende a se alinhar a ele. Esse alinhamento pode levar tanto à regulação quanto à desorganização, dependendo da qualidade do estímulo.

Isso significa que a música não atua apenas no nível emocional, mas no nível estrutural do funcionamento do sistema nervoso.

E isso muda completamente a forma como compreendemos transformação.

Porque se o estado pode ser alterado rapidamente por meio do som, então o caminho para a mudança não precisa começar necessariamente pela análise, mas pela experiência direta.

A música não explica.

Ela conduz.

E muitas vezes, é esse movimento que permite que a mente, depois, acompanhe.



IMAGEM GERADA POR IA "usando GROK.AI, sob a direção de Tônia Lavínia, Criada em 03/04/2026"

Essa rapidez revela algo essencial sobre o funcionamento humano: o estado precede o pensamento. Antes de qualquer construção racional, o organismo já está posicionado em um determinado nível de ativação, segurança ou tensão. A música atua exatamente nesse nível inicial, reorganizando o ponto de partida a partir do qual todo o restante da experiência será interpretado.

Isso significa que, ao alterar o estado, a música altera também a forma como você percebe o mundo. O mesmo ambiente pode parecer mais leve ou mais ameaçador dependendo do estado interno em que você se encontra. E esse estado, muitas vezes, não foi escolhido conscientemente, mas foi induzido, sustentado ou modulado por padrões externos, entre eles, o som.

Há, portanto, uma dimensão silenciosa de influência acontecendo o tempo todo. E quando essa influência passa a ser percebida, a música deixa de ser apenas algo que você consome e passa a ser algo que você utiliza. Uma ferramenta sutil, mas extremamente poderosa, de regulação interna.

A música pode reorganizar o inconsciente?

Se considerarmos o inconsciente como um campo estruturado por padrões, como propôs Carl Jung, então qualquer estímulo capaz de reorganizar padrões tem potencial de influenciar esse campo.

A música faz exatamente isso.

Ao se repetir, ao criar previsibilidade, ao oferecer uma sequência organizada de tensão e resolução, ela começa a ensinar o cérebro a operar de maneira diferente. Novas associações são formadas, respos-

tas antigas podem ser suavizadas, e o sistema passa a reconhecer novas possibilidades de estado.

Esse processo não é imediato, mas é consistente.

A repetição de padrões coerentes cria estabilidade. E a estabilidade é a base para que o sistema nervoso saia do modo de sobrevivência e entre em um estado de maior abertura.

É nesse estado que mudanças

mais profundas se tornam possíveis.

Não porque algo foi entendido, mas porque algo foi reorganizado.

E isso traz uma inversão importante: talvez nem toda transformação precise começar com consciência. Algumas começam com experiência. Com sensação. Com exposição a novos padrões que, pouco a pouco, reconfiguram aquilo que parecia fixo.

A música não força.

Ela reeduca o sistema.

E, com o tempo, aquilo que antes era automático começa a se transformar.

O que chamamos de reorganização não acontece como um evento pontual, mas como um processo progressivo. Pequenas exposições a padrões coerentes, repetidas ao longo do tempo, começam a criar referências internas. O sistema nervoso aprende, pouco a pouco, que existem outras formas de operar menos reativas, mais estáveis, mais integradas.

Esse aprendizado não passa pela linguagem, e talvez seja por isso que muitas vezes ele é subestimado. Não há uma explicação clara, não há um momento exato em que “algo mudou”. Mas, aos poucos, respostas diferentes começam a surgir. Reações se suavizam. A intensidade diminui. O tempo de recuperação emocional se encurta.

E esse é um tipo de transformação profundamente sustentável. Porque não foi forçada. Não foi imposta. Foi construída a partir da repetição de experiências que ensinaram o sistema a funcionar de outra maneira. A música, nesse contexto, não atua como intervenção pontual, mas como ambiente contínuo de reorganização.

Você escolhe a música... ou ela escolhe seu estado?

Existe uma relação sutil, e muitas vezes invisível, entre aquilo que você escuta e aquilo que você sente ao longo do dia. A música não apenas acompanha o estado interno; ela pode amplificá-lo, sustentá-lo ou transformá-lo.

Quando essa relação não é consciente, o risco é reforçar padrões que já estão presentes. Uma mente acelerada tende a buscar estímulos mais intensos. Um estado de tensão pode ser alimentado por ritmos que mantêm o organismo em alerta. E, sem perceber, o que parecia apenas preferência estética se torna um ciclo de retroalimentação emocional.

Mas quando a escuta se torna consciente, algo muda.

Você passa a perceber que a música pode ser escolhida não apenas pelo gosto, mas pela função. Que determinados sons podem ajudar a desacelerar, outros a energizar, outros a estabilizar.

E isso não significa controlar a experiência, mas participar dela com mais presença.

A música deixa de ser algo

que acontece ao fundo e passa a ser um elemento ativo na construção do seu estado interno.

E, nesse ponto, uma nova pergunta surge:

Você está escutando por hábito...

ou por intenção?

Porque aquilo que você escuta repetidamente não apenas acompanha quem você é, mas ajuda a moldar quem você se torna.

Existe uma espécie de ciclo invisível acontecendo entre escuta e estado interno. Muitas vezes, aquilo que você sente te leva a escolher determinado tipo de música e essa música, por sua vez, reforça e aprofunda esse mesmo estado. Sem perceber, você entra em um circuito onde o som não apenas acompanha, mas intensifica a experiência emocional.

IMAGEM GERADA POR IA "usando GROK.AI, sob a direção de Tônia Lavínia, Criada em 03/04/2026"



IMAGEM GERADA POR IA "usando GROK.AI, sob a direção de Tônia Lavínia, Criada em 03/04/2026"



IMAGEM GERADA POR IA "usando SEAART.AI, sob a direção de Tônia Lavínia, Criada em 03/04/2026"

E se a transformação começasse pelo que você escuta?

Talvez uma das ideias mais profundas aqui seja essa: a transformação não começa necessariamente no entendimento. Ela começa no estado.

Um sistema nervoso em alerta constante não consegue acessar profundidade, clareza ou criatividade. Ele está ocupado demais tentando se manter seguro. E nenhuma mudança consistente acontece a partir desse lugar.

A música, quando utilizada com consciência, oferece uma entrada diferente.

Quando esse ciclo se torna consciente, surge uma possibilidade de ruptura. Não pela negação do que você sente, mas pela introdução de novos padrões. A música pode, então, ser utilizada não para confirmar um estado, mas para transformá-lo gradualmente. Não de forma abrupta, mas como

um deslocamento progressivo.

E talvez seja nesse ponto que a escuta se torne um ato de responsabilidade interna. Porque aquilo que você escolhe ouvir, repetidamente, não apenas reflete quem você é naquele momento, ajuda a definir quem você será nos próximos.



IMAGEM GERADA POR IA "usando SEAART.AI, sob a direção de Tônia Lavínia, Criada em 03/04/2026"

Ela cria um ambiente interno onde o corpo pode relaxar, onde a mente pode desacelerar e onde novas percepções podem emergir sem esforço. Esse ambiente não é construído pela lógica, mas pela experiência direta de um estado mais organizado.

E é desse estado que mudanças reais começam a acontecer.

Pensamentos se tornam mais claros.

Decisões se tornam mais alinhadas.

Emoções deixam de ser reativas e passam a ser percebidas.

Tudo isso não porque você forçou...

mas porque você entrou em um estado diferente.

Talvez, no fim, a transformação não seja sobre adicionar algo novo, mas sobre remover o excesso de ruído que impede o acesso ao que já está presente.



IMAGEM GERADA POR IA "usando SEAART.AI, sob a direção de Tônia Lavínia, Criada em 03/04/2026"



IMAGEM GERADA POR IA "usando GROK.AI, sob a direção de Tânia Lavínia, Criada em 03/04/2026"

Essa ideia desloca completamente o centro da mudança. Em vez de começar pela tentativa de controlar pensamentos ou emoções, a transformação passa a ser construída a partir do ambiente interno que você cria. E esse ambiente não é apenas mental, é sensorial, fisiológico, vibracional.

Ao escolher conscientemente o que você escuta, você começa a influenciar esse ambiente de forma contínua. Pequenos ajustes se acu-

mulam. O sistema vai reconhecendo novos estados como possíveis, depois como familiares, e, por fim, como naturais.

E talvez seja nesse processo silencioso que a mudança mais profunda acontece. Não como um evento marcante, mas como uma reorganização progressiva da forma como você sente, percebe e responde à vida. A música, então, deixa de ser apenas trilha sonora e se torna arquitetura interna.

Conclusão

A música não traduz o inconsciente.

Ela fala a mesma língua que ele.

E talvez aquilo que você ainda não consegue acessar com a mente já esteja sendo reorganizado, lentamente, dentro de você...

toda vez que você escuta.



IMAGEM GERADA POR IA "usando GROK.AI, sob a direção de Tânia Lavínia, Criada em 03/04/2026"

COLUNISTA DRIKA GOMES

CONHEÇAM MAIS O SEU TRABALHO,
VISITEM SEU SITE E ACOMPANHEM
SUAS REDES SOCIAIS



COLUNAS E COLUNISTAS

INSTAGRAM

YOUTUBE

SITE

SITE

POST NO SITE



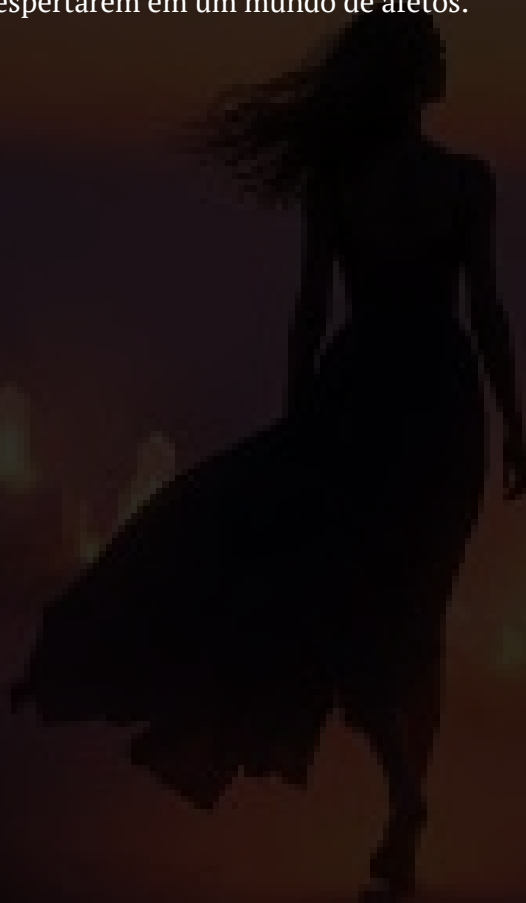


STELLA GASPAR

Escritora

SEGUINDO PELA ESTRADA

Seguindo pela estrada de fazer, o sonho acontecer, escuto o tilintar dos cristais, sentindo a tua ternura ocupando a beleza mais recôndita encontrada na alma das flores, onde borboletas e vagalumes adormecem felizes, para despertarem em um mundo de afetos.



INSTAGRAM



POST NO SITE





RUTE ELLA DOMINICI

Escritora

ALMA POÉTICA ENTRE PENSAMENTO E VIGÍLIA

“Não é a contradição que dilacera a alma, é a recusa de habitá-la conscientemente”

Ela atravessa a si mesma como quem caminha sobre águas instáveis. Abaixo, o desejo em maré viva; acima, a fé como céu que observa. Não escolhe um contra o outro. Aprende a escutar ambos. Sua alma não busca absoluta pureza, busca permanência.

Ama com consciência do risco. O amor que pulsa no corpo a chama para a vertigem; o amor que a sustenta no espírito exige vigília. Dois amores coexistem, não como guerra, mas como tensão viva. Um pede entrega, o outro pede limite. Entre eles, nasce a escrita.

O narrador a acompanha de dentro. Sabe que sua sublimação não é fuga do mundo, mas travessia do humano. Cada metáfora é um fôlego contido, um modo de existir sem amputar partes da alma. Ao poetizar, ela transforma culpa em pergunta, desejo em linguagem, fé em gesto encarnado.

Há dor nesse equilíbrio, porque pensar profundamente nunca é confortável. Ainda assim, ela ama um futuro possível — onde mulheres não precisem se calar para permanecer inteiras.

Entre dois amores, ela não se divide.

Se aprofunda.

E ao narrar a própria alma, compreende: o sublime não habita a negação, mas a coragem de sustentar a complexidade sem silêncio.

*“Ela seguiu escrevendo
como quem mantém acesa
chama em noite de vento
sem prometer total clareira
sem aceitar escuridão inteira”*



COLUNAS E COLUNISTAS

INSTAGRAM



POST NO SITE



LANÇAMENTO

MAIO & JUNHO DE 2026

DO SILÊNCIO ÀS PÁGINAS IMPRESSAS:

"O papel da Tipografia na democratização da informação no Brasil"



37ª
EDIÇÃO

SIGA-NOS

SITE

FACEBOOK

INSTAGRAM

YOUTUBE

TWITTER





EDITAL

JULHO & AGOSTO DE 2026

QUANDO FALAR JÁ NÃO É DIZER:
"o esvaziamento da palavra no século
de hiperconexão"

38^a
EDIÇÃO



ACESSE O EDITAL DA REVISTA THE BARD
PARA PARTICIPAR DA EDIÇÃO
JULHO & AGOSTO DE 2026

PERÍODO DE 01 DE ABRIL À 31 DE MAIO.



Leia o EDITAL e preencha o FORMULÁRIO DE PARTICIPAÇÃO*

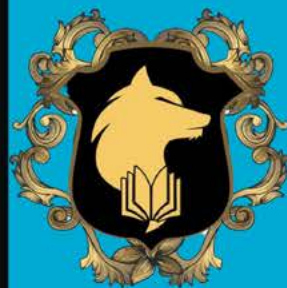
*Todo o material enviado será analisado e avaliado para ser publicado.



A DISTRIBUIÇÃO É GRATUITA.



AGÊNCIA
THE WOLF BARD



ANUNCIE AQUI!

DIVULGUE NA REVISTA
INTERNACIONAL THE BARD

- Empresa
- Comércio
- Loja
- Produtos
- Serviços
- Eventos

Contate-nos hoje para
uma consulta gratuita.

CONTATO

INSTAGRAM





LILIAN BARBOSA
Advocacia

Serviços:

- ➔ *Advocacia em diversos ramos do Direito, em especial àqueles direcionados a escritores e artistas que desejam esclarecimentos para garantirem proteção às suas criações*
- ➔ *Atendimento personalizado ao cliente, de forma a alcançar soluções eficazes, contemplando as mais diversas relações jurídicas através de assessoria contenciosa, consultiva e preventiva nas seguintes áreas:*

- | | |
|---------------------------|--------------------------------------|
| ✓ Direitos Autorais | ✓ Direito Civil |
| ✓ Propriedade Intelectual | ✓ Direito Empresarial |
| ✓ Direito do Consumidor | ✓ Direito da Saúde |
| ✓ Direito do Consumidor | ✓ Direito Administrativo |
| ✓ Direito Trabalhista | ✓ Contratações Públicas - Licitações |

Contatos:

☎ 61-98479-6687

✉ adv.lilianbarbosa@gmail.com

📷 [@advogada.lilian](https://www.instagram.com/advogada.lilian)





VALLETI
BOOKS

Editora / Blogsite / Canal YouTube / Podcast

"Cada autor tem sua voz; na Valleti Books,
todas encontram seu espaço."

NOSSOS SERVIÇOS



Criação de Capas



Diagramação



Pedidos e ISBN e Ficha Catalográfica



Organização de Antologias

————— ✨
————— ✨
————— ✨

CONTATE-NOS

SITE



INSTAGRAM





Identidade Visual

Agora é a sua vez!

Transforme Sua Marca com Nossa Criatividade Exclusiva!

Você está procurando dar um salto quântico na identidade visual da sua empresa? Quer um logo que não só represente sua marca, mas também conte sua história? Precisa de uma mentoria de negócios que guie seu empreendimento ao sucesso? Ou talvez um mascote carismático que conquiste corações e mentes?

Nós temos a solução perfeita para você!

Com anos de experiência e um portfólio repleto de sucesso, oferecemos:

NOSSOS SERVIÇOS



DESIGN DE LOGOS

Criações únicas que capturam a essência da sua marca.



MENTORIA DE NEGÓCIOS

Estratégias personalizadas para alavancar seu negócio.



CRIAÇÃO DE MASCOTES

Personagens memoráveis que dão vida à sua marca.

CLIQUE NOS ÍCONES



61 99590-9237 / @unionegocios

Ação Especial por Tempo Limitado!





Selo Litero-Cultural

THE WOLF BARD



THE WOLF BARD
APOIO LITERO-CULTURAL



A THE WOLF BARD é um projeto nacional e internacional de iniciativa gratuita buscando apoiar as artes e suas expressões literárias, tendo como fundador idealizador e editor chefe, o monarquista, poeta, escritor, músico erudito e compositor, JB Wolf.

Ressaltamos a Revista Internacional THE BARD com participação colaborativa e voluntária publicada e distribuída gratuitamente em três modalidades: PDF Interativo com botões (links de direcionamento), Feed RSS com atualização em tempo real, Revista em 3D para leitura no Site/Portal e Revista Eletrônica com a mais alta tecnologia AI de acessibilidade para deficientes visuais e auditivos.

Multiartística, multicultural e multiliterária, a Revista The Bard está presente em cento e três países de cinco dos seis continentes: África, América, Europa, Oceania e Ásia.

No intuito de expandir e contribuir com o mundo das diversas artes, dando visibilidade e destaque nacional e internacional, a THE WOLF BARD dentro de seu projeto social-cultural e literário lança o selo Litero-Cultural desenvolvido especialmente para editoras (Livros, Revistas ou Periódicos, Antologias, Editais de Concursos, Publicações de Eventos Culturais, Crônicas, Coletâneas Literárias); e para escritores (Poetas, Contistas, Romancistas, Antologistas).

O Selo Litero-Cultural é uma contribuição gratuita, voluntária e recíproca em benefício de uma maior visibilidade e divulgação da obra que for selecionada para possuir o selo de aprovação e qualidade THE WOLF BARD.

COMO ADQUIRIR?



INSTAGRAM



WHATSAPP





Selo Litero-Cultural THE WOLF BARD

PARCERIAS



THE WOLF BARD
APOIO LITERO-CULTURAL



Selo Litero-Cultural THE WOLF BARD

LIVRO COM SELO



STELLA MARIA GASPARG, nascida em João Pessoa Paraíba, é uma pedagoga cuja trajetória profissional e literária se entrelaçam com paixão e profundidade. Professora adjunta na Universidade Federal da Paraíba, ela encanta alunos e colegas no Curso de Licenciatura Plena em Pedagogia, onde seu compromisso com a educação a levou a conquistar títulos de Mestre e Doutora em Educação, além de realizar um pós-doutorado na mesma área, cursado na Facultat de Magisteri de València - Espanha.



O LIVRO “Um Amor em Poesias como uma Flor de Lótus”, de Stella Gaspar, não é apenas uma reunião de versos: é um portal para a essência mais pura do afeto. A cada página, sentimos o desabrochar das palavras, feito pétalas que emergem, delicadas e, ao mesmo tempo, fortes, carregando consigo o perfume inconfundível da amorosidade marca registrada de Stella.

Ao mergulhar nestes poemas, é impossível não notar o brilho que emana da autora, fruto de sua entrega total ao ato de escrever. Ela tece emoções em cada estrofe, sem pudor ou medo de julgamentos, revelando as cores dos seus dias de solidão e esperança. Longe do seu país, Stella encontrou nas palavras um refúgio e, por meio delas, traçou uma estrada que nos conduz direto à sua alma.

WHATSAPP



EDITORA
VALLETI BOOKS

LIVRO COM SELO



Selo Litero-Cultural THE WOLF BARD

LIVRO COM SELO



TÔNIA LAVÍNIA é uma escritora de Sete Lagoas, Minas Gerais, que transita entre o erotismo, o suspense e a investigação. Sua escrita refinada explora os labirintos da mente e as profundezas do desejo. Autora dos livros: “Deliciosamente Libertino e da Série “Maximus”. Frequenta assiduamente o site Isadora de músicas clássicas e adora uma boa taça de vinho. Com uma mente curiosa e criativa, Tônia mergulha em mundos onde segredos e paixões se entrelaçam, tornando sua obra um convite irresistível ao prazer da palavra.



Maximus é a personificação da sofisticação, vivendo entre a beleza das telas raras, esculturas icônicas, livros que guardam segredos e a música clássica que embala sua alma. Em Milão, ele é um homem de poder e mistério, mas seu mundo perfeito é abalado quando surge Lorde Sinclair, um vilão sedutor e sensual, cheio de desejos libertinos. Sinclair, movido pela luxúria e pelo desejo de poder absoluto e vingança, é um homem que usa sua sensualidade como uma arma para manipular e conquistar. Sua maldade é disfarçada por um charme irresistível, e ele vê no caos e no sofrimento dos outros um prazer profundo. Ao contrário de Maximus, Sinclair não ama, ele deseja e sua obsessão por vingança envolvendo um jogo perigoso de dominação e controle. Enquanto Maximus luta para proteger seu mundo e os segredos que tanto valoriza, ele percebe que Sinclair está disposto a destruir tudo o que ele construiu. A paixão de Sinclair não é de amor, mas de domínio. Maximus Infernus é uma história de luxúria, poder e traição, onde os desejos mais sombrios se entrelaçam com as complexas emoções humanas, e o vilão não tem limites para alcançar o que deseja.

SITE



UICLAP

LIVRO COM SELO



Selo Litero-Cultural THE WOLF BARD

LIVRO COM SELO



ARELY SOARES REIS é uma professora de língua Portuguesa e Inglesa, natural de Caxias, Maranhão. Ela se destaca como escritora, revisora e tradutora, usando o nome "Menina Poetisa" no instagram para compartilhar seus poemas. Arely é uma leitora apaixonada, gosta de romances clássicos e aprecia arte, música e poesia. Em seu tempo livre, pinta e desenha, e sua produção literária abrange contribuições para antologias, revistas, canais do YouTube e podcasts.



Re-tratos Poéticos, Cada alma carrega paisagens íntimas, moldadas pelas mais profundas emoções. Cada sentimento é um retrato poético, jamais se esvaindo, capaz de despertar a alma em dias ensolarados, nublados, chuvosos ou primaveris.

O coração, como um casulo, prepara-se para o voo, e a poesia oferece infinitas formas de expressar o ser. A obra "Re-tratos Poéticos" é um convite da autora para mergulhar em versos imagéticos, caminhando por suas entrelinhas até as rimas límpidas.

Este livro é um trato para a alma, um "cartão postal" para "vi-ver" a vida com leveza. Ele desvenda um sentir com incontáveis sentidos, um universo antes recluso que agora se ilumina. Se sua alma nunca voou com a poesia, esta é sua chance. Acredite, o céu sempre foi seu lugar.

SITE



LIVRO COM SELO



THE WOLF BARD
APOIO LITERO-CULTURAL





COLUNA



Espaço

VITRINE

THE BARD

Escritora

Mia Koda

Acesse os links
clicando no botão abaixo



Com sensibilidade e profundidade, Mia Koda desvenda os mistérios do transtorno do pânico sob a ótica da psicanálise. "Pânico - Entendendo o Transtorno" foi escrito para quem sofre ou convive com o transtorno, o livro traz orientações práticas e reflexões que transformam medo em compreensão e paralisia em ação. Um apoio valioso para retomar o controle da mente e da vida.

Clique aqui



Você já percebeu que não será fácil ficar longe dos filhos, não é mesmo? Mesmo assim, sabe que não pode impedi-los de partir em busca de seus sonhos e ideais. Portanto, precisa aprender a lidar com a distância, a saudade e as preocupações. Pensando nessas dores escrevi o livro, nele compartilho o meu método para lidar com o Ninho Vazio, desenvolvido através da minha experiência como psicanalista e mãe. A obra aborda 8 Princípios fundamentais na relação entre mães e filhos, sendo eles: Compreensão, Preparação, Aceitação, Adaptação, Confiança, Afirmação, Conexão, Ação e Perseverança.

Clique aqui



O livro "Nevoeiro" é sobre encontrar luz em meio à escuridão. Mia Koda conta a história de sua própria vida através de contos, prosas e poemas emocionantes. Um convite para enxergar além das nuvens e descobrir que, mesmo nos dias mais nebulosos, há um caminho esperando para ser trilhado.

Clique aqui



Descubra os mistérios e profundezas das emoções humanas neste mergulho envolvente. "Rios Internos" explora as correntes ocultas que moldam nossas decisões, desafios e transformações. Com uma narrativa que combina sensibilidade e introspecção, Mia Koda conduz o leitor em uma jornada de autoconhecimento, mostrando que os rios dentro de nós podem ser navegados, domados e, acima de tudo, compreendidos. Ideal para quem busca clareza e propósito em meio às tempestades da vida.

Clique aqui



COLUNA



Espaço

VITRINE

THE BARD

Escritora

Elke Lubitz

**Acesse o link
clicando no botão abaixo**



Um Quase Agora é um passado que nos molda no presente e um presente que nos constrói para um futuro. O tempo, alavanca mestra dessa poética, intriga e penetra, questionando em versos nossos querereres, dizeres e fazeres, como a colocar-nos frente ao espelho. Seus poemas são tecidos, cuidadosamente, com uma leveza comovente, encantadora e um estilo peculiar, transformando o não dito em partes dessa teia de palavras entrelaçadas e elevando essa obra a um diferencial dentro de uma época literária.

Clique aqui





Espaço

VITRINE

THE BARD



COLUNA

Escritora

Edna Lessa

**Acesse o link
clcando no botão abaixo**

No livro Para Além de mim - a essência do Olhar, a autora compartilha as suas impressões para a vida. Sua escrita é suave e seus poemas nos fazem refletir sobre valores essenciais da vida como a família, a amizade e o amor em suas diversas manifestações.

É um livro escrito de dentro para fora, mas com um olhar sensível a toda beleza que a autora consegue perceber ao longo de sua caminhada. É uma reverência a tudo que é invisível aos olhos, mas essencial ao coração. O livro proporciona ao leitor uma viagem ao incrível mundo da Poesia. É uma experiência singular onde o mesmo poderá descobrir que a Poesia é entrega, música, vida, amor... Que Poesia é voz que ecoa e transforma tudo que está a sua volta.



Versão Impressa

Clique aqui



COLUNA

Espaço

VITRINE

THE BARD

Escritora

Márcia Neves

**Acesse o link
clikando no botão abaixo**



Poesia - o lugar encantado das crianças
História que reforça a educação inclusiva como fundamento para a construção de um mundo real e respeitoso. Conduz o leitor ao singular e coletivo mundo da escrita, por meio do auto cuidado e conhecimento que a poesia proporciona. Aborda de forma leve e literária estigmas despercebidos, provocando diálogos capazes de traduzir sentimentos e relações além do mundo infantil. Entre narrativa e poesia, apresenta variações linguísticas em português e espanhol. Um convite à poesia e aos encantos da infância.

Clique aqui





Espaço

VITRINE

THE BARD



COLUNA

Escritora

Lilian Stocco

**Acesse o link
clcando no botão abaixo**



No coração de São Paulo a jovem Laís e sua amiga Vânia têm o emprego dos sonhos. Irmã mais velha de três filhas, ela divide seu tempo entre o trabalho, amores impossíveis, baladas às sextas e as peripécias de suas irmãs. Estas insistem em tentar enlouquecê-la ou talvez matá-la de fome. Quando parecia que tudo estava se encaixando em sua vida, o destino - com a ajuda da cegueira do amor - acaba por arrasar seu coração.

Versão Física

Clique aqui



Agora casados, Laís e Mauro estão em uma jornada para descobrir como é a rotina de viver juntos, mas rotina não é bem o modo como esses dois gostam de passar os dias e, principalmente, as noites. Se a vida entre quatro paredes é de tirar o fôlego, fora dela pode ser de arrancar os cabelos, ainda mais se o passado amoroso teima em retornar para assombrá-los. Em meio a tudo isso, Vânia descobre um pouco sobre o mundo secreto de Laís e Mauro, o que promete situações, no mínimo, interessantes para todos.

Versão Física

Clique aqui

amazon.com.br



Espaço

VITRINE

THE BARD

Escritora

Lilian Stocco

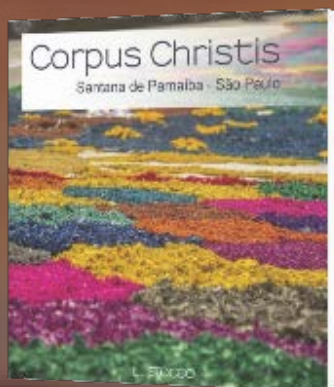
**Acesse o link
clikando na capa do LIVRO**



Arquitetura - Santana de Parnaíba - SP - Brasil

Foto livro integrante da coletânea de resgate a memória material e imaterial do município de Santana de Parnaíba.

Na beira do rio Tiete, próximo a Garganta do Diabo, primeiro com uma capela dedicada a Santo Antônio, depois mais a cima da margem esquerda do rio com uma capela dedicada a Santa Ana, surge o início da "Villa Pharnaíba". E com a vila, a história de mais de 400 anos se apresenta com uma arquitetura rica trazendo traços do barroco brasileiro e do rococó apresentadas pelas fotografias deste livro.



Corpus Christis - Santana de Parnaíba - SP - Brasil

Foto livro integrante da coletânea de resgate a memória material e imaterial do município de Santana de Parnaíba.

Registrados nesse foto livro, podemos conferir os diversos grupos de dentro e fora da comunidade Católica auxiliando na construção do tapete de serragem da comemoração de Corpus Christis. Tornando a festa uma das maiores do Brasil, com a extensão de 1 quilometro, com desenhos e esculturas em argila dos próprios munícipes. A festa atrai mais de 13 mil visitantes e cresce a cada ano, possibilitando a inserção das novas gerações e o interesse artístico da comunidade e dos arredores.



Festa do Surú - Santana de Parnaíba - SP - Brasil

Foto livro integrante da coletânea de resgate a memória material e imaterial do município de Santana de Parnaíba.

Com a chegada do inverno a cidade de Santana de Parnaíba, se agita com a chegada do dia 26 de julho e a festa de sua padroeira santa Ana. A comunidade católica realiza todos os preparativos dessa festa, organizando quermesses, procissões e missas em louvor a padroeira do município. A alegria, fervor e a culinária da comunidade seguem registradas nesse foto livro, mantendo a tradição centenária da cidade, sendo passada para as novas gerações.





COLUNA



Espaço

VITRINE

THE BARD

Escritora

Aline Abreu Santana

**Acesse o link
clicando no botão abaixo**



“Fui Mandado Embora”, de Aline Abreu Santana, é um guia acolhedor e prático para enfrentar os desafios da perda de emprego, transformando adversidades em oportunidades. A obra orienta na reorganização financeira, reconhecimento de habilidades e busca por novas oportunidades, combinando inspiração e ações concretas para recomeçar. Escrito por uma pesquisadora científica reconhecida, com 20 anos de experiência e reconhecimento nacional e internacional, o livro reflete expertise e sensibilidade. A autora, fundadora de iniciativas voltadas à publicação de mulheres escritoras, inspira leitores a ressignificar suas trajetórias, mostrando que cada fim pode ser um ponto de partida para novas realizações.

Compra Brasil

Clique aqui

amazon.com.br

Compra Europa

Clique aqui

amazon.com



Espaço

VITRINE

THE BARD



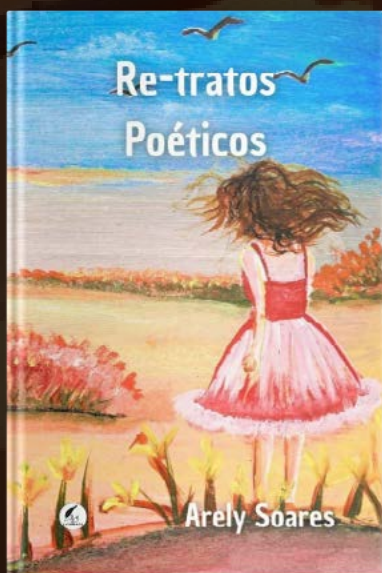
COLUNA

Escritora

Arely Soares Reis

**Acesse o link
clikando no botão abaixo**

Livro Re-tratos Poéticos



Re-tratos Poéticos , Cada alma carrega paisagens íntimas, moldadas pelas mais profundas emoções. Cada sentimento é um retrato poético, jamais se esvaindo, capaz de despertar a alma em dias ensolarados, nublados, chuvosos ou primaveris.

O coração, como um casulo, prepara-se para o voo, e a poesia oferece infinitas formas de expressar o ser. A obra "Re-tratos Poéticos" é um convite da autora para mergulhar em versos imagéticos, caminhando por suas entrelinhas até as rimas límpidas.

Este livro é um trato para a alma, um "cartão postal" para "vi-ver" a vida com leveza. Ele desvenda um sentir com incontáveis sentidos, um universo antes recluso que agora se ilumina. Se sua alma nunca voou com a poesia, esta é sua chance. Acredite, o céu sempre foi seu lugar.

Clique aqui





Espaço

VITRINE

THE BARD

Escritor

Sávio Wilton Reis

**Acesse o link
clicando no botão abaixo**

Arma Negra- A Décima Terceira Garota, Livro 1



Cinco meninas foram lançadas no Abismo, uma prisão situada na ilha de Amohai. Cercado por muros intransponíveis e criaturas perigosas, o lugar foi criado para executar pessoas condenadas à morte, abandonando-as à própria sorte.

No Abismo, o frio, a fome e o medo comandam a sobrevivência. Isoladas do mundo, as meninas lutam contra as ameaças do lugar e contra os próprios limites.

Com o passar do tempo, fica claro que o Abismo não mata apenas corpos: ele transforma quem sobrevive. E, quando uma delas finalmente consegue sair, descobre que o Abismo nunca foi deixado para trás — ele passou a existir dentro dela.

Clique aqui



COLUNA



Espaço

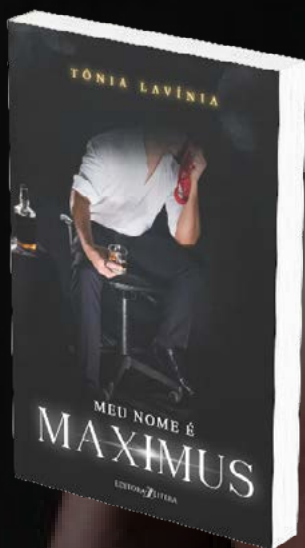
VITRINE

THE BARD

Escritora

Tônia Lavínia

**Acesse o link
clicando no botão abaixo**



Um homem italiano apaixonante... Silencioso, observador, sedutor, sensual, e as vezes intimidador. Seus lindos olhos verdes, e o toque dos seus dedos foram treinados por uma linda mulher para conhecer a veracidade das obras de artes, entre quadros e esculturas. Mas ela também o ensinou a conhecer o corpo de uma mulher, entre a respiração do desejo ao arrepiar da pele, o cheiro. Para ele, uma mulher é uma bela obra de arte. Ele é o descaminho e a perdição de qualquer mulher, e como ele mesmo diz: Mulher alguma passa por ele sem molhar a sua cama. Uma mulher não pode passar vontade. Acredite, se você não quer, ele faz querer. Sexo, luxúria, voyeurismo, mistérios e segredos fazem parte desta linda história. Quer conhece-lo? Abra o livro, e deixe ele te levar por cada página da sua linda história e seu universo de perdição... O universo de Maximus.

Clique aqui



Maximus personifica sofisticação, cercado por arte, literatura e música clássica em Milão. Seu mundo perfeito é ameaçado por Lorde Sinclair, um vilão sedutor que usa sua sensualidade para manipular e busca vingança. Enquanto Maximus defende seus segredos, Sinclair quer destruir tudo que ele ama, transformando a paixão em dominação. "Maximus Infernus" explora luxúria, poder e traição, onde desejos sombrios se entrelaçam com emoções humanas.

Clique aqui





Espaço

VITRINE

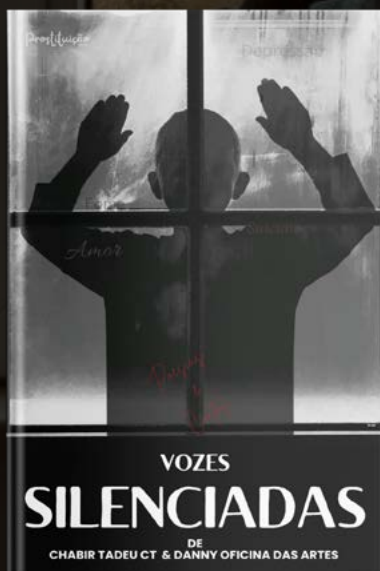
THE BARD

Escritor

Chabir Tadeu CT e Danny Oficina das artes

**Acesse o link
clcando no botão abaixo**

**E-BOOK
VOZES SILENCIADAS**



"Vozes Silenciadas" é uma coleção única dos autores "Chabir Tadeu CT e Dany Amado Vasco que responde pelo pseudônimo de "Danny Oficina das artes." Eles combinam poesia e contos em uma narrativa envolvente. Este livro oferece uma experiência literária diversificada, levando os leitores a explorar as profundezas da emoção humana por meio de versos líricos e histórias cativantes. Cada poema e conto é habilmente entrelaçado, criando uma conexão sutil que permeia toda a obra. Os temas e motivações compartilhados entre os diferentes gêneros criam uma unidade temática que envolve os leitores em uma jornada poética e narrativa. "Vozes Silenciadas" convida os leitores a descobrir a beleza e a complexidade da vida por meio da interseção entre a poesia e o conto, oferecendo uma leitura cativante e emocionante.

Clique aqui



Espaço

VITRINE

THE BARD



COLUNA

Escritora

Stella Gaspar

**Acesse o link
clikando no botão abaixo**

**Livro Um amor em poesias
como uma flor de lótus
de Stella Gaspar**



“Um Amor em Poesias como uma Flor de Lótus”, de Stella Gaspar, é mais do que versos: é um convite ao coração. Com palavras que desabrocham como pétalas, delicadas e poderosas, Stella exsuda amor em cada poema. Entregue à escrita, ela revela solidão e esperança, transformando versos em refúgio e ponte para sua alma.

Clique aqui





Espaço

VITRINE

THE BARD



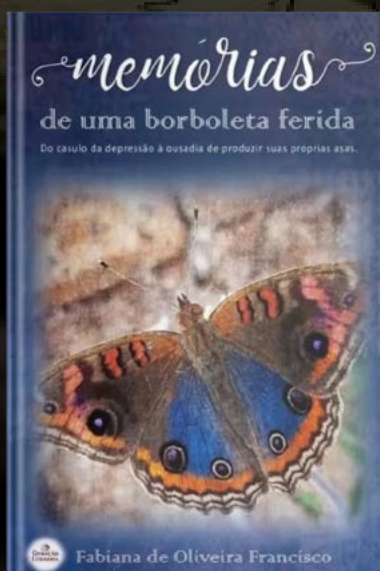
COLUNA

Escritora

Fabiana Francisco

**Acesse o link
clcando no botão abaixo**

**Livro Memórias de uma
borboleta ferida
de Fabiana Francisco**



“Memórias de uma borboleta ferida” é uma autobiografia onde a autora faz uma analogia entre a metamorfose da lagarta e as fases da depressão além de outras doenças emocionais que a acometeram nos últimos anos.

Abordando a depressão, o transtorno de ansiedade entre outros diagnósticos de maneira leve e despretensiosa, a narrativa, ora por meio de prosa ora por meio de poesia, conduz o leitor a reflexões profundas sobre o impacto dessas doenças tanto em sua vida pessoal, profissional, quanto na de seus familiares e amigos.

Diante da grande comoção que a sociedade vem sofrendo, com a depressão e seus desdobramentos, é imprescindível conhecer o tema pela ótica de uma sobrevivente, que trava batalhas diárias para sair do recôndito do seu quarto”.

Clique aqui



Espaço

VITRINE

THE BARD



COLUNA

Escritora

Rute Ella Dominici

**Acesse o link
clikando no botão abaixo**

Livro Mar Germinal



"Mar Germinal" é uma coletânea de poemas que explora temas como a natureza, o amor, a solidão, a existência humana e a conexão entre o mundo interno e externo. Escrito com linguagem fluida e rica em metáforas, o livro convida o leitor a viajar pelas emoções e paisagens descritas nas palavras. Cada poema é um universo próprio, trazendo reflexões profundas sobre a vida, a arte e a busca pelo sentido.

Clique aqui





Espaço

VITRINE

THE BARD

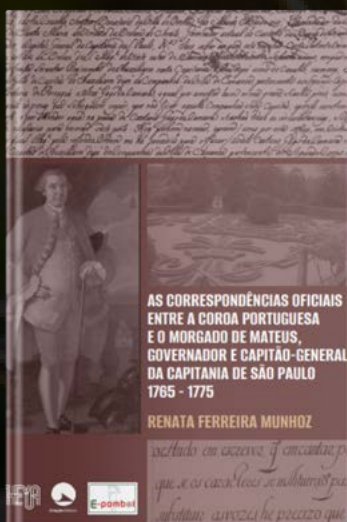


COLUNA

Escritora

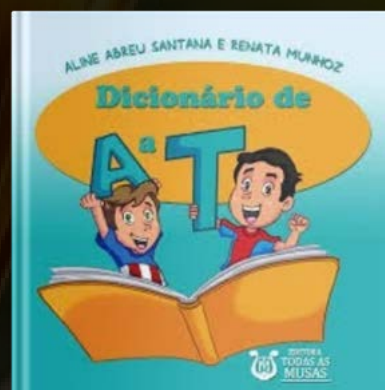
Renata Munhoz

**Acesse o link
clcando no botão abaixo**



Clique aqui

Este livro aborda aspectos da circulação da correspondência administrativa oficial manuscrita trocada entre a metrópole portuguesa e a capitania de São Paulo no período pombalino, sobretudo do entre 1765 e 1775, quando Dom Luís António de Sousa Botelho Mourão, doravante o Morgado de Mateus, atuou como Governador e Capitão-General. Trata-se de manuscritos chancelados tanto na administração colonial brasileira, quanto em Portugal, todos versando sobre a política pombalina no ultramar.



Clique aqui

Uma ideia genial de livro: tem rimas, tem polissemia e multiplicidade de sensações, tem situações típicas do universo infantil, tem construções de imagens, tem textos organizados em ordem alfabética, tem aliterações e tem, principalmente, a escolha afetiva de partir das vivências de dois amigos, que transforma a leitura em um momento singular de compartilhamento e descobertas também múltiplos. Tudo parte do universo de duas crianças e devolve a elas, em forma de texto curtos e muito bem construídos, o registro do que foi, do que é e do que pode continuar sendo se a sementinha que é plantada em todos nós for cultivada e seguir crescendo diariamente, dando frutos que nos transformem em adultos mais livres e generosos, sem jamais perder a alma infantil.



Espaço

VITRINE

THE BARD



COLUNA

Escritora

Natália Carmo

**Acesse o link
clcando no botão abaixo**



Clique aqui

Re(começos) é um livro que retrata em crônicas, poemas, prosa poética e reflexões uma mulher que decide deixar para trás tudo o que a fazia sofrer. Determinada a recomeçar, ela parte em busca de um novo re(começo), longe de tudo que a prendia ao passado. Nesta jornada de autodescoberta e superação, essa mulher encontra desafios, principalmente, a força dentro de si mesma para reinventar sua vida e encontrar a felicidade.



Clique aqui

O livro o amor acaba, nos traz reflexões profundas e filosóficas, com fortes influências dos romancistas da primeira a terceira geração. É o novo clássico da literatura pós-moderna que enfatiza a fragilidade do amor e dos sentimentos em um arcabouço literário que transforma nossas convicções em atemporais por meio de interpretação em forma de frases, crônicas e poemas. Você verá o que a arte pode fazer, a arte por intermédio das palavras. Nossas relações a nossa ótica perfeccionista é uma cegueira, pois não somos perfeitos, e sempre buscamos o mundo platônico, o mundo das ideias em que todas as coisas são perfeitas.





Espaço

VITRINE

THE BARD



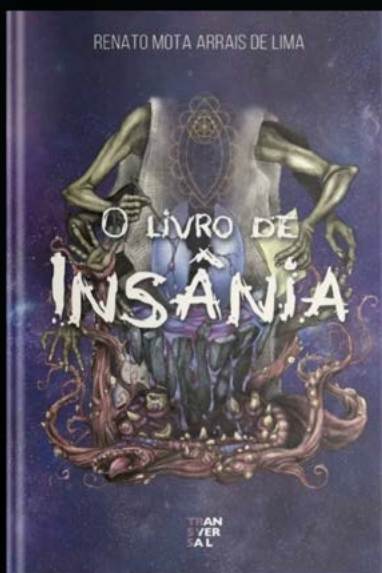
COLUNA

Escritor

Renato Mota

**Acesse o link
clcando no botão abaixo**

Livro O Livro de Insânia



Depois de uma semana exaustiva, Seu Narto acabou preso. Na prisão, ele viu uma passagem que o levou ao mundo de Insânia, um lugar com criaturas fantásticas e cidades em ilhas flutuantes. No caminho, Seu Narto encontrará seres estranhos e divindades que lhe mostrarão seu destino: derrotar a Loucura do Mundo e restaurar as funções regentes do universo de Insânia. Como ele, com um metro de altura, poderia enfrentar monstros liderados por um vilão e salvar seja lá o que for? Se quiser voltar a Mossoró, Seu Narto deverá cumprir suas tarefas antes do “fim do tempo de Insânia”, uma profecia que nem mesmo as deusas sabem interpretar.

Clique aqui



COLUNAS E COLUNISTAS



Espaço

VITRINE

THE BARD



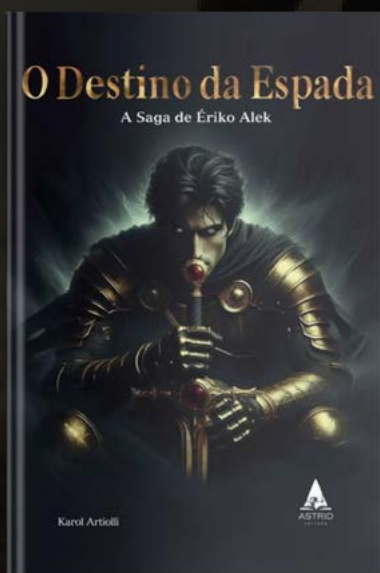
COLUNA

Escritora

Karol Artioli

**Acesse o link
clcando no botão abaixo**

Livro O Destino da Espada



Você fugiria do seu destino... ou enfrentaria até os deuses para mudá-lo?

Quando Leja, sua esposa grávida, é ameaçada por uma profecia mortal, Ériko Alek parte em uma jornada épica pelos seis mundos em busca de uma única esperança: encontrar os Construtores, seres ancestrais capazes de reescrever os caminhos do destino. Mas para isso, ele precisará atravessar desertos malditos, confrontar reis cruéis e enfrentar o poder sombrio de uma espada que carrega não apenas magia... mas uma maldição antiga.

Nascido com uma missão e marcado por uma maldição, Ériko descobrirá que lutar contra o destino pode significar descobrir verdades que jamais quis encarar.

Neste romance fantástico recheado de ação, drama, reflexões e personagens inesquecíveis, Karol Artioli constrói um universo rico em mitologias originais, dilemas humanos e jornadas internas. O Destino da Espada é o primeiro volume de uma saga que vai conquistar fãs de Tolkien, George R. R. Martin e Leigh Bardugo.

Clique aqui



LANÇAMENTO

MAIO & JUNHO DE 2026

DO SILÊNCIO ÀS PÁGINAS IMPRESSAS:

"O papel da Tipografia na democratização da informação no Brasil"



37ª
EDIÇÃO

SIGA-NOS

SITE

FACEBOOK

INSTAGRAM

YOUTUBE

TWITTER





EDITAL

JULHO & AGOSTO DE 2026

QUANDO FALAR JÁ NÃO É DIZER:
"o esvaziamento da palavra no século
de hiperconexão"

38^a
EDIÇÃO



ACESSE O EDITAL DA REVISTA THE BARD
PARA PARTICIPAR DA EDIÇÃO
JULHO & AGOSTO DE 2026

PERÍODO DE **01** DE ABRIL À **31** DE MAIO.



Leia o EDITAL e preencha o FORMULÁRIO DE PARTICIPAÇÃO*

*Todo o material enviado será analisado e avaliado para ser publicado.



A DISTRIBUIÇÃO É GRATUITA.